Dias de
SANGUE
&
ESTRELAS
LAINI TAYLOR
intrínseca

LAINI TAYLOR

Dias de SANGUE e ESTRELAS

Tradução de Viviane Diniz

Para Jim,
apaixonadamente

Era uma vez
um anjo e um demônio segurando um osso da sorte,

que, ao ser partido, dividiu o mundo em dois.

1
A garota da ponte

Praga, início de maio. O cinza do céu pesava nos telhados de contos de fadas, e o mundo todo assistia. Até satélites tinham sido direcionados para a ponte Carlos, para o caso de os... visitantes... voltarem. Coisas estranhas já haviam acontecido naquela cidade antes, mas não tão estranhas assim. Pelo menos não desde que existiam as câmeras de vídeo para provar o ocorrido. Ou para explorá-lo.

— Por favor, me diga que você quer fazer xixi.

— O quê? *Não!* Não, não quero. Nem adianta pedir.

— Ah, qual é. Eu mesma faria se pudesse, mas sendo menina não dá.

— Eu sei. Tão injusta, essa vida. Mesmo assim não vou fazer xixi no ex-namorado da Karou por você.

— O quê? Eu não ia pedir isso. — Em seu tom mais razoável, Zuzana explicou: — Só queria que você fizesse xixi em um balão para eu atirar nele.

— Ah. — Mik fingiu pensar no assunto por cerca de um segundo e meio. — *Não*.

Ela bufou.

— Que seja. Mas ele bem que merecia.

O alvo estava a três metros deles, dando depoimento a uma equipe de reportagem internacional. Não era a primeira vez, nem mesmo a décima. Zuzana tinha perdido a conta. O que tornava essa entrevista ainda mais irritante era o fato de estar sendo gravada bem em frente ao apartamento de Karou, que já tinha recebido atenção suficiente de vários órgãos de segurança pública sem que o endereço fosse devassado no noticiário.

Kaz dedicava-se a construir sua fama como ex-namorado da "garota da ponte", como Karou vinha sendo chamada após o confronto que atraíra olhares de todo o mundo para Praga.

— Anjos — sussurrou a repórter, uma bela jovem que era um misto de modelo de revista e assassina, ao típico estilo das repórteres. — Você sabia?

Kaz riu. Zuzana, que já imaginava a reação dele, deu uma risada fingida também.

— O quê, que anjos existem mesmo? Ou que minha namorada não gosta deles?

— Ex-namorada — murmurou Zuzana acidamente.

— As duas coisas, acho — disse a repórter, rindo.

— Não, nenhuma das duas — admitiu Kaz. — Mas Karou era toda cheia de mistérios.

— O quê, por exemplo?

— Bom, ela era muito fechada, muito mesmo. Eu não sei nem de que país Karou era, ou o sobrenome dela... se é que ela tem sobrenome.

— E isso não o incomodava?

— Que nada, era maneiro. Uma garota bonita e misteriosa? Ela carregava uma faca na bota, sabia falar várias línguas e estava sempre desenhando monstros no...

— Conte como ela atirou você pela janela! — gritou Zuzana.

Kaz tentou ignorá-la, mas a repórter ouvira.

— Isso é verdade? Ela machucou você?

— Bem, não foi a melhor coisa que já me aconteceu. — Uma discreta e charmosa risada. — Mas eu não me machuquei. Foi minha culpa, na verdade. Eu a assustei. Não foi minha intenção, mas ela estava um pouco agitada por causa de uma briga em que tinha se envolvido. Estava coberta de sangue e descalça no meio da neve.

— Que terrível! Ela lhe contou o que houve?

— Não! Porque estava ocupada demais atirando-o pela janela! — gritou Zuzana mais uma vez.

— Foi uma porta, na verdade — disse Kaz, fuzilando Zuzana com o olhar. Então apontou para uma porta de vidro atrás dele. — Aquela ali.

— Esta? Esta porta aqui?

A repórter estava maravilhada. Ela estendeu a mão e tocou a porta como se houvesse um grande significado ali, como se o vidro novo, substituindo o anterior, estilhaçado por um ator medíocre sendo lançado aos ares, fosse algum tipo de símbolo importante para o mundo.

— Por favor — pediu Zuzana a Mik. — Ele está bem aqui, embaixo da varanda. — A garota tinha as chaves do apartamento da amiga, o que havia sido bastante útil para dar um sumiço nos cadernos de desenhos de Karou antes que os investigadores pudessem colocar as mãos neles. Ela queria que Zuzana fosse morar ali, mas agora, graças a Kaz, o lugar tinha virado um circo. — Olhe. — Ela apontou. — Vai direto na cabeça dele. E você bebeu litros e litros de chá...

— Não.

A repórter se aproximou de Kaz com um ar conspiratório.

— E então, onde ela está agora?

— É sério isso? — murmurou Zuzana. — Como se ele soubesse. Até parece que ele só não contou para os outros vinte e cinco repórteres porque estava guardando o furo de reportagem só para ela.

Ainda na escada, Kaz deu de ombros.

— Todos nós vimos. Ela saiu voando. — O garoto balançou a cabeça como se não pudesse acreditar, e olhou direto para a câmera. Ele era tão mais bonito do que merecia. Kaz fazia Zuzana desejar que a beleza fosse algo que pudesse ser revogada por mau comportamento. — *Ela saiu voando* — repetiu ele, fingindo estar abismado.

Aquelas entrevistas eram uma peça de teatro para ele: o mesmo espetáculo repetidas vezes, com apenas algumas pequenas improvisações dependendo das perguntas. Já estava ficando cansativo.

— E você não tem ideia de aonde ela possa ter ido?

— Não. Ela vivia sumindo, passava dias sem aparecer. Nunca dizia aonde ia, mas sempre voltava exausta.

— Você acha que ela vai voltar desta vez?

— Espero que sim. — Outro olhar emocionado para as câmeras. — Sinto saudade dela, sabe?

Zuzana gemeu como se estivesse com dor de barriga.

— Aaaaaah, faça esse cara calar a bocaaaaaa!

Mas Kaz não se calou. Virou para a repórter e disse:

— A única coisa boa é que posso usar essa experiência no meu trabalho. A saudade, a dúvida. Isso enriquece muito a performance.

Em outras palavras: *Chega de Karou, vamos falar de mim*.

A repórter embarcou na dele.

— Então você é ator...

Zuzana não aguentava mais.

— Vou subir. Você pode segurar seu chá de bexiga. Eu me viro.

— Zuze, o que você vai... — começou Mik, mas ela já estava saindo com pressa. Ele a seguiu.

E quando, três minutos depois, um balão cor-de-rosa caiu lá de cima direto na cabeça de Kazimir, ele deveria agradecer a Mik, porque não foi "chá de bexiga" o que estourou em cima dele. Foi perfume, litros de perfume, misturado a bicarbonato de sódio para formar uma pasta grudenta, que se emaranhou em seu cabelo e fez seus olhos arderem. A expressão no rosto de Kaz foi impagável. Zuzana soube disso porque, embora a entrevista não fosse ao vivo, a rede de tevê achou que valia a pena transmiti-la.

E ela foi ao ar várias e várias vezes.

Foi uma vitória, mas vazia, porque, quando ela tentou ligar para o telefone de Karou — pela milionésima vez —, a chamada caiu direto na caixa postal, e Zuzana soube que o aparelho estava desligado. Sua melhor amiga tinha desaparecido, provavelmente ido parar em outro mundo, e mesmo ver repetidas vezes Kaz sem fôlego sob uma coroa de pasta de perfume e pedaços de balão cor-de-rosa não compensava isso.

Se fosse xixi, compensaria.

2

Cinzas e anjos

O céu do Uzbequistão, aquela noite.

O portal era uma fenda no ar. O vento o cortava nas duas direções, sibilando como o ar da respiração passando pelos dentes, e nos limites tremulantes do portal via-se o céu de um mundo revelando o do outro. Akiva observava as estrelas mesclando-se ao longo da fenda, preparando-se para atravessá-la. No outro mundo as estrelas de Eretz cintilavam, visíveis-invisíveis, visíveis-invisíveis, e ele fez o mesmo. Haveria guardas do outro lado, e ele não sabia se deveria revelar sua presença.

O que o esperava em seu mundo?

Se seus irmãos o tivessem denunciado como traidor, os guardas o prenderiam imediatamente... ou pelo menos tentariam. Akiva não queria acreditar que Hazael e Liraz pudessem ter desistido dele, mas os últimos olhares dos dois ainda estavam bem vivos em sua memória: a fúria de Liraz por sua traição, a revolta silenciosa de Hazael.

Ele não podia arriscar ser pego. Vivia assombrado por outro último olhar, mais penetrante e mais recente que os deles.

Karou.

Dois dias antes ela o havia deixado no Marrocos, e o olhar que lhe lançara antes de partir fora tão terrível que ele quase preferia que ela o tivesse matado. E a tristeza dela nem tinha sido o pior. O pior fora sua *esperança*, a inapropriada e rebelde esperança de que o que ele lhe dissera não fosse verdade, quando ele sabia com a mais absoluta e realista certeza que era.

Os quimeras tinham sido destruídos. A família dela estava morta.

Por causa dele.

A infelicidade de Akiva o consumia. Ia lhe corroendo aos poucos, e ele sentia a dor a todo instante, como se dentes o dilacerassem — a tristeza que o devorava por dentro, a verdade sombria do que tinha feito, atormentando-o como um pesadelo do qual não conseguia acordar. Naquele momento, Karou podia estar rodeada pelas cinzas de seu povo, sozinha nas ruínas escuras de Loramendi... ou pior, podia estar com aquela coisa, Razgut, que a levara de volta para Eretz. E o que aconteceria com ela?

Akiva devia ter ido atrás deles. Karou não entendia. O mundo para o qual ela estava voltando não era o mesmo de suas lembranças. Ela não encontraria nenhuma ajuda ou conforto lá — somente destruição e anjos. Patrulhas de serafins eram frequentes nas antigas terras livres agora, e os poucos quimeras restantes eram acorrentados e levados para o norte sob o chicote dos traficantes de escravos. Eles a veriam — quem não a veria, com seu cabelo lápis-lazúli, a deslizar sem asas facilmente pelo ar? Ela seria morta ou capturada.

Akiva precisava encontrá-la antes dos outros.

Razgut dissera a ela que conhecia um portal, e, considerando o que ele era — um dos Decaídos —, provavelmente conhecia mesmo. Akiva havia tentado localizá-los, mas sem sucesso, de forma que no final das contas não tivera opção a não ser voar em direção ao portal que ele próprio tinha redescoberto: aquele diante do qual estava agora. Qualquer coisa podia ter acontecido durante o tempo que ele tinha perdido sobrevoando oceanos e montanhas.

Ele decidiu ficar invisível. O dízimo era fácil. A magia não vinha de graça; exigia como pagamento a *dor*, que o antigo ferimento de Akiva supria em abundância. Seria muito simples trocá-la pela quantidade de magia necessária para apagá-lo do ar.

Então ele foi para casa.

A mudança na paisagem era sutil. As montanhas dali se pareciam muito com as montanhas de lá, embora no mundo humano as luzes de Samarcanda brilhassem à distância. Ali não havia nenhuma cidade, apenas uma torre de vigia no alto de uma das montanhas, com dois guardas serafins andando de um lado para o outro atrás do parapeito, e, no céu, a melhor forma de reconhecer Eretz: duas luas, uma brilhante e a outra um mero fantasma, quase invisível.

Nitid, a lua brilhante, era a deusa de quase tudo para os quimeras — menos dos assassinos e dos amantes secretos. Esses eram devotos de Ellai.

Ellai. Akiva se retesou ao vê-la. Ela bem podia ter-lhe sussurrado, *Conheço você, anjo*; afinal, ele não tinha vivido um mês em seu templo, bebendo de sua fonte sagrada, e até sangrado lá dentro quando o Lobo Branco quase o matara?

A deusa dos assassinos provou meu sangue, pensou ele. Será que tinha gostado, será que queria mais?

Ajude-me a encontrar Karou em segurança, e você terá até a última gota dele.

Ele voou para o sudoeste, o medo o puxando como um anzol, e ainda mais rápido à medida que o sol subia no céu e o medo se transformava no pânico de chegar tarde demais. Tarde demais e... o quê? Encontrá-la morta? Ele revivia a todo momento o instante da execução de Madrigal: o baque surdo de sua cabeça caindo e o retinir dos chifres batendo no chão e a impedindo de rolar para longe do cadafalso. E não era mais Madrigal, mas Karou, a protagonizar aquelas lembranças, a mesma alma em um corpo diferente e sem chifres para impedir que sua cabeça rolasse, apenas a improvável seda azul de seu cabelo. E embora seus olhos fossem agora negros em vez de castanhos, ficariam embotados da mesma forma, se revestiriam novamente do olhar pétreo dos mortos, e seria seu fim. De novo. De novo, e dessa vez *para sempre*, porque não havia mais Brimstone para ressuscitá-la. Dali em diante, morte significava morte.

Se ele não chegasse lá. Se não a encontrasse.

E enfim surgiram à sua frente: as ruínas que um dia foram Loramendi, a cidade-fortaleza dos quimeras. Torres tombadas, ameias destruídas, ossos carbonizados, toda a cidade um campo de cinzas. Até as barras de ferro que um dia se arqueavam sobre o lugar tinham sido arrancadas, como se pelas mãos dos deuses.

Akiva sentia como se estivesse sendo sufocado pelo próprio coração. Sobrevoou as ruínas, procurando um vislumbre de azul naquela vastidão de cinza e preto — o cenário de sua terrível vitória —, mas não encontrou nada.

Karou não estava lá.

Ele procurou durante todo aquele dia e também no seguinte, por Loramendi e além, perguntando-se furiosamente aonde ela poderia ter ido e tentando não passar a se perguntar o que podia ter acontecido com ela. Mas as possibilidades ficavam mais sombrias à medida que as horas passavam, e seus medos se transformavam em pesadelos inspirados em todas as coisas terríveis que ele já tinha visto e feito. Imagens assaltavam sua mente. Várias vezes ele levou as mãos aos olhos para afastá-las. Ela não. Karou tinha que estar viva.

Akiva simplesmente não conseguia sequer pensar na alternativa.

3
Senhorita Chá de Sumiço

De: Zuzana <fada_raivosa@punhosminusculos.net>
Assunto: Senhorita Chá de Sumiço
Para: Karou <karouazul@garota-para-la-e-para-ca.com>

Bem, Senhorita Chá de Sumiço, pelo visto você foi embora e não tem lido minhas MISSIVAS MUITO URGENTES.

Foi embora para OUTRO MUNDO. Sempre soube que você era esquisita, mas realmente não esperava por isso. Por onde anda, e o que tem feito? Você não tem ideia de como isso está acabando comigo. Como é aí? Com quem você está? (Com Akiva? Por favor, por favorzinho?) E o mais importante: existe chocolate por aí? Imagino que não tenha internet e que não seja possível dar uma escapadinha rápida para visitar os amigos do lado de cá — aliás, espero que não seja mesmo possível, porque se eu descobrir que você anda passeando à toa e despreocupada por aí sem nem pensar em vir me ver, serei obrigada a tomar atitudes drásticas. Posso tentar aquela coisa, você sabe, aquele negócio de ficar com os olhos cheios d'água e com cara de idiota... como é que se chama mesmo? *Chorar*?

Ou NÃO. Em vez disso posso dar um SOCO em você, sabendo que eu sairia ilesa graças ao meu adorável e minúsculo tamanho. Seria como bater em uma *criança*.

(Ou em um esquilo.)

Enfim. Tudo bem por aqui. Joguei uma bomba de perfume em Kaz, passou até na tevê. Vou publicar os seus cadernos de desenho como se fossem meus e aluguei sua casa para piratas. Piratas *fedidos*. Entrei para um culto de anjos e estou adorando participar do círculo de orações diárias, e também estou CORRENDO, para caber na minha roupa especial para o apocalipse — que, é claro, eu levo comigo para todo lado, POR VIA DAS DÚVIDAS.

Vamos ver, o que mais? *olhando para o teto e pensando*

Por razões óbvias, a cidade anda cada vez mais cheia. Minha misantropia não tem limites. O ódio emana de mim como ondas de calor de desenho animado. O show de marionetes vem rendendo uma boa grana, mas estou ficando de saco cheio, sem falar que tenho que trocar as sapatilhas de balé como se não houvesse amanhã — bom, se o culto dos anjos estiver certo, não vai haver *mesmo*.

(Uhul!)

Mik é ótimo. Tenho andado um pouco chateada (pois é, né), e sabe o que ele fez para me animar? Bem, eu tinha contado a ele aquela história de quando eu era pequena e gastei toda a minha mesada no parque de diversões tentando ganhar o bolo que iam dar em uma das barraquinhas de prendas, porque eu queria muito, mas muito mesmo comer um bolo inteiro sozinha, mas que não ganhei e depois descobri que podia ter simplesmente *comprado* um bolo que sairia bem mais barato e eu ainda teria dinheiro para andar nos brinquedos, e que aquele foi o pior dia da minha vida. E não é que ele montou uma barraquinha de prendas só para mim? Com as prendas e música e SEIS BOLOS INTEIROS. Depois que eu ganhei TODOS, levamos os bolos para o parque e ficamos umas cinco horas dando pedaços de bolo na boca um do outro. Foi o melhor dia da minha vida.

Até o dia em que você voltar.

Adoro você, e espero que esteja bem e feliz e que, onde quer que esteja, alguém (Akiva?) também esteja comprando bolos para você ou o que quer que impetuosos anjos apaixonados façam por suas garotas.

beijo/soco
Zuze

4
Chega de segredos

— Bem. Isso é meio surpreendente.

Foi o que disse Hazael. Liraz estava ao lado dele. Akiva vinha esperando pelos dois. Era bem tarde, e ele estava na arena de treinamento atrás dos alojamentos do cabo Armasin, a antiga guarnição quimera para onde o regimento deles tinha sido enviado ao fim da guerra. Ele estava fazendo uma apresentação ritual de *kata*, mas abaixou as espadas e olhou para os irmãos, esperando para ver o que fariam.

Ele não tinha sido desafiado ao retornar. Os guardas o haviam saudado com os olhos arregalados, reverentes como sempre — para eles, Akiva era o Ruína das Feras, o Príncipe dos Bastardos, um herói, e isso não tinha mudado —, então parecia que Hazael e Liraz não o haviam denunciado ao comandante, ou então a história simplesmente ainda não havia chegado às fileiras. Ele devia ter tomado mais cuidado, não aparecido ali sem fazer ideia do que o aguardava, mas estava atordoado.

Depois do que encontrara nas cavernas dos Kirin.

— Devo ficar com o coração partido por ele não ter vindo nos procurar? — perguntou Liraz ao irmão, encostada à parede com os braços cruzados.

— Coração? — Hazael a olhou estranho. — *Você?*

— Eu também tenho sentimentos; *alguns* — retrucou ela. — Só não tenho sentimentos idiotas, como remorso. — E olhou incisivamente para Akiva. — Ou amor.

Amor.

Akiva sentiu-se contorcer por dentro, pensando em tudo o que havia de errado em si.

Tarde demais. Ele tinha chegado tarde demais.

— Está dizendo que não me ama? — perguntou Hazael a Liraz. — Porque *eu* amo *você*. Acho. — Ele ficou pensativo por um momento. — Ah, não. Esqueça. O que eu sinto é medo.

— Mais um sentimento que eu não tenho — disse Liraz.

Akiva não sabia se isso era verdade; ele duvidava, mas talvez Liraz sentisse menos medo do que a maioria e soubesse esconder melhor. Mesmo quando criança ela era impetuosa, a primeira a pisar no ringue de luta fosse quem fosse o oponente. Liraz e Hazael sempre fizeram parte de sua vida. Nascidos no mesmo mês, no harém do imperador, os três tinham sido entregues juntos aos Ilegítimos — a legião de bastardos de Joram, frutos de seus encontros noturnos — e criados para serem armas do reino. E tinham sido armas leais, os três lutando lado a lado em incontáveis batalhas, até que a vida de Akiva mudara e a deles não.

E agora tinha mudado de novo.

O que havia acontecido, e *quando*? Fazia apenas alguns dias desde o Marrocos e aquele olhar de Karou. Não era possível. O que é que tinha *acontecido*?

Akiva estava entorpecido; sentia-se desconectado da realidade. As vozes pareciam não alcançá-lo — ele as ouvia, mas era como se viessem de algum ponto distante, e tinha a estranha sensação de não estar completamente presente. Ele vinha tentando se concentrar com o *kata*, e conquistar o *sirithar*, o estado de calma em que os deuses da luz atuam através dos espadachins, mas era o exercício errado. Ele *estava* calmo. Uma calma fora do normal.

Hazael e Liraz o encaravam de um modo estranho. Trocaram um olhar.

Ele se forçou a falar:

— Eu teria avisado que voltei, mas com certeza vocês já sabiam.

— E eu sabia mesmo — disse Hazael, quase como quem se desculpa.

Ele sabia de tudo que acontecia. Com seu jeito tranquilo e seu sorriso indolente, transmitia uma imagem de despretensão tal que o fazia parecer inofensivo. As pessoas lhe contavam as coisas; ele era um espião natural: gentil, desprovido de ego e

com uma perspicácia atroz que passava totalmente despercebida.

Liraz também era perspicaz, mas o oposto de inofensiva. Tinha uma beleza gélida e um olhar fulminante, e usava o cabelo claro preso para trás em tranças austeras, uma dezena de fileiras apertadas, que sempre pareceram dolorosas para seus irmãos; Hazael gostava de provocá-la sugerindo que ela poderia usá-las como dízimo. Seus dedos, que tamborilavam impacientemente nos braços, estavam tão cobertos pelas marcas de assassinatos que, à distância, pareciam pretos.

Quando, em uma noite de brincadeiras e também de certa embriaguez, alguns soldados do regimento fizeram uma votação para ver quem eles menos gostariam de ter como inimigo, Liraz vencera por unanimidade.

Agora ali estavam eles, os maiores companheiros de Akiva, sua família. Por que o olhavam daquela maneira? Em seu estranho estado de distanciamento, parecia-lhe que era o destino de outro soldado que pendia na balança. O que eles iriam fazer?

Akiva mentira para eles, escondera segredos durante anos, sumira sem dar explicação, e na ponte de Praga chegara a escolher o lado do adversário. Ele nunca esqueceria o horror daquele momento, em que ficara entre eles e Karou e tivera que escolher — muito embora fosse apenas a ilusão de uma escolha. Ele ainda não via como poderiam perdoá-lo.

Diga alguma coisa, ele insistia consigo mesmo. *Mas o quê?* Por que tinha decidido voltar ali? Ele já não sabia o que fazer. Eles eram sua família, aqueles dois, mesmo depois de tudo que acontecera.

— Eu não sei o que dizer. Como fazer vocês entenderem...

Liraz o interrompeu:

— Eu *nunca* vou entender o que você fez.

A voz dela soou fria como uma lâmina, e Akiva pôde ouvir, ou imaginar ali, o que ela não disse mas já dissera antes.

Amante de fera.

Algo dentro dele se atiçou.

— Ah, é claro que você nunca conseguiria entender. — Um dia ele já sentira vergonha de amar Madrigal, mas agora era apenas a vergonha que o envergonhava. Amá-la tinha sido a única coisa pura que ele fizera na vida. — Será porque você é incapaz de amar? A intocável Liraz. Isso não é vida. É ser exatamente o que ele quer que sejamos. Soldadinhos de corda.

Ela estava incrédula, cheia de fúria.

— Agora quer me dar lições sobre sentimentos, lorde bastardo? Muito obrigada, mas eu dispenso. Estou vendo como fez bem a você.

Akiva sentiu a raiva deixar seu corpo; tinha sido apenas uma breve vibração de vida na casca que era o que restara dele. O que Liraz disse era verdade. O que o amor tinha feito com ele? Seus ombros estavam caídos, suas espadas arranhavam o chão. E, quando sua irmã pegou uma alabarda da estante de equipamentos e sussurrou "*Nithilam*", ele quase não ficou surpreso.

Hazael pegou sua grande espada e lançou a Akiva um olhar que, assim como sua voz, parecia querer se desculpar.

E então eles o atacaram.

Nithilam era o oposto de *sirithar*. Era o caos quando tudo estava perdido. Era o frenesi ímpio do calor da batalha, o matar para não morrer. Era disforme, cruel e brutal, e foi como os irmãos de Akiva partiram para cima dele.

As espadas de Akiva se ergueram de repente para bloquear os golpes. Onde quer que sua mente estivesse antes, entorpecida e desorientada, agora estava concentrada, em um piscar de olhos, e não havia nada de abafado no retinir de aço contra aço. Ele havia treinado com Hazael e Liraz milhares de vezes, mas aquilo era diferente. Desde o primeiro contato ele sentiu o peso de seus golpes — força total e movimentos precisos. Mas é claro que não era um ataque de verdade. Ou era?

Empunhando sua grande espada com as duas mãos, os golpes de Hazael perdiam em velocidade e agilidade para os de Akiva, mas ganhavam uma força espantosa.

Liraz, cuja espada ainda estava embainhada, tinha que ter escolhido a alabarda pelo prazer assassino de seu peso, e, embora ela fosse esguia e gemesse com o esforço de manusear aquela arma, o resultado era o borrão mortal de um cabo de madeira de quase dois metros de altura, com duas lâminas de machado e uma ponta em lança de meio braço de comprimento.

Ele logo teve que levantar voo para desviar dela, apoiar os pés em um torreão e se lançar para trás para ganhar mais espaço, mas Hazael já estava o alcançando. Akiva bloqueou um golpe que fez vibrar seu corpo inteiro e o obrigou a voltar

para o chão. Ele aterrissou agachado e foi recebido pela alabarda. Mergulhou para o lado quando a arma desceu com força e deixou uma marca no chão bem no ponto do qual ele acabara de sair. Teve que se virar para desviar da espada de Hazael, e o fez certo dessa vez, girando enquanto aparava o golpe, para que a força do impacto corresse por sua própria lâmina e se perdesse — energia liberada no ar.

E assim a luta continuou.

E continuou.

O tempo se perdeu no redemoinho de *nithilam*, e Akiva se tornou uma criatura instintiva vivendo em meio aos golpes das lâminas.

Os ataques vinham sem cessar, e ele os bloqueava e desviava, mas não revidava; não havia tempo nem espaço para isso. Seus irmãos o cercavam, de forma que sempre havia uma arma vindo em sua direção, mas, quando ele conseguia ver uma brecha — quando ocorria uma lacuna de uma fração de segundo entre as investidas, como se fosse uma porta aberta em direção ao pescoço de Hazael ou ao tendão de Liraz —, deixava passar.

O que quer que fizessem, ele nunca iria machucá-los.

Hazael soltou um rugido do fundo da garganta e desferiu um golpe tão pesado quanto um centauro, acertando a espada direita de Akiva e lançando-a para longe aos giros. A força do impacto irradiou uma intensa onda de dor em sua antiga lesão no ombro; ele deu um pulo para trás, mas não rápido o suficiente para desviar de Liraz, que, investindo com a alabarda rente ao chão, derrubou-o. Ele caiu de costas, as asas abertas. A segunda espada escapou de suas mãos, indo parar junto da primeira, e então Liraz avançou sobre ele, a arma erguida para o golpe mortal.

Ela hesitou. E aquele meio segundo — que pareceu uma eternidade em meio ao caos do *nithilam* — foi tempo suficiente para Akiva achar que ela ia mesmo fazer aquilo, e depois que não, não ia. E então... ela ergueu a alabarda. O movimento exigiu dela todo o ar de seus pulmões, e então a arma estava descendo e não havia mais como fazê-la parar — o cabo era muito longo; Liraz não poderia deter sua queda mesmo se quisesse.

Akiva fechou os olhos.

Ouviu e sentiu o zunido no ar, o impacto de estremecer. E sentiu também a força do golpe, mas... não a dor. Quando o instante passou, ele abriu os olhos. A lâmina do machado estava cravada na terra batida bem ao lado de seu rosto, e Liraz já se afastava.

Ele ficou lá deitado, apenas olhando para as estrelas e respirando, permitindo-se, à medida que o ar entrava e saía do seu corpo, sentir o peso da percepção de que estava vivo.

Não era uma surpresa insignificante ou gratidão momentânea por ter sido poupado de levar um golpe de machado no rosto. Bem, isso também, mas era algo maior, mais forte. Era a compreensão — e o fardo — de que, ao contrário daqueles muitos que haviam morrido por sua culpa, ele tinha *vida*, e vida não era um estado padrão — *não estou morto; logo, devo estar vivo* —, mas um meio. Para a ação, para o esforço. Enquanto tivesse vida, coisa que merecia tão pouco, ele a usaria, a empregaria, faria tudo o que pudesse em nome dessa vida, mesmo que não fosse, pois nunca era, suficiente.

Mesmo que Karou nunca soubesse.

Hazael apareceu à frente dele. Gotículas de suor cobriam sua testa. Seu rosto estava vermelho, mas sua expressão continuava tranquila.

— Está confortável aí embaixo?

— Estou quase dormindo — respondeu Akiva, e sentiu que era verdade.

— Caso não se lembre, você tem uma cama para isso.

— Tenho? — Ele fez uma pausa. — Ainda?

— Uma vez bastardo, sempre bastardo — replicou Hazael, uma forma de dizer que não havia como deixar os Ilegítimos. O imperador os criara com um propósito; eles serviam até morrer. E no entanto, isso não queria dizer que seus irmãos teriam que perdoá-lo. Akiva olhou de relance para Liraz. Hazael seguiu seu olhar. — Soldadinho de corda? Sério? — Ele balançou a cabeça e, a sua maneira de insultar sem rancor, acrescentou: — Idiota.

— Eu falei por falar.

— Eu sei. — Tão simples. Ele sabia. Hazael nunca fazia drama. — Se achasse que fosse sério, eu não estaria aqui.

O cabo da alabarda estava inclinado por cima do corpo de Akiva. Hazael o pegou, arrancou a arma do chão e a ergueu. Akiva se sentou.

— Ouça. O que aconteceu na ponte... — começou, mas não sabia o que dizer. Como pedir desculpas por traição?

Mas Hazael o poupou de procurar as palavras certas.

— Você protegeu uma garota na ponte — falou com sua voz lenta e tranquila. Ele deu de ombros. — Sabe de uma coisa? É um alívio finalmente entender o que aconteceu com você. — Ele estava falando de dezoito anos antes, quando Akiva desaparecera por um mês e voltara mudado. — A gente discutia sobre isso. — Com um gesto, ele indicou Liraz, que estava organizando as armas na estante, sem prestar atenção a eles, ou ao menos fingindo não prestar. — Ficávamos nos perguntando, mas paramos com isso há muito tempo. Você era assim e pronto, e não posso dizer que gostava disso, mas você é meu irmão. Não é, Lir?

Ela não respondeu, mas quando Hazael atirou a alabarda na direção dela, a irmã a pegou prontamente.

Hazael estendeu a mão para Akiva.

É só isso?, perguntava-se Akiva. Ele estava machucado e dolorido e, quando o irmão o puxou para levantá-lo, sentiu outra dor rasgando seu ombro, mas ainda assim parecia fácil demais.

— Você deveria ter nos contado sobre ela — disse Hazael. — Anos atrás.

— Eu queria contar.

— Eu sei.

Akiva balançou a cabeça; se não fosse por todo o resto, ele quase poderia sorrir.

— Você sabe tudo, não é mesmo?

— Eu sei quem você é, sim. — Hazael também não estava sorrindo. — E sei que alguma outra coisa aconteceu. Mas dessa vez você vai nos contar.

— Chega de segredos.

Isso veio de Liraz, que ainda estava à distância, séria e irascível.

— Não esperávamos que você fosse voltar — disse Hazael. — Da última vez que o vimos, você estava... comprometido.

Se ele era vago, Liraz era direta, e perguntou:

— Cadê a garota?

Akiva ainda não tinha dito em voz alta. Contar a eles tornaria aquilo real. A palavra ficou presa na garganta, mas ele a forçou a sair.

— Morreu. Ela morreu.

5

Uma estranha palavra lunar

De: Zuzana <fada_raivosa@punhosminusculos.net>
Assunto: Alôôô
Para: Karou <karouazul@garota-para-la-e-para-ca.com>

ALÔ. Alô alô alô alô alô alô.

Alô?

Droga, agora eu consegui. Fiz *alô* soar estranho e abstrato. Parece uma runa alienígena agora, algo que um astronauta encontraria gravado em uma pedra na Lua e diria: *Uma estranha palavra lunar! Vou levar isso para a Terra como um presente para meu filho surdo!* E aí a pedra — é claro — criaria piranhas espaciais voadoras e destruiria a humanidade em menos de três dias, mas POR ALGUM MOTIVO pouparia o astronauta, para que ele pudesse estar na última cena chorando de joelhos diante das ruínas da nossa civilização e gritando para os céus: *Era só um alôôôôôôôô!*

Ah. Bem. Está tudo de volta ao normal agora. Nada mais de destruição alienígena. Astronauta, acabei de impedir que você destruísse a Terra.

DE NADA.

Lição do dia: Não traga presentes de lugares estranhos. (Que se dane. Traga sim!)

Além disso: escreva para dizer que continua respirando, ou vai pagar muito caro por isso.

Zuze

6
O receptáculo

Havia um lugar além de Loramendi, contou Akiva a seus irmãos, ao qual Karou talvez fosse. Ele não esperava de fato encontrá-la; já estava convencido de que ela atravessara o portal de volta para sua vida — arte, amigos, cafés com mesas em formato de caixão — e deixara aquele mundo devastado para trás. Bem, ele estava quase convencido disso, mas algo o atraía para o norte.

— Acho que eu sempre a encontraria — dissera Akiva para Karou poucos dias antes, minutos antes de partirem o osso da sorte. — Não importa quão bem estivesse escondida.

Mas não era aquilo que ele queria dizer...

Não era aquilo.

Nas montanhas Adelphas, com seus picos cobertos de gelo que por séculos tinham servido como bastião entre o império e as terras livres, ficavam as cavernas dos Kirin.

Era lá que Madrigal tinha morado quando criança, e era para lá que tinha retornado em uma tarde distante, sob raios de luz brilhantes, apenas para descobrir que sua tribo fora massacrada e pilhada por anjos enquanto ela estava brincando. As peles de elementais que ela trazia em suas pequenas mãos caíram na entrada e foram varridas para dentro pelo vento. Elas teriam se transformado com o tempo, passando de seda a papel, de translúcidas a azuis, e finalmente virando pó, mas eram outras peles de elementais que cobriam o chão quando Akiva entrou. E não havia nenhum sinal das criaturas em si nem de nenhum outro ser vivo.

Ele já estivera nas cavernas uma vez, muitos anos antes, e apesar do tempo e da tristeza que embotava suas lembranças, o lugar parecia o mesmo. Uma rede de cavernas e caminhos escavados na rocha se estendia a uma grande profundidade, com as superfícies todas lisas e curvas. As cavernas eram parte natureza, parte arte, com canais habilmente esculpidos por toda a sua extensão para funcionar como flautas eólicas, de forma que mesmo as câmaras mais escondidas fossem preenchidas por uma música etérea. Ainda restavam ali algumas poucas relíquias dos Kirin: tapetes tecidos a mão, capas penduradas em ganchos, cadeiras caídas onde tinham ido parar no caos dos últimos momentos da tribo.

Em uma mesa, bem à vista, ele encontrou o receptáculo.

Tinha a forma de um lampião, feito de uma prata escura, e ele sabia o que era. Já vira vários deles na guerra: os soldados quimeras os carregavam nos ganchos de longos cajados. Madrigal levava um quando Akiva a vira pela primeira vez no campo de batalha em Bullfinch, embora ele não tivesse entendido na época o que era ou para que servia.

Ou que aquele era o grande segredo do inimigo e a chave para sua ruína.

Era um turíbulo — um recipiente para recolher as almas dos mortos e preservá-las para a ressurreição —, e não parecia estar na mesa havia muito tempo. Havia poeira embaixo do objeto, mas não *nele*. Alguém o colocara lá pouco antes; *quem*, Akiva não sabia dizer, nem *por quê*.

A existência daquele turíbulo era um mistério em quase todos os aspectos, com exceção de um.

Preso a ele, com um arame prateado torcido, havia um pequeno pedaço de papel com uma única palavra escrita. Era uma palavra quimera, e, naquelas circunstâncias, a mais cruel provocação que Akiva poderia imaginar, porque significava *esperança*, e também era o fim da sua, uma vez que também era um nome.

Era *Karou*.

7

Por favor, não

De: Zuzana <fada_raivosa@punhosminusculos.net>
Assunto: Por favor, não
Para: Karou <karouazul@garota-para-la-e-para-ca.com>

Ah, meu Deus. Você morreu, não foi?

8

O FIM DO PÓS-GUERRA

E aquele era o novo inferno de Akiva: que tudo houvesse mudado e continuasse igual.

Ali estava ele, de volta a Eretz, nem morto, nem preso, ainda um soldado dos Ilegítimos e herói da Guerra Quimérica: o célebre Ruína das Feras. Era absurdo se ver de volta em sua antiga vida, como se ele fosse a mesma criatura que era antes de esbarrar em uma garota de cabelo azul, em uma ruela de outro mundo.

Ele não era o mesmo. Já não sabia que criatura era agora. O desejo de vingança que o havia sustentado por todos aqueles anos sumira, deixando em seu lugar um poço de cinzas tão vasto quanto Loramendi; vergonha e pesar, aquela infelicidade que o consumia, e uma ligeira e incerta sensação de... dever a cumprir. De propósito.

Mas que propósito?

Ele nunca havia pensado no que viria a seguir, no que aconteceria na época em que estava vivendo. A "paz" estava sendo festejada no império, mas Akiva só conseguia pensar naquilo como *pós-guerra*. Em sua mente, o fim sempre havia sido a queda de Loramendi e a vingança contra os monstros cujas exclamações de satisfação tinham servido de trilha sonora para a morte de Madrigal. Ele mal havia pensado no que viria em seguida. Talvez acreditasse que já estaria morto até lá, como tantos outros soldados, mas agora via que morrer seria fácil demais.

Viva no mundo que você criou, pensava todo dia de manhã ao se levantar. *Você não merece descanso*.

O pós-guerra era feio. Todos os dias ele era forçado a testemunhar as consequências do conflito: as caravanas de escravos em movimento, as carcaças queimadas dos templos, arruinadas e enegrecidas, os vilarejos e estalagens de beira de estrada destruídos, as colunas de fumaça sempre presentes, subindo à distância. Akiva tinha dado início a tudo aquilo, mas, se a vingança dele já se acabara fazia tempo, a do imperador ainda não. As terras livres tinham sido trucidadas — um feito facilitado pelo lamentável fato de incontáveis quimeras terem fugido para Loramendi em busca de segurança, onde acabaram sendo queimados vivos durante a queda da cidade —, e a expansão do império estava em curso.

A região populosa no norte das terras quimeras era apenas a ponta de um grande continente selvagem, e, embora a força principal dos exércitos de Joram tivesse voltado para casa, as patrulhas continuavam, movendo-se como a sombra da morte cada vez mais para o sul, aniquilando aldeias, queimando campos, o que resultava em mais escravos e mais mortos. Podia ser obra do imperador, mas Akiva a tornara possível, e observava tudo com olhos tristes, se perguntando quanto daquilo Karou tinha visto antes de morrer, e a que ponto chegara seu ódio no fim.

Se ela estivesse viva, pensava Akiva, ele nunca mais conseguiria olhá-la nos olhos.

Se estivesse viva.

Sua alma ainda existia, mas, por culpa de Akiva, o ressurreicionista estava agora morto. Em um dos mais sombrios momentos da vida dele, a ironia da situação o fez começar a rir sem conseguir parar, e os sons que saíam de sua garganta, antes de finalmente se transformarem em soluços, eram tão pouco alegres que poderiam ser uma inversão forçada do riso — era como se sua alma fosse puxada de dentro para fora e revelasse sua face mais crua.

Ele estava nas cavernas dos Kirin quando aquilo aconteceu, sem ninguém para ouvi-lo. Voltara para buscar o turíbulo, que havia escondido lá. A viagem durava um dia inteiro. Ele se sentou com o turíbulo nas mãos e tentou acreditar que Karou estava ali, mas, ao tocar a prata fria, não sentiu nada, e um nada o dominou, tão profundo que ele se permitiu a esperança de que a alma dela não estivesse ali dentro — não podia estar. Ele sentiria se fosse; saberia. Então atravessou o portal de volta para o mundo humano e foi até Praga, onde espiou pela janela da casa dela como já tinha feito antes, e viu... duas pessoas dormindo entrelaçadas.

A esperança que sentiu foi como inspirar ar gelado — *doía* —, e seu ciúme foi igualmente violento e súbito. Em um rápido instante seu corpo ardeu e gelou, os punhos se fechando com tanta força que ardia. Uma onda de adrenalina o percorreu, deixando-o trêmulo. Mas não era ela. Não era ela, e por um brevíssimo e fugaz instante ele sentiu *alívio*. Seguido

por uma decepção esmagadora e pelo autodesprezo ao se dar conta da reação que tivera.

Akiva esperou que os amigos de Karou acordassem. Eram eles: o músico e a garota pequena cujos olhos quase se comparavam aos de Liraz em termos de ferocidade. Ele os observou ao longo daquele dia, esperando a todo momento que Karou aparecesse, mas isso não aconteceu. Ela não estava lá. Por um bom tempo a amiga dela ficou parada, vasculhando com os olhos a multidão na ponte, os telhados, até o céu — um olhar tão ansioso que fez Akiva perceber que ela também não tinha notícias de Karou.

Não havia nenhum rumor ou boato em Eretz que desse alguma pista sobre ela; não havia nada a não ser o turíbulo, com sua única e terrível explicação.

Durante um mês Akiva deixou-se levar. Cumpria seu serviço, patrulhando a região noroeste das antigas terras livres, com seu litoral selvagem e seus vastos montes. Fortes dominavam os picos e penhascos. A maioria, como aquele, tinha sido construída em fendas verticais na rocha, para protegê-los de ataques aéreos, mas no fim nada disso tinha adiantado. O cabo Armasin havia sido cenário para uma das batalhas mais violentas da guerra — com perdas terríveis para ambos os lados — e caíra. Escravos agora trabalhavam na reconstrução dos muros da fortaleza, acompanhados de perto por senhores com chicotes, e Akiva se pegava observando-os, todos os músculos do corpo impossivelmente tensos.

Era culpa sua.

Às vezes ele mal conseguia impedir que o grito em sua cabeça finalmente saísse, disfarçar o desespero na presença de sua família e de seus companheiros. Outras, ele conseguia se distrair: treinando movimentos de luta, tentando secretamente fazer magia ou apenas procurando a companhia de Hazael e Liraz e tentando conquistar seu perdão.

E ele poderia ter continuado assim por um tempo se ao fim do pós-guerra não tivesse sucedido o império.

Aconteceu do dia para a noite, e despertou no imperador uma ira tão violenta, uma fúria tão avassaladora que foi capaz de mandar uma tempestade de volta para o mar e carregar para longe os botões das flores das árvores de sycorax, para que perdessem suas pétalas macias como asas de mariposa nos jardins de Astrae.

No grande coração selvagem daquela terra que, dia após dia, sofria com caravanas de escravos e carnificinas, alguém havia começado a matar anjos.

E, quem quer que fosse, o fazia com muita, muita eficiência.

9

Dentes

— Ei, Zuze?

— Hum? — Zuzana estava no chão com um espelho em uma cadeira diante dela, pintando círculos cor-de-rosa nas bochechas, e levou um momento para olhar para cima. Quando olhou, viu Mik observando-a com aquela pequena ruga de preocupação que às vezes aparecia entre suas sobrancelhas. Uma ruga linda. — Que foi?

Mik olhou de volta para a televisão na sua frente. Estavam no apartamento que ele dividia com outros dois músicos. Não havia tevê no apartamento de Karou, onde Zuzana praticamente morava desde que a amiga sumira — o circo da mídia por fim diminuíra um pouco — e onde os dois costumavam passar as noites. Mik comia uma tigela de cereais e assistia às notícias enquanto Zuzana se preparava para a apresentação daquele dia.

Embora estivessem ganhando uma boa grana, Zuzana estava ficando meio impaciente com a coisa toda. O problema com o show de marionetes era ter que repetir a mesma apresentação várias vezes, o que exigia um temperamento que ela não tinha. Zuzana enjoava das coisas muito fácil. Só não enjoava de Mik.

— O que você tem de diferente? — perguntara ela um dia qualquer. — Eu quase nunca gosto de pessoas, mesmo em pequenas doses. Mas nunca me canso de ficar junto com você.

— É o meu superpoder — respondera ele. — Uma incrível ficarjuntabilidade.

Ele desviou o olhar da televisão, sua ruga de preocupação ainda mais profunda.

— Karou pegava dentes, não é?

— Hum, é — respondeu Zuzana, distraída à procura dos cílios postiços. — Para Brimstone.

— Que tipo de dentes?

— De todos os tipos. Por quê?

— Ah.

Ah? Mik se virou de volta para a tevê, e Zuzana de repente ficou muito alerta.

— *Por quê?* — perguntou ela de novo, levantando-se do chão.

Aumentando o volume da tevê, ele disse:

— Você precisa ver isso.

10
Enxame

— Eles sabiam que estávamos vindo.

Oito serafins estavam em uma aldeia vazia. As evidências de uma partida apressada permeavam o lugar: portas escancaradas, fumaça saindo das chaminés, uma saca no chão (provavelmente caída de alguma carroça), com os grãos derramados em volta. A serafim Bethena se viu novamente junto ao berço perto da escada. Era entalhado e polido, muito liso, e ela via marcas de dedos nas laterais — gerações embalaram suas crianças ali. *E cantaram canções de ninar*, pensou, como se também visse isso, e sentiu, apenas por um instante, a angústia da mãe fera que, ali parada por um instante, admitira para si mesma, bem naquele lugar, que o berço era pesado demais para carregar consigo na fuga.

— É claro que sabiam — retrucou outro soldado. — Viemos acabar com todos eles.

Ele falou isso como se fosse um ato de justiça. Como se suas palavras pudessem captar a luz do sol e brilhar como aço.

Bethena lançou-lhe um olhar muito, muito cansado. De onde ele arranjava toda aquela veemência? Guerra era uma coisa, mas *aquilo*... Aqueles quimeras eram simples criaturas que plantavam o alimento que consumiam, embalavam seus filhos em berços polidos e provavelmente nunca tinham derramado uma única gota de sangue. Não se pareciam em nada com os soldados espectros contra quem os anjos tinham lutado suas vidas inteiras — sua *história* inteira —, monstros brutais e esmagadores que podiam cortá-los ao meio com um golpe, atirá-los para longe com a força dos olhos do demônio em suas mãos, rasgar suas gargantas com os dentes. Aquilo era diferente. A guerra não tinha chegado até ali; o Comandante a mantivera nos extremos da terra. Aqueles vilarejos rurais dispersos mal tinham milícias, e quando tinham, ofereciam uma resistência patética.

Os quimeras tinham sido derrotados — Loramendi marcara seu fim. O Comandante estava morto, e o ressurreicionista também. Já não havia mais espectros.

— E se simplesmente deixássemos as feras irem embora? — disse Bethena, olhando para a bela terra verdejante lá fora, suas colinas, imersas em névoa, suaves como pinceladas.

Vários de seus companheiros riram como se ela tivesse dito uma piada. Ela deixou que pensassem assim, embora seu esforço para sorrir não tenha sido bem-sucedido. Seu rosto parecia ser feito de madeira de tão duro, e o sangue corria devagar em suas veias. É claro que não podiam deixá-los simplesmente irem embora. A ordem do imperador era que livrassem a terra de todas as feras. *Enxames*, como ele chamava as aldeias. *Infestações*.

Um enxame muito do impotente, pensou ela. Aldeia após aldeia, fazenda após fazenda, os conquistadores não tinham sido ferroados nem uma vez. Aquele trabalho era fácil. Terrivelmente fácil.

— Então vamos acabar logo com isso — falou. Rosto duro, coração duro. — Eles não podem ter ido muito longe.

Foi fácil rastrear os aldeões; o gado deixara uma trilha de estrume fresco pela estrada que corria para o sul. É claro que tentariam escapar para as Terras Distantes, mas ainda não tinham aberto uma grande distância. A menos de cinco quilômetros dali, o caminho passava por baixo de um aqueduto. A estrutura monumental em três níveis estava parcialmente destruída, e as pedras caídas não permitiam ver a passagem. Do céu, a estrada depois dos arcos parecia vazia, serpeando por um vale estreito que lembrava a linha de divisão de um cabelo verde, tendo dos dois lados a mata cerrada. O rastro das feras — estrume, poeira e pegadas — terminava ali.

— Estão escondidos debaixo do aqueduto — disse Hallam, o mesmo da veemência, puxando a espada.

— Esperem. — Bethena mal sentira a palavra se formar em seus lábios e já a dissera. Os outros soldados olharam para ela. Eram oito. A caravana dos escravos, movendo-se ao ritmo arrastado dos trajetos terrestres, estava um dia à frente deles. Oito soldados serafins eram mais do que suficientes para aniquilar uma aldeia daquelas. Bethena balançou a cabeça. — Nada. — E fez sinal para descerem.

Parece uma armadilha, foi o que tinha pensado, mas isso era coisa da guerra, e a guerra tinha acabado.

Os serafins desceram dos dois lados da passagem, encurralando as feras no meio. Para o caso de haver arqueiros — nada mais forte em mãos fracas do que flechas —, eles ficaram perto das pedras, fora de alcance. O dia estava claro; as sombras, muito escuras. Os olhos dos quimeras, pensou Bethena, estavam acostumados à escuridão; a luz atrapalharia sua visão. *Vamos acabar logo com isso*, pensou, e deu o sinal. Ela avançou, as asas ardentes e ofuscantes, a espada baixa e pronta para o ataque. Ela esperava ver gado e aldeões assustados, ouvir o som agora familiar: o gemido de animais encurralados.

Ela viu gado e aldeões assustados. O fogo de suas asas pintou-os com as cores do pavor. Seus olhos brilhavam como mercúrio, como os seres que vivem à noite.

Não estavam gemendo.

Uma risada, como o som de um fósforo sendo riscado: seca, sombria. Alguma coisa ali estava muito errada. E quando a serafim Bethena viu o que mais havia ali esperando por eles sob o aqueduto, soube que estava enganada. A guerra não tinha acabado.

Embora para ela e seus companheiros, abruptamente, isso fosse verdade.

11

O insondável porquê

Um fantasma, disse o âncora do telejornal.

A princípio a evidência de invasão tinha sido muito pequena para ser levada a sério, sem contar que, é claro, era impossível fazer tal coisa. Ninguém conseguiria passar pela altamente equipada equipe de segurança dos principais museus do mundo sem deixar vestígio. E, no entanto, um estranho desconforto corria pela espinha dos curadores, a sensação arrepiante e incontestável de que *alguém tinha estado ali*.

Mas nada havia sido roubado. Nada tinha sumido.

Quer dizer, nada que pudessem notar.

Foi o Museu Field, de Chicago, que capturou uma prova do invasor. Primeiro, só uma coisinha de nada no vídeo gravado pela câmera de segurança: uma sombra intrigante no limite da visão, e então, por um mero instante — um passo em falso que a colocou claramente dentro do quadro —, uma garota.

O fantasma era uma garota.

Seu rosto estava virado para o outro lado. Dava para ver a curva de uma maçã do rosto proeminente; o pescoço era comprido, e o cabelo estava escondido por um boné. Um passo e ela desapareceu de novo, mas foi o suficiente. Ela era real. Tinha estado lá — na ala da coleção africana, para ser preciso. Então eles conferiram toda aquela área, cada milímetro, e descobriram que de fato *algo* estava faltando.

E não era só o Museu Field. Agora que sabiam o que procurar, outros museus de história natural foram conferir seus próprios acervos, e muitos descobriram perdas similares, não detectadas anteriormente. A garota tinha sido cuidadosa. Nenhum dos saques era fácil de se notar; era preciso saber onde procurar.

Ela havia roubado pelo menos uma dúzia de museus em três continentes. Impossível ou não, a garota não havia deixado sequer uma impressão digital nem disparado um único alarme. Quanto ao que ela roubara... o *como* foi rapidamente substituído pelo insondável *porquê*.

Que tipo de propósito poderia ter aquilo?

De Chicago a Nova York, Londres a Pequim, dos dioramas de vida selvagem dos museus, das bocas paralisadas de leões e hienas, das mandíbulas de dragão-de-komodo e pítons-reais e lobos-brancos empalhados, a garota, o fantasma... ela estava roubando *dentes*.

12

Estou feliz

De: Karou <karouazul@garota-para-la-e-para-ca.com>
Assunto: Não tô morta ainda
Para: Zuzana <fada_raivosa@punhosminusculos.net>

Não tô morta ainda. ("Eu não quero ir na carroça!")
Onde estou e o que ando fazendo?
Nem queira saber.
Esquisitinha, você diz?
Você nem faz ideia.
Sou sacerdotisa de um castelo de areia
em uma terra de poeira e luz das estrelas.
Tente não ficar preocupada.
Sinto tanto a sua falta que nem sei.

Um beijo para Mik.

(P.S.: "Estou feliz... Estou feliz...")

13
Assimetria

Luz através dos cílios.

Karou apenas finge dormir. Com a ponta dos dedos, Akiva contorna as pálpebras dela, descendo suavemente pela curva de sua face. O calor que ela sente denuncia o olhar dele. Estar sob o olhar de Akiva é como estar ao sol.

— Sei que você está acordada — murmura ele em seu ouvido. — Acha que não consigo perceber?

Ela continua de olhos fechados, mas sorri, entregando-se.

— Shh, estou no meio de um sonho.

— Não é um sonho. É tudo real.

— Como sabe? Você nem está nele.

Ela está de bom humor, repleta de felicidade, de *certeza*.

— Estou em todos os seus sonhos — diz ele. — É onde eu vivo agora.

Ela para de sorrir. Por um instante não consegue lembrar quem é, ou *quando*. Karou? Madrigal?

— Abra os olhos — sussurra Akiva. A ponta de seus dedos volta a tocar-lhe as pálpebras. — Quero mostrar uma coisa.

De repente Karou se lembra, e sabe o que ele quer que ela veja.

— Não!

Ela tenta se afastar, mas ele a segura. Tenta forçá-la a abrir os olhos. Seus dedos pressionam, forçam, mas sua voz não perde a ternura.

— Olhe — insiste ele. Pressionando, forçando. — *Olhe.*

E ela olha.

* * *

Karou acordou sem fôlego. Era um daqueles sonhos que invadem o espaço entre um segundo e outro, provando que o sono tem sua própria física — em que o tempo se contrai e se expande, vidas inteiras se desenrolam em um piscar de olhos e cidades se reduzem a cinzas em um mero bater de cílios. Ali sentada, bem viva e acordada — ou pelo menos era o que pensava —, ela teve um sobressalto e deixou cair o molar de tigre que segurava. Levou as mãos correndo aos olhos. Ainda podia sentir a pressão dos dedos de Akiva.

Um sonho, apenas um sonho. Droga. Como isso tinha acontecido? Sonhos furtivos como aves de rapina, espreitando, só esperando que ela adormecesse. Ela baixou as mãos, tentando acalmar as batidas violentas do coração. Não havia mais nada a temer. Ela já vira o pior.

Era fácil mandar o medo embora. Já a raiva... Ser tomada por aquela sensação de certeza, depois de tudo que acontecera... Era uma mentira deslavada. Não havia nada *certo* em relação a Akiva. Aquele sentimento viera de uma outra vida, em que ela fora Madrigal dos Kirin, em que amara um anjo e morrera por isso. Mas ela não era mais Madrigal, não mais quimera. Ela era Karou. Humana.

De certa forma.

E não tinha tempo para sonhos.

Na mesa diante dela, opaco sob a luz das velas, havia um colar. Era formado por dentes alternados de humanos e veados, contas de cornalina, limalhas de ferro octogonais, ossos de morcego compridos e tubulares e, o que o deixava assimétrico, um único molar de tigre; seu par tinha escorregado para debaixo da mesa ao cair da mão dela.

Assimetria, quando se tratava de colares espectrais, não era uma boa coisa. Cada elemento — dente, conta e osso — era crucial para o corpo resultante, e a menor falha podia causar um defeito físico grave.

Karou empurrou a cadeira para trás e se ajoelhou para tatear pela escuridão embaixo da escrivaninha. Nas fendas do chão

de terra fria, seus dedos encontraram fezes de rato, pedaços de barbante e uma coisa úmida que ela esperava ser apenas uma uva que caíra e apodrecera — *Vamos deixar que isso permaneça um mistério*, pensou Karou, deixando aquilo de lado —, mas nada de dente.

Cadê você, dente?

Afinal, ela não tinha dentes reservas. Conseguira aquele par em Praga, alguns dias antes. *Sinto muito pela perna que falta, Amzallag*, ela se imaginou dizendo. *Perdi um dente.*

O pensamento a fez rir, um som exausto e descontrolado. Ela podia até imaginar o que iria acontecer. Bem, Amzallag provavelmente não reclamaria. O soldado quimera sem senso de humor já tinha ressuscitado em tantos corpos que talvez levasse na esportiva e aprendesse a se virar sem a perna. Mas nem todos os soldados encaravam tão bem suas limitações no ofício. Na semana anterior, quando fizera as asas de grifo de Minas pequenas demais para seu peso, ele não fora indulgente.

— Brimstone nunca teria cometido um erro crasso com esse — explodira ele.

Jura?, Karou quisera replicar, com toda a seriedade e maturidade que podia reunir. *Dã.*

Aquela não era uma ciência exata, para começo de conversa, e proporção asa-peso... bem. Se Karou soubesse o que seria quando crescesse, talvez tivesse prestado mais atenção em certas aulas na escola. Ela era uma artista, não uma engenheira.

Sou uma ressurreicionista.

O pensamento lhe ocorreu de repente, óbvio e estranho como sempre.

Ela se enfiou ainda mais debaixo da mesa. O dente não podia ter simplesmente desaparecido. Então, através de uma rachadura na pedra, sentiu uma brisa nos nós dos dedos. Havia uma abertura. O dente devia ter caído.

Ela se endireitou. Sentiu uma imobilidade gélida atravessar o corpo. Sabia o que teria que fazer agora. Teria que descer e pedir ao ocupante da câmara debaixo para entrar e procurar o dente. Uma extrema relutância a prendia ao chão. *Tudo menos isso.*

Tudo menos *ele.*

Será que ele estaria lá agora? Achava que sim; às vezes ela achava que podia sentir sua presença irradiando pelo chão. Devia estar dormindo — afinal, era madrugada.

De jeito nenhum ela bateria lá no meio da noite. O colar podia esperar até o dia seguinte.

Pelo menos esse era o plano.

Mas então ela ouviu: uma batida na porta. Soube logo quem era. *Ele* não tinha o menor escrúpulo em procurar por *ela* àquela hora. Era uma batida suave, o que a perturbou mais do que tudo — parecia íntima, secreta. Ela não queria ter nenhum segredo com ele.

— Karou? — chamou ele, delicadamente.

O corpo dela se retesou. Sabia melhor do que ninguém que aquela delicadeza não passava de um ardil. Não ia atender. A porta estava trancada. Ele que pensasse que ela estava dormindo.

— Estou com o seu dente — explicou ele. — Acabou de cair na minha cabeça.

Mas que droga. Ela não podia fingir que estava dormindo se tinha acabado de deixar cair um dente na cabeça dele. E também não queria que ele pensasse que estava fugindo dele. Droga, por que ele ainda a afetava daquele jeito? De cabeça erguida, com um ar sério e a trança balançando em um arco azul às suas costas, Karou foi até a entrada, ergueu a antiga barra transversal — que antes de mais nada era uma proteção contra *ele* — e abriu a porta. Estendeu a mão para receber o dente de volta. Tudo o que ele tinha que fazer era deixá-lo na palma da mão dela e ir embora, mas ela sabia — é claro que sabia — que não seria tão simples assim.

Com o Lobo Branco, nunca era.

14

AQUELA DEVASTAÇÃO DOS ANJOS

O Lobo Branco.

O primogênito do Comandante, herói das tribos unidas e general das forças quiméricas. Ou do que restara delas.

Thiago.

Ele estava parado no corredor, tranquilo e elegante em uma de suas impecáveis túnicas brancas, o cabelo branco e sedoso penteado para trás, em um rabo de cavalo frouxo amarrado por uma tira de couro. Os fios brancos destoavam de sua idade — sua idade física, pelo menos. Sua alma tinha centenas de anos e havia passado por uma guerra sem fim e incontáveis mortes, muitas vezes dele mesmo. Mas o corpo estava no auge do vigor, bonito e poderoso, tendo usufruído ao máximo da maestria de Brimstone.

Sua aparência era altamente humana e fora elaborada segundo suas próprias especificações: humano à primeira vista, mas fera nos detalhes. Um sorriso humano lascivo revelava caninos afiados, as mãos fortes terminavam em garras escuras, e suas pernas se tornavam, a partir do meio da coxa, lupinas. Ele era muito bonito — de alguma forma ao mesmo tempo rude e refinado, com um quê de selvagem que fazia Karou sentir como se estivesse correndo um grande perigo sempre que ele estava por perto.

O que não era de se estranhar, considerando-se a história dos dois.

Ele agora tinha cicatrizes que não havia em seu corpo na época em que ela era Madrigal. Um corte já cicatrizado dividia uma de suas sobrancelhas e se espalhava como uma teia de aranha em direção ao couro cabeludo; outra passava pelo ângulo da mandíbula e corria em um traço irregular pelo pescoço, atraindo o olhar para o músculo trapézio até a forma suave de seus ombros fortes e largos.

Ele não tinha saído ileso das brutais últimas batalhas da guerra, mas havia sobrevivido e ficado ainda mais bonito — se é que isso era possível — com aquelas cicatrizes, que o faziam parecer mais *real*. Parado à porta de Karou naquele instante, ele parecia muito real, muito próximo, muito elegante e muito *ali*. O Lobo Branco sempre fora muito grandioso.

— Sem sono? — perguntou ele.

O dente estava preso em sua mão fechada; ele não o estendeu para ela.

— Sono. Que fofo. Isso ainda existe?

— Existe — disse ele. — Para quem tem sorte. — Havia pena em seu olhar (pena!) quando ele acrescentou, cordialmente: — Também acontece comigo, sabia?

Karou não fazia ideia de sobre o que ele estava falando, mas ficou arrepiada com a delicadeza dele.

— Pesadelos — explicou Thiago.

Ah. Isso.

— Eu não tenho pesadelos — mentiu ela.

Mas Thiago não se deixou enganar.

— Você precisa se cuidar, Karou. Ou... — ele olhou para dentro do quarto, para além dela — deixar que outros cuidem de você.

Ela tentou ocupar todo o vão da porta. Não queria que nenhuma brecha fosse interpretada como um convite para entrar.

— Está tudo certo — disse ela. — Eu estou bem.

Ele avançou assim mesmo, obrigando-a a recuar se ainda quisesse manter o mínimo de distância. Mas ela não arredou pé. Ele estava barbeado e exalava um aroma suave e agradável de almíscar. Como ele conseguia estar sempre impecável naquele lugar sujo, Karou não sabia.

Até parece. Claro que ela sabia. Não havia quimera que não se dispusesse de bom grado a atender às necessidades do Lobo Branco. Karou até suspeitava de que sua criada, Ten, escovasse o cabelo dele. Thiago raramente precisava expressar

seus desejos; eram todos adivinhados e satisfeitos de prontidão.

Naquele momento seu desejo era entrar no quarto dela. Qualquer outra teria cedido à primeira insinuação de aproximação. Mas não Karou, embora seu coração batesse como o de um animalzinho aflito quando estava perto dele.

Thiago não a pressionou. Apenas a observou por um momento. Karou tinha noção da própria aparência: estava pálida, com ar soturno, a magreza a definhá-la. Suas clavículas se projetavam, sua trança estava uma bagunça e seus olhos negros, embotados de cansaço. Thiago a fitava incisivamente.

— *Bem?* — repetiu ele, cético. — Mesmo aqui?

Ele passou os dedos pelo bíceps dela, e Karou se afastou, desejando que sua blusa tivesse mangas. Não gostava que ninguém visse suas contusões, muito menos ele; isso a fazia se sentir vulnerável.

— Eu estou bem — disse ela.

— Você pediria ajuda se precisasse, não é mesmo? No mínimo, você precisava de um assistente.

— Eu não preciso de um...

— Não é fraqueza alguma pedir ajuda. — Ele fez uma pausa, e então acrescentou: — Até Brimstone tinha quem o ajudasse.

Foi como se ele tivesse arrancado o coração de seu peito.

Brimstone. Sim, ele tivera ajuda, inclusive, ostensivamente, a *dela*. E ainda assim, onde estava ela enquanto Brimstone era torturado, massacrado, queimado? O que ela estava fazendo quando os anjos assassinos montavam guarda sobre os restos carbonizados dele, para ter certeza de sua evanescência?

Issa, Yasri, Twiga, cada alma em Loramendi. Onde ela estava enquanto suas almas eram carregadas para longe como pipas cortadas ao vento e mergulhavam na inexistência?

— Eles estão mortos, Karou. É tarde demais. Estão todos mortos.

Essas mesmas palavras tinham destruído a felicidade dela um mês antes, em Marrakech. Apenas minutos antes, Karou e Akiva tinham partido o osso da sorte, e a vida dela como Madrigal — todas as lembranças que Brimstone tinha removido para sua segurança — voltara subitamente. Ela agora sentia o calor do bloco em que apoiara a cabeça enquanto o carrasco erguia a lâmina e ouvia o grito de Akiva — um grito arrancado do fundo da alma — como se o eco daquele som também tivesse ficado preso no osso da sorte.

Dezoito anos antes ela havia morrido. Brimstone a ressuscitara em segredo, e ela vivera aquela vida humana sem saber da que tivera antes. Mas em Marrakech tudo lhe voltara à mente, e ela havia... *acordado* — se somado a sua vida já em curso —, vendo-se então com o osso partido na mão e Akiva miraculosamente diante dela.

Isso era o mais surpreendente: que eles tivessem se encontrado, mesmo atravessando diferentes mundos e existências. Por um puro e radiante momento, Karou conhecera a felicidade.

Mas Akiva logo encerrara o momento com aquelas palavras, ditas com uma profunda vergonha e uma dor arrebatadora:

— Estão todos mortos.

Ela não acreditara. Simplesmente não podia aceitar aquela possibilidade.

Então seguira o anjo aleijado Razgut dos céus do seu mundo para os de Eretz, agarrada à esperança de que não fosse — *não podia ser* — verdade aquilo que Akiva lhe contara. Mas então ela chegara à cidade, e... não havia cidade. Ainda não conseguia compreender toda aquela devastação. Já tinha *morado* ali antes. Milhões de quimeras também. E agora? Razgut, a criatura desprezível, *rira* ao ver o cenário; era sua última lembrança dele. A partir daquele momento, ela entrara em um estado tal de torpor e atordoamento que não conseguia lembrar como ou onde tinham se separado.

Tudo em que ela pensara naquele instante era a ruína de Loramendi. Na paisagem escurecida pairava algo que Karou nunca sentira antes: um vazio tão profundo que a própria atmosfera parecia *fina*, *raspada*, como o couro de um animal esticado e trabalhado incessantemente até ficar limpo.

O que ela sentia era a completa ausência de almas.

— É tarde demais.

Por quanto tempo ela vagara em meio às ruínas, não sabia dizer. Estava em choque. As lembranças estavam se organizando em sua mente. Sua vida como Madrigal se entrelaçava a sua existência como Karou, uma vida repleta de morte,

perda, e, no âmago de seu pesar e atordoamento, ela sabia que havia desencadeado aquilo tudo. Ela amara o inimigo e o salvara. Ela o libertara.

E ele tinha feito *aquilo*.

Aquela cruel e amarga devastação dos anjos.

Quando uma voz rompeu o silêncio, ela se virou, puxando as lâminas em formato de lua crescente com a rapidez de quem queria fazer anjos sangrarem. Se tivesse sido Akiva lá nas ruínas, ela talvez não tivesse poupado sua vida de novo. Mas não era ele, nem outro serafim.

Era Thiago.

— Você — dissera ele, com certo espanto. — É você mesmo?

Karou nem tinha conseguido dizer nada. O Lobo Branco a olhou da cabeça aos pés, e ela se encolheu em resposta. As lembranças queimavam em sua mente. A repulsa se agitou como cobras na boca do estômago, e, em meio ao entorpecimento do choque, Karou encheu-se de raiva — do universo, por aquela nova crueldade. Dele, por ter sido o único a sobreviver.

De todas as almas que poderiam ter sobrevivido ao massacre, tinha que ser ele: aquele que a matara.

15

Ferido

Ela devia ter percebido naquela noite, muito tempo antes, em outra vida e em outro corpo, que estava sendo seguida, mas a alegria havia vencido a cautela.

Ela era Madrigal dos Kirin. Estava apaixonada. Vivia um sonho grandioso e ousado. Durante um mês de noites secretas, ela cruzara a escuridão até o templo de Ellai, onde Akiva a esperava, inquieto com aquele amor recente e ardendo de ansiedade, assim como ela, para recriarem seu mundo. Ela sempre saboreava o momento da chegada — a primeira visão do rosto de Akiva olhando para cima enquanto ela passava pelas copas das árvores de réquiem, como ele se iluminava ao vê-la, com uma alegria igual à dela. Era a imagem que guardaria consigo nos dias que se seguiram — seu rosto erguido, tão perfeito e luminoso, cheio de encanto e prazer. Ele estendeu a mão para puxá-la para baixo. Acariciou de leve suas pernas enquanto ela descia, segurou-a pela cintura e a pegou ainda no ar, de forma que seus lábios se encontraram antes mesmo de os cascos dela tocarem o chão.

Ela riu com os lábios na boca de Akiva, as asas ainda abertas como grandes leques escuros, e ele deitou, reclinando-se ali mesmo no musgo, as pernas dela apertadas em volta do corpo dele. Zonzos e ávidos, fizeram amor no meio do bosque, sob os olhares brilhantes das evangelinas, cuja sinfonia noturna era a música deles.

Sob os olhares daqueles que a tinham seguido desde a cidade.

Mais tarde, pensar que eles tinham assistido a tudo a enojava. Tinham esperado e observado, sem se contentar com a traição de meros beijos, querendo testemunhar crimes ainda mais ultrajantes — ver tudo, e ouvir sobre o que conversariam depois.

E com que tinham sido recompensados?

Os amantes entraram languidamente no pequeno templo, onde beberam da fonte sagrada e comeram os pães e frutas que Madrigal levara. Praticaram magia. Akiva lhe ensinava seu encanto de invisibilidade. Ela até conseguiu por um instante, mas a magia exigia um dízimo de dor maior do que o que Madrigal tinha para oferecer em troca da continuidade do efeito. No templo, ela aparecia e desaparecia: em um instante estava ali; no outro, não mais.

— O que devo fazer para sentir dor? — indagou ela.

— Nada. Nada de dor para você. Só prazer.

Ele roçou o nariz no dela. Madrigal o empurrou, sorrindo.

— Prazer não vai me ajudar a ficar invisível por mais tempo.

Eles não podiam continuar a se esconder para sempre, precisavam ir e vir das terras dos dois, entre quimeras e serafins, invisíveis quando necessário. Estavam pensando em quem recrutar para sua causa; prontos para começar. Seria um momento crítico, revelar seu segredo para os primeiros colegas escolhidos, e conversavam sobre cada um deles.

Também falavam sobre quem matar.

— O Lobo — disse Akiva. — Enquanto ele estiver vivo, não haverá esperança para a paz.

Madrigal ficou em silêncio. *Thiago, morto?* Ela sabia que Akiva tinha razão. Thiago nunca aceitaria menos do que a aniquilação de seus inimigos, e sem dúvida ela não nutria nenhum tipo de amor por ele, mas matá-lo? Ela brincou com o osso da sorte pendurado no cordão em seu pescoço, em conflito. Ele era a alma do exército e o herói que unia seu povo. Os quimeras o seguiriam para qualquer lugar.

— Isso é um problema — falou para Akiva.

— Você sabe que isso é necessário tanto quanto eu. Joram também.

O imperador era ainda mais sanguinário que Thiago, se é que isso era possível. E também era pai de Akiva.

— Você... Você acha que seria capaz de fazer isso? — perguntou Madrigal.

— Matá-lo? Para o que mais fui criado além de matar? — Seu tom era amargo. — Eu sou o monstro que ele criou.

— Você não é um monstro.

Ela o puxou para si. Acariciou sua testa, que estava sempre quente como fogo, e beijou as marcas de tinta nos nós dos dedos dele como se pudesse perdoá-lo pelas mortes que representavam. Então deixaram de falar sobre morte, desejando em silêncio que pudessem ter o mundo que queriam sem precisar matar.

Ou, como acabaria acontecendo, sem precisar *morrer*.

Do lado de fora, Thiago chegou à conclusão de que já ouvira o suficiente e ateou fogo ao templo.

Mesmo antes de sentirem cheiro de fumaça ou verem o fogo, Madrigal e Akiva foram aturdidos pelos gritos das evangelinas. Eles nem mesmo sabiam que as criaturas podiam gritar. Afastaram-se de um pulo, procurando instintivamente por armas que não estavam lá. Tinham sido deixadas no musgo lá fora, junto com as roupas largadas.

— Tão descuidados — disse Thiago assim que eles saíram às pressas, quando fugiram do templo em chamas e deram de cara com uma companhia de soldados a sua espera.

O Lobo Branco, à frente dos outros, tinha, uma em cada mão, as facas de lua crescente de Madrigal. Balançava-as para a frente e para trás, enganchadas na pontas dos dedos. Atrás dele, um dos integrantes de seu séquito segurava as espadas de Akiva; ele bateu as lâminas em um gesto de provocação.

Um segundo se seguiu ao som do retinir, um único segundo de silêncio, e então irrompeu o caos.

Akiva ergueu os braços, evocando magia. O que ele pretendia fazer, Madrigal nunca chegou a saber, porque Thiago já se adiantara, e quatro soldados-espectros tinham levantado as mãos, apontando os hamsás para o anjo. Uma náusea violenta o atingiu. Akiva cambaleou, caiu de joelhos, e nisso partiram para cima dele com as espadas, os punhos cobertos por luvas grossas e as botas pesadas, além de um rabo reptiliano envolto em correntes que o açoitou.

Madrigal tentou correr até ele, mas foi detida por Thiago, com um soco na barriga tão forte que a arrancou do chão. Por um instante, sem fôlego e sem peso, ela perdeu todo senso de direção, e então atingiu o chão. Seu corpo inteiro estremeceu. Ela sentiu o sangue subindo pela garganta, invadindo o nariz e a boca.

Engasgada, ofegante, enjoada. Dor. Dor e sangue. Ela tossiu em busca de ar. Nua, dobrou-se de dor. No alto: fumaça, árvores pegando fogo e então Thiago. Ele a fuzilava com o olhar, sua boca deformada em um rosnado.

— Criatura imunda — rugiu ele, em um tom de profunda repulsa. — Traidora. — E por fim, a mais cruel de todas: — *Amante de anjo*.

Ela viu assassinato em seu olhar, e achou que fosse morrer bem ali, no musgo. Lá no fundo, Thiago estava ferido. Às vezes o chamavam de Selvagem, por suas matanças violentas em batalhas; sua marca registrada era dilacerar gargantas com os dentes. Era muito perigoso deixá-lo com raiva. Madrigal se encolheu, esperando por um golpe que não veio.

Thiago deu as costas.

Talvez ele quisesse que ela assistisse. E talvez fosse apenas instinto — um ímpeto de macho alfa, de destruir seu rival. De destruir Akiva.

Havia tanto sangue.

A lembrança era sombria, carregada de fumaça sufocante e dos gritos dos pássaros-serpentes queimando vivos, e, embora não fosse uma lembrança própria de Karou, mas sim de Madrigal, ainda assim era dela, surgindo de seu eu mais profundo. Era totalmente ela, e Karou se lembrava de tudo: Akiva no chão, seu sangue escorrendo até a fonte sagrada, e Thiago, de olhos arregalados mas assustadoramente contido e em completo silêncio, golpeando o anjo vezes sem fim, os respingos de sangue fazendo brilhar o rosto e o cabelo branco.

Ele teria matado Akiva naquela noite mesmo, mas um de seus seguidores mais sensatos interveio e o levou dali, adiando o fim. Por dias e dias Madrigal ouviu os terríveis gritos de seu amado ecoando pela prisão de Loramendi, onde ele era torturado e ela aguardava a execução.

Foi esse o Thiago que Karou viu — assassino, torturador, selvagem — quando ele apareceu diante dela uma vida inteira depois, nas ruínas de Loramendi.

Mas... tudo parecia diferente, não? Afinal, como, considerando tudo o que tinha acontecido, ela podia condenar o que ele fizera?

Akiva deveria ter morrido aquele dia, assim como ela. Eles tinham, sim, cometido traição; o amor dos dois, os planos que

nutriam e, o pior de tudo, a tola compaixão dela, ao salvar a vida do anjo não só uma mas duas vezes, para que ele pudesse viver e se tornar o que se tornara. O Príncipe dos Bastardos, como o chamavam, entre outros nomes. Thiago fizera questão de que ela soubesse de todos — Senhor dos Ilegítimos, Ruína das Feras, Anjo da Aniquilação. Por trás de cada nome, a acusação velada: *Culpa sua, culpa sua.*

Se não fosse por ela, os quimeras ainda estariam vivos. Loramendi ainda existiria. Brimstone continuaria a criar cordões de dentes, e Issa, a doce Issa, continuaria preocupada com a saúde dele e enroscando serpentes nos pescoços dos humanos que entravam no vestíbulo da loja. As crianças da cidade ainda correriam livremente pela Serpentina em todas as suas variadas formas, e cresceriam para ser soldados, como ela, e passariam de corpo para corpo enquanto a guerra seguiria em frente. Sem fim.

Para sempre.

Quando parava para pensar, Karou mal podia acreditar na própria ingenuidade, mal podia acreditar que havia acreditado que o mundo poderia ser diferente, e que ela poderia fazer isso.

16

Os herdeiros

Parada na entrada do cômodo, Karou estendeu a mão.

— Thiago, me dê logo o dente.

Ele se aproximou; seu peito agora encostava de leve na ponta dos dedos de Karou, e ela teve que afastar um pouco as mãos. Sua pulsação se descompassou. Ele estava tão perto... Ela realmente queria se afastar, mas, se o fizesse, abriria espaço para ele entrar, e não podia deixar isso acontecer. Desde que se aliara a ele, tentava sempre evitar ficar sozinha em sua presença. Sua proximidade a fazia se sentir menor, tão mais fraca em comparação a ele e tão... humana.

Com um floreio de mágico, ele abriu a mão, revelando o molar como se a desafiasse a pegá-lo. O que ele faria? Agarraria a mão dela?

Ela hesitou, desconfiada.

— É para Amzallag? — perguntou Thiago.

Karou assentiu. Ele lhe pedira um corpo para Amzallag, e era o que teria. *Olha só como eu sou uma ajudantezinha obediente*, pensou ela.

— Que bom. Ele está comigo.

Ele ergueu a outra mão, mostrando o turíbulo.

Karou sentiu um frio na barriga. Então já estava feito. Ela não sabia por que aquela parte do processo a perturbava tanto; talvez pela imagem de duas criaturas se lançando no penhasco rochoso e apenas uma voltando. Ela não vira o poço, e esperava nunca ver, mas às vezes sentia seu cheiro: um bafo pesado de carne em decomposição que envolvia na realidade aquilo que geralmente parecia distante. Turíbulos eram limpos e simples; os novos corpos que ela fazia eram tão imaculados quanto as roupas de Thiago. Eram os outros corpos que a incomodavam; os que eram descartados.

Mas nisso, como em praticamente tudo o mais, ela estava sozinha. Thiago era inabalável. Ele balançava o turíbulo de Amzallag como se não tivesse acabado de matar um companheiro e jogá-lo em um poço de corpos em decomposição. Afinal, o tal companheiro tinha pedido por aquilo; tudo pela causa, e os corpos antigos simplesmente não serviam ao novo propósito, então Karou estava substituindo todos, um por um.

O Lobo a encarou com seu pálido olhar penetrante, com tanta intensidade que ela teve vontade de dar um passo para trás.

— Começou, Karou. Aquilo em que temos nos empenhado tanto.

Ela assentiu, sentindo um calafrio percorrendo a espinha. Rebelião. *Vingança.*

— Alguma notícia? — perguntou.

— Não, mas ainda está cedo.

Vários dias antes, Thiago tinha enviado cinco patrulhas de seis soldados cada. Com quais missões exatamente, Karou não sabia. Ela perguntara, mas simplesmente não tinha discutido ao ouvir a resposta de Thiago.

— Não precisa se preocupar com isso, Karou. Concentre suas forças nas ressurreições.

Não fora isso o que Brimstone fizera? Ele deixara a guerra para o Comandante, e ela estava deixando a rebelião para o Lobo.

— Admito que tenho estado ansioso. — Thiago jogou o dente para cima e depois o pegou no ar. — Foi bom ter um motivo para aparecer aqui. Por que não me deixa ajudá-la, Karou?

— Não preciso de ajuda.

— Seria de grande ajuda para *mim* ter alguma coisa para fazer.

Com isso, ele deu mais um passo à frente, obrigando-a a chegar para o lado ou arriscar um abraço, e então por fim passou. Estava dentro do quarto dela, que parecia diminuir ao seu redor.

Era um quarto bonito, ou tinha sido algum dia. Mosaicos brilhavam no teto alto, e tapeçarias de seda desbotadas cobriam as paredes. Duas janelas com venezianas entalhadas estavam abertas para a noite lá fora, e os peitoris de quase um metro de profundidade revelavam como a espessura das paredes era comparável à de fortalezas. Não era muito grande; havia outros quartos que seriam mais adequados ao trabalho de Karou, mas ela pedira aquele por conta da barra na porta e da sensação de segurança que lhe proporcionava — mas agora que Thiago estava do lado errado da porta, não seria lá muito útil aquela barra de segurança.

Idiota, pensou ela. Ainda parada à porta aberta, ela disse:

— Prefiro trabalhar sozinha.

Ele foi até a escrivaninha, colocou o molar de tigre em cima dela com um *clique* e então olhou para ela.

— Mas você não está sozinha. Estamos nisso juntos. — A intensidade em sua voz, sua aparente sinceridade, era penetrante. — Somos os herdeiros, Karou. O que meu pai e Brimstone foram para nosso povo, você e eu somos para aqueles que restaram.

E que herança pesada era aquela: nada menos do que o destino das raças quimeras e todas as suas esperanças de sobrevivência.

Os quimeras estavam a um passo da extinção. O bando de soldados de Thiago era tudo o que restara do exército quimérico, e só com a colaboração de Karou eles podiam ter alguma esperança de criar uma resistência significativa.

Quando ela se juntara a eles, eram pouco mais de sessenta: um punhado de feridos sobreviventes da defesa do cabo Armasin. Tinham escapado pelos túneis das minas, junto com outros que encontraram enquanto atravessavam a terra devastada. Eram em sua maioria soldados, com alguns civis de grande valia, como o ferreiro Aegir e duas fazendeiras para cuidar da comida. E, embora sessenta fosse um número insignificante para uma força rebelde, sua esperança ultrapassava e muito essa limitação.

Eles tinham turíbulos. Tinham almas.

Karou apostava no seguinte: várias centenas de soldados mortos esperavam nos receptáculos de prata. Cabia a ela trazê-los de volta à luta.

— *Estamos nisso juntos* — dissera Thiago.

Ela lhe lançou um olhar duro, esperando a náusea de sempre, mas não sentiu nada dessa vez. Talvez estivesse muito cansada, só isso.

Ou... talvez o Destino estendesse sua vida diante de você como um vestido sobre a cama: você podia escolher vesti-lo ou então sair nua.

Do outro lado do quarto, ele encontrara a maleta de ferramentas dela. Era um belo objeto, em couro cor de açafrão trabalhado. Parecia uma maleta de maquiagem.

Mas não era.

Ele jogou todo o conteúdo sobre a mesa. Havia alguns objetos comuns — alfinetes, uma pequena lâmina, um martelo e um alicate, é claro —, mas a maior parte eram mesmo tornos. Não eram vistosos: apenas morsas simples de bronze, como as que Brimstone usara. Era impressionante a dor que se podia infligir com objetos tão simples, desde que você soubesse o que estava fazendo. Karou mandara fazê-los a mão com um ferreiro de uma medina de Marrakech. O sujeito não fizera perguntas, mas adivinhara para que serviriam e dera um risinho que a fizera se sentir suja. Como se ela gostasse daquilo.

— Vou pagar o dízimo — disse o Lobo.

Karou sentiu, naquele curioso vazio de náusea, o alívio invadi-la.

— Sério?

— É claro. Já teria feito isso antes, se você tivesse me deixado entrar. Acha que gosto de saber que está trancada aqui, sozinha e sofrendo?

Acho, pensou ela, mas ao mesmo tempo sentiu uma pontada de dúvida em relação a toda a sua desconfiança, a todas as noites com a porta trancada pela barra. Thiago oferecia sua dor à magia dela, evitando seu sofrimento. Como poderia recusar? Ele já estava tirando sua impecável túnica branca.

— Venha. — Ele sorriu, e Karou viu nele uma fadiga que refletia a sua própria. — Vamos acabar logo com isso.

Karou cedeu. Fechou a porta com o pé e foi até ele.

17

O dízimo de dor

Há intimidade na dor. Qualquer um que já confortou alguém que estivesse sofrendo sabe disso: a ternura impotente de quem consola, o abraço, os gemidos e o lento embalar, quando dois se tornam um contra o mesmo inimigo, a dor.

Karou não confortou Thiago. Não o tocou mais do que o necessário enquanto a dor invadia seu corpo. Mas ficaram sozinhos à luz de velas, ele seminu e subjugado, seu belo rosto sério e resignado, e embora de fato Karou tenha sentido o que esperava — um prazer cruel em lhe fazer passar por uma pequena parte da angústia que ele um dia lhe causara —, também sentiu algo *mais*.

Gratidão. Havia um novo corpo deitado no chão atrás deles, recém-conjurado a partir de dentes e dor, e, pelo menos daquela vez, a dor não tinha sido dela.

— Obrigada — falou, de má vontade.

— É um prazer — replicou Thiago.

— Espero que não. Seria doentio.

Ele deu uma risada cansada.

— O prazer não está na dor, mas em poupar *você*.

— Quanta nobreza. — Karou estava retirando os tornos e sentia o braço dele pesado em sua mão, os músculos tão fortes que ela tivera dificuldade em prender as braçadeiras, e estava sendo difícil soltá-las também. Ela se encolheu ao torcer seus tríceps de um jeito que não deveria, deixando uma marca feia. Ele recuou, e um pedido de desculpa escapou automaticamente dela. — Sinto muito. — Queria engolir as palavras de volta. *Ele fez você ser decapitada*, teve que lembrar a si mesma. — Na verdade, não sinto, não. Você mereceu.

— Imagino que sim — concordou ele, esfregando o braço. E, com um leve sorriso, acrescentou: — Agora estamos quites.

Uma breve risada, que lembrava mais um grito violento, escapou dela. Uma risada quase (apenas quase) sem alegria.

— Vai sonhando.

— Eu sonho, Karou. Karou.

A risada morreu rapidamente; ele dissera seu nome vezes demais, como se o reivindicasse. Ela começou a se afastar, carregando vários tornos, mas ele a deteve ao dizer:

— Eu pensava que, se pagasse os dízimos em seu lugar, poderia... reparar... o que fiz a você.

Karou o olhou fixamente. O Lobo, *reparar*?

Ele abaixou a cabeça.

— Eu sei. Não há como reparar o que fiz.

Posso pensar em uma maneira, ponderou Karou.

— Fico... Fico surpresa por você achar que precisa reparar alguma coisa.

— Bem... — Ele falava com suavidade. — Não tudo. Você não me deixou escolha, Karou, você sabe disso, mas eu podia ter feito as coisas de forma diferente, e disso *eu* sei. A evanescência... foi inaceitável. — Um olhar suplicante na direção dela. — Eu não respondia por mim, Karou. Estava apaixonado por você. E vê-la com... ele, daquele jeito... Você me deixou meio maluco.

Karou ficou vermelha, sentindo-se nua de novo. Pelo menos, pensou ela, lutando para manter a compostura, aquele corpo humano nunca tinha sido exposto aos olhos dele, ao contrário do que acontecera com seu corpo natural. Ainda assim, pelo jeito como ele a olhava, Karou deduziu que ele não se esquecera de nada que acontecera naquela noite no bosque.

Ela pôs-se a guardar os tornos na maleta, meio sem jeito.

— Tem uma coisa que eu sempre quis lhe dizer, mas achava que você não estava preparada para ouvir.

O tom da voz dele a alarmou. Soava... confessional.

— Eu realmente preciso terminar... — começou ela, mas o Lobo a interrompeu.

— É sobre Brimstone.

O efeito da menção a Brimstone foi o mesmo de sempre: pareciam mãos apertando seu pescoço; um ataque sufocante de pesar.

— Ele e eu tínhamos nossas diferenças — admitiu Thiago. — Isso não é nenhum segredo. Mas quando descobri que ele havia salvado você, que sua alma não estava perdida... Talvez você pense que fiquei furioso por ele ter me desafiado, mas nada podia estar mais longe da verdade. E agora... Acredite em mim quando digo que acordo todos os dias repleto de gratidão pela misericórdia de Brimstone. — Ele fez uma pausa. — Toda vez que olho para você, dou graças a ele.

Quem diria, agora ele resolveu que aprecia a misericórdia, pensou Karou.

— Bem, sorte sua esbarrar em outro ressurreicionista por aí.

— Não vou mentir. Quando a vi nas ruínas, quase caí de joelhos. Mas sorte é pouco para definir isso, Karou. Foi uma *salvação*. Eu estava rezando a Nitid, clamando por esperança, e quando abri os olhos e vi você lá... *você*... como uma linda alucinação. Achei que Nitid tinha me respondido fazendo chegar até mim a única pessoa que Brimstone treinara.

Karou não diria exatamente que Brimstone a treinara; dava a impressão de que ele a havia escolhido de propósito como sua sucessora, quando sabia que ele preferiria carregar o fardo sozinho até o fim dos tempos a ter que transmiti-lo a ela. *Brimstone, Brimstone*. Na maior parte do tempo ela aceitava — *sabia* que sim — que ele se fora, mas havia momentos em que era invadida de repente por uma certeza: de que a alma dele estava em estase, escondida, apenas esperando que ela a encontrasse.

Esses momentos eram pontos radiantes de esperança, mas logo passavam, sendo seguidos por uma culpa esmagadora: ao admitir para si mesma que só desejava ardentemente devolver seu fardo a Brimstone. *Egoísta*.

No fundo, ela se sentia feliz por Brimstone estar livre daquilo, descansando finalmente. Que outra pessoa carregasse aquele peso. Era *sua* vez — e quem o merecia mais do que ela? A feiura e o sofrimento, o desagradável fedor do poço trazido pelo vento, o isolamento e a fadiga, a *dor*. E, embora Brimstone não a tivesse exatamente treinado, ele lhe ensinara o suficiente para que ela conseguisse realizar a tarefa, ainda que com dificuldade. Ela estava ficando melhor, mais rápida — *mais macilenta, mais esgotada* —, e isso sem nenhuma ajuda de deuses, luas, nem de ninguém, muito obrigada. Karou disse a Thiago, com uma leve nota de rispidez na voz:

— Nitid não teve nada a ver com isso.

— Talvez não. Não importa. Só estou tentando agradecer.

Uma trêmula empatia cintilava nos seus olhos azuis gélidos. A intimidade daquele momento atingiu Karou agudamente — os dois sozinhos à luz bruxuleante, a pele desnuda dele —, e a náusea lhe voltou de súbito, forte e amarga como bile.

— De nada — respondeu ela, pegando a camisa de Thiago, pendurada no encosto da cadeira, e atirando-a para ele. — Dá para você se vestir?

Karou deu as costas de novo, tentando disfarçar a inquietação. O único som que se ouvia era o da corrente do turíbulo quando ela o pegou da mesa e o suspendeu em um gancho sobre o novo corpo de Amzallag.

O corpo estava deitado à sua frente, imenso e inerte. Monstruoso. Ela duvidava muito que Brimstone tivesse orgulho dela naquele momento, mas, como Thiago a persuadira a acreditar, aqueles eram tempos monstruosos, e os rebeldes precisavam maximizar o impacto de seu pequeno contingente.

Aquele pelo menos guardava alguma semelhança com o antigo Amzallag, sendo veado e tigre com torso de homem, mas era muito maior — as limalhas de ferro davam tamanho e peso ao corpo, e, apropriadamente, tinham sido retiradas das barras acima de Loramendi. Era imenso; nenhuma armadura caberia nele. Cada músculo se pronunciava, e a pele tinha um tom acinzentado — fruto do excesso de ferro. A cabeça era de tigre, com caninos tão compridos quanto facas de cozinha. Sem falar das asas.

Ah, as asas.

Era por causa das asas que os soldados vivos precisavam de novos corpos. Culpa de Karou. Tinha sido ideia dela vir... até ali. Ela olhou para fora, para a lua singular que a janela emoldurava. Será que ela era maluca? Burra? Talvez. Mas é que não

dava para continuar se deslocando o tempo todo de um lado para outro de Eretz, escondendo-se em ruínas e túneis de minas e vasculhando os céus em busca de patrulhas de serafins. Ela teria enlouquecido, e o mais provável era que, se tivessem ficado, já teriam sido descobertos àquela altura. Ainda assim, Karou tinha que admitir que não havia pensado em todas as consequências.

O poço, principalmente.

Os soldados precisavam ir e vir pelo portal *no céu*. Precisavam de asas. Para chegarem até ali, aqueles que podiam voar haviam levado os que não podiam — indo e voltando diversas vezes, e os que eram grandes demais para serem carregados tinham sido mortos, suas almas depois colhidas e levadas. Karou nunca esqueceria aquele dia. Agora que estavam ali, os sem asas tinham sido relegados à função de guarda até que ela pudesse refazê-los, quando então poderiam se juntar às incursões a Eretz.

Era simples assim. *Simples. Rá.* Ela estremeceu só de olhar para aquela coisa assustadora ali no chão de seu quarto. O corpo anterior de Amzallag — o último de muitos que Brimstone fizera para ele — tinha sido jogado fora como uma roupa velha, para que Amzallag pudesse se tornar *aquilo*. Por um instante ela só pôde vê-lo como suas presas o veriam: o horror e a desesperança em saber que não havia como escapar; imaginou aquelas asas abertas, como se cobrissem toda a extensão do céu. Sentiu as mãos ficarem frias e úmidas. *O que é que eu estou fazendo?*

O que é que eu estou criando?

E... *O que eu trouxe para o mundo humano?*

Era como emergir de um sonho e vislumbrar a fria realidade por apenas uma fração de segundo antes que o sono a arrastasse de volta. O horror amainou. Ela estava dando armas a soldados, era o que estava fazendo. Se não, quem faria os serafins pagarem?

Quanto a tê-los trazido para o mundo humano, aquele lugar era remoto e esquecido; a chance de encontrarem alguém era quase nula. E, apesar de uma vozinha em sua mente insistir em sussurrar: *Isso não é o suficiente, Karou*, ela estava se acostumando a ignorá-la.

Respirou fundo. Agora só faltava guiar a alma de Amzallag para dentro de sua nova pele, bastando a fumaça para isso. Ela estendeu a mão para um incenso e se virou de volta para Thiago, que, felizmente, tinha vestido a camisa. Ele parecia muito cansado, com as pálpebras pesadas, mas conseguiu esboçar um sorriso.

— Tudo pronto? — perguntou ele.

Ela assentiu e acendeu o incenso.

— Boa menina.

Ela se irritou com as palavras e o tom carinhoso na qual foram ditas. *Será que sou mesmo?*, ponderou enquanto se ajoelhava para fazer renascer o morto.

18

Renascidos

Ao chegar à aldeia silenciosa, a caravana de escravos não estranhou o céu repleto de aves de rapina. Esquisito teria sido *não* vê-las; naquele trabalho, aves carniceiras eram comuns. Com a diferença de que, em geral, os cadáveres eram de feras.

Não daquela vez.

Os mortos estavam pendurados no aqueduto: oito serafins com as asas abertas em leque. À distância, pareciam sorrir. De perto, porém, o horror chocaria até um traficante de escravos. Seus *rostos*...

— O que fez isso? — alguém conseguiu perguntar, embora a resposta estivesse bem diante deles. Uma mensagem tinha sido pintada em letras grandes, traçadas com sangue em uma pedra angular do aqueduto.

Das cinzas nós renascemos.

Em pânico, eles enviaram mensageiros para Astrae. Praticamente sem defesas, nem se deram ao trabalho de soltar os corpos dos soldados; simplesmente foram embora, às pressas, conduzindo seus escravos quimeras com chicotes. Uma grande mudança se operou nos cativos ao verem os mortos — um brilho, uma avidez entusiasmada e astuciosa. Os rabiscos feitos com sangue não eram a única mensagem; os sorrisos também.

Os cantos das bocas dos anjos mortos tinham sido cuidadosamente cortados, alargados em sorrisos forçados. Os traficantes sabiam muito bem o que aquilo significava, assim como os escravos, e portanto todos ficaram atentos — alguns por medo, outros em alegre expectativa.

A noite chegou e a caravana montou acampamento, guardas puseram-se em vigia. Pequenos sons começaram a atravessar a escuridão: passos apressados, um galho se partindo. Os guardas logo levaram as mãos aos cabos das espadas; sentiam o sangue gelar, olhavam freneticamente de um lado para o outro.

E então os escravos começaram a cantar.

Isso não havia acontecido em nenhuma das noites anteriores. Os traficantes estavam acostumados às lamúrias dos cativos, não à música, e não gostaram daquilo. A voz das feras era áspera como feridas, forte, primitiva, destemida. Quando os serafins tentaram silenciá-los, um rabo chicoteou do meio do grupo e derrubou um guarda.

E então, entre um tremular e outro das chamas da fogueira do acampamento, eles surgiram. Pesadelos. Redentores. Chegaram *do alto*, e os traficantes, confusos, pensaram de início que se tratava de reforços, mas aqueles não eram serafins. Asas e gritos, chifres, galhadas, rabos afiados e ombros ursinos encurvados. Pelos, garras.

Espadas e dentes.

Nenhum anjo sobreviveu.

Escravos libertos se dispersaram pelos arredores, levando consigo as espadas e os machados — e, sim, os chicotes — de seus captores. Seria mais difícil subjugá-los no futuro.

A quietude tomou conta. Ali também foi deixada uma mensagem escrita com o sangue do massacre — as mesmas palavras que seriam encontradas em muitas cenas semelhantes nos dias que estavam por vir.

Nós renascemos. É a sua vez de morrer.

19

Paraíso

Era uma vez um anjo e um demônio que se apaixonaram e ousaram imaginar um novo modo de viver — sem massacres ou gargantas cortadas ou fogueiras feitas com os mortos, sem espectros ou exércitos bastardos ou crianças arrancadas dos braços de suas mães para assumir seu lugar naquele ciclo de matar ou morrer.

Uma vez, deitados no templo secreto da lua com seus corpos entrelaçados, os amantes sonharam com um mundo que era como uma caixa de joias sem as joias — um paraíso esperando que eles o encontrassem e o preenchessem com sua felicidade.

⋆ ⋆ ⋆

Algo que este mundo jamais seria.

20

Uma terra de fantasmas

Akiva, Hazael e Liraz caminhavam por entre os anjos mortos. Não falavam nada, só olhavam, em um turbulento silêncio de raiva. Aqueles corpos tinham sido *dilacerados*, como camundongos caçados por gatos. Akiva não os reconhecia — as aves carniceiras já tinham feito seu trabalho —, mas em vários rostos havia carne suficiente para se perceber a mutilação. Os sorrisos obscenos não eram vistos havia gerações, mas todos os serafins e quimeras os tinham bem gravados na memória. Eram a assinatura do Comandante.

Ele fizera aquilo com seus mestres serafins quando se erguera contra a escravidão, mil anos antes, e assim mudara o mundo. Era um poderoso e inconfundível símbolo de rebelião.

— Harmonia com as feras — disse Liraz, baixinho.

Akiva ficou tenso. Suas próprias palavras, atiradas de volta na sua cara. E o que ele podia dizer em resposta? Que aqueles mesmos soldados tinham deixado um rastro de aldeias incendiadas em seu caminho e não eram nem um pouco inocentes? Daria a entender que Akiva achava que eles mereciam aquilo. Não era o caso, mas ele também não conseguia sentir indignação e revolta, apenas uma tristeza profunda. Aqueles soldados tinham cometido seus crimes, e sofreram as consequências disso. Era a ordem natural das coisas.

Naquele ciclo de massacres, represália gerava represália, para sempre. Mas aquela não era hora de filosofar, não com aves carniceiras circulando no céu, esperando que eles fossem embora e as deixassem com seu banquete. Então ele guardou esses pensamentos para si.

O sol nascia, tocando com um brilho feérico os caules das plantas, e as folhas se abriam como asas ao sabor da brisa. Tinham muitos tons de verde e dourado, ainda estavam verdes — e nunca teriam a chance de amadurecer. Os soldados começavam a atear fogo ao campo, e as chamas se espalhariam rápido com aquele calor. Antes de o sol subir a pino as plantas já estariam crepitando, assim como os corpos. O fogo levava os mortos. Não havia funerais para soldados.

Um grito veio do alto:

— Vocês aí! O que estão fazendo?

Akiva inclinou a cabeça para trás. Os primeiros raios de sol matinais iluminaram seus olhos cor de âmbar, e o serafim no ar, ao ver quem ele era, ficou pálido.

— Perdão, senhor. Eu... Eu não tinha sido informado de que o senhor estaria aqui.

Akiva se ergueu no ar para ir ao encontro do serafim. Seus irmãos subiram logo atrás.

— Viemos com os reforços do cabo Armasin — explicou ele.

Sendo a maior guarnição das antigas terras livres, o cabo Armasin tinha enviado soldados para reforçar o pequeno contingente do sul, em resposta àqueles ataques.

O jovem líder da patrulha, cujo nome era Noam, parecia ligeiramente atordoado por se ver frente a frente com o Ruína das Feras.

— É bom tê-lo aqui, senhor — disse ele.

Pela segunda vez: *senhor.* Liraz soltou um pigarro. Akiva não era nenhum senhor. Embora a fama tivesse lhe conferido certo respeito, ele era um Ilegítimo, e seu posto continuava sendo o que sempre fora e sempre seria: baixo.

— O que descobriu? — perguntou Akiva.

O soldado estava com os olhos arregalados.

— A luta aconteceu embaixo do aqueduto, senhor.

Que estava bem atrás deles, uma estrutura antiga e gigantesca, com árvores brotando das fendas nas pedras de tal forma que o aqueduto parecia uma espécie de floresta aérea. Akiva sabia que devia ter sido construído por serafins, no início da primeira expansão do império, muitos séculos antes, quando os anjos chegaram àquela terra selvagem, cheia de tribos hostis e

primitivas de feras, e a civilizaram.

Civilizar. A palavra era suave demais para exprimir todo o horror da escravidão e do aniquilamento moral que colocara os quimeras sob o jugo do império. O Comandante destruíra esse domínio, que no entanto ressurgira, e agora Akiva fazia parte daquilo.

— Uma emboscada — acrescentou Noam. — Eles foram mortos embaixo do aqueduto e depois amarrados ali.

Ele apontou para a mensagem vermelha pintada na elevada parte superior da construção.

Renascemos. Renascemos.

Akiva ficou olhando para as palavras. *Quem?*

— É possível que tenham sido os aldeões? — perguntou Liraz.

Noam olhou mais uma vez para os mortos.

— É uma aldeia de Caprina — declarou simplesmente.

Akiva entendeu: aquelas feras, com sua plácida aparência, jamais poderiam ter cometido tal ato, muito menos prendido os corpos no alto do aqueduto.

— Há inimigos mortos? — perguntou Akiva.

— Não, senhor. Somente pessoal nosso, e não há sangue nas armas.

Então eles não tinham desferido um único golpe em defesa própria? Eram soldados experientes que tinham sobrevivido à guerra.

— E ali embaixo, senhor. — Noam indicou a parte da estrada que seguia para o sul pelas colinas. — A caravana de escravos também foi atacada.

Akiva olhou naquela direção. A paisagem era pastoril: a suavidade dos vales, colinas escondendo-se umas atrás das outras como sombras de sombras, tudo tão sereno e tranquilo como o canto de um pássaro. E lá, demorando-se logo acima do horizonte, estava Ellai. Uma lua-fantasma, que a aurora quase fazia desaparecer. *Eu vi o que aconteceu aqui*, ela poderia ter dito, em provocação. *E eu ri*.

— E os escravos? — perguntou ele a Noam.

— Fugiram, senhor. Para a floresta. Os traficantes tiveram que... comer correntes.

— Comer *correntes*? — repetiu Hazael.

Noam assentiu.

— Os grilhões dos escravos.

Akiva olhou para seus irmãos esperando uma reação, mas eles não demonstraram nada. *O que vocês fariam*, gostaria de lhes perguntar, *se alguém acorrentasse nosso povo?*

Escravos eram considerados um mal necessário para o império, mas Akiva não pensava assim e não lamentava a perda de traficantes. Já soldados eram outra história, e ali oito tinham sido perdidos. O número de mortos estava aumentando. Tinham sido cinco ataques ao todo. Em uma única noite, em Duncrake, em Véu do Espírito, nos pântanos Iximi e ali, nas colinas Marazel, patrulhas de "limpeza" de serafins tinham sido pegas de surpresa, mortas, mutiladas e deixadas como repulsivos e horripilantes recados para o império.

Era pior que a guerra, pensou ele, sangrar até a morte enquanto longe dali seus companheiros davam vivas e erguiam as taças em brindes pela paz.

Paz, é claro.

Akiva olhou para baixo. Metade do campo já fora incendiado, e os primeiros soldados já tinham sido engolidos pelas chamas. Squalls subiam e depois desciam quase preguiçosamente, carregando os insetos atordoados pela fumaça que voavam em bandos perto do fogo.

— Senhor? — chamou Noam. — Sabe dizer o que foi que fez isso?

Espectros, pensou Akiva imediatamente. Ele já tinha visto bastantes campos de batalha inundados de mortos para saber que somente os maiores, mais monstruosos e mais anormais quimeras poderiam ter causado toda aquela matança. Mas os espectros já não existiam mais.

— Provavelmente alguns sobreviventes da guerra — respondeu ele.

— Há rumores — disse Noam, hesitante — de que os antigos monstros não estão realmente mortos.

Ou seja: o Comandante e Brimstone.

— Acredite — disse Akiva, sendo invadido por lembranças dos últimos momentos dos dois. — Estão mais do que mortos.

E o que aquele jovem soldado de olhos arregalados diria se soubesse quão ardentemente o herói conhecido como Ruína das Feras desejava que não estivessem?

— Mas e a mensagem? *Nós renascemos*. O que mais poderia significar, senão que eles voltaram?

— É um grito de guerra. Só isso.

O Comandante e Brimstone estavam mortos, sem qualquer chance de retornarem. Ele os vira morrer.

Mas... também tinha visto Madrigal morrer.

Sua certeza foi levemente abalada. Seria possível? Sua pulsação acelerou um pouco. Ele pensou no turíbulo que encontrara, na pequena palavra escrita em letras fortes: Karou. Se houvesse outro ressurreicionista, talvez aquele nome não fosse uma provocação tão grande quanto ele acreditara.

Não. Ele não podia se permitir ter esperança.

— Só havia Brimstone — disse Akiva, mais ríspido do que pretendia.

Liraz o observava com os olhos ligeiramente apertados. Será que ela sabia o que se passava na cabeça dele? Ela sabia sobre o turíbulo, é claro. "*Chega de segredos*", dissera ela, e de fato não havia mais nenhum. Uma breve chama de esperança contava como segredo? Se sim, era um segredo que ele achava justo guardar para si.

Noam assentiu, aceitando suas palavras. Com um tom leve, como se apenas repetisse tolices em que não acreditava, disse:

— Outros dizem que são fantasmas.

Seus olhos, no entanto, traíam um medo real, e Akiva bem que o entendia. Afinal, as últimas palavras de Brimstone também lhe deram calafrios.

Ele se lembrou de como a voz de Joram tinha reverberado pela ágora de Loramendi no silêncio que se seguiu à destruição de toda a resistência. O Comandante e Brimstone estavam de joelhos; tinham sido mantidos vivos para testemunhar as mortes de todos os outros.

Todos os outros.

— *Você* os condenou — sibilara Joram no ouvido do Comandante. — Vocês nunca iriam vencer. São *animais*. Acharam mesmo que poderiam dominar o mundo?

— Esse não era o nosso sonho — respondera o Comandante, com serena dignidade.

— Sonho? Poupe-me de seus sonhos de fera. Sabe qual é o meu sonho?

Como se alguém não soubesse que ele pretendia dominar toda Eretz.

A galhada de cervo do Comandante estava quebrada, lascada. Ele tinha sido espancado, e sustentava a cabeça erguida com visível dificuldade. Ao seu lado, Brimstone não conseguia fazer nem mesmo isso. Estava curvado para a frente, o peso do corpo apoiado na mão estendida, o outro braço tentando conter o sangramento de uma ferida no tronco, e seus grandes ombros subiam e desciam enquanto ele tentava respirar. Já não tinha muito tempo de vida, mas ainda assim conseguiu levantar a cabeça e responder.

Aquela *voz*. Foi a única vez que Akiva a ouviu, e o som — a *sensação* que provocava — jamais o deixaria. Profunda como o bater de asas de um caça-tempestades, parecia ter se alojado em sua mente e lá ficado desde então.

— Almas mortas sonham apenas com morte — disse o ressurreicionista ao imperador. — Sonhos pequenos para homens pequenos. É a *vida* a única capaz de crescer e preencher mundos. Ou temos a vida como mestre, ou a morte. Olhe só para você. É um senhor de cinzas, de restos carbonizados. Sua vitória o deixou imundo. Aproveite essa vitória, Joram, porque nunca vai conhecer outra. Você é o senhor de uma terra de fantasmas, e nunca será mais que isso.

Parecia uma maldição, pensou Akiva, e Joram reagiu com ardor.

— Sim, será uma terra de fantasmas, isso eu lhe prometo. Uma terra de cadáveres. Fera alguma andará por essa terra senão sob o peso de correntes, e tão açoitada pelo chicote que mal consiga erguer a cabeça!

A ira era o estado de espírito mais comum do imperador. Serafins eram seres ardentes, mas falava-se que Joram se

inflamava como o núcleo de uma estrela. E isso lhe despertava tamanha voracidade — como se tivesse um inferno a alimentar — que, quando transformava-se em fúria, era terrível, fora do alcance de qualquer razão ou controle.

Ele matou Brimstone na mesma hora. Um só golpe; com certeza pretendia cortar-lhe a cabeça, mas não conseguiu, tão grosso era o pescoço da fera. Quando Brimstone desabou em uma torrente de sangue, Joram puxou sua espada com violência e a ergueu para mais uma tentativa. Com um urro de raiva, o Comandante, aquela criatura tão antiga, abaixou sua galhada quebrada e se lançou em direção ao imperador. Foram necessários dois soldados para derrubá-lo, o que só conseguiram depois que ele havia lanceado Joram com um galho denteado, atirando-o ao chão, sem matá-lo, sem nem mesmo feri-lo seriamente, mas roubando sua dignidade naquele dia de triunfo.

E, desde então, Joram vinha cumprindo a promessa que fizera: uma terra de fantasmas, de fato.

— Se fantasmas pudessem continuar a matança do ponto em que os vivos pararam — disse Akiva a Noam —, já estaríamos todos exterminados há muito tempo.

Noam assentiu mais uma vez, aceitando suas palavras como sabedoria. Então perguntou:

— Senhor? Temos novas ordens?

Liraz não conseguiu mais se conter:

— Não precisa chamá-lo de senhor — disse ela. — Você sabe muito bem o que somos.

Ilegítimos. Bastardos. Lixo.

— Eu… — gaguejou Noam. — Mas ele é…

— Esqueça isso — disse Akiva. — Não. Não temos novas ordens. Quais foram as últimas ordens? — Tinham acabado de chegar; ele não sabia. — Devemos rastrear os rebeldes?

Mas Noam balançou a cabeça em negativa.

— Não há o que rastrear. Eles simplesmente desapareceram. Devemos... Devemos responder.

— Responder?

— As mensagens, os sorrisos. O imperador... — Ele engoliu em seco; estava sendo cuidadoso, pesando as palavras que diria a Akiva, mas faltava-lhe convicção. — O imperador também quer mandar um recado.

Akiva ficou em silêncio, absorvendo aquilo. No cabo Armasin, ele tivera sorte: no norte, não havia restado ninguém para matar. Ali era outra história. Aldeões em fuga, escravos libertos, quimeras tentando chegar às *Terras Distantes*, onde acreditavam que encontrariam proteção, um caminho pelas montanhas para uma nova vida. E agora ele deveria caçá-los? Fazer deles um recado?

O Ruína das Feras. Ele deveria ser bom naquilo.

Akiva foi tomado por uma mistura de desespero, cansaço e desamparo. Não queria ser parte do recado de Joram.

A fumaça que soprava dos cadáveres no campo fez os anjos baterem suas asas e se afastarem dali, pousando no alto do aqueduto. Ao ver o sangue e as penas partidas onde os soldados tinham estado presos, Noam deixou que a emoção quebrasse sua impassibilidade marcial.

— Para que tudo isso? — perguntou ele com fervor, dirigindo-se ao céu, a ninguém. — Não consigo me lembrar. Acho... Acho que eu nunca soube. — Então fixou o olhar abruptamente em Akiva. — Senhor — implorou, esquecendo-se da repreensão de Liraz —, quando isso tudo vai acabar?

Nunca, pensou Akiva. Ele olhou nos olhos do jovem soldado e soube que, em pouco tempo, aquela parte dele que o fazia perguntar o porquê logo estaria morta, por obrigação — outra alma arrancada para dar lugar a um monstro. Exércitos precisam de monstros, como o velho corcunda lhe dissera no Marrocos, para fazerem seu terrível trabalho. Quem sabia disso melhor que Akiva? Ele olhou para Hazael e para Liraz. Seria muito tarde para os dois? Para ele mesmo?

Desesperado e cansado, desamparado e dominado pelo cheiro de carne queimada que vinha dos companheiros mortos, ocorreu-lhe algo em que já não pensava havia muito tempo, desde que Madrigal fora arrancada nua de seus braços no templo de Ellai.

Imaginou dois futuros para Eretz: um como Joram queria, e outro, como poderia ser.

Um tipo diferente de vida.

21

Assustada o bastante

Sveva acordou com um sobressalto, sentindo um mal-estar repentino. Tinha caído no sono durante a vigia e agora tentava despertar depressa e se situar. Cada célula de seu corpo correu do sonho ao medo em um estalo; o ruído de um galho se quebrando e ela estava acordada, alerta, ouvindo.

Piscou algumas vezes. Amanhecia. Através dos galhos das árvores, via o céu pálido e suave. Quanto tempo tinha dormido? E o galho que se partiu — tinha ouvido mesmo aquilo ou não passara de um sonho?

Ficou ali sentada imóvel, prestando atenção a sua volta. Estava tudo silencioso. Depois de alguns minutos, ela relaxou. Estavam seguras. Sarazal ainda dormia; não precisava saber que ela caíra no sono. Já lhe dava bastante bronca mesmo sem isso. Com um suspiro, Sveva esticou as pernas dianteiras, que estavam dobradas sob o corpo. Eram esguias como as de um filhote de cervo, o pelo ainda ligeiramente coberto de manchas. Ela era a menor das duas garotas, a mais jovem. Era a que estava acostumada a se dar bem, e não a fazer sua parte.

Mas isso era antes.

Quando voltassem para casa, ela teria um comportamento impecável. Nada mais de sonhar acordada, ou de se esconder quando a mãe delas chamasse. A mãe delas. Como devia estar preocupada agora, assim como todo o restante da tribo. Será que sabiam que elas tinham sido capturadas por traficantes de escravos? As duas tinham acabado de sair para correr, para sentir um pouco o vento em seus cabelos depois de um dia de trabalho no tear. Tinha sido Sveva, a mais rápida, quem acabara levando as duas até muito longe, longe demais. Não dera escolha à irmã a não ser ir atrás dela. E Sarazal não poderia deixá-la — irmãs mais velhas não fazem isso. Era tudo culpa de Sveva.

Será que a tribo achava que elas tinham morrido? Sentia-se mal só de imaginar a tristeza que lhes causara. *Estamos bem*, pensou ela. Tentou se concentrar bastante nisso, desejando que a mensagem atravessasse a distância e alcançasse a mente de sua mãe. As mães conseguem sentir essas coisas, certo?

Estamos bem, mãe. Estamos livres. Fomos libertadas!

Mal podia esperar para contar como tinha sido, os espectros vindo do céu como a vingança materializada em corpos. E que corpos! Imensos, terríveis. Bem, um deles não era terrível: um alto, com chifres compridos e pontudos, tinha tirado uma faca de um anjo morto e colocado em sua mão; ele era bonito.

Ah, quem tinha uma história como aquela para contar? Ela falaria tudo bem rápido, antes que Sarazal pudesse se intrometer. Sveva era mesmo melhor em contar histórias; lembrava-se de todos os detalhes interessantes, como aquele momento em que os escravos cantaram juntos. Eram de tribos diferentes, mas todos sabiam a letra da balada do Comandante. O som de suas vozes unidas, pensou Sveva, era como o som do próprio mundo: terra e ar, folha e rio, e dentes e garras também. E rosnados, e gritos. Alguns escravos haviam assustado Sveva tanto quanto os traficantes, mas todos tinham seguido caminhos diferentes quando lhes tiraram as algemas. A maioria tinha fugido para o sul, carregando chicotes e espadas, prontos a avisar qualquer um que encontrassem. Sveva apertou com força a faca — era grande demais para sua mãozinha —, mas seu destino era o norte e o oeste.

Nossa casa. Estamos indo para casa.

Quando Sarazal melhorasse, quer dizer.

Sveva mordia a bochecha por dentro, preocupada com a perna da irmã — nem o cheiro das ervas do cataplasma que ela fizera conseguia se sobrepor ao fedor da ferida —, quando ouviu outro estalo. Sua pele ficou gelada de súbito, e ela olhou fixamente para a densa floresta, onde a noite ainda se agarrava às sombras das inúmeras árvores donzelas.

Provavelmente era apenas um skote, disse a si mesma, ou uma ave trepadora.

Certo?

Seu coração batia disparado; quem dera Sarazal estivesse acordada. Irmãs mais velhas podiam ser irritantes quando se

queria apenas aproveitar o dia, mas traziam conforto quando você estava fugindo, no meio de uma floresta estranha, vulnerável em meio a sons e sombras, precisando de alguém que lhe dissesse que ia ficar tudo bem.

Sveva se levantou sem fazer barulho, as pernas de cervo estendidas à sua frente, seu silfídico torso humano erguendo-se devagar. Os Dama eram a menor das tribos de centauros, leves e flexíveis, conhecidos por sua velocidade. Ah, a velocidade; eram os mais rápidos de todos os quimeras, e, como Sveva era a mais rápida dos Dama, gostava de se gabar dizendo que era a criatura mais rápida do mundo. Sarazal dizia que isso não era necessariamente verdade, mas, fosse ou não, Sveva adorava correr, ansiava por isso. Poderiam já estar a meio caminho de casa agora, rumo às florestas altas de ezerin e às planícies Aranzu, cobertas de musgo, onde se estendia a tribo dos Dama, nômade e selvagem.

Estariam a meio caminho agora, se não fosse pela perna de Sarazal.

Ela ainda não tinha nem se mexido. Estava toda encolhida nas samambaias macias, de olhos fechados, o rosto relaxado e tranquilo, e, por mais que Sveva quisesse que ela acordasse, não conseguia chamá-la. Sarazal passara dias com tanta dor que nem conseguia dormir direito. Tudo por causa das algemas. Agora que a provação das duas tinha acabado, era nisso que Sveva concentrava seu ódio. Interessante como um ódio menor podia crescer dentro de um maior e tomar conta de tudo. Quando pensava nos traficantes de escravos agora — e, embora estivessem mortos, ela os odiaria para sempre —, era a imagem da algema de Sarazal, mais do que qualquer outra coisa, que fazia seu peito apertar e seu rosto contrair-se em uma expressão de fúria.

Como os quimeras tinham tantas formas e tamanhos diferentes, os traficantes carregavam todo tipo de algemas e usavam as que dessem — todos os tamanhos de anéis de ferro e correntes de aço, presos em pernas, cinturas, pescoços. Mas nunca nos braços. Tinha sido Rath, outro escravo — um apavorante garoto dos Dashnag, cujos longos caninos brancos faziam Sveva se encolher como uma flor murcha —, que lhes contara por quê.

— Um braço dá para cortar fora e escapar — dissera ele. — Não é impossível viver sem um braço.

Ah.

— Para *mim* é — replicara Sveva, com certo ar de superioridade.

Selvagens, lembrava-se de ter pensado, como se fosse por falta de sentimentos mais nobres que os Dashnag não se importavam muito com seus membros.

— Você diz isso porque não sabe o que lhe espera.

— E você sabe?

Ela não devia ter dito aquilo. Rath podia ter comido seu rosto com uma bocada só, mas ela não tinha resistido. Ele estava tentando assustá-la? Até parece que ela já não estava assustada o bastante.

Talvez, pensou, ela realmente não estivesse tão assustada *assim* naquele momento. Mas agora estava. Sentia o odor desagradável e doce de infecção que vinha de sua irmã e sabia que, quando a tocasse, ela estaria ardendo em febre. As ervas não estavam adiantando.

Sveva as encontrara — todas, até sana-febre. Quer dizer, ela estava quase certa de que era sana-febre. Bom, mais ou menos certa. Mas ela via a ferida na perna de Sarazal, pousada delicadamente no travesseiro de samambaias, e não parecia nem um pouco melhor. Passou os dedos pelas marcas doloridas que as algemas deixaram na própria pele e sentiu o peso da culpa pela sorte que não merecia.

Os traficantes tinham prendido Sveva pela fina cintura com uma algema de ferro que devia ter sido projetada para as pernas de um enorme touro-centauro, mas, quando chegaram a Sarazal — ela era a última da fila; que azar tinha sido, puro azar —, não encontraram nada que encaixasse e acabaram prendendo-a com um pedaço de ferro qualquer logo acima da articulação de sua pata dianteira esquerda. O metal cortara a pele, o machucado tinha inchado, e foi então que a algema improvisada fizera o verdadeiro estrago, cortando ainda mais fundo a pele já ferida, e rasgando cada vez mais a cada passo que ela dava. Depois de um tempo Sarazal estava mancando tanto que os traficantes a teriam deixado para trás se os espectros não tivessem aparecido. Rath dissera que eles teriam feito isso antes caso os Dama não fossem tão valiosos, e ele nem precisou lhe explicar que, se deixassem sua irmã ou qualquer um deles para trás, não seria vivo.

Mas os espectros *tinham* aparecido — vindos só as luas sabiam de onde, com asas como ela nunca vira antes, muito mais assustadores do que qualquer figura saída dos pesadelos —, e bem na hora. Sarazal mal conseguia andar, e elas não tinham se

afastado muito, porque Sveva era pequena demais para carregar a irmã.

Ela suspirou. Não ouviu mais nenhum som vindo das sombras, o que era bom, mas as sombras estavam sumindo. Já era dia. Estava na hora de acordar Sarazal. Relutantemente, Sveva tocou o ombro dela. Como já esperava, a pele estava bem quente e, quando ela aos poucos abriu os olhos, não pareciam normais: tinham aquele brilho turvo dos doentes. Sveva sentiu o estômago se revirar com a culpa. Queria apoiar a cabeça da irmã no colo, pentear com os dedos seu cabelo cacheado e avermelhado e cantar para ela, não a balada do Comandante, mas uma música doce, que não falasse de ninguém morrendo. Contudo, apenas murmurou:

— Já amanheceu, Sara, hora de levantar.

Um resmungo.

— Não consigo.

— Consegue sim. — Sveva tentava soar alegre, mas um pânico desesperado crescia dentro dela. Sarazal estava muito mal. E se ela...? Não. Afastou o pensamento. Aquilo não podia acontecer. — É claro que consegue. Mamãe está esperando pela gente.

Mas Sarazal só choramingou de novo e voltou a se aninhar nas folhas de samambaia. Sveva não sabia o que fazer. Era sempre a sua irmã que estava no comando, mandando, planejando e convencendo. Talvez devesse deixá-la dormir mais um pouco, pensou, deixar a sana-febre agir.

Se é que aquilo era mesmo sana-febre. E se não fosse? E se estivesse fazendo mais mal do que bem?

Eram esses pensamentos que ocupavam sua mente quando ela ouviu uma voz atrás de si. Não houve nenhum galho partido para avisá-la — de repente estava bem ali, quase junto ao seu ouvido, fazendo-a sentir calafrios por todo o corpo.

— Vocês precisam ir embora.

Sveva se virou, brandindo a faca grande demais, e se deparou com Rath, o garoto Dashnag de caninos longos, semioculto nas sombras. Apesar de ainda ser um menino, ele era muito grande. Sveva respirou fundo, ofegando, vacilante de pavor. Rath lançou-lhe um olhar demorado, e Sveva não conseguia decifrar a expressão em seu rosto de fera. Ele tinha cabeça de tigre e olhos felinos que captavam a luz e brilhavam. Era um caçador, sempre à espreita, um carnívoro. Ela podia deixá-lo para trás facilmente se corresse, sabia disso... só que não podia, porque se corresse deixaria Sarazal para trás.

— O que está fazendo aqui? — exclamou ela. — Estava nos seguindo?

A voz de Rath era profunda e áspera.

— Estava procurando os espectros. Mas eles sumiram, e eu não contaria com eles para salvar vocês duas vezes.

Aquilo era uma ameaça?

— Deixe a gente em paz — disse ela, colocando-se na frente da irmã.

Rath deixou escapar um som de impaciência.

— Não é de mim que vocês precisarão ser salvas — disse ele. — Se estivesse observando o céu, você saberia.

— O quê? — O coração de Sveva retumbava. — Do que você está falando?

— Tem anjos vindo para cá. Soldados, não traficantes de escravos. Se quiserem sobreviver, vocês precisam ir embora agora.

Anjos. O ódio de Sveva se inflamou.

— Estamos escondidas aqui — insistiu ela. As copas das árvores formavam um manto contínuo vistas de cima, estendendo-se por quilômetros e quilômetros. Duas garotas Dama seriam como dois pontinhos de poeira. — Nunca vão nos encontrar.

— Eles não precisam ver para matarem vocês — disse Rath. — Veja com seus próprios olhos.

Ele apontou para um espaço entre os arbustos que, Sveva sabia, abria caminho para uma pequena elevação e uma cadeia de montanhas, com vista para as colinas ao redor. A garota deu uma olhada na irmã, que voltara a dormir, os lábios se movendo e as pálpebras agitadas em meio aos pesadelos. Rath fez outro som impaciente, e Sveva decidiu ir verificar. Contornou-o devagar, avançando de lado, seus cascos fendidos pisando nervosamente, e, depois que passou por ele, correu a toda velocidade até o topo da elevação.

Fumaça.

Do outro lado do vale, no meio do caminho que as levaria para casa, cerca de meia dúzia de colunas de fumaça negra se erguia da floresta de tempos em tempos. Abaixo da fumaça viam-se violentas labaredas de fogo, e acima, cintilando no ar como miragens de calor, serafins.

Eles iam queimá-las. Queimar aquela terra. Queimar o mundo.

Atordoada, ela voltou para perto de Rath.

— Viu? — perguntou ele.

— *Vi* — retrucou ela, com raiva. Com raiva dele, como se fosse culpa do garoto. Mas era melhor que o pânico que ela sentia pulsar logo abaixo da raiva. Ela tentou levantar a irmã, mas Sarazal resistiu.

— Não — disse ela, a voz fraca como a de uma criança. — Eu não consigo, não consigo.

Sveva nunca a tinha visto daquele jeito. Tentou de novo.

— Vamos, Sarazal, você consegue sim. Não tem jeito.

Mas Sarazal balançou a cabeça.

— Svee, por favor. — Ela contraiu o rosto e apertou os olhos. — Dói. — Era a primeira vez que ela admitia sentir dor. Sua voz saiu em um sussurro distante, profundo, suplicante. — Vá. Você sabe que não vou conseguir. Não vou culpá-la. Ninguém vai. Svee, Svee, talvez você seja mesmo a mais rápida do mundo. — Sveva tentou sorrir. Svee era seu apelido quando bebê. Ela sentiu um aperto no peito. — Então corra! — gritou.

Sveva a sacudiu.

— Vou deitar aqui e morrer com você, está me ouvindo? É isso o que você quer? Mamãe vai ficar uma fera com você! — Sua voz soava estridente, cruel. Ela precisava fazer a irmã se levantar. — E nem venha me dizer que no meu lugar você iria embora sozinha. Sei que não faria isso, e eu também não vou fazer!

Sarazal tentou se levantar, mas gritou de dor ao apoiar o peso do corpo na perna inchada, e desabou de volta no chão.

— Não consigo — sussurrou, com os olhos febris arregalados de pavor.

Então Rath deu um pulo. Sveva tinha quase se esquecido dele. Ela não viu o começo do salto, só o final, quando ele pousou na samambaia à frente delas, um pouso inacreditavelmente leve para seu tamanho, e levantou Sarazal, passando um dos seus grandes braços por baixo da barriga lisa de cervo dela, o torso humano preso firmemente ao seu ombro. Sarazal arfou, rígida de dor e medo, mas Rath não disse nada. Deu outro salto e se pôs em movimento, se afastando do fogo que chegava perto e do brilho radiante dos anjos sem nem sequer olhar para trás, em direção a Sveva.

Após um instante de entorpecimento e surpresa, ela o seguiu.

22

O Fantasma dos Dentes

— Mas por que dentes? — perguntou Mik a Zuzana. — Juro que eu não consigo entender.

Zuzana, que caminhava pela calçada na frente dele, parou de repente e se virou para olhar para o namorado. Mik vinha puxando o carrinho com a marionete gigante dela e teve que se deter bruscamente para não atropelá-la. Ela o encarou, pequena mas altiva, o biquinho e as sobrancelhas franzidas rivalizando para ver qual sobressaía mais em sua expressão.

— Não sei por quê. Não é essa a questão. A questão é que ela esteve *aqui*. Em Praga.

Deixou o restante por dizer, o biquinho vencendo, de forma que por um instante seu rosto mostrou, sem reservas, como ela estava magoada. Karou — o "fantasma dos dentes", era como a estavam chamando, sem saber que ela e a "garota da ponte" eram a mesma pessoa — aparentemente tinha roubado o Museu Nacional em algum momento de sua série de crimes. O noticiário local havia mostrado um curador enfiando uma pequena lanterna entre as mandíbulas de um tigre siberiano ligeiramente comido pelas traças.

— Como vocês podem ver, ela não levou os caninos, só os molares — dissera o homem, na defensiva. — Foi por isso que não notamos. Não temos nenhuma razão para olhar dentro da boca dos espécimes.

Estava na cara que o fantasma era Karou. Mesmo que a imagem de relance vista na filmagem da câmera de segurança não bastasse para identificá-la, Zuzana tinha uma fonte de informação inacessível às várias forças policiais do mundo: os cadernos de desenho de sua amiga. Todos os noventa estavam empilhados em um canto do quarto de Mik. Desde que Karou tinha idade suficiente para segurar um lápis, ela vinha desenhando aquela história de monstros e portais místicos e *dentes*. Sempre dentes.

Era uma boa pergunta, a de Mik. *Por quê?* Bem, Zuzana não fazia ideia. Mas ela tinha preocupações maiores no momento.

— Como Karou pôde vir aqui e nem falar com a gente? — perguntou ela.

Uma sobrancelha se erguia, furiosa, forçando o biquinho à submissão. Com suas botas plataforma e seu tutu vintage, o rosto feroz erguido, a maquiagem de boneca com círculos cor-de-rosa nas bochechas e os cílios postiços tremulantes, Zuzana era a perfeita "fada raivosa", como Karou a apelidara.

Mik pôs as mãos nos ombros dela.

— Não sabemos pelo que a Karou está passando. Talvez estivesse com pressa. Ou sendo seguida. Sabe, poderia ser qualquer coisa, não é mesmo?

— É isso o que mais me irrita — retrucou Zuzana. — Pode ser qualquer coisa, e eu não sei de nada. Sou a melhor amiga dela. Por que ela não me contou o que está havendo?

— Não sei, Zuze — disse Mik, em uma voz suave. — Ela disse que está feliz. Isso é bom, não é?

Estavam no início da ponte Carlos, indo encontrar uma área para as apresentações do dia. Tinham chegado tarde naquela manhã, a ponte medieval já cheia de artistas e músicos, sem falar em uma boa parcela dos malucos apocalípticos do mundo. Mik observava, meio tenso, uma enorme banda de jazz passar lentamente com suas caixas surradas de instrumentos.

Zuzana não prestava a menor atenção.

— Argh! Nem me fale desse e-mail. Tenho vontade de matá-la, nem que seja só um pouquinho. Aquilo era uma charada? Referências a um filme do Monty Python? Castelos de areia? Tipo... *hein*? E ela nem mencionou Akiva. O que isso quer dizer?

— Não deve ser boa coisa — reconheceu Mik.

— Pois é. Afinal, eles ainda estão juntos? Ela falaria dele, não é?

— Bem, sim. Assim como você conta a ela tudo sobre mim, todas as coisas engraçadas que digo, e como fico mais bonito e inteligente a cada dia. Com emoticons e tudo...

Zuzana bufou com desdém.

— Claro. E sempre assino como Sra. Mikolas Vavra, com um coraçãozinho no pingo do *i*.

— Hum. Gostei disso.

Ela deu um soco no ombro dele.

— Ah, dá um tempo. Se algum dia você me pedir em casamento, nem pense que eu me identificaria como um adendo seu, igual a uma velha senhora assinando o cheque do aluguel em caligrafia perfeita como Sra. Nome do Marido...

— Mas você aceitaria, é o que está dizendo?

Os olhos azuis de Mik brilhavam.

— O quê?

— Pelo jeito que você falou, a única questão era saber como ficaria o seu nome, e não se aceitaria ou não.

Zuzana corou.

— Eu não disse isso.

— Então você *não* se casaria comigo?

— Que pergunta ridícula. Eu só tenho dezoito anos.

— Ah, então é uma questão de idade? — Ele franziu a sobrancelha. — Você não está falando de se entregar às loucuras da juventude, não é? Não vamos precisar dar um tempo só para você experimentar outros...

Ela cobriu a boca dele com a mão.

— Que horror. Nem fale uma coisa dessas.

Aliviado, Mike beijou a palma da mão dela.

— Que bom.

Ela se virou e continuou andando. Mik deu um puxão na imensa marionete para fazer o carrinho andar e a seguiu.

— Então — gritou, atrás dela —, só por curiosidade, sabe, puramente teórica, com quantos anos você vai começar a considerar propostas de casamento?

— Acha que vai ser fácil assim? — gritou ela de volta, por sobre o ombro. — Até parece. Vai ter desafios. Como em um conto de fadas.

— Parece perigoso.

— Muito. Então pense bem.

— Não preciso — disse Mik. — Você vale a pena.

E com isso o rosto dela se iluminou de alegria.

Conseguiram encontrar um espacinho ainda não ocupado no lado da ponte que dava para o Centro Histórico. Instalaram ali a marionete, que se erguia enorme com seu casacão preto como um guardião sinistro da ponte, um escuro contraponto ao grupo com túnicas brancas mais à frente. Uma aglomeração de um culto de anjos. Estavam ali à toa, acendendo suas velas de vigília e entoando cânticos — pelo menos até a polícia aparecer, dispersando-os por algum tempo. Eram perseverantes em acreditar que os anjos retornariam àquele lugar, ao cenário de sua mais dramática aparição.

Vocês não sabem de nada, pensou Zuzana com desdém, mas estava ficando cansada do seu senso de superioridade. Então ela tinha conhecido um dos anjos. E daí? Sabia tão pouco quanto todos os outros.

Karou, Karou. O que será que significava o fato de ela ter estado ali e nem ter passado para dizer um oi? E aquele e-mail! Sim, era absurdo, tão misterioso que ficava *martelando na sua cabeça*, mas... havia algo de muito *estranho* no que ela escrevera.

Então Zuzana teve um estalo: uma lembrança repentina.

Estou feliz… Estou feliz…

Karou não estava feliz. Zuzana de repente teve um mal-estar. Pegou o celular para ter certeza. Foi fácil achar o vídeo on-line; era um clássico. "Eu não quero ir na carroça!" Essa era a pista. *Monty Python em busca do cálice sagrado*: ela e Karou tinham passado por uma fase, aos quinze anos, em que provavelmente assistiram àquele filme umas vinte vezes. E lá estava, no final da cena "Tragam seus mortos".

— Estou feliz... Estou feliz...

Uma cantilena desesperada. Aquilo era o que o velho dizia para convencê-los de que estava bem, logo antes de lhe acertarem a cabeça e atirarem seu corpo na carroça que levava as vítimas da peste. Caramba. Só mesmo Karou para se

comunicar usando *Em busca do cálice sagrado*. Será que ela estava tentando dizer que estava em perigo? Mas o que Zuzana poderia fazer? Seu coração começou a bater acelerado.

— Mik — chamou. Ele estava afinando o violino. — Mik!

Sacerdotisa de um castelo de areia? Em uma terra de poeira e luz das estrelas?

Aquilo também era uma pista?

Será que Karou queria ser encontrada?

23

Sacerdotisa de um castelo de areia

A casbá era um castelo feito de terra, uma das centenas que despontavam na região sul do Marrocos, onde tinham passado séculos sendo cozidos pelo sol. Um dia haviam sido o lar de clãs guerreiros e seus séquitos. Eram fortalezas primitivas, imponentes e vermelhas e altivas, com ameias parecendo dentes de víboras e enigmáticos padrões berberes gravados nas grandes paredes lisas.

Pequenos grupos de descendentes de guerreiros ainda viviam em muitas das casbás, atualmente levando a vida com alguma dificuldade, enquanto o tempo operava a ruína nas construções que os abrigavam. Mas aquela casbá, quando Karou a encontrou, tinha sido abandonada às aves e aos escorpiões.

Algumas semanas antes, quando retornara ao mundo humano para coletar dentes, ela estava, bem, relutante em voltar a Eretz. Não que duvidasse que iria, nem por um segundo; mas voltar para lá era extremamente difícil. Para aquele mundo em geral, com seu hálito de morte, e especificamente para o túnel da mina em que vivera por um tempo. Os ecos e arrepiantes gritos estridentes dos morcegos-querubim, a terra, a escuridão, as pálidas raízes tuberosas que pulsavam como veias, nenhuma privacidade, "companheiros" rudes, olhos sempre atentos a ela e... nenhuma porta. Era a pior parte, não poder fechar uma porta e se sentir segura, nunca, principalmente quando estava trabalhando — porque, quando usava magia, ela ia para um lugar dentro de si que a deixava completamente vulnerável. E não dava nem para pensar em dormir. Então precisara encontrar uma alternativa.

Não era uma tarefa simples esconder o crescente exército de quimeras no mundo humano. Eles precisavam de um lugar grande, isolado e próximo ao portal das montanhas Atlas que Razgut lhe mostrara, para que pudessem ir e vir entre os mundos. Eletricidade e água corrente também seriam bem-vindas, mas ela não tinha esperado encontrar um lugar que atendesse nem mesmo às necessidades mais básicas.

Mas a casbá atendera, perfeitamente.

Aos olhos do mundo, o local parecia exatamente o que Karou dissera em seu único e breve e-mail para Zuzana: um castelo de areia, um enorme castelo de areia. Era monumental: uma cidade inteira, sem exagero — ruas e praças, bairros, um caravançará, um armazém e um palácio —, tudo imensamente vazio. O lugar havia sido projetado em uma escala absurda, fazendo com que quem estivesse em seu pátio de lajotas, com as paredes de barro e os telhados pontiagudos projetando-se para o alto, se sentisse pequeno como um pássaro.

Era incrível: janelas com grades de ferro com arabescos e madeira entalhada, mosaicos montados com ladrilhos de vidro brilhante, grandes arcos mouros, telhas verde-esmeralda e detalhes arquitetônicos feitos em gesso branco por artesãos há muito mortos.

E estava praticamente em ruínas. Em algumas partes os telhados tinham desabado por completo, e várias torres só tinham uma única quina de pé. Escadas levavam a lugar nenhum; portas se abriam para abismos de mais de dez metros; arcos imensos assomavam, precários e cheios de rachaduras.

Atrás do castelo, crescendo na direção do céu, as encostas subiam para o norte, onde as montanhas Atlas tocavam o céu. À frente, a terra baixava em um declive de pedras e arbustos em direção ao distante Saara. Era uma paisagem desolada, tão imóvel que parecia que, se um escorpião balançasse bruscamente sua cauda a quilômetros de distância, seria notado.

Karou via tudo isso de seu quarto no ponto mais alto do palácio. Embaixo havia um amplo pátio interno, todo murado. Os vários quimeras que estavam na galeria arqueada que dava para o portão principal ficaram em silêncio quando ela desceu flutuando diante deles. Ela havia saído pela janela — as passagens estavam sendo consertadas, portanto andar por ali era muito perigoso; além do mais, *por que andar se você pode voar?* Seu voo silencioso, sem bater de asas, sempre os perturbava. Eles agora a encaravam com seus olhos coloridos de aves de rapina, bois e lagartos, e não a cumprimentaram quando ela passou.

O calor do dia pesava como mãos pressionando sua cabeça, mas mesmo assim ela vestira uma túnica com mangas

compridas, para cobrir os braços feridos, e colocara por cima a bainha das facas. Suas lâminas em forma de lua crescente pendiam da cintura, embora ela esperasse não precisar utilizar aquele recurso. Todos os quimeras andavam armados o tempo todo, então ela não se destacava naquele grupo; seus "camaradas" não precisavam saber que era deles que ela sentia medo.

Logo que ela entrou no grande salão, ouviu um sussurro.

— *Traidora.*

O som veio de trás dela, um sibilar muito inexpressivo para que ela pudesse identificar de quem viera. Aquilo a magoou, mas ela não demonstrou e apenas continuou em seu caminho, notando as pausas nas conversas à medida que passava. Podia ter sido Hvitha, que estava se servindo, ou Lisseth ou Nisk, que já estavam à mesa. Mas Karou apostava que fora Ten, por nenhuma outra razão além do fato de a fêmea lupina, a única sobrevivente do séquito de Thiago, ser mais amigável com ela do que a maioria. O que, é claro, a tornava totalmente suspeita.

Minha vida é ótima mesmo, pensou Karou.

No entanto, se tinha sido Ten, a mulher-lobo era a própria imagem da inocência, acenando para Karou e lhe oferecendo um prato.

— Eu já ia levar para você — disse ela.

Karou lançou uma olhar de suspeita tanto na direção dela quanto do prato.

Ten não deixou passar.

— Acha que eu a envenenaria? Bem, eu me arrependeria bastante disso quando morresse de novo. — Ela riu, um som rouco de sua mandíbula lupina. — Thiago me pediu — explicou. — Ele está em reunião com seus capitães agora. Se não fosse por isso, tenho certeza de que ele mesmo o faria.

Karou pegou o prato de cuscuz e legumes. Essa era outra vantagem de estar ali: em Eretz, era difícil conseguir comida. Eles tinham sobrevivido principalmente de vegetais cozidos, cujo sabor e textura não eram muito melhores do que de argila. Ali, Karou usava uma caminhonete velha para comprar grandes sacos de cereais, tâmaras e legumes em viagens ocasionais até as cidades mais próximas, e, atrás do grande salão, uma dinastia de galinhas magrelas dominava um pequeno pátio.

— Obrigada — disse Karou.

Thiago levava o jantar para Karou várias vezes, de forma que ela não precisasse interromper seu trabalho, e Karou tinha que admitir que era mais fácil do que descer e enfrentar a recepção duvidosa de seus companheiros — sem contar que o Lobo pagava o dízimo. Os braços dele estavam quase tão feridos quanto os dela agora, cobertos de manchas que iam do amarelo mais claro ao roxo mais escuro e se sobrepunham, em constante mudança.

— Uma nova forma de arte — dissera Thiago a respeito das manchas, para então lhe fazer o mais estranho e nojento elogio que ela já recebera: — Você deixa lindas marcas.

Naquela noite, no entanto, ele não aparecera, e foi quando Karou percebeu que estava esperando por ele — *esperando pelo Lobo* — que se levantou resoluta e saiu pela janela.

Deixou que Ten a guiasse até a mesa. O salão não estava cheio àquela hora. Uma rápida olhada e ela calculou que metade dos soldados ali era obra sua. Era fácil ver a diferença: as asas, o tamanho. Ali estava Amzallag: obra dela; Oora: não. Nisk e Lisseth, ambos dela; Hvitha e Bast: não. Por enquanto, pelo menos. Mas havia uma razão por não a terem chamado de *traidora* na cara dela: todos sabiam que em questão de dias, semanas, possivelmente até *horas*, suas almas passariam pelas mãos dela. Um deles poderia até caminhar para o fosso com Thiago aquela noite mesmo; quem sabe? O que eles sabiam é que iriam morrer; estavam acostumados à ideia.

Mas não estavam acostumados à ideia de confiar sua ressurreição a uma traidora.

— Néctar? — perguntou Ten. Uma piada. Ela indicou com um gesto o grande tambor com água do rio e lhe serviu um copo. Sentaram-se. — Vi Razor hoje mais cedo.

— Ah, é?

Karou ficou desconfiada na hora. Razor era um Heth que ela trouxera de volta naquela manhã, do local onde os turíbulos ficavam guardados. Tinha sido uma ressureição complicada, um dos pedidos especiais de Thiago.

Ten assentiu.

— Estava perplexo com a cabeça dele.

— Vai se acostumar.

— Mas uma cabeça de leão, Karou? Em um Heth?

Como se Karou não soubesse que tipo de cabeça os Heth tinham. Eram terrivelmente assustadores, na verdade, com grandes olhos compostos e mandíbulas cortantes que lembravam garras de caranguejo. Como Brimstone tinha resolvido essa questão? Karou não tinha dentes de inseto em seu estoque, e, até onde sabia, Brimstone também nunca tivera nenhum.

— Thiago queria que eu o ressuscitasse. Foi o melhor que eu consegui assim, de uma hora para outra.

E já é mais do que ele merece, pensou ela. Karou não conhecia Razor, mas sentira uma personalidade sombria enquanto trabalhava. Cada alma deixava uma impressão única em sua mente, e a dele era... desagradável. Por que Thiago fizera dele uma prioridade, ela não sabia, tampouco havia perguntado, como não perguntara sobre os outros. Ela fazia seu trabalho, e o Lobo, o dele.

— É verdade que ele está bem mais bonito agora — reconheceu Ten.

— Não é? Estou esperando que ele venha me agradecer qualquer hora dessas.

— Ah, bem, não recolha suas garras — disse Ten.

Era uma expressão quimera que equivalia, em linhas gerais, a *espere sentado*, embora a necessidade implícita de autodefesa a fizesse soar mais ameaçadora. *Bom conselho*, pensou Karou.

Estava com a boca cheia quando Ten disse, casualmente:

— Thiago sugeriu que eu a ajudasse.

O cuscuz parecia massinha de modelar na língua de Karou. Ela não conseguiu responder, e se esforçou para engolir.

— Sabe — prosseguiu Ten —, é uma tarefa muito importante para uma pessoa só, não é?

Karou finalmente engoliu a massinha. *Brimstone era um só*, pensou, mas não disse nada. Ela sabia que essa comparação não a favorecia. Além do mais, Brimstone não trabalhava exatamente sozinho, era bom lembrar.

— Eu seria sua assistente. Como a mulher-naja, qual era o nome dela? — Ao ouvir essa displicente menção a Issa, Karou se retesou. Ten não percebeu, e não esperou pela resposta. — Eu poderia cuidar dos serviços menores, e você ficaria livre para a parte que só você pode fazer.

— Não — respondeu Karou, rispidamente. *Você não é Issa.* — Diga a Thiago que agradeço, mas...

— Ah. Acredito que a ideia dele era que você aceitasse.

Ora, mas é claro que era essa a ideia dele; Thiago sempre queria que todos aceitassem sua vontade e a cumprissem imediatamente. E ela precisava mesmo de ajuda. Mas Ten? Karou não podia suportar a ideia de ter a mulher-lobo sempre nos seus calcanhares, vigiando-a.

Havia algo de selvagem em Ten (na maioria dos soldados, na verdade) que Karou estava tendo dificuldade em ligar às lembranças que tinha de sua família quimera — será que eles sempre haviam sido assim e ela só não conseguia ver, na época? Houvera, por exemplo, a questão da árvore de arza doce, não muito depois que ela se juntara ao grupo. Queimada como todo o restante em Loramendi, a árvore já não era mais tão doce, e erguia-se imensa e esquelética como os ossos de uma grande mão estendendo-se em direção ao céu. Havia esferas queimadas balançando em seus galhos, e Karou não tinha entendido o que eram até ouvir alguns soldados falarem de usar "o fruto da arza" para praticar arco e flecha.

Ela nem pensara — *idiota, idiota* — antes de dizer:

— Ah, aquilo são frutas? São tão grandes.

O modo como olharam para ela. Não conseguia se lembrar disso sem sentir a vergonha arder em seu rosto. Ten é que respondera:

— São *cabeças*.

Karou empalidecera.

— Vocês vão usar *cabeças* como alvos?

Só conseguia pensar em uma coisa: *Mas eles eram do nosso povo. Eram quimeras*. E Ten retrucara:

— O que mais faríamos com elas?

Após um segundo de incredulidade, Karou respondera:

— Poderíamos *enterrá-las*.

E Ten replicara, com ardor violento:

— Prefiro vingá-los.

Era algo assustador de se dizer. Karou sentira um calafrio — e uma pequena centelha de admiração, tinha que admitir, mas aquilo não lhe saía da cabeça depois, e a admiração não perdurou. Por que não os dois? Enterrar os mortos *e* vingá-los. Era bárbaro deixar cadáveres espalhados por aí daquela maneira, e ela sabia que aquilo não era apenas seu lado humano falando.

Ela vivia um estranho choque de reações naqueles dias. As mais imediatas e mais fortes eram sempre as de Karou, mas as de Madrigal também faziam parte dela: seus dois eus, unindo-se com uma espécie esquisita de vibração. Não era propriamente desarmonia; Karou *era* Madrigal, mas suas reações eram influenciadas por sua vida humana, permeada pelos luxos da paz, e coisas que poderiam ser comuns para Madrigal ainda a perturbavam a princípio. Cabeças queimadas penduradas em uma árvore de arza doce? Mesmo se Madrigal não tivesse visto exatamente aquilo, havia testemunhado outros horrores, o bastante para que a imagem não a chocasse.

Durante a vida de Madrigal, porém, os quimeras enterravam seus mortos, se pudessem. Nem sempre podiam; incontáveis vezes eles colhiam as almas e deixavam os corpos no campo de batalha, mas só quando a necessidade ditava que assim o fizessem. Já aquilo era... brutal. Treinar pontaria com os mortos? Não era só o lado humano de Karou que estranhava aquilo. O que havia acontecido durante os últimos dezoito anos para que os quimeras abrissem mão de um atributo tão básico de civilização quanto os *funerais*?

Agora, inclinando-se para a frente, Ten disse a Karou:

— Thiago precisa de mais soldados, e rápido. É crucial.

— Atrasaria mais ainda as coisas se eu tivesse que lhe ensinar tudo.

— Com certeza tem alguma coisa que eu possa fazer.

Com certeza havia. Muitas coisas. Ela poderia fazer e moldar o incenso, limpar os dentes, pagar o dízimo. Mas alguma coisa incomodava Karou. Não Ten. Ela passara anos ligada diretamente ao Lobo Branco: integrando sua guarda pessoal, como parte de um bando que sempre se movia à sombra dele, dentro e fora das batalhas.

Ela estivera no bosque de réquiem.

— Um ferreiro seria mais útil — tentou Karou. — Para fazer os colares de dente com prata.

— Aegir está ocupado. *Forjando armas*.

Pelo seu tom, Ten estava sugerindo que prender dentes era algo abaixo da capacidade de um ferreiro.

— E o que eu estou forjando, *joias*? — rebateu Karou no mesmo tom.

Ela olhou Ten bem nos olhos, que eram castanho-dourados como os de um verdadeiro lobo, diferente dos de Thiago, que eram azul-claros, uma cor nunca vista nesse animal. *Ele devia ser chamado é de Husky Siberiano Branco*, pensou Karou, irritada.

— Aegir não pode ser dispensado.

A voz de Ten ficava mais tensa.

— Estou surpresa que Thiago possa dispensar *você*.

Quem vai pentear o cabelo dele?

— Ele considera esse trabalho muito importante.

Ten agora respondia de maneira dura e direta, e Karou começou a perceber que talvez não fosse vencer daquela vez, e também que seus argumentos contra a ajuda de Ten não eram muito sólidos. Conseguia entender o ponto de vista de Thiago; ela não era Brimstone, isso estava claro. O Lobo tentava organizar uma rebelião, e ainda havia um bom número de soldados que não podiam voar esperando sua vez de ir para o fosso, sem falar na avalanche de turíbulos em seu quarto, que mal tinha começado a diminuir.

E as patrulhas ainda não haviam retornado do primeiro ataque da rebelião.

Se algo tivesse acontecido a eles... Só de pensar nisso Karou já tinha vontade de cair no chão e chorar. Daqueles trinta soldados, metade era recém-formada — corpos de carne e osso arduamente moldados, como as feridas em seus braços ainda podiam provar.

Do restante, um deles era Ziri, o único quimera no grupo que — Karou tinha quase certeza — não havia comemorado sua execução.

Ziri.

Como Thiago dissera, ainda era cedo. Karou suspirou e massageou as têmporas, o que Ten interpretou como uma concordância, as mandíbulas exibindo uma versão lupina de sorriso.

— Ótimo — disse ela. — Começaremos depois do jantar.

O quê? Não. Karou tentava decidir se retomava sua argumentação quando, em sua visão periférica, notou uma enorme figura entrando na sala e parando abruptamente. Ela reconheceu a figura, mesmo pelo canto do olho. Mas é claro: tinha acabado de fazê-la.

Era Razor.

24

Amante de anjo

Toda a conversa no salão cessou. Cabeças se viraram em direção a Razor, que, parado na entrada, olhava direto para Karou.

Ela sentiu um aperto no estômago. Aquela era a pior parte, sempre. Alguns, como Amzallag, caminhavam até o fosso e acordavam sabendo onde e com quem estavam e tudo que acontecera em Eretz. E havia as almas dos turíbulos: os soldados que tinham morrido no cabo Armasin e nem sabiam que Loramendi tinha caído, muito menos que estavam em outro mundo.

Estes, sem exceção, olhavam para Karou estupidamente, sem reconhecê-la. Como poderiam? Uma garota de cabelo azul e sem asas nem chifres? Ela era uma estranha.

E, é claro, ela nunca ouvia o que era dito depois, quando os quimeras ficavam sabendo da verdade. Gostava de imaginar alguém falando a favor dela: *Ela é uma de nós; é a ressurreicionista; ela trouxe você e todos nós de volta, e olhe: comida!* Mas o mais provável seria que dissessem algo do tipo: *Não temos escolha; precisamos dela*. Ou ainda, o que em seus momentos mais sombrios ela imaginava ser a resposta: *Não podemos matá-la, por mais que todos queiram*. Pelo menos não por enquanto.

Ao que parecia, porém, ninguém tinha avisado isso a Razor.

— *Você* — rosnou ele.

E saltou.

Na mesma hora — mais rápido que Ten, que tropeçou — Karou estava de pé e longe da mesa. Razor aterrissou bem onde ela estivera sentada. A mesa cedeu sob seu peso com um forte *crac*, rachada no meio. O tambor d'água virou, entornou, atingiu o chão com o estrondo de um gongo, e vários quimeras se moveram, todos em um borrão, menos o Heth, que parecia pronto para a ação, focado. Cruel.

— *Amante de anjo* — disparou ele, e a vergonha ardeu em Karou como uma chama.

Era uma expressão de total degradação; em todas as línguas humanas que Karou sabia falar, não havia algo tão carregado de aversão e desprezo, nada capaz de transmitir tanto asco quanto aquela. E era assim tão ruim mesmo quando usada de forma figurada, apenas como uma calúnia.

Nunca, antes dela, tinha sido literal.

Razor agitou a cauda e deslizou para a frente. Era a única forma de descrever o movimento. Seu corpo era reptiliano — dragão-de-komodo e cobra —, e, mesmo sendo muito grande, ele se movia como o vento na grama.

Obra dela. Karou é que lhe dera aquela graça, aquela velocidade. *É bom se lembrar disso*, pensou, e pulou para longe. Também Karou era graciosa, e rápida. Ela desviou para trás. As facas de lua crescente estavam em suas mãos, e ela nem percebera que as havia pegado. A sua frente, o rosto de leão que antes parecia tão bonito no chão de seu quarto agora estava grotesco, desfigurado pelo ódio de Razor. Ele abriu a mandíbula, e a voz que saiu de lá era dissonante, amarga, um rugido angustiado.

— Você sabe o que perdi por sua causa?

Ela não sabia e não queria saber. *Por sua causa, por sua causa*. Queria tapar os ouvidos, mas suas mãos estavam ocupadas segurando as facas.

— Sinto muito — disse ela, sua voz soando tão frágil depois da dele, e nada convincente nem mesmo para seus próprios ouvidos.

Ten se aproximou e disse algo para ele em tom baixo e urgente; o que quer que tivesse sido, não fez efeito. Razor passou por ela. E por Bast, que não fez a menor menção de intervir. Tudo bem que ela era da metade do tamanho dele, mas pelo menos Amzallag podia tê-lo detido facilmente, só que parecia indeciso, olhando de um para o outro. Karou afastou-se de novo. Os outros ficaram só lá parados, e ela sentiu uma pontada de raiva no peito. *Bundões ingratos*, pensou, e sem querer achou graça. Ela e Zuzana costumavam chamar tudo e todos de bundões — crianças, pombos, frágeis senhoras que olhavam de cara feia para o cabelo azul de Karou —, e nunca deixara de ser engraçado. Bundões, fendas, orifícios. Agora, mesmo

estando no caminho daquela criatura lagarto-leão de alma desagradável, Karou sentiu seu rosto se contrair pela mais improvável das expressões faciais: um sorriso.

Era uma arma tão cortante quanto suas lâminas de lua crescente. E, ao ver o movimento seguinte de Razor, ela se manteve firme, segurando as facas. Depois cerrou os dentes e correu uma lâmina curva com força contra a outra, gerando um som estridente de aço que chamou a atenção dele por um instante — uma pausa longa o bastante para Karou pensar: *E agora? Terei que matá-lo? Será que consigo?*

Sim.

E então: um borrão branco, e estava acabado. Thiago se colocou entre os dois, de costas para Karou, ordenando a Razor que se retirasse, e ela não precisou matar ninguém. O Heth obedeceu, sua cauda agitada derrubando cadeiras a cada passo que ele dava.

Lisseth e Nisk o interceptaram. Karou ficou lá parada, ofegante, as facas nas mãos, o sangue pulsando em seus braços, e por um instante ela se sentiu como Madrigal de novo — não a traidora, mas a guerreira.

Apenas por um instante.

— Leve-a de volta para o quarto — ordenou Thiago a Ten, como se Karou fosse uma doente mental que escapara ou algo parecido.

O sorriso dela desapareceu.

— Ainda não acabei de comer — disse ela.

— Pois parece que sim. — Ele olhou com tristeza para a mesa quebrada e a comida caída em volta. — Eu levo alguma coisa para você depois, lá em cima. Você não devia ter que passar por isso. — A voz dele era gentil, até demais. Ele se aproximou para perguntar baixinho: — Você está bem? — E com isso Karou teve vontade de arrancar o rosto dele a unhadas.

— Estou *ótima*. O que acha que eu sou?

— Acho que é nosso bem mais valioso. E que precisa me deixar protegê-la.

Ele tentou tocar seu braço, mas Karou se afastou com brusquidão. O Lobo ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Posso me proteger sozinha — disse ela, tentando recuperar a vibração de poder que tinha se apoderado dela por um breve momento. *Sou Madrigal*, disse a si mesma, mas ali, de frente para o Lobo Branco, só conseguiu pensar que Madrigal tinha sido uma vítima, e falhou em sua tentativa de se agarrar à sensação de poder. — Pense o que quiser, mas não sou indefesa.

Sua voz, porém, soava como se ela tentasse convencer tanto a si mesma quanto a ele. Sem pensar, ela passou os braços em volta da própria cintura em um gesto infantil de autodefesa. Ao se dar conta disso, soltou os braços na mesma hora, o que no entanto só fez com que parecesse nervosa.

Ele respondeu com brandura:

— Nunca falei que você era indefesa. Mas, Karou, se alguma coisa lhe acontecer, estaremos arruinados. Preciso de você a salvo. É só isso.

A salvo. Não do inimigo, mas de seu próprio povo — a quem dedicava toda a sua atenção, sua saúde, sua dor, dia após dia, noite após noite. Ela deu uma risada mordaz.

— Eles precisam de tempo — continuou Thiago. — Só isso. Vão acabar confiando em você. Como eu.

— Você confia em mim?

— É claro que sim, Karou. Ah, Karou. — Seu semblante agora era triste. — Achei que tivéssemos deixado tudo aquilo para trás. Nos tempos que vivemos agora não há lugar para pequenos ressentimentos. Precisamos concentrar toda a energia na causa.

Karou podia ter argumentado que sua execução não era exatamente um pequeno ressentimento, mas não fez isso, porque sabia que ele tinha razão. Precisavam mesmo concentrar toda a energia na causa, e ela odiava que Thiago precisasse lembrá-la disso, como se ela fosse uma colegial querendo aparecer. Mais ainda: odiava a insegurança que sentia, agora que a descarga de adrenalina estava indo embora. Por mais que se ressentisse de ter que sair dali por ordem dele, tudo o que queria era ir para a segurança e o isolamento de seu quarto, então guardou as facas de lua crescente nas bainhas e, tentando fingir que aquilo tinha

sido ideia sua, deu meia-volta e saiu. Manteve a cabeça erguida, mas sabia, a cada passo, que não estava enganando ninguém.

25

INIMIGOS: FAVOR FORMAR FILA

Ten escoltou Karou até o quarto, e deve ter interpretado o silêncio dela como concordância, porque não parou de falar, oferecendo críticas não solicitadas sobre as últimas ressurreições, e foi pega completamente desprevenida quando, no alto da escada, Karou bateu a porta na sua cara e baixou a barra com força.

Após um instante de perplexidade, as batidas começaram.

— Karou! Eu tenho que ajudar você. Deixe-me entrar. *Karou.*

— Como eu amo você — sussurrou Karou, fazendo um carinho na barra que bloqueava a porta.

A voz de Ten se elevou com firmeza, repreendendo, bufando. Karou tirou o cinto e ignorou-a. Em cima da mesa havia um colar pela metade, mas ela não queria trabalhar, nem ter companhia — ou uma babá. Queria papel e lápis, para desenhar o olhar exato que vira no rosto de Razor enquanto ele avançava em sua direção, o V da mesa quebrada e o borrão em volta das figuras que não fizeram nada para ajudá-la. Desenhar sempre tinha sido sua forma de processar as coisas. Assim que passavam para o papel, tornavam-se propriedade *sua*, e assim Karou conseguia decidir que poder teriam sobre ela.

Karou pegou seu caderno de desenhos e o abriu com carinho. Ao ver, na margem interna, os resquícios irregulares de uma página arrancada, ela se lembrou, de forma tão vívida como se estivesse diante de seus olhos, do desenho de Akiva que ocupara aquela folha. Ele tinha dormido em sua casa. É claro que ela destruíra aquele desenho. Destruíra todos.

Se ao menos pudesse fazer o mesmo com as lembranças.

Amante de anjo.

Só de pensar nessas palavras já sentia vergonha. Como pudera ter feito aquilo: amar Akiva — ou melhor, acreditar que o amara? Porque agora, fosse lá o que tivesse havido entre os dois, estava coberto por aquele véu de imundície — *amante de anjo* — que não se parecia em nada com amor. Desejo, talvez. Juventude, rebeldia, autodestruição, teimosia. Ela nem chegara a conhecê-lo direito; como pudera achar que era amor? Mas o que quer que tivesse sido... poderia ser perdoado algum dia?

Quantos quimeras Karou ainda teria que ressuscitar para que a aceitassem?

Todos. Esse era o número. Cada um daqueles que tinham morrido por sua causa. Centenas de milhares. Mais.

O que, é claro, era impossível. Aquelas almas tinham evanescido, inclusive as que mais amava. Estavam perdidas. Era isso, então? Não havia possibilidade de redenção?

Aquela era sua vida, e era também seu pesadelo, e às vezes ela só conseguia suportar se dissesse a si mesma que tudo chegaria a um fim. Se era mesmo um pesadelo, ela acordaria e Brimstone estaria vivo; todos estariam vivos. E se não fosse um pesadelo? Bem, então terminaria de uma das várias formas que as vidas acabam. Mais cedo ou mais tarde.

Ela continuou a desenhar, capturando o rosnado de Razor com incrível vividez.

Quer mesmo saber o que eu ando fazendo, Zuzana? Então lá vai. Estou presa em um castelo de areia com monstros mortos, forçada a ressuscitá-los um a um, enquanto tento evitar ser devorada.

Parecia a propaganda de um game show japonês. Karou teve que rir de novo, mesmo que por apenas um segundo, porque Ten ouviu do outro lado da porta e soltou um leve rosnado. *Que ótimo.* A mulher-lobo provavelmente achou que Karou estava rindo *dela.*

Inimigos: favor formar fila, escreveu Karou embaixo de seu desenho.

Ah, Zuze.

Ela lançou um olhar para as bandejas de dentes e as xingou em silêncio por estarem tão cheias. Tinha sido eficiente demais em sua viagem de busca e coleta. Ainda levaria algum tempo até que pudesse sair de novo, alegando a necessidade de conseguir mais dentes. No entanto, quanto mais rápido trabalhasse, mais rápido essa hora chegaria, e então faria mais do que mandar um e-mail para Zuzana. Iria vê-la. E se esconderia no Sabor de Veneno com Zuzana e Mik, tomando chá e comendo goulash, e contaria tudo para eles, e ficaria feliz por ter amigos que ficassem indignados com sua situação.

Eles concordariam com ela que aqueles Heth ingratos mereciam não majestosas cabeças de leão, e sim uma de hamster da próxima vez, ou quem sabe a de um cãozinho pequinês.

Ou melhor ainda, imaginou Zuzana dizendo com seu jeito ácido, *que fossem todos para o inferno.*

Não estou fazendo isso por eles, responderia Karou. Era um argumento treinado, a que ela precisava se agarrar. *É por Brimstone. E por todos os quimeras que os anjos ainda não conseguiram matar.* Bastava se lembrar de Loramendi para sentir o peso de sua responsabilidade. Não havia mais ninguém além dela que pudesse fazer aquele trabalho.

Lá fora soou o alerta da sentinela, um único assovio, alto e curto. Karou se levantou de um pulo e chegou à janela com um passo largo. Uma patrulha estava voltando, a primeira das cinco. Sem piscar, ela inclinou o corpo para fora e observou o céu. Ali: vinham de onde pairava o portal, alto e despercebido, acima das montanhas. Ainda estavam muito distantes para que ela pudesse identificar as silhuetas e saber que grupo era, mas, estreitando os olhos, Karou conseguiu ver que eram seis. Uma razão para se alegrar; pelo menos uma equipe estava intacta.

Lá vinham eles, cada vez mais perto, até que ela o viu: alto e empertigado, os chifres como um par de lanças. Ziri. Sentiu um nó, que ela nem sabia que existia, desaparecer de seu peito. Ziri estava bem. Ela agora conseguia identificar os outros, que em pouco tempo já estavam sobrevoando a casbá e aterrissando no pátio interno. Metade dos guerreiros voava com asas criadas por ela, nenhum igual a outro, tanto em tamanho quanto em formato, mas todos representando uma ameaça igual: armados para matar, os couros escurecidos de sangue e cinzas. Ficou feliz em ver Balieros também, mas seu alívio era por Ziri.

Ziri era um Kirin; era da família.

Quando Karou olhava para ele, suas lembranças da vida como Madrigal se reavivavam, e ela pensou nos homens de sua tribo, que não via fazia muito tempo. Tinha apenas sete anos quando os anjos a deixaram órfã. Passara o dia fora de casa, uma criança livre em um mundo selvagem, e voltara para enfrentar o resultado de uma incursão escravagista e o fim da vida tal qual ela conhecia. Morte e silêncio, sangue e ausência, e, bem no fundo das cavernas, aninhados, um punhado de idosos que tinha conseguido salvar os menores bebês.

Ziri era um desses bebês, pequeno e novinho como um bebê raposa, ali com os olhos ainda fechados. Karou tinha algumas lembranças dele em Loramendi, tempos depois: Ziri a seguia para todo lado, sempre com o rosto vermelho — sua irmã de criação, Chiro, a provocava dizendo que ele tinha uma queda por ela. "Sua pequena sombra Kirin", era como ela o chamava.

Ela sentia muita pena dele, um órfão como ela mas sem nenhuma lembrança de seu lar ou de seu povo a que se agarrar. Haviam restado alguns anciões Kirin, e uns poucos outros órfãos da idade dele, mas Madrigal era a única Kirin adulta que ele já vira.

Engraçado que agora tudo tivesse mudado: era *ela* quem olhava para ele e via o que tinha perdido. Ele era adulto agora, e alto, mesmo sem contar os chifres de antílope, que lhe acrescentavam vários centímetros. Suas pernas humanas se estreitavam, transformando-se em membros de antílopes, como as dela um dia tinham sido, e, com suas vastas asas de morcego, conferiam-lhe o mesmo caminhar leve de todos os Kirin — como se a terra sob seus pés estivesse ali por mero acaso e ele pudesse levantar voo a qualquer instante, erguendo-se quilômetros acima de tudo aquilo.

Só que não havia leveza nele agora. Seu caminhar era pesado, seu rosto, amargo. Enquanto a patrulha entrava em formação para esperar seu general, ele foi o único a levantar o olhar até a janela de Karou. Ela ergueu a mão discretamente, acenando para ele, o braço machucado gritando de dor com aquele simples gesto, que... ele não retribuiu. Ziri olhou para baixo novamente como se ela não estivesse lá.

Magoada, Karou baixou a mão.

De onde eles estavam vindo? O que tinham visto? O que tinham feito?

Desça e descubra, ouviu ela em um sussurro vindo do fundo de sua mente, mas ignorou a sugestão. O que quer que tivesse acontecido na paisagem cheia de cinzas e no mundo coberto de sangue pela guerra aonde suas criações tinham ido para cometer violências, não era da sua conta. Ela conjurava os corpos; e só.

O que mais poderia fazer?

26

Estragos terríveis

O Lobo estava na janela logo abaixo da de Karou. Assim que Ziri ergueu os olhos, viu um vulto branco e logo abaixou a cabeça. Mal deu tempo de registrar o olhar quase esperançoso no rosto dela enquanto levantava a mão para acenar para ele, hesitante. Solitária.

E então ele evitou seu olhar.

O Lobo o orientara a não manter nenhum contato com ela. Estava se dirigindo a todos quando dissera isso, mas Ziri tivera a sensação de que aqueles olhos claros tinham se demorado mais nele, e que Thiago o vigiava com mais atenção. Por ele ser Kirin? Será que o Lobo achava que somente isso já seria suficiente para criar uma ligação entre os dois, ou será que se lembrava de Ziri quando criança? Do baile do Comandante?

Da execução.

Ele tentara salvá-la. Seria engraçado se não tivesse sido patético — como ele se agachara no espaço apertado sob a arquibancada dos torneios, reunindo coragem, segurando suas espadas de treinamento, sem fio, como se bastassem para resgatá-la. As arquibancadas tinham sido montadas na ágora para que todos pudessem assistir melhor à morte dela; era um espetáculo. Madrigal, tão aprumada e silenciosa, tão bonita, tinha feito a multidão, que batia os pés com estrondo, parecer um bando de animais, e ele, um garoto magro de doze anos, pensara que poderia irromper pelo cadafalso e... e o quê? Soltar suas asas, cortar suas algemas? A cidade era uma gaiola; ela não teria para onde ir.

Não chegou a fazer diferença. Um soldado o acertou com o punho da espada antes mesmo que ele pisasse na plataforma. Madrigal nunca nem viu seu tolo gesto de heroísmo. Os olhos dela nunca deixaram os do amante.

Mas isso tudo acontecera havia muito tempo. Ziri não entendia a traição dela na época, aonde aquilo poderia levar. Aonde *tinha* levado. Mas ele já não era mais um garotinho apaixonado, e Karou não era nada para ele.

Então por que seus olhos eram atraídos para sua janela? Para *ela*, nas raras ocasiões em que ela descia?

Seria pena? Só de olhar dava para ver sua imensa solidão. Nos primeiros dias, em Eretz, Karou estava pálida, trêmula, muda — claramente em choque. Foi mais difícil, na ocasião, não procurá-la, não lhe falar nem mesmo uma só palavra. E ela devia ter notado — que algo dentro dele o impelia a tentar aliviar seu pesar, sua solidão, de forma que agora ela o procurava com aquele olhar de quase esperança sempre que o via, como se ele pudesse ser um amigo.

E ele se afastava. Thiago tinha sido claro: os rebeldes precisavam de Karou, mas não podiam cometer o erro de se permitir confiar. Ela era traiçoeira e precisava ser conduzida com muito cuidado — por ele.

E ali estava o Lobo agora, tendo descido para cumprimentar a patrulha.

— Que bom ver vocês.

Thiago vinha caminhando a passos largos como o senhor da mansão. Senhor das *ruínas*, melhor dizendo, mas mesmo que aquele castelo de terra fosse um declínio para o grande Lobo Branco, ele o tomara para si como a qualquer outra coisa em sua vida — ou melhor, como tomava tudo: como propriedade sua para fazer o que bem entendesse até conseguir outra coisa melhor. Ele dizia que antes que tudo terminasse teria o trono de Astrae e faria dos serafins seus escravos, e, por mais ridícula que tal afirmação pudesse parecer à luz das circunstâncias, Ziri nunca subestimaria o Lobo.

Thiago era não só um líder, ele sabia valorizar seus soldados. Suas tropas o veneravam e fariam qualquer coisa por ele. O Lobo comia, bebia e respirava batalha; estava em seu hábitat natural quando em barracas cheias de mapas revendo estratégias com seus capitães ou, melhor ainda, lançando-se para cima de anjos com os dentes à mostra, cobertos de sangue.

— Imprudente! — espumara o Comandante uma vez, furioso quando seu filho, que havia sido morto, voltou em um novo corpo. — Um general não precisa morrer no front da batalha!

Mas Thiago nunca fora de ficar para trás, em segurança, enquanto mandava outros na frente para morrer. Ele *liderava*, e Ziri sabia em primeira mão como era destemido e impetuoso no campo de batalha. Isso era o que o tornava grande.

Agora, no entanto, que a existência dos quimeras pendia por um fio, parecia que ele finalmente tinha acreditado nas palavras do pai. Tinha mandado as patrulhas para Eretz mas ficado para trás — com clara relutância e até má vontade, mais parecendo, para Ziri, os sentinelas que eram obrigados a ficar de serviço durante as festas. Era muito difícil *ficar de fora*. Durante a espera, ele andava de um lado para o outro, impaciente como um lobo, voraz, com *inveja*, e agora voltara à vida com o retorno dos soldados.

Apertou o braço de um por um até por fim parar em frente a Balieros.

— Espero — disse ele, seu sorriso cruel indicando que ele duvidava do contrário — que vocês tenham causado estragos terríveis.

Estragos terríveis.

A prova disso cobria todos eles, em manchas e respingos. Sangue: seco, em um tom escuro e opaco de marrom, preto nos acúmulos dos vincos das manoplas, botas e cascos. Toda a extensão das lâminas de lua crescente de Ziri estava revestida de sangue; ele mal podia esperar para limpá-las. Mutilar os mortos: talvez fosse uma questão de orgulho, aqueles sorrisos entalhados que tinham sido a marca do Comandante muito tempo antes. Ziri só sabia que se sentia sujo, que queria se banhar no rio. Até em seus *chifres* havia crostas de sangue, por ter empalado um anjo que o atacara enquanto ele lutava com outro. A patrulha tinha mesmo causado estragos terríveis.

Mas também tinha protegido fazendeiros Caprina de um ataque inimigo, libertado e armado uma caravana de escravos, deixando-os soltos para espalharem a notícia do que estava por vir. Mas Thiago não perguntou sobre nada disso. Ao ouvi-lo, tinha-se a impressão de que ele parecia não se lembrar de que nem todas as criaturas no mundo eram soldados — inimigos ou aliados —, de que nem tudo se resumia a matar.

— Contem — pediu ele, ávido. — Quero saber qual foi a expressão nos rostos deles. Quero saber como foram os gritos.

27

Grande e selvagem coração

Por volta do meio-dia, o garoto Dashnag, Rath, ainda carregando Sarazal, descia um despenhadeiro escarpado e coberto de árvores em direção a uma ravina, seguido por Sveva. Era tão estreito que as copas das árvores pareciam contínuas, e Sveva pensou, ao olhar para o alto, que os galhos pálidos das árvores donzela que se arqueavam, encontrando-se no meio, pareciam os braços dados de moças dançando. A luz do sol conseguia ultrapassá-los, às vezes como lanças brilhantes, outras como uma renda matizada em inconstantes tons de verde e dourado. Criaturinhas aladas voavam e zuniam naquela pequena ravina que era o mundo inteiro deles, e lá de baixo vinha o ruído de um córrego, suave e ligeiro como uma música.

Tudo vai queimar, pensou ela, desviando de vinhas e descendo atrás de Rath.

O fogo ainda ardia atrás deles. Como o vento que vinha do sul carregava a fumaça para longe, eles não sentiam o cheiro, mas tinham subido pequenas elevações no terreno várias vezes e visto que o céu continuava escuro.

Como os anjos podiam fazer aquilo? Prender ou matar alguns quimeras era tão importante assim a ponto de destruir a terra inteira? Não dava nem para entender por que eles a queriam, se só pretendiam destruí-la.

Por que não nos deixam em paz?, ela quis gritar, mas ficou quieta. Sabia que era um pensamento infantil, que as guerras e ódios do mundo eram grandes demais para entender, e que ela não era mais importante no esquema das coisas do que as mariposas e libélulas ali voando nos raios de luz.

Mas eu sou importante, insistia para si mesma. Assim como Sarazal, e as mariposas e libélulas, e os furtivos skotes, e as flores tão pequenas e perfeitas, e até mesmo os minúsculos skinwights mordedores, que afinal só estavam tentando sobreviver.

E Rath também era importante, mesmo com aquele seu hálito de quem se alimentou a vida inteira de carne e sangue e ossos.

O garoto as estava ajudando. No momento em que Rath pegara Sarazal para carregá-la, Sveva não chegara a pensar a sério que ele a levaria para longe e faria dela sua refeição, mas era difícil não sentir medo quando seu coração disparava só de vê-lo. Os Dashnag comiam carne. Essa era a natureza deles, da mesma forma que os skinwights eram skinwights, mas isso não queria dizer que tinha que gostar deles. Ou dele.

— Não comemos os Dama — dissera ele, sem olhar para Sveva, depois que ela o alcançara, o que aliás tinha sido fácil, afinal ela era bem mais rápida, ainda mais com ele carregando o peso de Sarazal. — Nem nenhuma das outras feras superiores. Como tenho certeza de que você sabe.

Sveva sabia que supostamente era verdade, mas era difícil não ficar desconfiada.

— Nem mesmo se estiverem com muita fome? — perguntara ela, cética e, por alguma estranha razão, querendo pensar o pior dele.

— Eu estou com muita fome, e vocês continuam vivas.

E foi só. Ele então seguiu em frente, e Sveva não teve como continuar com medo, porque Sarazal dormia com a cabeça no ombro dele, e Rath permanecia ereto, segurando-a, quando teria sido mais fácil deixá-la para trás e descer muito mais rápido com o galope veloz que os Dashnag usavam para caçar suas presas. Mas ele não fez isso.

Rath as trouxera até ali, e depois de descerem um bom pedaço da ravina, Sveva ouvia o que ele tinha ouvido e sentia o cheiro do que ele já tinha notado vários quilômetros antes com seus apurados sentidos de predador: os Caprina.

Os Caprina? Teria sido por isso que ele havia seguido na direção leste? Para achar a trilha daqueles lentos criadores de gado — que, a julgar pelo cheiro, tinham mantido todos os seus animais?

Rath parou na base do despenhadeiro e, quando Sveva chegou ao seu lado, disse:

— Acho que são da aldeia perto do aqueduto. Você deve lembrar.

Como se ela pudesse esquecer o lugar onde os soldados serafins tinham sido pendurados com seus sorrisos vermelhos do Comandante. Ela jamais se esqueceria daquilo enquanto vivesse, o horror misturado à esperança de salvação. Como não

tinham visto ninguém na aldeia, ela concluíra que seus habitantes estivessem mortos. Ficou feliz, então, ao saber que não, mas não entendia por que Rath os seguia.

— Os Caprina são lentos — disse ela.

— Então vão precisar de ajuda — replicou Rath.

Sveva sentiu o rosto corar de vergonha. Ela só vinha pensando na própria fuga.

— Sem contar que talvez tenham um curandeiro — acrescentou Rath, olhando para Sarazal.

Ela repousava no peito dele, de olhos ainda fechados, a perna ferida aninhada com cuidado na dobra do braço de Rath. Era uma visão tão incongruente, o predador aninhando a presa, que Sveva só conseguiu ficar olhando e sentir que tinha atingido o fundo do pedregoso poço da própria superficialidade.

Será que ela sabia alguma coisa dessa vida?

* * *

O lugar era imenso. Akiva tinha a impressão de que poderia subir cada vez mais alto no ar e mesmo assim continuaria vendo a terra se estender em todas as direções, infinita e verde, para todo o sempre. Mas sabia que não era bem assim. A leste, o terreno se elevava e formava extensas colinas, baixas e rochosas, para então se transformar em um planalto desértico que se podia percorrer por dias ou até semanas, uma terra vermelha com plantas espinhentas onde besouros venenosos grandes como escudos escavavam esconderijos e passavam meses ou anos enterrados, até uma presa passar a seu alcance. Havia rumores de que alguns nômades viviam perto daquelas ilhas do céu — como os Sab, com suas cabeça de chacal —, mas as patrulhas serafins ou nunca haviam encontrado nenhum sinal de vida ali, ou simplesmente desapareceram na região, nunca retornando para relatar nada.

A oeste ficava a Serra do Mar, e, mais além, a Costa Secreta, onde havia várias aldeias litorâneas, e lar de povos que podiam viver tanto dentro quanto fora d'água, e que sumiam, rápidos como peixes, assim que percebiam a presença do inimigo, retirando-se para seus refúgios profundos e escondidos até o perigo passar.

E, ao sul, ficavam as fabulosas Terras Distantes, as montanhas mais altas de Eretz e também as mais amplas, cobrindo cerca do triplo da área de qualquer outra cadeia de montanhas no mundo. Formavam um incrível muro cinzento de baluartes e ameias naturais, desfiladeiros crivados de rios que perfuravam o coração da rocha e surgiam de novo, e encostas cujas milhares de cachoeiras as faziam cintilar. Dizia-se que havia passagens — muitas ravinas e túneis labirínticos — que levavam a terras verdejantes do outro lado, impossíveis de serem atravessadas sem ter como guia alguém das tribos nativas, criaturas com pele de rã que viviam quase o tempo todo na escuridão. Nos pontos mais altos, formações de gelo a distância pareciam cidades de cristal, mas de perto via-se que eram desolados labirintos ventosos, que apenas os caça-tempestades que lá faziam seus ninhos conseguiam atravessar, colocando seus imensos ovos e enfrentando ventanias que lançariam qualquer outra criatura para a morte em um piscar de olhos.

Essas eram as fronteiras naturais da região sul que os serafins tinham, muito tempo antes, tentado conquistar, e a terra verdejante que Akiva via agora lá embaixo era seu grande e selvagem coração, impossível de se dominar de tão gigantesca, nem mesmo com todos os soldados dos exércitos do império. Eles podiam, e iriam, incendiar aldeias e campos, mas ali havia mais quimeras nômades — rápidos e elusivos — do que fazendeiros, e os serafins não podiam queimar tudo, mesmo que quisessem, o que, apesar do que parecesse, com aquelas nuvens de fumaça escura, não era sua intenção.

O fogo era apenas para encurralar os fugitivos nas direções sul e leste, onde o arvoredo era mais esparso e os riachos desembocavam no grande rio Kir. Talvez ali eles pudessem fazê-los sair. E se conseguissem?

Akiva preferia que isso não acontecesse. Na verdade, fez mais do que só querer: usou todas as habilidades de rastreador para levar o grupo na direção errada. Quando achava que os quimeras podiam estar em um lugar — onde um espaço entre as copas das árvores indicava que poderia haver um riacho, por exemplo —, ele procurava levar o grupo para o outro lado, e, como ele era o Ruína das Feras, ninguém o questionava. Exceto talvez Hazael, e mesmo assim só com o olhar.

Liraz não estava com eles; tinha sido designada para outra equipe. Akiva não pôde deixar de se perguntar, ao longo do dia, com que fervor sua irmã cumpria as ordens.

— Então, o que acha? — perguntou Hazael de repente.

Já estava anoitecendo, e eles não tinham descoberto nenhum escravo liberto ou aldeão.

— Sobre o quê?

— Sobre quem está por trás desses ataques.

O *que* ele achava? Não sabia. Durante o dia todo Akiva travara uma guerra com a esperança — tentava não se *permitir* ter esperança, em parte porque era tão errado sentir isso baseado em um massacre, e em parte por simples medo de que fosse em vão. Haveria outro ressurreicionista? Ou não?

— Bem, não foram fantasmas, com certeza — disse, optando pela resposta mais segura.

— Não, provavelmente não — concordou Hazael. — Mas é curioso. Nenhum sangue nas lâminas dos nossos soldados, nenhuma pista que nos leve àqueles que escaparam, e cinco ataques em uma única noite: então quantos eram no total? Eles devem ser fortes, para terem conseguido fazer o que fizeram, e provavelmente têm asas, pois só assim poderiam ir e vir sem deixar rastro, e acho também que têm hamsás, ou nossos soldados teriam conseguido acertar nem que fossem alguns golpes. Isso foi só um show de abertura. — Era uma análise estudada; Akiva já pensara tudo aquilo. Hazael olhou para ele demoradamente. — Com o que estamos lidando, Akiva?

Por fim, ele teve que dizer:

— Espectros. Só pode ser.

— Outro ressurreicionista?

Akiva hesitou.

— Talvez.

Será que Hazael sabia o que significava para o irmão se de fato houvesse outro ressurreicionista? Seria ele capaz de pressentir sua esperança de que Karou pudesse reviver? E o que pensaria dessa sua esperança? Será que o perdão de Hazael dependia de Karou estar morta, como se a loucura de Akiva pudesse ter ficado no passado, algo a ser superado para que pudessem seguir em frente e fazer tudo voltar a ser como era antes?

Mas isso não era mais possível para Akiva. O que era possível para ele, afinal?

— Ali! — disse a líder da patrulha, despertando-o de seus pensamentos.

Kala era uma tenente da Segunda Legião, de longe a maior das forças do império, às vezes chamada de exército geral. Ela apontava para uma ravina com árvores não muito densas, onde, como Akiva observou, um pequeno movimento gerou outro, e outro, e então ele viu vários animais correndo. Uma movimentação de rebanho. Os Caprina. Ficou tenso, e seu primeiro impulso foi de raiva: *Que idiotice, em meio a essa vasta terra selvagem, eles se deixarem ser vistos.*

Era tarde demais para desviar a atenção dos soldados; não havia nada que ele pudesse fazer a não ser seguir Kala, que liderava a equipe terreno abaixo em direção às árvores. Ela estava alerta para uma possível emboscada, e fez sinal para que Akiva e Hazael fossem para o lado oposto da ravina. Os dois seguiram para lá, sem tirar os olhos do espaço aberto entre as copas das árvores, esperando ter uma boa visão. Não conseguiram — somente vislumbres de lã e de um caminhar lento.

Akiva segurava suas espadas contrariado. Ele fora treinado de forma bastante clara. Levante uma arma e você se torna um instrumento, com um propósito tão claro quanto o da própria arma: encontrar artérias e cortá-las, encontrar membros e decepá-los; tomar o que está vivo e entregá-lo à morte. Não havia outra razão para se empunhar uma arma, nenhuma outra razão para *ser* uma.

Ele não queria mais ser uma arma. Ah, ele podia desertar, podia desaparecer naquele instante mesmo. Não precisava fazer parte daquilo. Mas não era suficiente que *ele* deixasse de matar quimeras. Um dia ousara sonhar com muito mais do que isso.

Ele e Hazael desceram junto com os outros, as árvores passando sob eles como um sussurro verdejante. O que soava em sua mente era uma voz que ele ouvira uma única vez: *É a vida a única capaz de crescer e preencher mundos. Ou temos a vida como mestre, ou a morte.* Quando Brimstone dissera essas palavras, não significaram nada para Akiva. Agora ele entendia. Mas como pode um soldado mudar de mestre?

Como alguém que empunhava duas espadas podia ter esperanças de evitar que sangue fosse derramado?

28

O pior tipo de silêncio

Havia tantos tipos diferentes de silêncio, pensou Sveva, apertando o rosto no ombro de Rath e tentando não respirar. Mas aquele era o pior. Era um silêncio do tipo "faça um barulho sequer e morra", e, embora ela nunca tivesse passado por aquela experiência antes, percebeu instintivamente que aquele silêncio ficava mais carregado quanto maior fosse o número de pessoas sob o compromisso de mantê-lo. Era até possível confiar que você conseguiria ficar quieto, mas trinta e tantos estranhos?

Com *bebês*?

Estavam escondidos embaixo de uma caverna feita pela terra escavada em estações de cheia pelo riacho que passava na frente deles, salpicando seus cascos — e as imensas patas de Rath —, o burburinho da água cobrindo pelo menos alguns sons mais baixos, como choramingos e fungadas. Aliás, Sveva notou que não ouvia nada disso. Com os olhos fechados, poderia até achar que estava sozinha, se não fosse pelo calor de Rath, de um lado, e de Nur, do outro. A mãe Caprina segurava seu bebê junto ao corpo. Sveva a todo momento esperava que Lell fosse começar a chorar, mas a criança continuava quieta. O silêncio, pensou ela, era incrível: algo perfeito e frágil. Assim como vidro, caso se quebrasse nunca mais voltaria a ser igual.

Se Lell chorasse, ou se o casco de alguém derrapasse na margem, ou se algum som se elevasse acima do inocente murmúrio da água, todos morreriam.

E mesmo se a assustada criança dentro dela quisesse culpar Rath por estarem ali, não conseguiria. Ah, mas não por falta de vontade. Era bom ter alguém para culpar, mas o problema com Sveva e a culpa era que, se ela fosse tentar chegar à origem de tudo, só veria a si própria, correndo pelo vale à frente de Sarazal, o vento no cabelo, sem dar ouvidos aos pedidos da irmã para que voltassem. A culpa daquilo tudo não era de Rath. E mais: ela e a irmã provavelmente já estariam mortas se não fosse por ele. E os Caprina, bem, eles estariam morrendo *agora mesmo*. Naquele exato momento.

Como era terrível e estranho saber disso.

Se Rath não tivesse sentido o cheiro dos Caprina e os seguido, os alcançado e se juntado a eles, então aquele silêncio carregado não existiria; aquele mesmo ar estaria sendo cortado por gritos e balidos, e Lell, aquele doce e pequeno embrulhinho, estaria berrando, assim como todos os outros, em vez dos carneiros.

* * *

— Carneiros! — exclamou Hazael, rindo, e Akiva teve a impressão de que seu riso era de alívio.

Ele então viu que na ravina só havia carneiros, com sua lã densa e seus chifres curvos, nenhum Caprina, nenhum quimera sequer.

— Você e você. — Kala apontou para dois soldados. — Matem-nos. Todos os outros... — Ela se virou em um meio círculo, examinando a equipe. Pairava no ar, as asas largas a ponto de roçar as árvores inclinadas nas margens da ravina e soltar faíscas. — Vão e encontrem os donos.

* * *

Ao ouvir os berros dos carneiros, Sveva escondeu ainda mais o rosto no ombro de Rath. Ele havia convencido os Caprina a afugentar seu rebanho e voltar ao longo do leito do riacho, para saírem da ravina e encontrarem outra — em que estavam agora —, em busca de abrigo. Todos juntos, eles eram muitos, e os carneiros eram muito barulhentos, ingovernáveis demais. Não podiam arriscar suas vidas ficando com os animais. Bem que Rath tinha dito que o rebanho seria visto.

Agora os carneiros estavam morrendo.

Sveva agarrou com força a mão da irmã: estava frouxa e mole. Os berros dos carneiros eram terríveis, mesmo a distância, mas não duraram muito. Quando finalmente diminuíram de intensidade, ela imaginou sentir os anjos circulando no céu acima

de suas cabeças. Anjos, caçando. E eram *eles* a caça. Ela apertou o punho de sua faca roubada, mas isso só a fez se sentir ainda mais ciente da própria pequenez, com aquela arma feita para os punhos grandes e brutos dos anjos.

Talvez ela pudesse usá-la para acertar um anjo. Qual seria a sensação? Ah, seu ódio fervia; ela quase ansiava por essa chance. Sempre odiara anjos, é claro, mas de uma maneira vaga e distante. Eles eram os monstros das histórias de ninar. Sveva nunca tinha sequer visto um até ser capturada. Por séculos aquela terra tinha sido segura — os exércitos do Comandante a protegiam. Que azar viver em uma época de insegurança! Agora, de repente, os serafins eram reais: algozes ardilosos, bonitos de uma maneira que tornava a beleza algo *terrível*.

E por outro lado havia Rath, que era bonito de um jeito que o tornava assustador... Bem, se não bonito, então pelo menos majestoso. Imponente. Que estranho se sentir confortada pela presença de um carnívoro, mas ela sentia. Mais uma vez, Sveva notou que abria mão de um pouco de sua superficialidade; desde que fora levada como escrava, seu mundo se ampliara à força. Ela vira serafins e espectros; tinha visto mortos e sentido seu cheiro, e naquele mesmo dia, só naquele dia, tinha aprendido mais sobre os povos do que em todos os seus catorze anos de vida. Primeiro Rath, depois os Caprina: criadores de carneiros que ela antes chamava de feras criadoras de gado e, se lhe fosse dada a chance de escolha, teria deixado que se virassem sozinhos. Nur fizera um cataplasma para Sarazal e lhe dera especiarias misturadas com água, na tentativa de fazer diminuir a febre. Eles tinham lhe dado comida, e deixado que carregasse por um tempo a pequena Lell, com seu suave cheiro de grama, uma perna de cada lado do tronco de Sveva, os braços em volta de sua cintura, onde, até poucos dias antes, havia um grande grilhão preto.

Sveva mantinha os olhos fechados. Seu rosto estava apoiado no ombro de Rath, seu quadril imprensado contra o de Nur, e o silêncio os mantinha juntos. Era o pior tipo de silêncio, mas a proximidade era boa. Eles não eram seu povo, mas... *eram*, e talvez isso significasse que qualquer um podia fazer parte de qualquer povo, o que era um bom pensamento a se ter no momento em que o mundo parecia desabar. Sveva se perguntou se alguma dia voltaria para casa, para seus pais, e contar.

Tentou rezar, mas, tendo passado toda a sua vida rezando apenas à noite, tinha a sensação de que as luas não eram grandes protetoras quando os anjos decidiam caçar de dia.

No fim, acabou não sendo Lell quem os entregou, mas Sarazal.

Ela acordou de repente, sua mão mole subitamente ganhando força e se soltando da de Sveva. A febre tinha baixado; o cataplasma e os temperos de Nur haviam funcionado. Os grandes olhos escuros de Sarazal, quando se abriram, estavam bem mais vivos do que quando Sveva os vira pela última vez. Só que... ao se abrirem, a primeira coisa que viram foi o rosto assustador de Rath, a poucos centímetros do dela.

Então Sarazal abriu a boca e gritou.

29

Os demônios ainda vão estar por aí de manhã

— Escute essa — disse Zuzana. — Mulher-demônio vista no sul da Itália...

— Cabelo azul? — perguntou Mik, a voz abafada pelo travesseiro que lhe cobria o rosto. Ele estava tentando dormir.

— Rosa, na verdade. Acho que as legiões de Satã estão explorando novas palhetas de cores. — Zuzana estava sentada na cama, lendo as notícias em seu laptop. — Então: ela escalou a lateral de uma catedral e *sibilou*, como uma serpente, que foi quando a testemunha conseguiu ver, a algumas centenas de metros, que a língua dela era bifurcada.

— Que olhos, hein.

— É. — Ela bufou, inflando as bochechas, e voltou para a página do Google. — Bando de idiotas.

Mik espiou por baixo do travesseiro.

— Está claro aí fora — disse ele. — Por que não vem para o meu covil?

— *Covil*. Nossa, que covil incrível o seu.

— É do tamanho exato para a minha cabeça.

— Claro, claro — disse Zuzana vagamente. — Achei uma notícia de ontem. É de, hã, Bakersfield, Califórnia. Cabelo azul, casaco legal, flutuando no ar. Isso! Achamos Karou! Só não sei o que ela estaria fazendo em Bakersfield, Califórnia, perseguindo criancinhas.

Ela bufou e voltou para o Google.

O mundo, ao que parecia, estava infestado de demônios de cabelo azul. Os mesmos fóruns de discussão que falavam de anjos entre nós também se mantinham informados sobre aquele demônio. Por uma estranha coincidência — *claro* —, desde o confronto amplamente televisionado na ponte Carlos, os demônios tendiam a usar trench coats pretos, ter cabelo azul e tatuagens de olhos nas palmas das mãos.

Karou era a personificação do apocalipse, o que para Zuzana parecia ser o melhor tipo de má fama. Karou saíra até na capa da revista *Time*, com a manchete: "Será esse o rosto do demônio?" Havia uma foto deslumbrante que alguém tirara no dia em que Karou enfrentara os anjos: cabelo ao vento, mostrando os hamsás com os braços estendidos, um olhar concentrado com um quê de... prazer selvagem. Zuzana se lembrava do prazer selvagem. Tinha sido um pouco estranho. A *Time* tentara lhe entrevistar para a matéria, mas, estranhamente, decidira não publicar sua declaração cheia de palavrões. Já Kaz, obviamente, não os desapontara.

— Venha dormir — tentou Mik de novo. — Os demônios ainda vão estar por aí de manhã.

— Só um minuto.

Mas não foi um minuto. Uma hora depois, Zuzana tinha feito uma xícara de chá e passado para a poltrona ao lado da cama. Os fóruns de discussão não a levavam a lugar algum; eram todos malucos. Ela restringiu a busca. Já tinha rastreado o endereço de IP do único e-mail de Karou, assim descobrira que ela estava no Marrocos, o que não era nenhuma surpresa, pois era lá que ela estava da última vez que Zuzana tivera notícias suas. Mas a cidade não era Marrakech, e sim uma tal de Ouarzazate, localizada em uma região de oásis com palmeiras, camelos e casbás às margens do deserto do Saara.

Poeira e luz das estrelas? Ah, claro. Dava para imaginar.

Sacerdotisa de um castelo de areia? Realmente, casbás eram perfeitos castelos de areia. Pena que houvesse, sei lá, uns cinquenta milhões deles espalhados por centenas de quilômetros. Ainda assim, Zuzana estava animada. Só podia ser isso. Agora estava com aquela música boba, "Rock the Casbah", na cabeça. Cantarolando enquanto tomava chá e visitava dezenas de sites que eram, em sua maioria, lojas virtuais de artigos para trilhas ou hotéis instalados em casbás — para uma "autêntica experiência nômade", todos com piscinas cintilantes com uma aparência nada genuína em termos de nomadismo.

Até que achou por acaso um blog de viagem de um francês contando sobre a jornada que fizera pelas montanhas Atlas, alguns dias antes. A maioria das fotos era de paisagens, sombras de camelos e crianças cobertas de areia vendendo bijuterias na

beira da estrada, mas uma das imagens fez Zuzana colocar a xícara de lado e se endireitar. Deu um zoom e aproximou o rosto da tela. Era um céu noturno com uma meia-lua perfeita, e — impossíveis de serem notadas se ela não estivesse procurando algo do tipo — silhuetas. Seis delas, com asas, visíveis quase unicamente pela maneira como encobriam as estrelas. Era difícil determinar a escala de uma foto do céu, porém foi a legenda que a convenceu.

Não contem aos caçadores de anjos, mas por aqui tem umas aves noturnas bem grandes.

30

Péssima em avaliar monstros

Karou foi até o rio tomar banho — sentindo-se quase uma esbanjadora por lavar o cabelo com xampu, e mais ainda por ter gastado quinze minutos secando-o, deitada sobre uma rocha quente — e, quando voltou à fortaleza, a barra da porta de seu quarto tinha desaparecido.

— Cadê? — perguntou ela a Ten.

— Como posso saber? Eu estava com você.

Sim, é verdade, apesar de Karou ter sido contra aquilo. Não era *seguro* sair sozinha, dissera Thiago, mesmo nas águas rasas do rio que descia das montanhas e passava pela casbá, à vista da torre de sentinela — com algumas grandes rochas atrás das quais ela procurava esconder sua nudez de olhos curiosos. Os quimeras ficavam tão intrigados com sua natureza humana quanto Issa e Yasri costumavam ficar, mas de uma forma menos gentil.

— Que coisa mais simples e estranha você é — observara Ten aquele dia, olhando Karou da cabeça aos pés e contemplando sua falta de rabo, de garras, de cascos e, basicamente, a falta de muitas coisas.

— Obrigada — dissera Karou, se afundando no rio. — Eu me esforço.

Por um breve momento ela teve vontade de deixar a corrente carregá-la por debaixo d'água, para um lugar onde pudesse ficar livre da presença da mulher-lobo por, hã, uma meia hora? Ten era uma presença constante nos últimos dias: assistente e acompanhante, vigia e sombra.

— O que vocês vão fazer quando eu tiver que sair para buscar mais dentes? — perguntara Karou a Thiago aquela manhã. — Vão mandá-la comigo?

— Ten? Não. Não ela — respondera ele, de uma maneira que Karou entendera na mesma hora.

— O quê, *você*? *Você* vai comigo?

— Tenho que admitir, estou curioso para conhecer este mundo. Deve haver mais coisas interessantes além deste deserto. Você pode me mostrar.

Ele falava sério. Karou sentiu um nó no estômago. Ela não tinha perguntado a sério, mas... logo ele?

— Não dá. Você não é humano... As pessoas notariam. E você não voa.

E você é perverso, e eu não quero.

— Vamos dar um jeito.

Vamos mesmo?, pensara Karou, imaginando Thiago no Sabor de Veneno com seus pés de lobo sobre um caixão, levando uma colher de goulash até sua boca sensual e cruel. Será que Zuzana ficaria encantada com sua beleza, assim como ficara com a de Akiva? Imediatamente lhe viera a resposta: *Não. Zuze veria quem ele realmente é.*

No entanto, havia uma falha nesse raciocínio. Zuzana não percebera logo quem Akiva era, certo? Tampouco ela. Ao que parece, Karou era péssima em avaliar monstros, algo lamentável considerando sua situação atual.

— Quem pegou a barra? — exigiu saber.

Seu coração batia descompassado, pequenos acessos em staccato.

— Por que tanto estardalhaço? É só um pedaço de madeira.

— É só a minha *segurança.*

Então era esse o custo de um cabelo limpo? Como ela conseguiria dormir sabendo que qualquer um poderia entrar ali? Ela já dormia mal mesmo com a barra na porta. Então se lembrou de repente, como se levasse uma agulhada, que dormira tranquilamente com Akiva a poucos metros dela, em seu apartamento em Praga. O que havia de errado com ela para ter se sentido segura ao lado *dele*?

— Isso foi ideia *sua*, não foi? Porque eu a tranquei do lado de fora no outro dia? — Até mesmo os suportes de parede tinham sido arrancados, então não podia simplesmente colocar outra barra de madeira no lugar. — Vocês querem o quê, que

alguém me mate enquanto durmo?

— Calma, Karou. Ninguém quer matar...

— Ah, claro. Ninguém quer, ou ninguém *vai* me matar?

Ela realmente esperava que Ten tentasse amenizar a realidade?

— Tudo bem. Ninguém *vai* matar você — disse a mulher-lobo. — Você está sob a proteção do Lobo Branco. Isso é melhor do que qualquer pedaço de madeira. Agora, venha. Vamos voltar ao trabalho. Temos que terminar Emylion, e Hvitha vai para o fosso esta noite.

Era isso? Simples assim? Ela era obrigada a obedientemente entrar em seu quarto e voltar a trabalhar na listinha de ressurreições do Lobo? Nem pensar. Ela se virou para a escada, mas Ten se colocou a sua frente, então Karou atravessou o quarto até a janela aberta. Se Thiago quisesse que a vigiassem, pensou, era melhor escolher uma sombra que pudesse *voar*.

Ten percebeu o que ela ia fazer, e disse:

— Karou...

Naquele momento ela se lançou para fora. Flutuou por tempo suficiente para lançar um olhar raivoso para Ten e depois se deixou cair. *Rápido*. Com uma grande lufada de ar, ela reduziu abruptamente a velocidade e acabou aterrissando agachada quatro andares abaixo.

Ai. Um pouco abruptamente demais. Seus pés doeram com o impacto, mas com certeza fora uma saída dramática. Viu Ten com a cabeça para fora da janela, e resistiu ao impulso de mandá-la para aquele lugar — com a versão britânica, levantando os dedos indicador e médio, que é muito mais legal do que mostrar o dedo do meio. Seria uma atitude ridícula de qualquer forma. *Não seja tão humana*, disse a si mesma, e saiu à procura do Lobo.

Ele devia estar na guarita, a estrutura meio em ruínas em que se reunia com seus capitães, desenhava mapas na areia e depois apagava-os, andava de um lado para o outro, planejava. Karou seguiu naquela direção. No caminho passou por Hvitha, que assentiu brevemente, sem desacelerar o passo. *Acho que verei você mais tarde*, pensou Karou com uma pontada de pena. Hvitha não tinha sido exatamente gentil com ela, mas também não fora grosseiro — não tinha sido nada —, e não devia ser muito legal andar por aí sabendo que teria sua garganta cortada em algumas horas. Parecia um desperdício da arte de Brimstone.

Não é problema meu.

Ao passar por roupas penduradas em um muro para secar ao sol, ocorreu-lhe que aquele lugar estava começando a parecer habitado; graças a ela. Nove novos soldados nos últimos dias — seu ritmo estava melhorando com a ajuda de Ten, mas em compensação, minha Nossa, seus braços estavam um horror —, e todos os lugares pareciam cheios de vida. Ela podia ouvir o martelo de Aegir e ver a fumaça se levantando da forja, sentir o cheiro quase nulo do cuscuz a cozinhar e o ranço forte vindo do contraforte que tinha se tornado o urinol de preferência dos soldados que não queriam se dar ao trabalho de andar — ou *voar*, caramba — até o lado de fora da casbá.

Não precisam agradecer pelas asas, mas agora por favor aproveitem para urinar um pouco mais longe, obrigada!

Uma discussão, uma gargalhada e, vindo do pátio, o retinir de lâminas recém-forjadas erguidas por mãos recém-formadas: seus mais novos espectros experimentando a força de seus novos corpos, asas e tudo mais. Ela parou sob um arco para observar e logo viu Ziri. Estava com Ixander, sua maior monstruosidade até o momento. Parecia um anão perto dele.

Ixander sempre fora grande — era dos Akko, uma das maiores tribos e um importante pilar do exército —, mas agora estava alto como um urso, coisa de três metros ou mais, além de corpulento e com presas, como determinavam as especificações de Thiago. Suas asas eram quase tão grandes quanto as de um caça-tempestades, e os músculos necessários para erguê-las deixavam suas costas enormes curvadas como as de um urso. O corpo era deselegante, e Karou lamentava isso. Seu breve contato com a alma dele a surpreendera por lhe evocar... um prado.

A impressão das almas era sinestésica: som ou cor, flashes de imagens ou sensações. A de Ixander lhe lembrara um prado. Raios de luz por entre flores recém-desabrochadas e silêncio — o oposto do colossal corpo de fera que ele parecia começar a dominar agora, com a ajuda de Ziri.

Ziri se lançou ao céu, gracioso e sem ruído, e chamou Ixander, que repetiu o movimento sem a mesma graciosidade nem silêncio. Suas batidas de asas faziam um barulho quase sônico e levantaram uma nuvem de poeira que atingiu Karou mesmo

ela estando do outro lado do pátio. No ar, os dois começaram a treinar posições de luta. Karou se viu prestando atenção não em Ixander, mas em Ziri, esquecendo a afronta que havia sofrido e o que pretendia fazer, e sendo levada de volta ao passado ao ver um Kirin em pleno voo.

Toda vez que isso acontecia, era como se ela voltasse a ser Madrigal. Nunca se sentia mais quimera do que no primeiro instante em que via Ziri — e nunca mais humana do que no seguinte, quando se lembrava do que era agora. Não que fosse decepcionante. Ela era o que era. O que sentia era só uma ligeira desorientação, uma breve vibração entre dois eus que sempre estariam separados, como duas gemas em uma única casca.

— Você poderia ser Kirin de novo, sabia? — dissera-lhe Ten quando estavam no rio.

— O quê?

Karou achou que tivesse entendido errado, por estar lavando o cabelo.

— Você poderia ser quimera. Talvez assim os outros a aceitassem melhor. — Mais uma vez ela olhara Karou dos pés à cabeça, com ar de superioridade diante de sua lamentável natureza humana. — Eu poderia ajudá-la.

— Ajudar? — Ela só podia estar brincando. — Quer dizer *me matando*? Muuuito obrigada!

Mas Ten não estava brincando.

— Ah, não. Thiago faria isso, é claro. Mas eu a ressuscitaria. Você só precisaria me mostrar como.

Ah, simples assim?

— Que tal o seguinte? — dissera Karou, com um grande sorriso debochado. — Vamos remodelar você. Tenho várias ideias para o seu novo corpo.

Ten não gostara nada da brincadeira, mas Karou não se importava com o que ela gostava ou não. Ainda estava irritada. Será que a mulher-lobo havia conversado sobre isso com Thiago? Talvez fosse mais fácil se misturar se ela parecesse uma quimera, mas não fazia sentido sequer pensar nisso agora. Karou precisava ser humana para conseguir comida para os rebeldes, assim como tecido para roupas e material para a forja de Aegir, sem falar nos dentes. Mas será que esperariam que ela fizesse essa transformação algum dia?

Bem, eles que esperassem sentados. Karou olhou para os hamsás nas palmas de suas mãos; pareciam quase uma marca registrada. Brimstone fizera aquele corpo para ela, e ela ficaria com ele.

O som de uma risada a trouxe de volta para o presente. Ziri e Ixander estavam lutando e Ixander perdera o equilíbrio, espiralando para o chão. Tentando se aprumar, ele começou a bater as asas desajeitadamente e se chocou no parapeito meio desmoronado que cercava o pátio. Acabou produzindo uma cascata de terra e ficando pendurado por uma das mãos na parede. *Rindo*. E Ziri também ria, e os outros, e o som era tão estranho, tão leve... Karou então se deu conta de que estava espiando, porque eles nunca riam quando ela estava por perto e com certeza parariam se a vissem. Então se afastou, para impedir que isso acontecesse.

Ziri se lançou para a frente no ar e bateu na mão de Ixander com a parte chata de sua lâmina, fazendo-o soltar o parapeito e cair no chão com um rugido. Ele aterrissou com uma força absurda e tentou acertar Ziri, que o provocava lá de cima, ainda rindo ao se aproximar do outro apenas para bater no seu capacete e se afastar logo em seguida. Alguns dos outros rodearam Ixander, debochando dele — com inequívoco bom humor —, e quando Ixander decolou atrás de Ziri, todos vibraram, urrando.

As cinco patrulhas tinham voltado de Eretz, sem uma única baixa e quase sem ferimentos. Thiago andava bem-humorado, e a atmosfera na casbá era de glória, embora que glória, Karou continuava sem saber, assim como desconhecia qual tinha sido a missão das patrulhas. Uma das mulheres da cozinha fizera para Thiago um novo estandarte para substituir o que tinha sido queimado em Loramendi; era mais modesto, feito de lona e não de seda, mas exibia um lobo branco e as palavras *Vitória e vingança*, que eram seu lema. E agora, aparentemente, o de todos eles.

Karou pessoalmente preferia o brasão do Comandante: chifres dos quais brotavam folhas, representando assim o surgimento de algo novo, mas não estava imune ao desejo de vingança — grande e feio dentro de si: uma batida primal de tambor, com dentes arreganhados —, e tinha que admitir que o lema de Thiago dava um grito de guerra melhor para a rebelião.

O estandarte estava pendurado na galeria e era a primeira coisa que se via ao entrar no pátio, como que para afirmar a

eminência do Lobo. *Cadê o meu?*, pensou Karou, em um ataque súbito de hilaridade. Por que não? *Estamos nisso juntos*, lhe dissera. Então o que ele faria se ela criasse seu próprio estandarte para pendurar ao lado do dele? E qual seria o desenho? Um colar de dentes? Um alicate? Não. Um torno, e seu lema seria *Ai*.

Ela riu sozinha. Era engraçado, pensou, mas seu sorriso de repente lhe pareceu melancólico por não haver ninguém com quem dividir suas ideias. No pátio, os soldados ainda riam, e ela estava escondida nas sombras, sem tomar parte naquilo.

Ixander se movia muito mais facilmente agora, e ela levou um instante para entender o motivo: era porque não estava se esforçando tanto. Apenas se movia da forma como os corpos são feitos para se moverem, sem pensar. Sentiu uma ponta de orgulho, vendo aquele corpo enorme passar a deslizar suavemente. A provocação de Ziri fizera com que Ixander esquecesse a timidez — devia ser essa a intenção dele —, e Ziri pagava o preço disso agora, pois Ixander o agarrou pelo pescoço, fingindo sufocá-lo, antes de atirá-lo para longe. Ziri capotou no chão e derrapou até conseguir parar, de pé nos cascos fendidos, praticamente cara a cara com Balieros, o grande centauro que era seu líder de patrulha.

Balieros balançou a cabeça, seu corpo se sacudindo de tanto rir, e, passando o braço em volta do ombro de Ziri, os dois voltaram juntos para ver Ixander voar.

Karou sentiu um nó na garganta. Como ficavam à vontade uns com os outros, como riam fácil. Um dia ela fizera parte da intimidade dos soldados de seu povo, dividindo com eles alojamentos e campos de batalha, refeições e músicas. Tinha salvado vidas e colhido almas; tinha sido um deles.

Mas fizera suas escolhas, e agora precisava enfrentar as consequências.

Quando as risadas cessaram abruptamente, Karou se assustou, achando que os soldados tinham detectado sua presença. Mas eles não olhavam em sua direção. Um instante depois, Thiago surgiu em seu campo de visão. Karou se lembrou de que ia pedir a barra da porta de volta, mas agora a coragem e a afronta que sentira já a haviam abandonado. Não só por causa dele, embora com certeza o Lobo tivesse um efeito sobre sua coragem, mas por quem o acompanhava.

As Sombras Vivas.

Eram belas a sua maneira, com seu andar sinuoso. Tangris e Bashees eram idênticas: criaturas-pantera, parecendo esfinges negras, de ossatura delicada e pelo macio, com cabeça de mulher e penas de coruja preta nas asas incrivelmente silenciosas. Não eram grandes, ou mesmo terríveis, mas Thiago tratava as duas com uma deferência que não demonstrava a nenhum outro soldado, e não era para menos. Ninguém mais era capaz de fazer o que elas faziam. Karou sentiu as mãos ficarem frias e úmidas. Será que ele iria enviá-las em uma missão?

Sim.

Dessa vez ela não poderia se perguntar em pretensa inocência qual seria a natureza da missão, ou fingir não entender. As Sombras Vivas eram lendas, e eram... especiais, portanto sua missão também devia ser.

Elas se ergueram no ar e saíram voando, deixando um rastro de silêncio atrás de si. Ninguém se despediu ou lhes desejou boa sorte. Não precisavam de sorte. Em algum lugar em Eretz, no entanto, alguns anjos iriam precisar, e muito; mas não teriam. Quem quer que fossem, já estavam praticamente mortos.

31
Contagem

Akiva podia ter passado aquela noite sem fogueira no acampamento. Já vira fogo suficiente por um dia: o céu ainda estava coalhado de fumaça das chamas que tinham ateado para expulsarem os quimeras fugitivos da segurança da floresta. Quando ergueu os olhos, não viu uma única estrela. Mas uma fogueira era a parte central e imprescindível de um acampamento, seu ponto focal. Os soldados se reuniam em volta do fogo para limpar suas lâminas, comer e beber, e, embora estivesse sem apetite, sede ele tinha. Tinha bebido seu terceiro jarro d'água, mergulhado em pensamentos tão sombrios quanto o céu, quando uma voz chamou sua atenção.

— O que vocês estão fazendo?

Era uma pergunta agressiva, vinda de Liraz. Akiva levantou a cabeça. Ela estava do outro lado da fogueira, a luz das chamas a cobrindo de um brilho lúrido.

— O que acha? — retrucou um soldado da Segunda Legião que Akiva não conhecia.

Ele estava sentando com outros dois. Quando Akiva viu o que seguravam — o que estavam prestes a fazer —, cerrou os punhos de raiva.

Ferramentas de tatuagem: bastava uma faca e um tubo de tinta para se registrar mortes na pele.

— Acho que você vai aumentar a sua contagem — respondeu Liraz —, mas não pode ser isso, claro que não; afinal, nenhum soldado que se preze marcaria o dia de hoje nas mãos.

Hoje. Hoje. O que a patrulha de Liraz fizera naquele dia? Akiva não sabia. O olhar dela, quando ele e Hazael a encontraram após seu dia também sombrio, parecia desafiá-lo a perguntar, mas ele não queria saber. Alguns integrantes do grupo dela estavam feridos — marcas de açoite, mordidas. Nada sério, mas revelavam o suficiente. Akiva também não havia contado o que fizera horas antes naquela ravina a sudeste dali. Ele e Hazael não tinham nem conversado a respeito, mal trocando olhares que confirmavam o que havia acontecido.

A questão é que a contagem era para mortes em batalha, para soldados assassinados. Não para cidadãos comuns em fuga.

— Eles estavam armados — alegou o soldado, dando de ombros.

— Ah, e isso basta para o exército geral? Um escravo com uma faca já se torna um oponente importante? Quantos desses aí revidaram? — perguntou ela, apontando para as mãos dele, para todas as linhas pretas em seus dedos. — Algum?

O soldado se levantou de repente. Era uns trinta centímetros mais alto que Liraz, mas, se achava que isso lhe daria alguma vantagem, logo aprenderia com seu erro. Akiva ficou de pé também — não porque achasse que a irmã precisava de ajuda, mas por se surpreender com a raiva dela.

— Minhas marcas foram merecidas — disse o soldado, aproximando-se dela, altivo.

Liraz não recuou. Por entre os dentes trincados e com amargo desprezo, disse:

— Hoje não.

— E quem é *você* para decidir?

Os lábios dela se repuxaram, mostrando os dentes em um sorriso maldoso.

— Pergunte por aí.

Talvez tenha sido o sorriso, ou algo que viu nos olhos dela, mas o soldado hesitou em seu ar de valentão.

— Isso deveria me assustar?

— Bem, *eu* estou com calafrios — intrometeu-se Hazael, se aproximando. — Posso lhe contar algumas histórias, se quiser mesmo saber. Eu a conheço desde pequeno.

— Que sorte — disse um dos outros, o que despertou algumas risadas idiotas.

— É uma sorte mesmo, eu sei. — Hazael estava sendo sincero. — É bom ter alguém por perto para salvar a sua vida. Foram quantas vezes, Lir? Quatro?

Liraz não respondeu. Akiva se colocou ao lado deles.

— Fazendo novos amigos, Lir?

— Aonde quer que eu vá.

Akiva dirigiu-se aos outros soldados:

— Vocês sabem que ela está certa. É uma desonra orgulhar-se do trabalho de hoje.

— Estou só seguindo ordens — defendeu-se o soldado, que ficara desconfortável na presença de Akiva.

— Vocês receberam ordens de gostar do que fizeram?

— Vamos — disse um dos outros, puxando o amigo pelo cotovelo; enquanto se retiravam, Akiva e seus irmãos ouviram alguns resmungos de "Ilegítimos".

Liraz gritou para eles:

— Se eu vir tinta fresca em algum de vocês amanhã, vou arrancar seus dedos.

O valentão soltou uma gargalhada cética e olhou para trás.

— Não me provoque — completou ela.

— *Não* a provoque — disse Hazael. — Por favor. Acho que ela ficaria um pouco feliz demais com uma coleção de dedos.

Depois que eles se afastaram, Liraz se sentou. Olhou de esguelha para Akiva.

— Não preciso da ajuda do Ruína das Feras para discutir com alguém.

Hazael ficou ofendido.

— E quanto a mim? Tenho quase certeza de que foi de mim que eles ficaram com medo.

— Claro, porque nada assusta mais do que ficar alardeando quantas vezes sua irmã salvou sua vida.

— Bem, eu não falei quantas vezes salvei a sua. No momento estamos empatados, não?

— Eu não estava tentando ajudar — interrompeu Akiva. — Só concordando com você. — Ele hesitou, e então perguntou: — Liraz, o que aconteceu hoje?

— O que você acha? — foi a única resposta dela.

O que ele achava é que haviam cruzado com alguns dos escravos fugidos da caravana e, como o soldado dissera, cumprido as ordens. Pelo modo como Liraz olhava para a fogueira, Akiva teve a impressão de que ela não tinha gostado nada da tarefa, mas ele não esperaria o contrário. Ela podia se orgulhar de uma batalha bem travada, mas nunca de um massacre. A questão era o quanto ela estava comprometida em seguir ordens. E... será que ela o surpreenderia, assim como Hazael?

Akiva olhou para o irmão e viu que Hazael o olhou de volta. Ficaram ali se entreolhando por um tempo, por sobre a cabeça da irmã, finalmente admitindo o que tinham feito naquele dia na ravina.

Ou, mais exatamente, o que *não* tinham feito.

Quando Akiva ouvira o grito — breve, entrecortado, inequívoco —, Hazael estava mais próximo do local de onde viera o som do que ele. A distância não era grande, mas ainda assim foi Hazael quem reagiu primeiro, dobrando as asas de repente e mergulhando em direção ao leito rochoso do riacho, com as pernas flexionadas em posição de prontidão, caso precisasse levantar voo de novo. Meio segundo depois Akiva estava ao seu lado, e viu o que ele via: um grupo trêmulo de criadores de gado, apavorados e encolhidos em uma concavidade na ravina.

Os Caprina eram uma das tribos mais dóceis de quimeras, tão inadequados para a luta que eram dispensados do exército. O fato é que muitas tribos quimeras não davam bons soldados: eram pequenos, ou não tinham um tipo físico muito apropriado para empunhar armas, ou eram aquáticos, ou tímidos, ou mesmo grandes, lentos e desajeitados demais. As razões eram tantas quanto o número de tribos, o que explicava por que Brimstone passara tanto tempo em seu trabalho: vários quimeras simplesmente não eram feitos para lutar, e com certeza não para lutar contra serafins.

A principal força do exército sempre saíra de algumas dezenas de tribos mais selvagens, e foi com surpresa que Akiva reconheceu um deles no meio daquele grupo. Um Dashnag entre os Caprina. Pequeno, ainda jovem, mas mesmo os menores Dashnags eram criaturas brutais, embora aquele estivesse carregando uma esguia jovem cervo-centauro em seus braços fortes — a jovem cobria a própria boca; devia ter sido ela quem gritara, e seus límpidos olhos de cervo pareciam incrivelmente grandes em seu rosto pequeno e doce. Outra garota cervo estava encolhida de medo junto ao garoto Dashnag, e, embora

Akiva não pudesse saber precisamente o que reunira aquelas criaturas naquele momento, o quadro era simples e pintava em escala reduzida o que os anjos tinham feito com Eretz: graças ao terror, tinham conseguido que os povos se unissem contra eles.

Tudo isso em um instante. O garoto Dashnag então colocou a jovem cervo de lado, com cuidado. Havia medo em seus olhos, mas ele estava disposto a defender aquele grupo. Akiva tinha suas espadas nas mãos, mas não queria usá-las.

Não precisamos ser assim, pensou ele.

— Haz... — começou.

Seu irmão se virou em sua direção. Parecia confuso, estreitando os olhos.

— Que estranho — disse ele, interrompendo Akiva. — Eu podia jurar que tinha ouvido alguma coisa aqui embaixo.

Akiva levou um segundo para entender. Então uma onda de alívio — e gratidão — o invadiu.

— Eu também — disse Akiva, com cautela, esperando ter interpretado corretamente o irmão.

O garoto Dashnag os observava com atenção, cada músculo preparado para saltar. Os Caprina e as duas garotas Dama tinham os olhos arregalados, sem piscar. Um bebê começou a resmungar — um bebê —, e sua mãe o segurou com mais força.

— Deve ter sido um pássaro — arriscou Akiva.

— Um pássaro — concordou Hazael.

E então... deu as costas aos fugitivos. Entrou no riacho, espirrando água, casualmente e até de maneira um pouco cômica, e se abaixou para pegar uma das flores que cresciam de caules frágeis à beira d'água, enfiando-a em um buraco de sua cota de malha. Ainda estava lá.

Só à noite, no acampamento, ele a tirou. Entregou a flor a Liraz, fazendo Akiva ficar tenso, temendo que ele lhe contasse que tinham poupado o equivalente a uma vila inteira de quimeras, incluindo um Dashnag, que, embora fosse só um garoto, certamente se tornaria um soldado em breve. O que ela acharia disso? Mas Hazael disse apenas:

— Trouxe um presente para você.

Liraz a pegou, olhou para a flor e depois para Hazael, impassível. E então a comeu. Mastigou a flor e a engoliu.

— Hum — fez Hazael. — Que forma diferente de se receber uma flor.

— Ah, quer dizer que você anda distribuindo flores por aí?

— Sempre — respondeu ele. E provavelmente era verdade. Hazael tinha um jeito de aproveitar a vida apesar das muitas restrições sob as quais viviam por serem soldados e, o que era pior, por serem Ilegítimos. — Tomara que não seja venenosa — completou com bom humor.

Liraz deu de ombros.

— Existem maneiras piores de morrer.

32

A morte regia a todos

— Aí está você — disse Ten, exasperada, flagrando Karou espiando escondida.

— Aqui estou eu — concordou Karou, olhando para a mulher-lobo. — Aonde elas estão indo?

— Quem?

— As esfinges. Aonde ele as enviou? Para fazer o quê?

— Não sei, Karou. Para Eretz, para fazer o trabalho delas. Podemos voltar ao nosso?

Karou virou-se de volta para o pátio. Os soldados tinham se reunido em volta de Thiago, observando o céu depois que as Sombras Vivas tinham desaparecido. *Vá lá*, instava ela. *Vá perguntar*. Mas não conseguia reunir coragem para ir até ele e sentir todos aqueles olhares fixos em si como sempre, ou projetar sua voz e interromper a intensidade vigilante e silenciosa dos quimeras.

Então se sentiu quase aliviada quando Ten colocou a mão em seu braço e disse:

— Venha. Emylion, depois Hvitha. Temos um exército para construir.

Karou quase sentiu alívio. *Covarde*.

E se deixou conduzir.

* * *

Após dois dias sob os cuidados de Nur, Sarazal conseguiu voltar a apoiar o peso do corpo na perna, embora Rath ainda a carregasse a maior parte do tempo — agora com a ajuda de uma faixa presa às costas que tinham improvisado. Sveva sentiu o peso da vida de sua irmã sair de seus ombros. Sarazal ficaria bem, e elas reencontrariam sua tribo, só que... só não seria tão rápido. Era difícil ir na direção errada, mas arriscado demais seguir para o norte. Havia muitos serafins no caminho para casa.

Estamos bem, mãe. Estamos vivas. Sveva continuava enviando seus pensamentos a distância, imaginando-os como squalls carregando mensagens que sua mãe poderia simplesmente desenrolar e ler. Ela quase acreditava nisso agora; era muito difícil admitir a verdade: que seu povo devia achar que não voltariam mais. *Anjos pouparam nossas vidas*, disse em pensamento à mãe, ainda aturdida com aquele milagre. Sua vida parecia renovada: perdida e recuperada, mais leve e mais pesada ao mesmo tempo.

Se encontrar um anjo com olhos de fogo e outro com um lírio do pântano preso na armadura, pensou para a mãe, *não os mate*.

O grupo seguiu para o sul em direção às montanhas, onde os rumores indicavam haver um porto seguro. Encontraram outros pelo caminho e os encorajaram a seguir em frente. Dois Hartkind se juntaram a eles, mas tomaram cuidado para não deixar o comboio aumentar depois disso. Não era seguro viajar em grupos grandes. Bem, nada era seguro, mas fazia-se o possível. A menos que estivessem em uma área de floresta cerrada, só avançavam à noite, quando os serafins podiam ser facilmente localizados, suas asas de fogo pintando de luz a escuridão.

Lell ia montada nas costas de Sveva, agora parecendo a coisa mais natural do mundo colocá-la ali sempre que seguiam viagem, e caminhar atrás de Rath, para poder ficar de olho em Sarazal.

— Mal posso esperar para voltar a correr — disse sua irmã, baixinho, certa manhã, enquanto penavam para subir uma encosta no ritmo dos Caprina.

— Eu sei — disse Sveva. E então, no alto da colina, tiveram a primeira visão das Terras Distantes: enevoada pela distância, absurdamente grande, seus picos cobertos de neve se fundindo com as nuvens como uma terra branca no ar. — Mas é bom estar viva.

* * *

As patrulhas serafins não estavam tendo uma caçada muito frutífera. Havia muito terreno a cobrir, a terra era selvagem, e os habitantes desapareciam a cada dia.

— Alguém está alertando as feras — disse Kala certa manhã, quando chegaram a mais uma aldeia abandonada.

Aldeias eram raras; o mais comum eram fazendas simples onde pequenos clãs viviam, mas essas também andavam desertas. Durante as noites, em volta da fogueira, os soldados ainda limpavam suas espadas, mas agora faziam isso mais por hábito do que por necessidade. A terra parecia se esvaziar à frente deles; fazia dias que mal derramavam sangue. Os rumores sobre fantasmas persistiam. Alguns diziam que a culpa era dos escravos, embora todos soubessem que teria sido um feito notável — tanto de coragem quanto de logística — que os poucos fugitivos avisassem toda aquela imensa terra sobre a chegada do flagelo.

A única conclusão lógica, embora não houvesse nenhuma evidência para embasá-la, era que se tratava de obra dos rebeldes.

— Por que eles não mostram a cara? — disparou um soldado da Segunda Legião, em um ataque de fúria. — Covardes!

Akiva se perguntava a mesma coisa. Onde estavam os rebeldes? Mas ele sabia que não eram os rebeldes que alertavam o povo.

Era ele.

À noite, enquanto todos no acampamento dormiam, ele se tornava invisível com um encanto e saía escondido da barraca. Aonde quer que fossem no dia seguinte, ele ia na frente, e, ao encontrar uma aldeia ou fazenda ou acampamento nômade, ficava visível para eles e os assustava, na esperança que tivessem o bom senso de não voltarem.

Já era alguma coisa, mas não o suficiente. Estava exausto e sabia que não seria capaz de se manter daquela forma, mas também não conseguia pensar em mais nada que pudesse fazer. O que pode um soldado fazer quando compaixão é traição e quando está sozinho nisso? Sua esperança era que o povo do sul tivesse tido tempo de alcançar as Terras Distantes. Devia ter funcionado.

Mas não foi o que aconteceu.

Porque durante a noite, no escuro, com suas asas silenciosas, enquanto Akiva lutava para tentar salvar o inimigo, uma família de cada vez, os rebeldes mandavam ao império um recado. E esse recado provocaria em Joram uma reação capaz de acabar com qualquer esperança que Akiva tivesse de diminuir o número de mortes.

— *Ou temos a vida como mestre, ou a morte* — dissera Brimstone, mas, nos dias banhados a sangue em que viviam, não havia o luxo da escolha.

A morte regia a todos.

Era uma vez
uma época em que o céu viu a fúria de exércitos de anjos em movimento,

e o fogo de suas asas fez o vento soprar em fúria infernal.

33
As Sombras Vivas

Na guarnição serafim de Thisalene — não em uma praia distante ou uma região desolada ocupada pelas feras, mas encravada nos penhascos sinuosos da costa de Mirea, no próprio coração do império —, uma sentinela vigiava o terreno de seu posto na torre enquanto o sol se erguia sobre o mar. A ausência de sinais de seus companheiros no acampamento abaixo o inquietava. Cem soldados treinados para se levantar à primeira luz do dia e ainda assim não se ouvia um só farfalhar de tecido, nem um som sequer. A aurora chegara, mas os alojamentos continuavam muito quietos. O silêncio parecia surreal e muito errado. A quietude se limitava às madrugadas. Àquela hora já devia haver barulho de vozes, comida sendo preparada em fogueiras, os primeiros sons desordenados do choque das lâminas em treinamento.

Ele sabia que já devia ter sido substituído no turno, mas não conseguia se convencer a deixar o posto. O terror o prendia ali. Nada além do mar e do sol se movia. Era como se tudo que havia de vivo no mundo tivesse sido congelado, tudo menos ele. Só quando as primeiras aves carniceiras começaram a circular ele finalmente despertou de sua imobilidade, saltou da torre, desceu voando e encontrou, em cada uma das barracas, colegas adormecidos que nunca iriam acordar.

Uma centena de gargantas abertas habilmente como cartas. Uma centena de sorrisos vermelhos, e na parede, também escrita em vermelho, uma nova mensagem:

OS ANJOS DEVEM MORRER.

Era um eco das infames palavras do imperador, havia muito vociferadas do alto da Torre da Conquista e marteladas, desde a infância, na consciência de cada serafim, cidadão ou soldado: *As feras devem morrer.*

Deveria ter desertado, aquele soldado. Deveria imaginar que seria enforcado por seu erro; era imperdoável, mesmo que fosse verdade o que relatou quando chegou à cidade ao norte da costa, abalado e desesperado, falando sem parar. Thisalene era o principal porto de escravos do império, a apenas meio dia de viagem por terra partindo-se da capital — uma hora voando, no máximo —, e era fortemente armado e protegido. Soldados de seu próprio regimento se revezavam na patrulha das muralhas do cais, e ele temia encontrá-los mortos também.

— Graças aos deuses da luz! — exclamou o soldado, arfando. — Devemos triplicar os sentinelas. Elas estão vivas. Estão de volta, e estamos todos mortos!

O comandante foi chamado. Quando chegou, o soldado já havia se recuperado um pouco do choque. A primeira coisa que disse foi:

— Eu não dormi, senhor, juro.

— E quem disse que você dormiu? O que aconteceu, soldado? Você está coberto de sangue.

— O senhor precisa acreditar em mim. Eu nunca dormiria no posto. Elas estão vivas. Eu teria visto qualquer coisa que fosse natural...

— Explique direito. Quem morreu? Quem está vivo?

— Nós estamos mortos, senhor. Eu não fechei os olhos nem por um instante! Foram as Sombras Vivas. Não há outra explicação. Elas voltaram.

34
Comemoração

Karou era boa em várias coisas, mas dirigir não era uma delas. Ela ainda nem tinha idade para tirar carteira, o que agora lhe parecia engraçado. Não sabia sobre a legislação no Marrocos, mas na Europa era preciso ter dezoito anos para dirigir, e ainda faltava um mês para isso acontecer — isto é, a não ser que contasse suas duas vidas juntas. *Devia ter pedido um certificado*, pensou enquanto a velha caminhonete azul que usava para buscar suprimentos para a casbá pulava e derrapava pela estrada.

Um grande solavanco deixou o veículo apoiado nas duas rodas laterais, suspenso por um momento antes de bater de volta no chão com um impacto que fez Karou pular uns trinta centímetros no ar. *Uff*.

— Desculpe! — cantarolou ela por sobre o ombro, com uma falsa doçura.

Ten estava na parte de trás, escondida dos olhos humanos. Karou mirou em outra lombada.

— Se não quisesse estar aqui, já teria ido embora — dissera ela a Thiago antes de sair, com a mulher-lobo a tiracolo, apesar de seus protestos. — Não preciso de uma carcereira.

— Ela não é uma carcereira — replicara ele. — Karou, Karou. — A intensidade de seus olhos era mais irritante que nunca. — Só não consigo suportar a ideia de você ir sozinha. Faça o que estou lhe pedindo. Se alguma coisa acontecesse a você, eu estaria perdido.

Não *nós* estaríamos perdidos. *Eu* estaria.

Eca.

É claro, podia ser pior. O próprio Thiago poderia ter ido, e ela passara por um breve momento de tensão, receando isso. Mas, como ele estava aguardando o retorno das Sombras Vivas de sua missão, decidira esperar na casbá.

— Traga algo para comemorarmos — dissera ele. — Se puder.

Os pelos em sua nuca se arrepiaram.

— O que estamos comemorando?

Em resposta, Thiago apontou para seu estandarte e sorriu. *Vitória e vingança*.

Certo.

Então, perguntava-se Karou, o que se leva para uma comemoração de vitória e vingança? Birita? Seria difícil encontrar isso no Marrocos, e ainda bem. Álcool era a última coisa que ela daria aos soldados.

Bem, talvez não a *última*.

Quando chegou na rua principal longa e empoeirada de Agdz, que lembrava mais o Velho Oeste do que as *Mil e uma noites,* ela evitou a loja em cuja vitrine recordava-se de ter visto rifles. Não queria correr o risco de que Ten, mesmo escondida, visse aquilo e perguntasse o que eram.

Não seriam um *ótimo* presente para a comemoração? Sem dúvida.

A questão das armas estava sempre presente na mente de Karou. Ao pensar nisso, levou a mão à barriga, às três pequenas cicatrizes a lembravam das balas que um dia rasgaram sua pele, no porão de um navio em São Petersburgo. Lá, em torno dela, meninas e mulheres, com suas bocas desdentadas, sangravam e choravam e corriam.

Karou odiava armas, mas sabia o que podiam representar para a rebelião. Mil vezes pensara em contar a Thiago sobre essa tecnologia humana fatal, e mil vezes desistira. Por várias razões, a começar pelos seus sentimentos a respeito do assunto e pelas pessoas com quem teria que negociar para consegui-las. A situação já não estava bem ruim mesmo sem traficantes de armas envolvidos? Mas isso tudo seria suportável se não fosse pela razão mais importante, à qual ela sempre voltava.

Brimstone nunca levara armas para Eretz.

Só lhe restava imaginar qual teria sido o motivo, mas seu palpite era simples: porque daria início a uma corrida armamentista, acelerando absurdamente o ritmo da matança, o que era a última coisa que ele gostaria. Brimstone lhe dissera — para seu eu Madrigal —, nos últimos momentos antes de ela ser executada, que, desde muitos séculos antes, ele só vinha

lutando contra a maré, tentando manter seu povo vivo até que outra maneira pudesse ser encontrada, uma mais verdadeira. Um caminho para a vida, para a paz.

Vida e paz. Vitória e vingança.

E esses dois binômios nunca se encontrariam.

Na cidade, Karou comprou caixotes de damascos, cebolas e abobrinhas. Adaptando-se aos hábitos locais, ela usava um hijab de algodão cobrindo o cabelo azul, e uma djellaba de manga comprida com uma calça jeans. Não chegariam a confundi-la com uma marroquina, mas, com seus olhos pretos e seu árabe perfeito, também não achariam que fosse ocidental. Tomando cuidado para não deixar que vissem seus hamsás, ela comprou tecidos, couro, chá e mel, amêndoas e azeitonas e tâmaras secas. Ração para as galinhas e pão pita. Carne vermelha marmorizada — não muita; para não estragar. Praticamente toneladas de cuscuz — sacos tão grandes que ela mal conseguia levantá-los, mas ainda assim teve que dispensar ajuda; afinal, havia um monstro com cabeça de lobo escondido na traseira da caminhonete. *Muito obrigada, Ten.*

A uma mulher com ar indagador que trabalhava para um organizador de passeios turísticos, ela explicou:

— Turistas famintos.

De fato. Karou percebeu que literalmente comprara comida para um pequeno exército, e não conseguia nem achar graça disso.

Não parava de pensar nas esfinges, e no que deviam estar fazendo.

Isso fez com que sua vontade de pensar em algo para levar para a comemoração dos soldados praticamente sumisse. Jogou uma garrafa de água para Ten e fechou a porta traseira do carro. Saindo da cidade, viu uma loja que a fez reconsiderar. Tambores. Tambores tribais berberes. Algumas vezes, no passado, os soldados tocavam tambores nos acampamentos militares. Cantavam também. Ninguém nunca cantara na casbá, mas lembrou-se de Ziri e Ixander brincando no pátio, daqueles momentos de risadas do qual não participara, e comprou dez tambores. Depois dirigiu pelo longo caminho de volta enquanto a luz do dia sumia.

Estavam descarregando a caminhonete quando as Sombras Vivas voltaram.

⋆ ⋆ ⋆

— Pensei que as Sombras Vivas fossem as Sombras *que morreram* — comentou Liraz.

Tinham recebido notícias de Thisalene, e Akiva ainda estava meio zonzo. O horror, a quantidade de mortos, a ousadia do ato. A *tolice* do ato. Atacar tão perto de Astrae era atacar a crença da santidade do próprio império. Será que aqueles rebeldes sequer sabiam o que haviam provocado?

Hazael soltou um suspiro longo e cansado.

— Sou só eu, ou vocês também notaram que os quimeras não gostam muito de ficar mortos?

— Bem, pelo menos isso temos em comum com eles — disse Liraz.

— Temos mais do que isso em comum — afirmou Akiva.

Liraz se virou para ele.

— Com você, principalmente — provocou Liraz. Ele achou que a irmã estava sendo sarcástica em relação a viver em “harmonia” com as feras, mas ela abaixou a voz e acrescentou: — O costume de ficar invisível, por exemplo?

Akiva gelou.

Ela sabia o que ele vinha fazendo nas últimas noites, ou só estava falando do encanto de forma geral? Liraz ficou olhando para ele por um tempo, e parecia haver algo escondido naquele olhar, mas, quando ela continuou, foi só para dizer:

— Se nosso *pai* soubesse que você pode fazer isso... — Ela encerrou a frase com um assovio. — Poderia ter sua própria Sombra Viva.

Akiva olhou em volta. Não gostava de falar sobre isso no acampamento — sua magia, seus segredos. Mesmo chamar o imperador de “pai” já era passível de punição, primeiro porque o uso do seu título honorífico era obrigatório por lei, e em segundo porque os Ilegítimos não tinham o direito de reivindicar a paternidade de Joram. Eles eram armas, e armas não tinham pai, nem mãe, e, se uma espada pudesse reivindicar seu criador, seria o ferreiro, não a mina de onde fora retirado o metal de que era feita. É claro que isso não impedia Joram de se vangloriar do número de “armas” que tinha saído de sua

“mina”. Os intendentes mantinham um registro. Mais de três mil soldados bastardos nascidos no harém.

Restavam pouco mais de trezentos dos três mil soldados, e a maioria das mortes eram recentes.

Akiva viu que não havia ninguém por perto que pudesse ouvi-los.

— Você também poderia fazer — ele lembrou a Liraz.

Ele ensinara aos irmãos o encanto de invisibilidade para que pudessem entrar no mundo humano e ajudá-lo a queimar as marcas de mão nas portas de Brimstone. Os dois de fato conseguiam fazê-lo, embora com dificuldade, e não por muito tempo.

Ela fez um som de nojo.

— Não, obrigada. Prefiro que minhas vítimas saibam quem as matou.

— Para que possam sonhar com seu belo rosto por todo o descanso eterno — replicou Hazael.

— É uma bênção morrer pelas mãos de alguém tão belo — retrucou Liraz.

— Então isso não inclui Jael — observou Hazael.

Jael. Akiva olhou para o céu. O nome era um doloroso lembrete.

— Não. Pelos deuses da luz. — Liraz estremeceu. — Não há bênção que possa ajudar as vítimas dele. Sabe, tenho duas razões para gostar de ser Ilegítima, e as duas são Jael.

— Que razões?

Akiva não conseguia imaginar por que alguém, principalmente a irmã, ficaria feliz em ser uma bastarda do imperador.

Os Ilegítimos eram as mais eficazes e menos reconhecidas de todas as forças do império. Nunca podiam comandar, para que não aspirassem a nada mais alto que seus postos, e serviam apenas para aumentar as fileiras de soldados, emprestados aos regimentos da Segunda Legião para fazer o trabalho sujo. Não recebiam aposentadoria, pois esperava-se que servissem até morrer, e não tinham permissão de casar, ter filhos ou terras, ou mesmo de morar em outro lugar que não os alojamentos. Era uma espécie de escravidão. Não tinham direito nem a um funeral, sendo apenas cremados em urnas comuns, e, como seus nomes eram mais emprestados do que deles de fato, considerava-se desnecessário gravá-los em uma lápide ou placa. O único registro de vida que um Ilegítimo deixava era seu nome riscado da lista dos intendentes, para que pudesse ser dado a um novo bebê choramingante que logo seria arrancado dos braços da mãe.

Viva sem ser notado, mate quem lhe ordenarem matar e morra no anonimato. Esse poderia ser o lema dos Ilegítimos, mas não. O verdadeiro era: *Sangue é força*.

— Por ser Ilegítima — explicou Liraz, contando a primeira razão no dedo —, nunca servirei sob o comando de Jael.

— Uma boa razão — concordou Akiva.

Jael era o irmão mais novo do imperador, e o comandante do Domínio, a legião de elite do imperador, fonte de infinita amargura para os bastardos. Qualquer Ilegítimo superaria um soldado do Domínio em uma luta ou — se chegassem a isso — combate, mas ainda assim os soldados do Domínio eram considerados superiores em tudo. Vestiam-se com elegância e recebiam provisões financiadas pelos cofres das mais importantes famílias do império — que preenchiam as fileiras da legião com seus segundos e terceiros filhos e filhas —, além de terem sido ricamente recompensados ao final da guerra, recebendo de presente castelos e terras após a divisão das terras livres.

Uma meia-irmã bastarda mais velha chamada Melliel ousara perguntar a Joram se os Ilegítimos receberiam também uma parte. A resposta do pai deles, dissimuladamente fazendo que até mesmo sua recusa fosse uma forma de se gabar de sua virilidade, fora:

— Não há castelos suficientes em Eretz para todos os meus bastardos.

Ainda assim, apesar de todos os benefícios que os soldados do Domínio tinham, eles serviam ao bel-prazer de Jael, e o bel-prazer de Jael era, pelo que se dizia, algo horripilante.

— Continue — disse Hazael. — O que mais?

Liraz ergueu mais um dedo.

— Em segundo lugar, por ser Ilegítima, nunca me deitarei com Jael.

Akiva olhou para a irmã, perplexo. Era a primeira vez que a ouvia fazer alguma referência a sua sexualidade, mesmo que de maneira oblíqua. Ela vestia sua ferocidade como uma armadura, e era uma armadura totalmente assexuada. Liraz era

intocável e intocada. Pensar em sua irmã... deitada sob Jael... era uma imagem abominável e difícil de apagar da cabeça.

Hazael parecia horrorizado também.

— Realmente espero que não — comentou ele, a voz soando fraca de tanto horror.

Liraz revirou os olhos.

— Olhem só para vocês. Já conhecem a reputação do nosso tio. Só digo que estou segura por ser da família, e é um dos únicos motivos que tenho para agradecer aos deuses da luz.

— Que se danem os deuses da luz — disse Hazael, indignado. — Você está segura porque o estriparia com as próprias mãos se tentasse tocá-la. Eu diria até que eu mesmo faria isso, mas sei que, antes que qualquer um chegasse lá para ajudá-la, nosso *tio* já estaria com as tripas para fora. O que, aliás, o tornaria menos feio.

— É, imagino que sim. — Tanto a expressão quanto a voz de Liraz pareciam cansadas. — E quanto a todas as outras garotas? Não acha que elas também têm vontade de arrancar as tripas dele? Mas o que aconteceria? Forca? Tudo se resume à vida, não é?... e a saber se vale a pena mantê-la, não importa o que aconteça. E então: *será*?

Ela olhou para Akiva. Estava perguntando para ele?

— Será o quê?

— Será que vale a pena continuar a viver, não importando o que aconteça?

Estaria ela falando de viver ferido, viver com o pesar? Será que considerava a perda dele verdadeira e queria mesmo saber, ou havia uma farpa ali em algum lugar? Às vezes Akiva achava que não conhecia nem um pouco a irmã.

— Vale — respondeu ele, desconfiado, pensando no turíbulo, e em Karou. — Enquanto estamos vivos, há sempre uma chance de as coisas melhorarem.

— Ou piorarem — rebateu Liraz.

— Sim — admitiu ele. — Geralmente pioram.

Hazael os interrompeu.

— Minha irmã, Luz, e meu irmão, Raio de Sol... Vocês deveriam se oferecer para animar as fileiras. Desse jeito vão acabar fazendo todo mundo querer se matar amanhã de manhã.

Amanhã de manhã. Todos eles sabiam o que iria acontecer pela manhã.

Liraz se levantou.

— Vou dormir enquanto posso, e vocês deviam fazer o mesmo. Quando eles chegarem, duvido que teremos alguma chance de descansar.

Ela saiu; Hazael foi atrás.

— Você não vem? — perguntou ele a Akiva.

— Só um minuto.

Ou mais. Akiva olhou para o céu. Ainda estava escuro até onde a vista alcançava, mas ele imaginou sentir uma mudança no ar: uma alteração provocada pelo bater de muitas, muitas asas. Era ilusão, ou profecia, ou apenas temor.

Seria uma longa distância a percorrer naquela noite, um vasto território a cobrir, muitos quimeras a salvar. Nada de descanso para ele. O Domínio estava a caminho.

35

Papéis a cumprir

As esfinges tocaram o chão com seus delicados pés felinos, levantando pequenos redemoinhos de poeira no chão ao redor. Os quimeras saíram pelas portas e janelas rumo ao pátio interno, para ouvi-las contar sobre a missão. Entre eles Thiago, vindo a passos largos da guarita. Karou estava atenta e curiosa. O que elas tinham feito? Não só as esfinges, mas todas as patrulhas. Foi irreal ver-se levada pelos próprios pés na mesma direção dos outros.

— Karou — chamou Ten, mas a garota continuou andando.

Quando a viu, Thiago parou, observando-a se aproximar. Os soldados seguiram seu olhar, assim como as esfinges. Todos olhavam-na com a mesma inexpressividade no rosto, mas Thiago sorriu.

— Karou. Foi tudo bem na cidade?

— Ah, sim, tudo bem. — As mãos dela estavam frias e úmidas. — Não precisa interromper o que você ia fazer. Eu só vim mesmo para ouvir.

O Lobo inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, parecendo perplexo.

— Ouvir?

— Sobre a missão. — Karou percebeu que se encolhia, gaguejava. — Só quero saber o que estamos fazendo.

Ela não sabia o que esperava ouvir de Thiago, mas não era isto:

— Está preocupada com alguém em especial?

Karou sentiu o rosto queimar. Insinuação capciosa.

— Não — respondeu ela, ofendida.

Também estava irritada, percebendo que qualquer coisa que dissesse soaria como preocupação com os serafins. Com Akiva.

— Bem, então *não* se preocupe. — Outro sorriso do Lobo. — Você já tem muito no que pensar. Perdeu o dia inteiro hoje, e preciso ter outra equipe pronta amanhã. Acha que consegue fazer isso?

— É claro — respondeu Ten por ela, pegando Karou pelo braço como fizera no dia anterior. — Já estamos indo.

— Ótimo — disse Thiago. — Obrigado.

Ele esperou as duas se afastarem antes de voltar a falar.

Karou sentia como se tivesse acordado subitamente de um estado de estupor. A intenção de Thiago não era poupá-la dos detalhes; ele claramente não queria que ela soubesse dos planos. Enquanto Ten a conduzia para longe dali, Karou trocou um olhar — breve — com Ziri. Ele parecia tão distante. O comentário de Thiago... Será que todos achavam que ela ainda era apaixonada por Akiva? Nem mesmo sabiam sobre Marrakech e Praga, ou que ela o reencontrara fazia tão pouco tempo. Reencontrara-o e... *Não*. Nada. Ela o deixara para trás. Era isso o que importava. Daquela vez, fizera a escolha certa.

Já longe do pátio, Karou se soltou com um puxão, encolhendo-se de dor quando a mão de Ten passou por seus ferimentos.

— Que droga! — reclamou. — Acho que tenho o direito de saber para que minha dor está servindo.

— Não seja criança. Todos temos nossos papéis a cumprir.

— E qual é o seu, babá? Ah, desculpe, babá de *traidora*?

O ar de desafio reluziu nos olhos de Ten.

— Se Thiago pedir, sim.

— E você faz qualquer coisa que ele lhe pede?

Por um segundo, Ten só a encarou, como se a achasse burra.

— É claro — respondeu. — E você também. *Principalmente* você. Pelo bem do nosso povo, por tudo que perdemos e pela grande dívida que tem conosco.

Karou se sentiu envergonhada, mas logo foi tomada por uma onda de raiva. Nunca a deixariam esquecer o que tinha feito. Ela estava ali por vontade própria, quando, ao contrário deles, tinha uma escolha. Tinha outra vida, e naquele momento o que mais queria era voar de volta para Praga, para seus amigos e aquela vida de arte e chás e de não se preocupar com nada mais terrível que borboletas no estômago — *Papilio stomachus*, recordou com saudade. Como tudo isso lhe parecia tão pequeno e delicado agora, como algo que se pode colocar dentro de um globo de neve.

Ela não iria embora. Ten estava certa: tinha uma dívida com eles. Mas já estava enjoada da pessoa covarde que se tornara. Achava que Brimstone mal reconheceria aquela criaturazinha lamentável e complacente; com certeza ela nunca tinha seguido as ordens dele tão docilmente.

Quando chegaram ao quarto, ela pegou o colar que começara mais cedo, enquanto Ten, impaciente, despejava o conteúdo da maleta na mesa. Prensas de bronze se espalharam em todas as direções com estardalhaço. Karou pegou uma, mas não a prendeu. Não estava em condições de conjurar um corpo.

O que ela não podia saber?

— Quer que eu pague o dízimo? — perguntou Ten.

Karou olhou para ela. A mulher-lobo não oferecia sua dor com muita frequência, e a garota se surpreendeu ao responder:

— Não, obrigada.

Foi só quando se ouviu pronunciar essa resposta que percebeu que ia fazer algo.

O que eu vou fazer?

Ah.

Ela brincou com o torno, apertando e afrouxando o parafuso. Será que ainda lembrava como? Fazia tanto tempo.

O que devo fazer para sentir dor?

Nada. Nada de dor para você. Só prazer.

Ainda brincando com o torno, ela disse a Ten:

— Imagino que você não conheça a história do Barba Azul.

— Barba *Azul*? — Ten olhou para o cabelo de Karou. — Parente seu?

Karou abriu um sorriso amargo.

— Eu não tenho nenhum parente, lembra?

— Ninguém mais tem — respondeu Ten simplesmente.

E era verdade, percebeu Karou. Todos ali tinham perdido... todo mundo. Eram um povo sem mais nada a perder.

— Bem — continuou ela, prendendo tranquilamente o torno na teia de pele e músculo que ligava o polegar à palma da mão. Era um ponto sensível. — Barba Azul era um lorde. Quando levou sua nova esposa para o castelo, entregou-lhe as chaves de todas as portas e disse que ela poderia ir aonde quisesse, menos abrir uma pequena porta que havia no porão. E que ela *nunca* deveria entrar lá.

Ela apertou o torno, e sentiu a dor começar a desabrochar dentro dela como uma flor.

— Imagino que tenha sido o primeiro lugar aonde ela foi — disse Ten.

— Assim que ele virou as costas.

Ten tinha acabado de se virar para pegar o bule de chá. Ao ouvir as palavras de Karou, virou-se novamente e soltou um palavrão.

Karou soube, pela reação dela, que tinha funcionado; finalmente se lembrara do encanto de invisibilidade de Akiva. Engraçado, a dor parecera uma grande coisa naquela época. Não mais. Pulsava no ritmo das batidas do seu coração, quase natural.

Não ocorreu a Ten que Karou pudesse nem ter se levantado dali. A mulher-lobo logo pensou que ela havia saído pela janela de novo, e portanto, quando se refez do choque e conseguiu agir, foi naquela direção. Karou saiu sorrateiramente pela porta. Foi uma ironia o fato de que a ausência da barra tenha facilitado sua fuga. Com cuidado para manter o encanto, desceu rapidamente e saiu ao pátio para ouvir o que pudesse antes que Ten chegasse lá com a notícia de seu desaparecimento.

Não ouviu muita coisa.

Não foi sua sombra que a entregou. O encanto não escondia sombras, então ela procurou se manter afastada da claridade

e não fez nenhum barulho. Tinha certeza disso. Não estava nem tocando o chão. Ainda assim, fazia apenas alguns minutos que estava ali no pátio, tempo suficiente apenas para saber sobre a natureza doentia do "recado" que os rebeldes vinham enviando aos serafins e sobre... a reação do imperador — meu Deus, o céu escuro e brilhante com os soldados do Domínio, uma demonstração impiedosa de poder, da qual não haveria chance de ninguém escapar, nenhuma, nenhuma *esperança* —, quando Thiago parou no meio de uma frase, virou-se em seus pés de lobo e, levantando um pouco a cabeça, abrindo um pouco as narinas, farejou o ar.

E olhou para ela.

Karou congelou. Já estava imóvel, e a alguns metros de distância, porém ficou sem respirar, observando com pavor aqueles olhos sem cor. Não conseguiam localizá-la exatamente, mas estavam perto. Thiago farejou o ar de novo. Não podia vê-la, ela sabia disso, tampouco o restante do exército, que seguiu a direção do olhar do Lobo. Ainda assim — *idiota, idiota* —, eles sabiam, da mesma forma que Thiago, que ela estava por perto.

Eram feras. Podiam sentir seu cheiro.

36
VONTADE DE SORRIR

Ela tirou o torno no rio, deixou a magia se desfazer e observou seu corpo voltar a ficar visível. Sua mão estava arroxeada no ponto em que a prensa se prendera. Um hematoma. Algo podia ser mais insignificante que um hematoma?

Será que Thiago descobriria sobre o encanto? Aquilo fora uma estupidez. Se o Lobo suspeitasse de que ela podia ficar invisível, ele e sua espiã nunca mais tirariam os olhos dela. Sem falar que, se ele desconfiasse de que Karou podia fazer isso, iria querer saber *como*. Iria querer que todos os seus soldados soubessem como, e não seria bom, se isso pudesse ajudar os quimeras?

Ajudá-los a matar mais anjos enquanto dormiam?

Foi o que Tangris e Bashees tinham feito. Ninguém sabia exatamente como conseguiram; de alguma forma elas se envolviam nas sombras para se aproximarem sem serem vistas, mas só um encanto não explicaria os assassinatos em massa perpetrados em perfeito silêncio. Quem dormia tão profundamente a ponto de não acordar arfando ao sentir sua garganta sendo cortada? E, no entanto, as vítimas continuavam dormindo enquanto morriam, uma garganta após outra, toda a vida do lugar sendo eliminada até só restarem as assassinas.

Karou não sabia por que aquilo a incomodava. Era indolor. Quantos quimeras aqueles soldados tinham matado, certamente com menos compaixão?

Compaixão? Que pensamento terrível.

Karou permaneceu sentada, argumentando consigo mesma, desejando mais desesperadamente do que nunca ter com quem conversar. Havia alguns conflitos internos que ela simplesmente não conseguia solucionar. Não conseguia aceitar aquela brutalidade da qual fazia parte, e por isso vinha tentando fingir que aquilo não passava de um pesadelo, para poder seguir em frente.

Não conseguia aceitar a guerra.

Sua vida como Karou de forma alguma a preparara para aquilo. Guerra era uma coisa sobre a qual se ouvia falar no noticiário, e ela nem mesmo assistia ao noticiário, era horrível demais. E se achava que Madrigal poderia ajudá-la, como se seu eu interior pudesse torná-la capaz de aceitar aquela feia realidade, estava enganada também. Por que Madrigal tinha feito o que fizera, conspirando com Akiva pela paz? Porque não tinha estômago para a guerra, mesmo fazendo parte de sua vida. Sempre fora uma sonhadora.

E o que estava acontecendo em Eretz... Os rebeldes tinham piorado, e muito, as coisas. Tinham mexido em um ninho de vespas. Os rostos mutilados em sorrisos, as *gargantas* cortadas, o recado escrito com sangue. Onde Thiago estava com a cabeça ao provocar o império daquela maneira? E a resposta do império era rápida e assustadora. Para os quimeras, seria cataclísmica. A força total do Domínio enviada para exterminar civis?

O que Thiago tinha imaginado que aconteceria? O que *ela* imaginara?

Ela não tinha parado para pensar; não fizera questão de saber, e agora veja só.

Estou feliz... Estou feliz...

Karou tirou os sapatos e mergulhou os pés na água fria. Deviam estar procurando por ela na casbá, e a encontrariam facilmente. Ela esperava bem à vista. Após um bom tempo ouviu o barulho de asas, e então uma sombra a cobriu. Tinha chifres e, por um instante, alinhou-se com a própria sombra de Karou, fazendo parecer que os chifres eram dela.

Ziri.

Fora Ziri quem fizera os cortes na sua patrulha. Suas lâminas curvas — como as dela — eram perfeitas para isso; bastava engachá-las nos cantos da boca de um cadáver e, com um giro rápido do pulso, estava feito: a representação de um sorriso. *E foi isso que se tornou minha pequena sombra Kirin.* Virou-se para olhar para ele, mas, como o sol estava bem atrás de Ziri, ela teve que proteger os olhos. Agora que ele a encontrara, parecia não saber o que fazer. Karou viu o olhar dele percorrer seus

braços — uma confusão de hematomas e tatuagens — antes de voltar para seu rosto.

— Você está... bem? — perguntou Ziri, hesitante.

Eram as primeiras palavras que ele lhe dirigia. Se tivessem vindo antes, ela teria ficado muito feliz. Desde os assustadores primeiros dias que passara entre os rebeldes, ela esperava tê-lo como um amigo, um aliado; julgara reconhecer algo nele... compaixão? A doçura de sua juventude? Mesmo naquele instante, ela via o garoto nele, os olhos castanhos arredondados, sua seriedade e timidez. Mas ele tinha se mantido distante todas aquelas semanas, e agora, quando finalmente decidira falar com ela, já não importava mais.

— Você parece... — gaguejou ele, desconcertado. — Você não parece bem.

— Ah, não? — Só rindo mesmo. — Que surpresa.

Ela se levantou, espanou a poeira da calça jeans e pegou os sapatos. Olhou para Ziri — precisava erguer a cabeça, de tão alto que ele ficara. Em um de seus chifres tinha uma marca de corte, com vários sulcos raspados; bastava olhar para perceber que o chifre o salvara de um golpe fatal. Ele tivera sorte. Ela ouvira os outros quimeras dizerem isso. Ziri Sortudo.

— Não se preocupe comigo — disse Karou. — Da próxima vez que eu tiver vontade de sorrir, acho que sei quem procurar.

Ziri se encolheu como se tivesse levado um tapa. Karou passou por ele, subiu o barranco poeirento e seguiu em direção à casbá. Não voou, foi andando. Não estava com a menor pressa de voltar.

* * *

O irmão do imperador parecia *cortado ao meio*. Uma cicatriz começava no alto de sua cabeça, passava pelo meio do rosto, fazia a curva do queixo e então acabava — infelizmente —, quase na garganta. E também não era uma linha fina, mas um queloide franzido e lívido que dominava o que restava do nariz e partia seus lábios, revelando dentes quebrados. Ninguém sabia como ele tinha conseguido aquela marca. Ele afirmava ser uma cicatriz de batalha, mas rumores o contradiziam — embora fossem tantos e tão variados que era impossível descobrir qual (se é que algum era) o verdadeiro. Nem Hazael, com seu talento para descobrir as coisas, fazia ideia.

Qualquer que fosse a origem da cicatriz, o resultado é que era quase insuportável ouvir Jael comer, pois os sons que ele fazia eram como os de um cachorro lambendo suas partes íntimas.

Akiva mantinha o rosto impassível, como sempre, embora fosse um desafio. Ninguém causava tanto desconforto quanto o capitão do Domínio.

— Pense nisso como um grupo de caça — disse Jael casualmente após engolir meio pássaro defumado frio com uma golada de cerveja, sem se importar em limpar a saliva que escorria pela boca deformada. — Um grupo de caça bem grande. Você costuma caçar? — perguntou ele.

— Não.

— É claro que não. Soldados não têm gana por esportes... Até o inimigo se tornar a presa. Acho que você vai gostar.

Acho que não, pensou Akiva.

A força total do Domínio estava pronta para atacar os fugitivos do continente sul, vários milhares de tropas se preparando para deter sua fuga para as Terras Distantes e então seguir para o norte, matando toda criatura viva no caminho.

— Eu falei que era cedo demais para retirar nossa força principal — disse Jael. — Mas meu irmão não acreditou que o sul fosse uma ameaça.

— Não era — disse Ormerod, o comandante da Segunda Legião, que até então vinha supervisionando aquela varredura e que não estava, pelo que parecia a Akiva, muito feliz em ser destituído do cargo.

Estavam no pavilhão dele — um lugar não muito frequentado por Akiva. Longe disso. Bastardos não se sentavam à mesa principal ou comiam com seus superiores. Estava ali, desagradavelmente surpreso, a pedido de Jael.

— O príncipe dos bastardos — aclamara o capitão ao vê-lo chegar.

Akiva já fora obrigado a trabalhar com ele no passado. Mesmo na época, quando seus ideais estavam alinhados — a destruição de Loramendi, por exemplo —, ele o desprezava. E percebia que o sentimento era mútuo.

— Que honra — dissera Jael aquela manhã. — Eu não tinha pensado em procurá-lo aqui. Junte-se a nós para o café da

manhã. Aposto que tem muitos comentários a tecer sobre nossa atual situação.

Ah, e como tinha, mas nenhum que pudesse ser expressado àquela mesa.

— O sul não era uma ameaça antes e continua não sendo agora — continuou Ormerod, sua honestidade sendo objeto da admiração de Akiva.

Ele quase se sentia obrigado a concordar com aquilo.

— Quem quer que esteja atacando os serafins, não é do povo.

— Sim, bem... os rebeldes estão se escondendo em algum lugar, não estão? — Jael suspirou. — *Rebeldes*. Meu irmão está irritado. Ele só quer planejar sua nova guerra. É pedir muito? E eis que a antiga volta, ressurgindo dos mortos.

Ele riu da própria piada, mas Akiva não.

Nova guerra? Tão cedo? Ele não iria perguntar. Curiosidade era fraqueza, e tanto Joram quanto Jael gostavam de prolongar o suspense e deixá-lo perdurar o máximo possível.

Ormerod aparentemente não tinha aprendido essa lição.

— Que nova guerra?

Jael manteve os olhos fixos em Akiva, com ar de divertimento, e seu olhar era direto e pessoal.

— É uma surpresa — respondeu, sorrindo, se é que se podia chamar aquilo de sorriso: a boca se contorceu em algo que era quase um esgar; os lábios pálidos repuxados pela cicatriz.

Eis um sorriso que os quimeras poderiam melhorar, pensou Akiva. Mas se Jael estava tentando provocá-lo, teria que fazer melhor que aquilo. Não era difícil de deduzir. Quem mais poderia ser o próximo alvo de Joram senão os serafins renegados, cuja liberdade e magia o irritavam havia anos?

Os Stelian.

Para Akiva, o povo de sua mãe eram mais fantasmas do que aqueles rebeldes surgidos do nada. Ele não permitiu aquele prazer a Jael. No momento, sua preocupação era a batalha presente e aquelas terras do sul onde o fogo serafim ainda lançaria morte a tudo que vivia ou respirava, fosse planta, animal ou fera. E agora? O desespero o dominou, impaciente, recusando-se a se acalmar. Ele pensou nos quimeras que tinha poupado e alertado. Seriam isolados, encurralados, capturados, mortos. O que ele poderia fazer? Milhares de soldados do Domínio. Não *havia* o que fazer.

— Para Joram, esta rebelião pode ser um estorvo, mas para mim é uma bênção — dizia Jael. — Precisamos ter alguma coisa para fazer. Acredito que um soldado ocioso é uma afronta à natureza. Você não concorda, príncipe?

Príncipe.

— Não acredito que a natureza pense em nós a não ser como um problema.

Jael sorriu.

— A terra queima, as feras morrem, e as luas choram no céu ao ver isso.

— Cuidado — alertou Akiva, também abrindo um ligeiro sorriso. — Os quimeras foram criados a partir das lágrimas da lua.

Jael o olhou friamente.

— O Ruína das Feras cuspindo mitos das feras. Você *conversa* com os monstros antes de matá-los?

— Devemos conhecer nossos inimigos.

— Sim. Devemos.

De novo aquele olhar: direto, pessoal, divertido. O que significava? Akiva não era nada para Jael além de um dos bastardos da legião de seu irmão.

Porém, quando a refeição por fim terminou, ele ficou se perguntando o que mais representaria para o capitão.

Jael empurrou sua cadeira para trás e ficou de pé.

— Obrigado por sua hospitalidade, comandante — disse ele a Ormerod. — Partiremos em uma hora. — Então se virou para Akiva. — Sobrinho. É sempre um prazer vê-lo. — Ele se virou para sair, mas então parou e voltou. — Eu provavelmente não deveria admitir isso agora que você é um herói, contudo fui a favor de o matarem na época. Sem ressentimentos, espero.

Akiva olhou para Jael, impassível. Quando sua vida estivera em discussão?

Ormerod se mexeu, inquieto, e gaguejou algumas palavras, mas nem Akiva, nem Jael lhe deram atenção.

— A conspurcação do seu sangue, você sabe — disse Jael, como se devesse ser óbvio. Então. A mãe dele, de novo. Akiva recompensou a ironia com o mesmo desinteresse que tinha mostrado diante da provocação sobre a nova guerra. Tinha apenas pequenos fragmentos de lembrança da mãe, além do comentário enigmático do imperador: *Foi terrível o que houve com ela.* Qual era o interesse de Jael? — Meu irmão tinha fé em que o sangue dele provaria ter força; *Sangue é força,* etc... E agora ele diz que estava certo. Você foi um teste, e os resultados foram gloriosos, então acho que não se pode dizer nada contra você agora. Que pena. Odeio estar enganado sobre essas questões.

E com isso, Jael do Domínio, o segundo serafim mais poderoso do império, se virou para sair, parando rapidamente apenas para dar uma ordem a Ormerod antes de continuar andando.

— Mande uma mulher para minha barraca, está bem?

Ormerod ficou pálido. Abriu a boca, mas não disse nada. Foi Akiva quem primeiro se ergueu. Lembrou-se das palavras de Liraz, e de "todas as outras garotas" de quem falara. Só lhe ocorreu naquele instante que sua irmã tinha falado sobre um medo que sentia. Não diretamente; ela não faria isso, e foi só então que ele sentiu o medo por ela, e por "todas as outras garotas" também. Não apenas medo. Fúria.

— Não temos mulheres aqui — disse ele. — Apenas soldados.

Jael parou. Suspirou.

— Bem, não se pode ser muito exigente em um campo de batalha. Uma delas terá que servir.

* * *

A um mundo de distância, o Lobo Branco preparava suas tropas. Reuniu-as no pátio ao anoitecer e as enviou em equipes aladas, sem exceção. Nove grupos de seis, além das esfinges, que formavam uma equipe separada. Cinquenta e seis quimeras. Parecera uma quantidade enorme durante o dízimo, tantos hematomas, mas, dali da janela, Karou imaginou-os em um céu cheio de soldados do Domínio e soube que não eram nada. Lembrou-se do sol brilhando nas armaduras, da envergadura flamejante das asas dos serafim, da terrível visão do inimigo pronto para a batalha — e se sentiu entorpecida. O que eles esperavam, lançando-se em ofensiva daquele jeito? Era suicídio.

Eles se ergueram no ar, em formação de esquadrão, e voaram.

Ziri não olhou para a janela dela.

37
Suicídio

Não era suicídio.

Os esquadrões não foram em direção ao sul quando passaram pelo portal. Os cinquenta e seis não voaram para ajudar as criaturas nas Terras Distantes que espiavam por entre as copas das árvores para ver por que o sol se escondia e o que o céu lhes trazia. Afinal, o que cinquenta e seis poderiam ter feito contra tantos? Thiago não acreditava em suicídio. Teria sido uma jogada sem propósito, um desperdício de soldados.

Os rebeldes não estavam presentes para testemunhar os quimeras desesperados correndo e caindo, correndo, caindo, tentando ficar de pé de novo, agarrando seus bebês e levantando os idosos pelos cotovelos. Não viram a tormenta de seu povo. Não os viram morrer às centenas, perseguidos enquanto fugiam de florestas incendiadas e mortos muito perto de chegarem a um lugar seguro. E não morreram defendendo esses quimeras, porque não estavam lá.

Estavam no império, causando uma outra tormenta.

— Estamos em vantagem dupla agora — dissera Thiago. — Em primeiro lugar, eles não sabem onde estamos, assim como não sabem quem ou *o que* somos. Somos fantasmas. Em segundo, agora somos fantasmas *alados*. Graças a nossa nova ressurreicionista, temos uma liberdade de movimento que nunca tivemos antes, o que nos permite cobrir uma distância muito maior. Eles não esperam ser atacados no próprio território. — O Lobo aguardou até que todos ficassem em silêncio para só então acrescentar, com a delicadeza perversa que lhe era característica: — Os anjos também têm seus lares. Os anjos têm mulheres e crianças.

E agora não teriam tantos.

* * *

Somente um líder de equipe desafiou as ordens do Lobo: Balieros. O corpulento touro-centauro se recusou a virar as costas para seu povo. Quando as equipes se separaram em direção aos seus territórios designados, ele apresentou a opção aos seus soldados, e todos o seguiram, com orgulho. O urso Ixander; o grifo Minas; Viya e Azay, ambos da tribo dos Cervos, como era o Comandante; e Ziri. Voaram para o sul, suas asas cortando nuvens e deixando muitas léguas para trás. Porém, por mais rápido que voassem, a terra que um dia tinham defendido era de uma vastidão imensa, e já fazia um dia que estavam voando quando por fim viram os bastiões das Terras Distantes ao longe.

Meros seis soldados em um redemoinho de asas inimigas — aquilo sim era suicídio, e só podia terminar de um jeito.

Eles sabiam, e voaram em direção a seu fim, corações ardendo e sangue pulsando, infinitamente mais vivos em sua perdição do que o restante dos soldados, que seguiu para o outro lado com toda a chance de sobreviver.

* * *

— E então — começou Hazael, aproximando-se silenciosamente de Akiva enquanto aguardavam a ordem para voar. Seguiriam Ormerod naquele dia, as duas patrulhas unidas para reforçar o Domínio, que já havia saído. — O que fazemos agora, irmão? Você acha que vamos encontrar muitos pássaros por aí hoje?

Pássaros?

Akiva olhou para ele. Nunca tinham falado sobre os quimeras na ravina. "*Deve ter sido um pássaro*", eles haviam concordado na ocasião, fingindo não ver o grupo encolhido a sua frente.

— Infelizmente não muitos, acho — respondeu Akiva.

— É, imagino que não. — Hazael colocou a mão no ombro do irmão, deixando-a repousar ali por um tempo. — Mas talvez alguns.

Ele se virou; Liraz estava vindo. Hazael foi ao encontro dela, deixando Akiva sozinho com seus pensamentos.

Talvez alguns. Seu ânimo melhorou, ainda que só um pouco.

Quando receberam a ordem de levantar voo, ele deixou a desesperança no acampamento e levou consigo apenas seu empenho. Não se iludiu pensando que aquele seria um dia de atos heroicos. Seria um dia de morte e terror, como tantos outros, como muitos outros, e um — ou seriam dois? — serafim renegado não podia esperar salvar muitas vidas.

Mas talvez algumas.

38

O inevitável

O tilintar metálico dos turíbulos, o tinido suave dos dentes.

Os dedos de Karou trabalhavam sem descanso nas bandejas. Selecionando, tecendo. Dentes, dentes. Gente, touro. Lascas de jade, ferro. Dentes de iguana — serreados e terríveis —, ossos de morcego. Selecionando, tecendo. Quando chegou aos dentes de antílope, ela se recostou e os observou.

— Para quem são esses?

Karou se assustou e fechou a mão em volta deles. Tinha se esquecido de Ten por um instante. Observando. A mulher-lobo estava sempre *observando*.

— Para ninguém — respondeu, e os colocou de lado.

Ten deu de ombros e voltou à tarefa de misturar incenso.

No Museu de História Natural de Londres, Karou hesitara ao lado do lindo órix macho por alguns minutos, passando as mãos por seus longos chifres sulcados, lembrando-se de como era sentir aquele peso na própria cabeça.

— *Você poderia ser Kirin de novo* — dissera Ten, mas a ideia nunca ocorrera a Karou.

Os dentes de antílope não eram para ela, mas para Ziri, e Karou nem quisera levá-los. Supersticiosamente, a preparação lhe parecera capaz de *atrair* a morte dele — como cavar um túmulo antes do falecimento de alguém. Sim, a morte era esperada, a morte era rotineira, mas... não para Ziri.

Ziri Sortudo.

Extraordinariamente, ele ainda tinha seu corpo natural. Fosse por sua velocidade ou habilidade — *ou sorte*, ele seria o primeiro a dizer —, nunca havia morrido. E, por mais tolo e hipócrita que fosse se preocupar com a "pureza" dele, era assim que Karou se sentia. Ele era o último de sua tribo, o último sangue verdadeiro de seu povo. Havia algo de sagrado nisso, e, quando ele saíra naquela primeira missão, um temor frio se cristalizara nela e crescera, só se acalmando quando ela o vira voltar.

E agora Karou esperava de novo — vê-lo apenas, e assim saber que os Kirin ainda não tinham desaparecido do planeta —, mas desta vez não era como antes. Desta vez ela não sabia como ele poderia voltar. Suas palavras de despedida para ele — suas *únicas* palavras para ele — tinham sido muito cruéis, como se Ziri fosse o culpado pelo que estava acontecendo. Algum dia ela teria a chance de *retirar* o que dissera?

Selecionando, tecendo. Dentes, dentes.

As horas passavam, e seu medo aumentava. O sol nasceu, arrastando as muitas horas atrás de si, e nunca um dia naquele lugar parecera tão lento, tão quente, tão interminável. Karou se sentia envelhecida quando finalmente chegou o crepúsculo. Várias vezes se pegou com os dentes de antílope nas mãos.

Naquela noite em Londres, ela acabara por levar seu alicate até a boca do órix. Não estava atraindo a morte de Ziri, se convencera, mas se preparando para sua inevitabilidade. Todos os soldados quimeras morriam. Talvez a hora dele tivesse chegado. Ela tentou imaginá-lo voltando em um turíbulo, sua verdadeira carne — o último Kirin em toda Eretz — abandonada em algum lugar, ferida ou queimada... e descobriu que conseguia enfrentar isso.

Desde que não tivesse que considerar a outra possibilidade: de que ele talvez não voltasse de forma alguma.

39

Desafio Número Um

Em uma estrada de terra no sul do Marrocos, um carro parou ruidosamente, despejando dois passageiros e suas mochilas antes de se afastar em meio a uma nuvem de poeira e desejos berberes de boa sorte. Zuzana e Mik cobriram o rosto, tossindo. O ronco do motor foi enfraquecendo, e, quando a poeira baixou e eles olharam em volta, viram-se às margens de um imenso vazio.

Zuzana inclinou a cabeça para trás.

— Caraca, Mik. O que são aquelas luzes sinistras?

Mik olhou para cima.

— Onde?

Ela apontou para o céu — o céu inteiro —, e ele olhou de um lado para o outro duas vezes antes de se virar para ela e perguntar:

— Você quer dizer... *as estrelas*?

— Até parece. Já vi estrelas. São como pontos distantes no espaço. Essas estão *bem ali*.

O que à luz do dia parecia uma terra austera, do tom invariável de areia, se tornava, à noite, uma tapeçaria escura carregada de estrelas. Mik riu, e Zuzana também, e os dois praguejaram e se maravilharam, com a cabeça erguida.

— Dá para pegar essas coisas como se fossem *frutas* — disse Zuzana, esticando a mão e sacudindo os dedos para o alto.

Logo ficaram em silêncio, ali parados contemplando a superfície áspera e irregular daquela terra. Parecia uma paisagem saída de um documentário — e não do tipo agradável.

— Não vamos morrer aqui, vamos? — disse Mik, com a voz animada.

A resposta dela foi firme:

— Não. Isso só acontece nos filmes.

— Claro. Na vida real, os bobos da cidade nunca morrem no deserto para virarem esqueletos descorados...

— Que serão esmagados pelos cascos dos camelos — acrescentou Zuzana.

— Acho que camelos não têm *cascos* — disse Mik, meio incerto.

— Bem, com ou sem cascos, eu daria um beijo na boca de um camelo agora mesmo. Acho que devíamos ter arrumado uns.

— Você tem razão — concordou ele. — Vamos voltar.

Zuzana bufou.

— É sério, intrépido explorador do deserto? Não faz nem cinco minutos que chegamos aqui.

— E onde exatamente é *aqui*? Como você sabe que estamos no lugar certo? Parece tudo igual.

Ela pegou um mapa. Todo rabiscado de caneta vermelha e carregado de post-its, não inspirava muita confiança.

— Aqui é *aqui*. Não confia em mim?

Ele hesitou.

— É claro que sim. Sei o quanto você se empenhou nisso, mas... esta não é exatamente a nossa especialidade.

— Ah, qual é. *Agora* eu sou uma expert. — Zuzana teria gabaritado qualquer teste sobre o sul do Marrocos depois do tanto que pesquisara, e achava que devia se qualificar como nômade honorária por isso. — Eu sei que é aqui que ela está. Tenho certeza. Até aprendi a usar uma bússola! Temos água. Temos comida. Temos um telefone... — Ela olhou para seu celular. — Que está sem sinal. Bem, temos água. Temos comida. E avisamos às pessoas aonde iríamos. Ou quase. Qual é o perigo?

— Além dos... dos monstros?

— Ah, *monstros*. — Como se não fosse nada de mais. — Você já viu os cadernos de desenho da Karou. Eles são monstros

legais.

— Monstros legais — repetiu Mik, observando o deserto cheio de estrelas.

Zuzana abraçou a cintura dele.

— Nós chegamos até aqui — disse, procurando persuadi-lo. — Este pode ser um dos seus desafios.

Ele se animou com a ideia.

— Quer dizer os desafios dos contos de fadas?

Ela assentiu.

— Hum, então tudo bem. Nesse caso, melhor irmos andando.

Ele pegou sua mochila e segurou a de Zuzana enquanto ela passava os braços pelas alças.

Saíram da estrada rumo à vastidão que se estendia à frente deles.

— Talvez eu devesse ter perguntado isso antes — disse Mik —, mas são quantos desafios?

— São sempre três. Agora vamos. Devem ser uns vinte quilômetros... — Ela fez uma careta. — De subida.

— Vinte quilômetros? Amor, você já andou *vinte quilômetros*?

— Claro — disse Zuzana. — No total.

Mik riu e balançou a cabeça.

— Que bom que você deixou as plataformas para trás.

— *Até parece*. Botei na sua mochila.

— Na *minha...?* — Mik flexionou os ombros, sacudindo a mochila e o estojo do violino. — Bem que eu achei que ela parecia mais pesada.

Zuzana fez cara de inocente. Tinha calçado o que era sua ideia de uma escolha sensata de sapatos. *Eram* tênis, mas o solado de espuma era mais grosso do que o estritamente necessário, sem falar que tinham estampa de zebra. Ela deu um puxão na mão de Mik e os dois mergulharam no deserto. Estavam ambos animados com a aventura, mas Zuzana só faltava sair saltitando, tamanho era seu entusiasmo. Em breve veria novamente sua amiga.

Além de um gigantesco castelo de areia.

Cheio de monstros.

40
Errado

Mais uma noite caiu sobre a casbá, as estrelas nunca tão lentas em seu arco quanto quando havia vidas em jogo.

Karou se distraía com o trabalho, com a renovada urgência na feitura dos corpos. Tentava não pensar que estava começando do zero, mas era difícil, considerando que as probabilidades eram muito sombrias.

Podia levar dias para ficarem sabendo de alguma coisa. Era um longo caminho até as Terras Distantes, tendo que passar por todas as terras livres e o vasto continente meridional. Sem asas, teriam sido várias semanas de uma caminhada penosa, mas isso era coisa do passado, felizmente. Karou se lembrava de ficar irritada, quando era Madrigal, com o ritmo insuportável de seus batalhões. Mas com asas, dependendo do que acontecesse, as patrulhas podiam voltar em questão de dias.

Ou nunca mais.

A possibilidade de ninguém voltar era bem real, e a tensão de saber disso, e esperar, esperar para saber alguma coisa sem *nunca saber de verdade*, isso era tão antigo quanto a própria guerra, e o pior tipo de espera, arrastada e infeliz, em que podia pensar.

Então ela ficou surpresa ao ouvir o alerta da sentinela logo após o amanhecer — cedo demais. Chegou à janela em um instante, com um colar de dentes ainda nas mãos. Subiu no parapeito na ponta dos pés e continuou, subindo em direção ao céu. Não fazia nem trinta e seis horas e já surgiam formas no horizonte, uma patrulha inteira. Parecia um milagre.

Mais um minuto e ela pôde identificar a figura imensa de Amzallag. Era a equipe dele.

Nada de Ziri, então.

Por enquanto. Ela ignorou a decepção que sentia. Estava feliz ao menos de ver Amzallag, e surpresa em saber que uma equipe — qualquer equipe, ainda que não fosse a que mais esperava — havia retornado intacta de uma batalha tão difícil, e tão rápido! Pousou nas telhas verdes e ficou vendo-os aterrissar. Thiago apareceu para falar com eles, como sempre fazia, e apertou seus braços, sem parecer especialmente satisfeito ou surpreso. Ela não conseguiu ouvir o que diziam, mas podia ver que as mangas dos soldados estavam endurecidas de sangue ressecado.

Outra patrulha retornou, e mais outra.

O sol subiu, os esquadrões voltavam para casa um a um, e o milagre disso começou a parecer suspeito. Como era possível que não tivessem perdido ninguém? No meio da manhã, todas as equipes tinham retornado, menos a de Balieros, e Karou mal conseguia respirar com o bolo que sentia na garganta.

— Para onde eles foram? — perguntou ela a Ten ao voltar para seu quarto, procurando se ocupar com o trabalho.

— Como assim? Eles foram às Terras Distantes — respondeu a mulher-lobo, mas Karou sabia que era mentira.

Estavam de volta cedo demais, *vivos* demais, e havia algo de errado com o clima. Estava *pesado*.

Dali de cima ela viu o soldado Virko — que, com seus chifres espiralados de carneiro, lembrava um pouco Brimstone — ir para o contraforte do xixi e vomitar, caído de joelhos. O som que ele fazia crescia e sumia, crescia e sumia, atravessando em ondas o pátio onde o restante da companhia, que andava por ali em um silêncio estranho, ficou ainda mais quieta, parecendo evitar olhar uns para os outros.

Amzallag se sentou sob a arcada e pôs-se a limpar a espada. Quando Karou olhou lá para baixo, uma hora depois ou até mais, ele continuava no mesmo lugar, seus movimentos violentos, furiosos.

No entanto, foi quando avistou Razor que Karou sentiu a boca se encher com a saliva doce que antecede a ânsia de vômito. O que quer que as equipes tivessem feito naquele período de um dia e meio — o que, de forma alguma, seria tempo suficiente para chegar às Terras Distantes e voltar —, tinha acrescentado um balanço arrogante a seu silencioso e suave caminhar reptiliano, e... ele carregava um saco. De tecido marrom, cheio e pesado, e... manchado com um fluido cuja cor era indeterminada em razão do tom do próprio saco. Karou segurou a ânsia de vômito; ela sabia que líquido era aquele e de que cor, e por mais que tivesse se repreendido por sua ignorância deliberada alguns dias antes, não queria saber mais do que

aquilo.

Então se viu de novo com os dentes de antílope na mão, e os colocou de lado. Volta e meia ela ia de novo até a janela. Ten lhe deu uma bronca pela falta de concentração, mas ela não conseguia se conter. Havia algo de errado.

Errado.

Errado.

E então, finalmente, enquanto a hora mais quente do dia lentamente ia embora, a sentinela deu o alerta de novo. *Ziri*. Karou se lançou pela janela. O céu estava da cor do cobalto, sem nuvens e sem profundidade, sem nada a esconder.

Vazio. Ela se virou para a torre da sentinela, confusa. Era Oora quem estava de guarda, mas ela não olhava na direção do portal. O Lobo apareceu ao seu lado, e Oora apontou para baixo, ao longe. Karou teve que estreitar os olhos para enxergar o que eles estavam vendo. Quando conseguiu, disse baixinho:

— Não. Não, não. *Não*.

Humanos, dois, subindo com dificuldade a base rochosa do penhasco.

Indo diretamente para a casbá.

41
Louca alquimia

Dessa vez, quando os anjos vieram para cima deles, Sveva buscou seus olhos: nenhum era de fogo; ela observou suas armaduras, e não encontrou nenhum lírio. Eram outros anjos. Que azar.

Chegar tão perto de um lugar seguro...

Ela realmente tinha achado que conseguiriam. As montanhas eram tão grandes, e a cada momento pareciam mais perto do que de fato estavam. Pareciam ao alcance das mãos. Até que, no alto de uma encosta que esperavam que fosse a última — a última colina antes que a terra se transformasse naqueles grandes paredões de granito, que eram como os próprios muros do mundo —, outro vale se abriu a seus pés. Outra vastidão a percorrer, mais uma elevação a subir. Parecia que lhe pregavam uma peça.

Mas aquele era mesmo o último trecho. Sveva via o lugar onde uma campina encontrava uma fileira de imensas pedras abauladas.

— Parecem dedos de um pezão gordo — acabara de dizer, não fazia nem dois minutos, sorrindo com os outros. Tinha girado Lell, e a bebê sorrira. — Os dedos da montanha — cantarolara. — Chegamos aos dedos da montanha. — E se empinou, abraçando a pequena Caprina junto ao peito, ainda cantando sua música feliz e tola... — Será que é fedorento ali entre os dedões da montanha?

Então Sarazal gritara:

— Svee!

Ela olhou, e lá estavam eles. Anjos. Os anjos errados.

Ainda assim, Sveva ficou dividida entre o ódio e uma esperança que nem sequer existia alguns dias antes. Eles haviam encontrado compaixão uma vez; por que não de novo? A compaixão, descobrira ela, produzia uma louca alquimia: uma única gota podia diluir um lago de ódio. Em razão do que acontecera na ravina, agora serafins eram para ela mais do que traficantes de escravos e assassinos alados desprovidos de individualização.

E, no entanto, quando aqueles serafins chegaram, brandindo espadas já vermelhas e sem compaixão nenhuma nos olhos, ela não teve problemas em gritar:

— Mate-os!

Rath avançou em um pulo.

Os anjos não o tinham visto. Estavam quase sorrindo, aqueles dois com suas armaduras reluzentes. Viram um grupo de Caprina, duas meninas Dama, dois Cervos já velhos e grisalhos — presas fáceis, todos eles. E o Dashnag? Ele vinha por último na fila; não o viram até que já estava em cima dos dois, já ao alcance de suas espadas e derrubando-os no chão, lutando, rasgando.

Eles gritavam.

Sveva não queria ficar olhando, mas se obrigou, e foi assim que viu um deles liberar um braço e erguer a espada, golpeando Rath nas costas. Ela entregou Lell à irmã, saiu em disparada com a faca que pegara dos traficantes e a cravou no inimigo. Enfiou a lâmina em um pequeno vão não coberto pela armadura do anjo. Esfaqueou-o na axila, bem fundo, e ele largou a espada.

E morreu.

Então é essa a sensação, pensou ela quando a coragem deu lugar ao tremor. *É horrível.* Sua faca estava escorregadia, seu estômago se revirava. Sarazal agarrou seu ombro.

— Svee, vamos!

Sua voz era carregada de urgência. E então eles se viram mergulhados nas sombras, todos. Sombras que rodopiavam, se entrelaçavam. Mais anjos no alto. Sveva olhou para o alto.

Muito mais anjos.

Rath rugiu. Sveva olhou para a irmã, para Lell, para Nur, que estendia os braços tentando pegar a filha, para todos os outros Caprina e para o velho casal Cervo, e segurou sua faca com força, apontando para os dedos de pedra à distância.

— Corram! — gritou.

E eles correram.

Ela ficou com Rath.

Olhe só para mim, pensou ela, com um orgulho estranho e frio. Tudo era nítido e claro. Esfaquear alguém era horrível, e ela nunca antes teria acreditado que ficaria em vez de sair correndo. Adorava correr. Mas também se sentia bem ficando. Olhou para Rath. Ele devolveu o olhar. Sveva pensou que ele talvez fosse encorajá-la a fugir, mas não. Talvez ele apenas soubesse que não adiantaria, que não havia lugar seguro, mas talvez... talvez gostasse de não estar sozinho. Afinal, era apenas um garoto.

Sveva sorriu para Rath, e ali ficaram eles, tão perto do fim da jornada que podiam sentir a névoa das cachoeiras que desciam do alto. Mas agora estavam sob as sombras dos anjos, de onde provavelmente nunca mais sairiam.

A não ser, é claro, que acontecesse outro milagre.

Quando as figuras surgiram acima da linha das árvores, Sveva quase não pôde acreditar. Se não os tivesse visto antes, teria tanto medo deles quanto tinha dos anjos. Eram muito mais assustadores que anjos.

Eram espectros. Quimeras.

Vinham salvá-los. Parecia aquela noite em que a caravana dos escravos tinha sido libertada, mas agora era dia e ela podia vê-los claramente. Reconheceu alguns: o grifo que soltara sua algema e o centauro que tinha desenroscado o metal que prendia Sarazal. Sveva procurou o outro — o bonito com chifres, que colocara aquela faca em suas mãos —, mas não o viu.

Eram cinco rebeldes contra o triplo de seu número, mas atacaram os serafins com uma fúria inescapável.

Depois do primeiro confronto, do baque surdo dos primeiros corpos caindo — todos inimigos —, Rath enfim se virou para Sveva e a instou a fugir. Os olhos dele brilhavam.

— Eu sabia que eles voltariam — falou com fervor. — Sabia que não nos abandonariam. Vá, Sveva. Alcance os outros. Cuide deles, e diga adeus por mim. — Ele pousou uma das imensas mãos com garras no ombro dela. — Boa sorte.

— Mas e quanto a você?

— Eu lhe disse que estava procurando os rebeldes. — Ele estava feliz; Sveva viu que era isso que ele queria o tempo todo. — Vou me juntar a eles.

E foi o que ele fez. Quando Sveva fugiu, Rath ficou e lutou com os rebeldes.

E morreu com eles, bem ali junto aos dedos das montanhas.

E foi arrastado junto com eles para uma grande pilha de corpos.

E queimado.

42
Ziri Sortudo

— Vamos — disse Hazael. — Não há mais nada que possamos fazer.

Mais? Isso implicaria terem feito alguma coisa. Mas não haviam encontrado nenhuma oportunidade. Muitos soldados do Domínio, uma área aberta grande demais. Akiva balançou a cabeça e não disse nada. Talvez seu voo noturno tivesse espantado as criaturas de seu lugar de descanso, talvez tivesse conseguido que alcançassem as ravinas e túneis antes dos anjos. Ele nunca viria a saber. Tudo o que saberia era aquilo que via agora diante de si.

O céu estava perfeitamente limpo, com um tom de azul primaveril. Imaculado. A fumaça ainda estava contida a finas colunas, aqui e ali. Daquela posição no alto das rochas, o mundo parecia um rendilhado de copas de árvores e grama, e os rios que corriam ao sol eram como veios de pura luz percorrendo os contornos das colinas. Montanhas e céu, árvore e rio, e o brilho das asas à medida que os esquadrões do Domínio se moviam de um lugar a outro, ateando fogo a tudo. Aquele lugar era úmido, cheio de trepadeiras: véus de névoa e cachoeiras. Não queimaria facilmente.

Em um lugar como aquele, em uma paisagem como aquela, era quase impossível aceitar o que acontecera ali hoje. Mas as aves carniceiras não deixavam dúvidas.

Eram tantas. Aquelas aves sentiam o cheiro de sangue no ar a quilômetros de distância. A julgar pelo seu número — e pela avidez espasmódica de suas espirais em geral lânguidas —, o cheiro devia estar bem forte.

— E lá estão nossos pássaros — disse Akiva, derrotado.

Hazael entendeu.

— Tenho certeza de que alguns conseguiram chegar a um lugar seguro.

Logo depois Akiva percebeu que dissera isso com Liraz bem ao lado deles. Ela agora olhava para os irmãos. Akiva esperou que ela dissesse alguma coisa, mas Liraz apenas se virou e olhou para os picos das montanhas.

— Dizem que não é possível cruzá-los voando — disse ela. — O vento é forte demais. Só caça-tempestades conseguem sobreviver.

— O que será que há do outro lado? — comentou Hazael.

— Talvez reflita o que há neste, e os serafins de lá tenham caçado os quimeras até os túneis também, e eles vão se encontrar no meio, no escuro, e descobrir que não existe nenhum lugar seguro no mundo todo, nenhum final feliz.

— *Ou* — disse Hazael, radiante — talvez não haja serafins do outro lado, e exista um final feliz. Sem *nós*.

Ela voltou o olhar para ele abruptamente. Seu tom, que estava curiosamente distante, endureceu:

— Vocês não querem mais fazer parte de *nós*, não é? — Ela olhava rapidamente de um para o outro. — Acham que não estou vendo isso?

Hazael contraiu os lábios e olhou de relance para Akiva.

— *Eu* ainda quero — disse ele.

— Eu também — disse Akiva. — Sempre. — Então se lembrou do céu do outro mundo, quando detivera os dois em sua caçada por Karou e se forçara a lhes contar, finalmente, toda a verdade. Que ele amara uma quimera e sonhara com uma vida diferente. Ele se arriscara a dizer, na época, que sua irmã era mais do que uma arma do imperador e que, se ela descartara a ideia de harmonia, pelo menos não se voltara contra ele. Akiva achava que era o único que estava cansado daquelas mortes? Havia Hazael também. Quantos mais pensavam assim? — Mas podemos ser melhores do que isso — completou.

— Podemos ser melhores? — disse Liraz. — Olhe para nós, Akiva. — Ela ergueu as mãos, mostrando as marcas de tinta. — Não podemos fingir. Carregamos as marcas do que fizemos.

— Só das mortes. Não há marcas para compaixão.

— Mesmo se houvesse, eu não teria nenhuma.

Akiva olhou em seus olhos e viu neles uma espécie de conflito.

— Você só precisa começar, Lir. Compaixão gera compaixão, assim como sangue gera sangue. Não podemos esperar que o mundo seja melhor do que aquilo que o fazemos ser.

— Não — disse Liraz, e sua voz saiu fraca, e por um instante ele achou que ela falaria mais alguma coisa, investigaria mais a fundo, exigiria saber seus segredos. Ou quem sabe confessaria os dela? Mas, quando se virou, ela disse apenas: — Vamos embora daqui. Estão queimando os mortos, e não quero sentir o cheiro.

⋆ ⋆ ⋆

Ziri contemplava as chamas. Estava no alto de uma encosta, na segurança provida pelas árvores.

Segurança. A palavra lhe pareceu absurda. Não havia segurança alguma. Era melhor que os anjos ateassem fogo no mundo inteiro e acabassem com tudo logo. As coisas que ele vira queimar naqueles últimos meses... Fazendas, rios cheios de óleo. Crianças correndo em fuga e gritando — *em chamas* —, até não poderem mais correr e gritar. E, agora, seus amigos.

Ele apertava o punho da faca com tanta força que seus dedos pareciam capazes de atravessar o couro e sentir o aço embaixo, e atravessá-lo também. *Segurança*, pensou de novo. Era pior do que absurdo: era profano. Assim como a ordem que recebera, ficar em *segurança*.

Balieros ordenara que ele se *escondesse*.

Em toda missão, sempre era preciso que alguém ficasse escondido, em segurança, para em alguma eventualidade como aquela colher as almas dos outros caso fossem mortos. Era uma honra, um grande voto de confiança — a de ter nas mãos a perpetuidade de seus companheiros —, e também uma tortura.

Ziri Sortudo, pensou com amargura. Ele sabia por que Balieros o escolhera. Era tão raro um soldado estar em seu corpo original; o comandante lhe dera a chance de conservá-lo. Como se ele se importasse com isso. Ser o único restante era pior. Fora obrigado a assistir ao massacre sem fazer nada. Até o garoto Dashnag tinha lutado — e bem —, mas não Ziri, embora seu corpo e sua mente tivessem lhe implorado que voasse até a luta.

A única transgressão que se permitira tinha sido matar um serafim que perseguira a pequena garota Dama, um cervo-centauro, linda como uma boneca. Era a mesma menina que ele ajudara a libertar dos traficantes de escravos nas colinas Marazel, e ela empunhava a faca que ele lhe dera. E pensar que tinham chegado tão longe e quase morrido bem ali. Ele viu seu grupo, as garotas Dama e os Caprina, desaparecer em uma fenda nas rochas, o que era bom. Assim tinha algo sólido a que se agarrar enquanto assistia à morte de seus companheiros. Saber que aquilo tudo não tinha sido em vão.

Os cinco tinham tirado cinco vezes mais vidas do que as que perderam, e o garoto Dashnag tinha sido responsável por boa parte deste número. Ziri vira os serafins observando boquiabertos os mortos, gesticulando — Ixander principalmente, cujo corpo tivera que ser arrastado por três deles quando tudo terminara. Eles empilharam os cadáveres e então, assassinos profanos que eram, cortaram *suas mãos* antes de atearem fogo neles. Cortaram e guardaram as mãos — *por quê?* Como troféus? —, e então incendiaram toda a clareira e assistiram às chamas devorarem os cadáveres mutilados. Ziri sentia o cheiro agora — misturado ao doce aroma da grama carbonizada, havia o fedor de pelos e chifres queimados, e, o mais horrível de tudo, o cheiro de carne assada —, e imaginou as almas dos companheiros pairando na clareira, mantendo uma tênue ligação com seus corpos queimados pelo máximo de tempo que pudessem.

Ele não podia esperar muito mais. Queimar os corpos acelerava a evanescência, e já fazia horas. Logo seria tarde demais. Se Ziri tinha alguma esperança de salvar seus companheiros, tinha que fazer isso *agora*.

Os anjos tinham ficado ali desde a manhã até a tarde, mas finalmente estavam indo embora, levantando voo com toda a sua abominável graça e se afastando.

Ele desceu a encosta decidido, mantendo-se sob o abrigo das árvores. Quando chegou à clareira, o inimigo já havia desaparecido no horizonte. Ele examinou o lugar. O fogo serafim era devastador, ardendo tão intensamente que os corpos tinham sido completamente destruídos. Um vento começava a se levantar, revirando o monte de cinzas, soprando-as nos olhos de Ziri e, pior, espalhando o pouco que as almas tinham a que se agarrar. Ele acendeu quatro cones de incenso no turíbulo e o segurou com firmeza. Cinco soldados e um voluntário. Esperava ter conseguido colher a alma de todos, inclusive a do menino.

Pronto, fizera todo o possível. Ele girou a parte de cima do turíbulo para fechá-lo e atravessou a alça do bastão nas costas.

Observou o céu. Estava vazio, mas ele sabia que precisava esperar escurecer para voar — mais tempo se escondendo, esperando. Os soldados do Domínio estavam por toda a parte, ainda espalhando o recado do imperador de forma terrivelmente eficiente, e, como ele vira... gostando do que faziam.

A princípio, no ataque inicial dos rebeldes, Ziri odiara cortar os sorrisos do Comandante nos mortos, mas agora só conseguia pensar que a alegria sombria dos anjos tinha que ter uma resposta à altura.

E se o ato de revidar despertasse também nele uma alegria sombria? O que Karou pensaria disso? *Não*. Ziri afastou o pensamento. Ele não gostara nem um pouco, mas também não podia culpar Karou pelo desprezo com que o tratara. Naquele dia no rio, ele se surpreendera com a dor profunda que sentira — com a forma como ela o olhara, a forma como fora embora. Na hora ele tentara ocultar a vergonha sob um véu de raiva — quem era *ela* para desprezá-lo? —, mas já não podia mais se enganar. Quando Balieros reunira a tropa para lhes perguntar se estavam com ele, se queriam massacrar inimigos civis ou ajudar o povo, Ziri pensara logo em Karou, em apagar o desprezo dela e substituí-lo por outra coisa. Respeito? Aprovação? *Orgulho?*

Talvez ele ainda fosse aquele garotinho apaixonado, afinal.

Ziri balançou a cabeça. Depois virou-se em direção às copas das árvores que o ocultavam. E foi então que os viu ali, observando-o: três anjos de braços cruzados.

43

Uma história divertida

— *Você* — disse Ziri.

Dizia-se entre os quimeras que todos os serafins se pareciam, mas qualquer quimera saberia quem era aquele anjo logo ao vê-lo. A cicatriz que dividia seu rosto era única.

Ziri assoviou.

— Espere até meus amigos ouvirem que matei o capitão do Domínio. Eles não vão acreditar.

Jael riu, com um som úmido. Ele deu um passo à frente, e seus soldados se espalharam para cercar Ziri. Três anjos não o preocupavam muito, mesmo que um deles fosse o irmão do imperador. Três eram fáceis de matar. Mas então ouviu um som vindo de trás, se virou e viu mais... seis... emergirem da mata a distância. *Ah*. E quando olhou de volta para Jael, havia mais três atrás dele. Uma dúzia.

Então era a morte.

Provavelmente.

— Sabe, todo soldado quimera se diz o autor dessa sua cicatriz — disse Ziri a Jael. — É uma brincadeira que fazemos quando estamos entediados, para ver quem inventa a melhor história. Quer ouvir a minha?

— Todo soldado quimera? — indagou Jael. — E quantos são hoje em dia, quatro? Cinco?

— Bem, um quimera vale... — ele fez toda uma encenação para contá-los e então abriu um largo sorriso — *pelo menos* uma dúzia de serafins. Então isso deve ser levado em conta.

Ele pegara suas lâminas logo que os vira. Estavam mantendo distância por enquanto, mas Ziri sabia que se aproximariam e tentariam pegá-lo. Que viessem. Toda a angústia das últimas horas estava viva em suas mãos — seus dedos latejavam no punho das armas.

— A história é mais ou menos assim — começou Ziri. — Estávamos jantando juntos, você e eu. Como fazemos de tempos em tempos. Era um tetraz. E o tempero tinha passado do ponto. Você matou o cozinheiro por isso. Temperamento *ruim*, sabe? — E acrescentou como um aparte instrutivo: — São detalhes assim que fazem uma história parecer real. Mas enfim: você ficou com um osso preso no bigode. Já mencionei que você tinha um bigode?

Jael não tinha bigode. Ziri sentiu que os soldados se aproximavam a sua volta. Jael estava a uma distância segura, uma paciência calculada em seu rosto.

— Eu tinha? — indagou.

— Era ralo e sem graça, mas não importa. Fui tentar tirar o osso, usando a *sua* espada, e foi esse o meu erro. Porque estou acostumado com lâminas bem menores. — Ele ergueu suas facas em forma de lua crescente para ilustrar o que falava. — E, bem, eu errei no corte. Um erro fenomenal, sem dúvida, embora eu sempre diga: quem dera tivesse errado na outra direção. — Ele cortou o ar como se cortasse uma garganta. — Nada pessoal.

— É claro que não. — Jael correu um dedo pela longa linha irregular de sua cicatriz. — Quer saber a verdadeira história?

— Não, obrigado. Estou a um passo de acreditar na minha versão.

Um movimento rápido. Atrás de Ziri, um soldado; ele se virou, as facas cintilando, o sol incidindo forte e convidativo nas curvas afiadas. O aço queria sangue, e ele também. O soldado recuou.

— Pode abaixar as armas — disse Jael. — Não vamos matar você.

— Eu sei — replicou Ziri. — *Eu* vou matar vocês.

Eles acharam engraçado. Vários riram. Mas não por muito tempo.

Ziri se moveu em um borrão. Acertou primeiro os que riam, e dois anjos morreram ali mesmo onde estavam, suas gargantas cortadas antes que os outros pudessem sequer pegar suas armas.

Se algum deles tivesse lutado algum dia com um Kirin, não teriam se sentido tão confiantes por estarem em maior

número, não a ponto de ficarem tão perto assim dele com as espadas embainhadas. Eles sacaram suas armas bem rapidamente depois disso. Os dois corpos desabaram no chão, e outros dois anjos estavam sangrando antes mesmo de os aços retinirem. Então a luta começou. *Nithilam*, como os serafins diziam. Caos.

Ziri estava em minoria, mas usou isso a seu favor. Movia-se tão rápido no *kata* rodopiante das lâminas de lua crescente que os serafins mal sabiam onde procurá-lo. Tentavam segui-lo, e ele se afastava. Os anjos acabavam entrando no caminho dos golpes dos outros. Para Ziri era fácil: todos eram inimigos. Todos eram alvo. Suas lâminas de lua crescente pareciam se multiplicar no ar; era para isso que tinham sido feitas, não para cortar sorrisos, mas para enfrentar vários oponentes ao mesmo tempo, bloqueando, retalhando, trespassando. Mais dois anjos caíram: intestinos perfurados, tendões cortados.

— Mantenham-no vivo! — urrou Jael, e Ziri percebeu, mesmo em meio ao turbilhão confuso de sangue e aço, que aquilo não era uma boa notícia.

Disparou para cima deles, agarrando os punhos das facas com força para que o sangue não escorresse por baixo dos dedos, deixando-as escorregadias. Depois atacou-os em pleno voo, levando a luta para o ar, e cortou e matou, sem ver de fato alguma esperança de escapar. Afinal, eram soldados serafins; ele era rápido, mas eles estavam longe de serem lentos, e eram muitos. Não era a primeira vez em sua vida que desejava ter hamsás. As marcas poderiam ter enfraquecido seus oponentes, dando-lhe alguma chance. Quando o desarmaram, o número de anjos tinha sido reduzido à metade, e ele só tinha feridas superficiais — o que ele atribuía tanto à disciplina dos inimigos quanto à própria agilidade. Eles o queriam vivo, e por isso Ziri assim permanecia.

Estava de joelhos diante deles, e ninguém ria agora. Jael foi em sua direção. Tinha perdido sua presunção; a expressão estava rígida e a cicatriz muito branca em contraste com o vermelho de seu rosto enfurecido. Ziri viu que receberia um chute e se curvou para absorver o golpe, mas ainda assim o impacto no estômago foi forte e o deixou sem ar.

Ofegante, transformou a respiração difícil em risada.

— Mas por que isso? — perguntou ele, endireitando-se. — Se fiz algo que o ofendeu...

Jael o chutou de novo. E de novo. Ziri já não conseguia mais rir. Foi só quando já estava sufocando com o sangue que Jael se aproximou para arrancar o turíbulo das suas costas. Seu olhar de triunfo era duro, e Ziri sentiu a primeira pontada de medo.

— Tenho uma história muito divertida também, só que a minha é verdadeira. Encontrei seu Comandante e Brimstone recentemente, e ateei fogo neles assim como fiz com seus companheiros, e é por isso que sei que estão mortos e acabados, e que *isso* — ele ergueu o artefato — só pode estar sendo levado para outra pessoa. Então... quem?

Ziri podia ouvir o sangue pulsando estranhamente alto em sua cabeça. Começou a entender o que estava acontecendo: os serafins tinham preparado uma armadilha na clareira e esperado para ver se alguém apareceria para colher as almas. Antes os rebeldes eram fantasmas, como o Lobo dissera; agora eram reais. Ele cortara suas mãos.

— Perdão — disse Ziri, fingindo não entender. — Quem o quê, mesmo?

Jael olhou para baixo. Revirou as cinzas com a ponta da espada.

— Você vai me contar quem é o ressurreicionista — disse ele. — Quanto mais cedo, melhor. Para você, é claro. Pessoalmente, eu não me importo se isso der... um pouco de trabalho.

Bem, aquilo não parecia nada divertido. Ziri não tinha nenhuma experiência com tortura, e, quando pensava nisso, havia um rosto que lhe vinha à mente.

O de Akiva.

Nunca se esqueceria daquele dia. A ágora, toda Loramendi presente para assistir, e o amante de Madrigal forçado a ver tudo também. O serafim ficara de joelhos, como Ziri estava naquele momento, enfraquecido de tanto apanhar, e por causa dos hamsás, e arrasado pela tristeza. Ele revelara alguma coisa para o Lobo? Ziri achava que não, e, por mais estranho que fosse, aquilo lhe deu forças. Se o anjo pudera resistir à tortura, ele também conseguiria. Para proteger Karou e, com ela, a esperança dos quimeras, ele achava que poderia aguentar qualquer coisa.

— Quem é? — perguntou de novo o capitão.

— Chegue mais perto — replicou Ziri, com um sorriso cruel. — Vou falar bem no seu ouvidinho.

— Ah, que bom. — Jael parecia satisfeito. — Tive medo de que você fosse facilitar as coisas. — Ele fez um sinal para

seus soldados, e dois se aproximaram para pegar Ziri pelos braços. — Segurem-no. — E, cravando o cajado do turíbulo na terra escura, começou a arregaçar as mangas. — Estou me sentindo inspirado.

44
Alguns luxos

— Eu disse que nenhum humano seria ferido. — A voz de Karou, já rouca de tanto argumentar, lhe soou como um rosnado. — Essa foi a primeira condição. Nenhum humano ferido. Ponto final.

Ela andava de um lado para o outro no pátio. Os quimeras estavam reunidos na galeria e no chão, alguns se aquecendo ao sol, outros abrigados na sombra.

Como se estivesse lhe ensinando uma verdade dura da vida, Thiago retrucou:

— Na guerra, Karou, alguns luxos devem ser deixados de lado.

— Luxos? Como não matar pessoas inocentes? — Ele não falou nada. Era *exatamente* o que queria dizer. Karou sentiu um nó no estômago. — Ah, não. Definitivamente *não*. Quem quer que sejam, eles não têm nada a ver com a sua... — Ela parou e se corrigiu: — Com a *nossa* guerra.

— Mas se eles colocarem em risco nossa localização, passam a ter tudo a ver com isso. Você devia saber desse risco, Karou.

Ela sabia? Porque é claro que ele tinha razão: bastaria que um andarilho saísse contando histórias para atrair a atenção de toda a mídia para a casbá. E o que aconteceria então? Ela não gostava de pensar nisso. Os militares, claro. Era uma vez uma época em que uma história sobre monstros no deserto podia ter sido encarada apenas como "viagem" de mochileiros que fumaram muito haxixe, mas os tempos tinham mudado. Então, e agora?

— Eles podem passar direto — disse ela.

Mas era uma esperança vã, os dois sabiam disso. Fazia uns quarenta graus lá fora e não havia outro destino em um raio de quilômetros. Além disso, mesmo à distância dava para ver que aquelas pessoas não estavam indo muito bem no percurso.

Subiam com dificuldade, parando a cada minuto para se abaixar com as mãos nos joelhos, tomar água de cantis, e então... a menor delas se curvou, com ânsia de vômito. Estavam muito distantes para que Karou pudesse ouvir alguma coisa, mas era óbvio que corriam o risco de terem uma insolação, se é que já não era o caso. Os andarilhos ficaram recurvados juntos por um bom tempo, até recomeçarem a caminhada. Karou andava de um lado para o outro. Eles precisavam de ajuda, mas aquele com certeza não era o lugar onde encontrariam isso. Se ao menos soubessem para onde estavam indo... Mas, mesmo que soubessem, os dois claramente não estavam em condições de voltar.

Thiago estava calmo, sempre tão enlouquecedoramente calmo — até perder a cabeça, mas enfim —, porque os andarilhos não representavam nenhum perigo iminente. Estava tranquilo em deixá-los se aproximar. E então o quê?

O fosso?

Mais uma vez Karou sentiu um aperto no estômago. Dava para sentir o cheiro do fosso hoje. Talvez porque tivesse carne nova — Bast finalmente tinha feito a caminhada com o Lobo. Karou já fizera o novo corpo dela; estava ali no chão naquele instante — e talvez porque a brisa, apesar de fraca, fosse insistente e viesse daquela direção. Parecia estar dizendo: *Aqui, sinta o cheiro. Aqui, sinta o cheiro*, repetidamente.

Karou parou de andar de um lado para o outro e se postou diante do Lobo. Endireitou os ombros e tentou não tremer, tentou soar como alguém a ser levada em consideração quando disse:

— Vou até lá ajudá-los. Dou a volta com eles pelo portão dos fundos até o armazém. — Lá era frio e isolado. Era onde a caminhonete ficava. — Dou um pouco d'água para os dois, eles não veem ninguém, depois eu os levo de volta até a estrada. — Ela fez uma pausa. Ela ouvia o que dizia e sabia que não estava transmitindo toda a firmeza que gostaria. — Você não vai precisar fazer nada — continuou, mas sua voz falhou, e ela se xingou mentalmente. Que hora perfeita para parecer uma adolescente. — Eu cuido disso.

— Muito bem — disse Thiago. Como era forçada aquela expressão em seu rosto. Karou quase podia ver os cordões que mantinham aquela máscara de benignidade no lugar, e isso a deixava furiosa. Falar com ele era como dar murros em uma

parede. — Vá em frente, então.

E ela foi, tentando ter ao menos a dignidade de não sair pisando duro como uma criança impotente. Passou pelo portão, e a brisa estava mais forte ali: um cheiro podre, algo errado no ar. Corpos se putrefazendo em um fosso, e, se ela não os ajudasse, os andarilhos acabariam lá também, junto com qualquer outro humano que tivesse o azar de perambular até aquele lugar desolado. O que ela fizera, trazendo os rebeldes para este mundo?

Mas então pensou em Eretz, e em quais teriam sido as chances dos rebeldes se ela não tivesse feito isso — e as chances de todos os quimeras —, e já não sabia mais o que era certo. Karou precisava acreditar que os rebeldes tinham alguma humanidade. Eram soldados, não assassinos cruéis, e também não eram animais selvagens com um apetite irracional. Claro que Amzallag não machucaria ninguém sem motivo, assim como Balieros, ou Ziri, ou a maioria dos outros. Mas bastava pensar em Razor — e naquele saco — para saber que tudo podia acontecer.

Teve que se lembrar de manter os pés no chão quando saiu da casbá. Agora seu primeiro impulso era voar, de tão desacostumada que estava à sociedade humana, e não era fácil caminhar naquele terreno irregular.

Percebeu, então, que seu cabelo estava descoberto. E se os andarilhos a reconhecessem? Eles realmente poderiam ser perigosos. Mas o que fazer?

Não demoraram muito para vê-la. Em toda a encosta que descia da fortaleza, ela seria a única coisa em movimento à vista. Ainda estavam muito afastados para que Karou os visse com clareza, mas ela ouviu o grito que lhe foi dirigido, e parou de andar como se tivesse atingido uma parede. O som correu por sobre as rochas e arbustos, um grito a plenos pulmões que se diluiu na distância.

A voz.

Não era possível. Mas o que ela ouvira fora "Karou!", e a voz era a de Zuzana. Àquela altura, Karou já tinha aprendido que "possível" e "impossível" eram, na melhor das hipóteses, categorias fluídas. *Ah, meu Deus, não*, pensou, olhando fixamente para as figuras e vendo o que nunca esperava ver: Zuzana e Mik, *ali*.

Não eles, não ali.

Como? Como?

E isso importava? Eles estavam ali, e correndo perigo — a insolação, os quimeras. Karou sentiu o coração disparar e como que inchar dentro do peito; de pânico, de... *alegria*... e mais pânico, e mais alegria, e uma onda de raiva — no que eles estavam pensando? —, e então ternura, espanto, e ela estava com os olhos molhados quando seus pés deixaram o chão, e então seguiu a encosta voando e apertou os dois em um abraço que ameaçava terminar o que o calor começara.

Eram mesmo eles. Karou recuou um pouco para olhar para os dois. Zuzana sucumbira de um alívio somado à exaustão. Marcas de lágrimas se destacavam em suas bochechas vermelhas, e ela ria e chorava, esmagando as mãos de Karou com a força de um torno — apertando bem na parte machucada, o que a deixou sem ar.

— Caramba, Karou — exclamou Zuzana, a voz esganiçada e rouca de tanto ter gritado. — Logo no deserto? Não podia ter sido Paris ou algo do tipo?

E Karou também ria e chorava, mas Mik não — nem um, nem outro. Ele apoiava Zuzana com a mão em suas costas, o rosto tenso de preocupação.

— Podíamos ter morrido. — disse ele. As garotas ficaram em silêncio. — Eu nunca devia ter concordado com isso.

Depois de um segundo, Karou concordou.

— Não, não devia. — E então observou a paisagem do deserto com novos olhos, imaginando como seria chegar até ali a pé. — No que vocês estavam pensando?

— O quê? — Mik a encarou, depois olhou para Zuzana e então de volta para Karou. — Você não queria que a gente viesse?

Karou ficou surpresa.

— É claro que não. Eu *nunca* teria... Meu Deus. Como foi que vocês me acharam, para começo de conversa?

— *Como?* — Mik se sentia desorientado de tanta frustração. — Zuze decifrou a sua charada, ora essa.

Charada?

— Que charada?

— A charada — disse Zuzana. — Sacerdotisa de um castelo de areia, em uma terra de poeira e luz das estrelas.

Karou olhou para ela sem entender. Lembrava-se de haver escrito aquele e-mail; tinha sido logo depois de trazer os quimeras pelo portal até a casbá, quando estava em Ouarzazate à procura de suprimentos para Aegir.

— Então foi *assim* que vocês me encontraram? Ah, Zuze. Sinto muito. Não foi minha intenção atrair vocês até aqui. Nunca pensei que...

— Ah, você só pode estar brincando. — Mik levou as mãos à cabeça e se virou de costas. — Viemos até o fim do mundo, e você nem nos quer aqui?

Zuzana parecia arrasada. Karou se sentiu péssima.

— Não é que eu não queira vocês aqui! — Ela puxou a amiga para mais um abraço esmagador. — Eu *quero*. Tanto. Tanto. É só que... eu nunca teria trazido vocês para... isso. — E apontou para a casbá.

— O que é isto? — perguntou Zuzana. — Karou, o que você está fazendo aqui, meu Deus?

Karou abriu a boca, depois voltou a fechá-la, duas vezes, como um peixe. Por fim, disse:

— É uma longa história.

— Então pode esperar — disse Mik com firmeza. Karou nunca o tinha visto com raiva antes, mas seu rosto estava vermelho de irritação, os olhos apertados de maneira acusadora. — Podemos, por favor, tirá-la do sol?

— É claro. — Karou respirou fundo. — Vamos.

Colocou uma das mochilas deles no ombro e foi arrastando a outra, enquanto Mik ajudava Zuzana a subir a encosta. Karou não os levou pelo caminho mais longo, que contornava o armazém, em vez disso foi direto até o portão principal, onde eles pararam, olhando fixamente.

Mais uma vez, Karou viu sua vida com novos olhos, imaginando como aquelas criaturas deviam parecer para humanos.

Thiago estava de pé, com uma expressão perplexa, Ten logo atrás. Ele quase poderia se passar por humano, mas Ten já era outra história, com sua cabeça de lobo e seus ombros curvados. E os outros, então, eram um show de horrores: soldados reunidos na galeria e no chão, até mesmo no telhado, estranhamente imóveis a não ser pelo chicotear de um rabo aqui, o agitar de uma asa ali. Todos em tamanhos monstruosos, com muitos e variados olhos, sem piscar. Razor, mais próximo do que seria confortável para Karou, açoitou sua língua de serpente rapidamente, e Karou se viu de prontidão, os pés já quase saindo do chão, para o caso de ele resolver saltar sobre os visitantes.

Mik falou, em um sussurro rouco:

— Só esclarecendo para eu poder relaxar um pouco: Karou, seus amigos não vão comer a gente, vão?

Não, pensou Karou. *Não vão*. E respondeu, também em um sussurro:

— *Acho* que não. Mas tentem não parecer muito apetitosos, ok?

Ao que foi recompensada com uma risadinha de Zuzana.

— Isso pode ser um problema, considerando que somos *incrivelmente apetitosos*. — E meio segundo depois, completou, tensa: — Espere aí. Eles não entendem tcheco, entendem?

— Não — respondeu Karou.

O tempo todo ela olhava para Thiago, e ele para ela. O mau cheiro do fosso pairava no ar, e foi naquele momento que o pesadelo surreal que era a vida dela deixou de existir, desapareceu de repente, e tudo se tornou real. Aquela era *sua vida*, não um sonho sinistro do qual acordaria; tampouco era o purgatório, e sim sua vida real, no mundo real — nos *mundos* reais —, e agora seus amigos haviam entrado naquela vida também, que agora era deles.

Isso mudava as coisas.

— Estes humanos são meus convidados. — Karou sentiu que as palavras vinham de alguma parte firme e decidida dentro de si que não existia uma hora antes. Não falou alto, mas havia uma mudança significativa em sua voz. Vinda daquela parte, sua voz soava forte e verdadeira; não era persuasiva, ou desesperada, ou antagônica. Apenas era. Aproximou-se do Lobo, mais do que era de seu agrado. Forçou-se a invadir o espaço físico dele, como ele fazia com ela, e ergueu o rosto. — As vidas deles não são um luxo. São meus amigos, e eu confio neles.

— É claro — disse Thiago, sorrindo como um perfeito cavalheiro. — Isso muda tudo.

Ele assentiu para Mik e Zuzana e até os saudou, mas seu sorriso... simplesmente era errado. Falso, como se ele o tivesse

aprendido em um livro.

45
Morto

— Quem é *aquele cara*? — sussurrou Zuzana enquanto Karou levava os dois para fora do grande pátio onde os monstros se reuniam. — Ele se lavou com um sabão que lava duas vezes mais branco?

A risada de Karou foi quase um engasgo.

— Ah, caramba — disse ela, quando conseguiu voltar a respirar. — Agora vou pensar nisso toda vez que olhar para ele. Prestem atenção em onde pisam.

Atravessavam um caminho cheio de entulhos, Mik com a mão no cotovelo de Zuzana para lhe dar apoio. Tiveram que passar com cuidado por cima de uma parede desmoronada. Zuzana olhou em volta. De longe, a casbá lhe parecera majestosa, em um estilo meio maluco de castelo de areia, mas por dentro o lugar era bem desolado. Sem contar — ela passou por cima de um pedaço de madeira com pregos gigantes enferrujados e precisou contornar um buraco — *perigoso*. E tinha aquele *cheiro*, de xixi e coisa pior. O que era aquele cheiro, meu Deus? Por que Karou estava morando ali? E aquelas criaturas... Não eram completamente diferentes dos desenhos dos cadernos dela, mas também não *muito* parecidos. Eram bem maiores e mais esquisitos do que qualquer coisa que Zuzana imaginara.

Quanto ao cara branco, ele parecia quase humano; era sexy de um jeito artificial — lindo, aqueles olhos, aqueles ombros, dava para imaginá-lo na capa de um livro de romance —, mas havia nele algo tão gélido que ela sentira um arrepio, mesmo estando a ponto de morrer de calor naquele deserto infernal.

— Aquele é o Thiago — respondeu Karou. — Ele é... é quem manda por aqui.

Isso Zuzana podia deduzir, pelo seu ar de senhor do castelo.

— Manda em quê, exatamente? — perguntou ela. Então algo lhe ocorreu de repente, e ela parou de andar. — Espere. Onde está Brimstone?

Karou também parou. Sua expressão abatida foi o suficiente.

— Ah, não — disse Zuzana. — Ele não...? Ele *morreu*?

Karou assentiu.

Morrer. Uma palavra que não era para fazer parte daquela aventura. Horrorizada, Zuzana continuou:

— E quanto a... Issa? E Yasri?

Mais uma vez a expressão de Karou lhe bastou como resposta.

— Ah, Karou, eu sinto muito.

Ao olhar para Karou dessa vez, Zuzana conseguiu olhá-la de verdade, não apenas tomada pelo puro alívio que a inundara à primeira vista, mas de fato *vendo* a amiga. Karou estava magra demais, os ossos pronunciados, os lábios rachados, o cabelo preso em uma trança descuidada; sua camisa — larga, de algodão, de estilo marroquino — estava toda amarrotada, como se nunca deixasse seu corpo, e seus olhos estavam marcados por olheiras arroxeadas, de quem vem dormindo pouco. E não era só falta de sono; ela parecia... *esgotada*.

Zuzana sentiu outro calafrio percorrer sua espinha. Onde é que ela havia se metido, para onde trouxera Mik? Tinha ficado tão envolvida pelo mistério e pelo desafio... mas é claro que sabia que algo estranho estava acontecendo com Karou. Seu e-mail críptico tinha deixado isso claro, mas ela não havia propriamente considerado a possibilidade de que envolvesse a palavra *morte*, e agora tinha certeza de que aquele cheiro horrível no ar era de *decomposição*.

Engoliu em seco. Sua cabeça doía horrores, seus pés estavam lhe matando, ela queria muito, *muito* tomar um banho e tinha o triste pressentimento de que não havia a menor chance de comer um sorvete tão cedo, mas lembrou-se de uma pessoa sobre quem ainda não havia perguntado. Ela hesitou, com medo de ver outra resposta sombria no rosto da amiga.

— E quanto a Akiva?

Uma resposta de fato surgiu no rosto de Karou, mas não a que ela havia esperado. A desolação deu lugar à severidade.

Karou trincou o maxilar e estreitou os olhos.

— O que tem ele? — perguntou, séria.

Zuzana ficou olhando para ela. *Hã?*

— Hum... Ele... está vivo?

— Até onde sei, sim — respondeu Karou, e se virou. — Vamos.

Zuzana e Mik trocaram um olhar de espanto e a seguiram. Pela postura tensa de Karou, era melhor não tocar no assunto, mas Zuzana preferiu ignorar o alerta. Francamente, aquilo a tirou do sério. Tinha ido até ali; resolvido uma charada que nem era uma charada; encontrado Karou *no meio do deserto do Saara* — ok, ali não era exatamente o deserto do Saara, mas era quase, e se algum dia ela fosse contar essa história com certeza diria que se embrenhara em pleno deserto do Saara a pé, com um tênis de zebra. Ora essa. Ela realmente não merecia aquele tratamento.

— O que houve? — perguntou, dirigindo-se às costas da amiga.

Karou olhou de relance por sobre o ombro.

— Esqueça isso, Zuze. Eu lhe conto todo o resto, mas não quero falar sobre ele.

Como ela parecia amarga ao dizer aquilo.

— Karou. — Zuzana tocou o braço dela, mas a sentiu se encolher de dor ao seu toque, e afastou a mão. — O que foi? — perguntou. — Você está machucada?

Karou parou de andar. Largou as mochilas que estava arrastando e cruzou os braços; parecia tão perdida. Tão linda e tão perdida. Como era injusto que ela ficasse tão bonita mesmo quando era evidente que não fazia o menor esforço!

— Eu estou bem — disse Karou, tentando sorrir. — É com vocês dois, meus Lawrences da Arábia, que estou preocupada. Você pode só ficar quieta e me deixar levá-los lá para dentro?

Karou olhou para Mik em busca de apoio, e, é claro, ele concordou com ela.

— Vamos, Zuze, a gente coloca o papo em dia depois.

Zuzana suspirou.

— Está bem. Seus tiranos. Mas eu corro o risco de morrer de curiosidade.

— Não se eu puder evitar — disse Karou, e Zuzana involuntariamente apertou a mão de Mik, porque não parecia ter sido uma brincadeira.

* * *

Karou ainda tentava tirar Akiva da cabeça quando chegaram ao palácio. Só de ouvir o nome dele já se sentia ficar dura como pedra. Bem. Isso ainda era melhor do que ficar toda mole, e ela nunca mais deixaria ninguém fazê-la se sentir assim de novo.

Colocou-se de lado na porta para deixar os amigos entrarem. Tão empoeirado e deteriorado por fora quanto o restante da casbá, por dentro o palácio era... bem, empoeirado e deteriorado também, mas inesperadamente luxuoso. Por ter sido um dia o lar das belas esposas de chefes tribais e de toda a sua barulhenta prole, era um complexo com muitos e grandes quartos. Havia pilastras de alabastro esculpido, lascadas, e nichos para lampiões no formato de buracos de fechadura. As paredes eram revestidas de seda desbotada, os tetos, entalhados como favos de mel, e uma grande escadaria coberta de azulejos rascados em lápis-lazúli, da cor do cabelo de Karou.

Zuzana deu a volta lentamente, observando tudo.

— Não acredito que você mora aqui — disse ela. — Agora entendo por que me deu aquele seu apartamento chinfrim.

— Está brincando? — Karou teve que rir do absurdo da comparação. — Sinto tanta falta daquele apartamento. — E daquela *vida*. — Trocaria com você sem pensar duas vezes.

— Não, obrigada — disse Zuzana prontamente.

— Garota esperta.

Karou começou a subir a escada, parando para oferecer o braço a Zuzana. Unindo suas forças às de Mik — que, mesmo não parecendo muito disposto, segurava o outro braço de Zuzana —, ela a ajudou a alcançar o primeiro andar, onde um corredor levava à suíte de Thiago e à pequena antecâmara onde Ten dormia. Uma volta e surgiam mais degraus.

— Ainda não acredito que vocês estão aqui — disse Karou enquanto subiam. — Vão ter que me contar como conseguiram me achar. Depois que descansarem um pouco, é claro. Podem ficar com a minha cama enquanto estiverem aqui.

— Onde você vai dormir? — perguntou Mik.

— Ah, não se preocupe com isso. Eu não durmo muito.

Zuzana ergueu a sobrancelha.

— Percebe-se. E também não come, ao que parece. Nem se cuida. — Ao ver aquela sobrancelha erguida, Karou ignorou totalmente o insulto e foi inundada de amor. Zuzana, *ali*. Era surpreendente. Ela a esmagou em mais um abraço, o que não impediu a amiga de perguntar: — Então o que *exatamente* você está fazendo?

Karou a soltou. "Eu lhe conto todo o resto", dissera, e era sério. Não estava desesperada por alguém com quem conversar? E agora, como um desejo realizado, Zuzana e Mik estavam ali. Como em um passe de mágica.

Karou respirou fundo, consciente do estado em que deixara seu quarto, e levou a mão à pesada porta de cedro.

— Quer mesmo saber?

Sobrancelha.

— Tudo bem, então. — Karou abriu a porta. — Vamos entrar que eu conto tudo. — E inocentemente acrescentou, enquanto eles passavam: — Ah, cuidado para não tropeçar no corpo aí no chão.

46

Não vivo

Alguns meses tinham se passado desde que Karou experimentara contar a verdade a Zuzana pela primeira vez, lá em Praga. Tinha sido tão estranho falar sobre sua vida secreta que ela não soubera como começar. Simplesmente despejara a história toda, anjos e quimeras e tudo mais, e, se Kishmish não tivesse aparecido naquele exato momento — em chamas —, ela provavelmente teria perdido a amiga para sempre.

Bem, as coisas que tinha para contar agora faziam aquela primeira rodada de confissões parecer brincadeira de criança, mas Mik e Zuzana estavam preparados agora, prontos para acreditar. Afinal, tinham acabado de entrar em uma casbá cheia de monstros. Ainda assim, podia levar algum tempo até se acostumarem à ideia da ressurreição.

— *AhmeuDeusporquetemummonstromortonochãodoseuquarto?* — foi a esbaforida pergunta de Zuzana quando ela viu o novo corpo de Bast esparramado ali diante de si.

— Bem, ela não está exatamente *morta* — disse Karou, de forma evasiva.

Zuzana estendeu um tênis cheio de areia e cutucou o corpo inerte com o pé.

— *Viva* ela não está.

— Verdade. Hum. Vamos dizer que ela está... *não viva.*

E assim Zuzana e Mik aprenderam que *não vivo* podia significar *morto* — e geralmente é o caso —, mas também podia significar *novo*.

— Eu fiz esse corpo mais cedo — contou-lhes Karou, como se falasse que tinha tricotado um chapéu ou assado um bolo.

Zuzana estava calma; com um pouco de esforço, mas estava. Empoleirou-se na beirada da cama e cruzou as mãos no colo.

— Você fez esse corpo — disse ela.

— Sim.

— Explique, por favor.

E Karou explicou, o mais sucintamente possível, apontando para as bandejas de dentes e omitindo o detalhe do dízimo da dor. Colocou água em uma bacia para que eles pudessem lavar o rosto e os pés — *nessa ordem*, especificou ela, com uma seriedade fingida —, fez chá de hortelã e ofereceu-lhes tâmaras e amêndoas. Quando eles terminaram de se lavar, ela esvaziou a bacia pela janela sem nem olhar lá para baixo, torcendo para que Thiago ou Ten estivessem passando ali embaixo. Mas nenhum grito ou rosnado veio em resposta ao barulho da água caindo, e ela fechou as persianas para proteger o quarto do calor.

Então concluiu logo a ressurreição, em parte porque era mais fácil mostrar o que fazia do que contar, mas também para tirar aquele corpo dali e permitir que seus amigos relaxassem.

O despertar era a parte fácil. A magia já estava feita, então não era necessário pagar nenhum dízimo ou arregaçar as mangas, expondo os braços cheios de feios hematomas. Karou sentia muita vergonha das marcas, e não queria que Zuzana as visse, mas não seria preciso naquele estágio do processo. Bastava apenas levantar o turíbulo que Thiago lhe trouxera, acender um incenso e colocá-lo na testa do corpo. Zuzana e Mik assistiram a todo o procedimento sem nem piscar, embora na verdade não houvesse nada para se ver. O cheiro de enxofre, o ranger da corrente, esses eram os únicos sinais. Só Karou podia sentir a alma que emergia do receptáculo, hesitando por apenas um instante antes de convergir para seu novo corpo.

Antes, Bast se parecia com uma deusa egípcia felina: forma humana esguia, seios altos, cabeça felina com orelhas grandes. Karou mantivera o aspecto felino o máximo possível, mas tinha sacrificado muito da parte humana, a pedido de Thiago. Aquele novo corpo era todo músculos definidos, embora não tão grande quanto alguns, pois fora feito visando à agilidade. Os braços e o torso superior permaneceram humanos para permitir a versatilidade no uso das armas — Bast era uma boa arqueira —, mas as ancas eram de leopardo, para que ela pudesse dar grandes saltos. E, é claro, aquele corpo também tinha as

indispensáveis asas, que, abertas, ocupavam a maior parte do chão. Karou estava feliz por aquela não ser uma de suas criações mais monstruosas, tanto pelo bem de Zuzana e Mik quanto, por incrível que pareça, por Bast.

A alma de Bast, descobrira, tinha uma beleza delicada, inadequada para uma guerra. Karou se perguntou brevemente que vida ela poderia ter tido em um mundo diferente. Bem, pensou enquanto Bast abria os olhos, eles nunca saberiam.

Zuzana deixou escapar uma breve exclamação de susto. Mik apenas olhava fixamente.

Bast ergueu a cabeça, arregalando os olhos ao ver novos humanos, mas não disse nada. Concentrou-se em seu novo eu, testando os membros com pequenos gestos antes de se levantar sem firmeza, encontrando patas onde antes havia mãos e pés.

— Tudo bem? — perguntou Karou.

Bast assentiu e esticou toda a sua flexível coluna, em um gesto inequivocamente felino. Parecia um gato andando pelo peitoril de uma janela.

— Foi bem-feito — disse ela, sua voz soando como um ronronar em sua nova garganta. — Obrigada.

Karou sentiu um aperto no peito. Nenhum dos soldados nunca tinha lhe agradecido antes.

— De nada — respondeu. — Precisa de ajuda para descer as escadas?

Bast balançou a cabeça em negativa.

— Acho que não. — Esticou-se de novo. — Como eu disse, foi bem-feito.

Karou sentiu outra vez o aperto no peito. Um elogio. Era meio ridícula a enorme gratidão que sentia por aquelas poucas palavras. Bast saiu. Quando a porta se fechou, Karou se virou para os amigos.

— Bem — disse Mik, deitando-se apoiado em um cotovelo, assumindo um falso ar de indiferença. — Isso não foi nada estranho.

— Não? — Karou desabou na cadeira e esfregou o rosto. — Meu medidor de estranheza deve estar com problema. Imaginei que fosse pelo menos um pouco estranho.

— De novo — disse Zuzana.

— O quê?

Karou abaixou as mãos e olhou para a amiga. O rosto de Zuzana estava vívido de espanto.

— De novo, de novo. — Ela deu pulinhos na beirada da cama, como uma criança, batendo palmas e pedindo: — Quando eu vou poder fazer isso? Você vai me ensinar, não vai? É claro que vai. Foi por isso que me trouxe até aqui.

— Ensinar você? Eu *não* trouxe você aqui...

Mas Zuzana não ouvia.

— Isso é tão mais legal que teatro de fantoches. Caramba, Karou. Você está fazendo *criaturas vivas*. Você é uma *Frankenstein*, cara!

Karou riu e balançou a cabeça.

— Não sou, não. — Ela tivera bastante tempo para pensar a respeito e descartar a comparação. — A questão central na história de Frankenstein é de onde vem a alma.

Se um humano criasse "vida", não haveria alma, apenas um pobre monstro incivilizado sem lugar no mundo — ou mesmo no céu ou no inferno, caso houvesse essa preocupação, o que não era o caso de Karou.

— Eu já tenho as almas. — Ela apontou para a pilha de turíbulos. — Só estou fazendo os corpos.

— Ah, *só*? — disse Mik, com a voz arrastada. — Agora sim.

Mas Zuzana estava hipnotizada pelas dezenas e dezenas e *mais* dezenas de turíbulos. Arregalou os olhos, boquiaberta.

— Tudo isso? — Ela atravessou o quarto em um segundo e puxou um dos turíbulos do meio da pilha, provocando um pequeno desmoronamento. — Vamos fazer um? Por favor! Quero ver como você faz o corpo. — Ela ainda pulava; Karou temia que a amiga fosse parar no teto. — Serei seu Igor. Por favor, por favor, por favor? Veja. — Ela fingiu ser corcunda e saiu arrastando uma perna. — O que deseja, *Herr Doktor*? — E em um estalar de dedos estava de volta ao normal. — Por favor... De quem é essa alma? Como você sabe de quem é? Quer dizer, você *sabe*?

Zuzana tinha mais um milhão de perguntas, mas não esperava a resposta de nenhuma. Karou olhou para Mik em busca de ajuda, mas ele apenas se reclinou e deu de ombros, como se dissesse, *Isso é com você*.

— Ah, meu Deus. — E uma ideia fez Zuzana ficar imóvel. — Uma exposição de arte. Já imaginou? — Ela descreveu a

cena com mãos de uma modelo anunciando um produto. — Galeria Balthus, meia dúzia de corpos quimeras em sarcófagos ornamentais, e na abertura da exposição todo mundo falando *oh, ah, que material você usa, eles parecem tão reais,* e nós apenas sorrimos com ar de Mona Lisa e giramos o vinho em nossas taças, hã? Isso seria a melhor coisa de todos os tempos. Mas não! Melhor. Nós os trazemos à vida! A fumaça, o cheiro, esse negócios aí que parecem lampiões, e então as esculturas *levantam a cabeça e ficam de pé.* Todo mundo vai pensar que são marionetes ou algo assim, afinal o que mais poderia ser, e vão ficar tentando descobrir como fizemos aquilo, e todos vão posar para fotos com monstros sem nem saber.

Ela não parava, e Karou riu descontroladamente e tentou fazê-la parar.

— Isso nunca vai acontecer. Você entende isso, não é? *Nunca.*

Zuzana revirou os olhos.

— Eu sei, sua desmancha-prazeres, mas não seria incrível?

— Seria o máximo — Karou se permitiu dizer.

Ela nunca pensara em seu trabalho como arte, o que agora lhe parecia tolo, ainda mais depois do elogio de Bast. Lembrou-se então de algo de sua vida como Madrigal, de como gostava de ter ideias para novos quimeras quando, ainda criança, começara a trabalhar com Brimstone, até fazia desenhos para mostrar a ele o que tinha em mente. Então se perguntou se tinha sido isso o que fizera Issa incentivá-la — como *Karou* — a começar a desenhar. Doce Issa, que saudade.

— Mas você vai me deixar ajudar, não vai? — Zuzana estava séria. Ela entregou a Karou o turíbulo que pegara da pilha. — Vamos começar por este. Quem é?

Karou pegou o turíbulo, ficou segurando-o sem dizer nada. Não queria contar que era Thiago quem decidia quem seria ressuscitado e quando.

— Zuze — disse ela —, você não pode.

— Não posso o quê?

— Você não pode me ajudar. Não pode ficar aqui.

— O quê? Por quê?

Zuzana começava a sair do transe de frenética alegria.

— Você não *quer* ficar aqui, pode acreditar. Vou levá-los de volta assim que tiverem se recuperado o suficiente. Tenho uma caminhonete...

— Mas acabamos de chegar.

Sua expressão era de quem se sentia traída.

— Eu sei. — Karou suspirou. — E é muito bom ver vocês. Só quero que fiquem seguros.

— E você? *Você* está segura?

— Sim, *eu* estou — respondeu ela, lembrando-se, ao dizer isso, de quão *in*segura se sentia a maior parte do tempo. — De mim eles precisam.

— Aham. — Zuzana olhou para ela com ar infeliz. — E por que *você*, aliás? Por que está aqui, com eles? Por que é *você* quem está fazendo *isso*?

Isso já era outra questão, e Karou relutava em falar sobre sua verdadeira natureza assim como em mostrar os hematomas. Por que toda aquela vergonha? Ela respirou fundo.

— Porque... eu sou um deles.

— De que tipo?

Aquilo a surpreendeu. Foi Mik quem perguntou, e soou tão casual que ela pensou não ter ouvido direito.

— O quê?

— Que tipo de quimera você era? Você foi ressuscitada, certo? Tem as tatuagens de olhos.

E apontou para as palmas das mãos dela. Karou virou-se para Zuzana e a encontrou tão pouco surpresa quanto Mik.

— É isso? — disse ela. — Eu conto a vocês que não sou humana, e vocês ficam aí, na maior tranquilidade?

— Sinto muito — disse Mik. — Acho que você neutralizou nossa capacidade de nos surpreender. Devia ter começado com isso e só *depois* dizer que ressuscitava os mortos.

— Bem, era meio óbvio — comentou Zuzana.

— Como assim óbvio? — perguntou Karou.

Ela acreditara a vida inteira que era humana; e eles não iriam persuadi-la a pensar que, por algum motivo, não tinha sido convincente o bastante.

— É essa sua aura de estranheza, só isso. — Zuzana deu de ombros. — Sei lá.

— Aura de estranheza — repetiu Karou, sem emoção na voz.

— É uma estranheza *boa* — esclareceu Mik.

— E então, de que tipo você era? — perguntou Zuzana.

A pergunta era tão leve, tão espontânea. Karou sentiu as palmas das mãos úmidas e frias. Afinal, era de sua *tribo* que estavam perguntando, da família que lhe tinha sido arrancada tanto tempo antes. Flashes daquele dia invadiram sua memória, as longas marcas de sangue no chão, dos corpos que tinham sido arrastados até a entrada da caverna. Ela respirou fundo. Eles não entendiam. É claro que não. No mundo deles não era necessário se preocupar se alguém tinha ficado órfão por causa de traficantes de escravos antes de perguntar sobre sua família.

Houvera uma época em que ela tinha pais, um lar, família. Houvera um tempo em que ela pertencera a algum lugar, perfeitamente e sem necessidade de esforço.

— Eu era Kirin — respondeu Karou suavemente. *Eu* sou *Kirin*, pensou, embora tudo o mais que era Kirin lhe tivesse sido tirado: sua tribo e seu lar, por anjos; seu verdadeiro corpo, pelo Lobo Branco; e agora, talvez... Ziri. — Vou mostrar a vocês — ela se ouviu dizendo.

Pegou seu caderno de desenhos e um lápis e os segurou por um instante, tensa, perguntando-se se conseguiria fazer aquilo. Já tentara desenhar Madrigal antes, mas acabava se concentrando em outra coisa. Tinha medo — de desenhar errado, de desenhar direito, do que sentiria ao ver sua antiga eu. Sentiria como se aquela fosse sua verdadeira forma, e ansiaria por ela? Ou acharia estranho, como se nunca tivesse sido aquela garota de tanto tempo antes? De um jeito ou de outro, ela só podia imaginar que aquilo não seria muito agradável.

Ainda assim, achou que já era hora, e começou a desenhar. Uma linha curva. Outra. Seus chifres tomaram forma. Zuzana e Mik observavam. Karou quase sentia como se também estivesse observando, e não criando a imagem, e ficou um pouco surpresa com o que surgiu na página. Com *quem* surgiu.

— Hum, você era um *cara*? — perguntou Zuzana.

Karou enfim soltou a respiração em uma risada.

— Não, me desculpe. Esse não sou eu; é Ziri. Ele é... — Parecia brutal demais dizer que ele era o último membro vivo de sua tribo, então falou apenas: — Ele é um Kirin também.

— Ah, ufa. Não sei por que seria mais esquisito se antes você fosse um *cara* não humano e não uma *garota* não humana, mas seria.

— Cadê ele? — perguntou Mik. — Ele está aqui?

— A equipe dele já devia ter voltado de uma missão em Eretz.

Zuzana deve ter percebido a ansiedade na voz dela.

— O que quer dizer com *já devia ter voltado*? Eles estão bem?

— Talvez. Espero que sim. Devem estar atrasados, só isso.

Ou talvez estivessem mortos.

47

Assassinos e amantes secretos

O dia passou, a noite chegou, e Karou se viu diante da indesejável tarefa de explicar a situação do banheiro a Zuzana. Quer dizer, a situação da *falta de banheiro*.

Para sua surpresa, Zuzana disse apenas:

— Bem, isso explica o cheiro.

Pelo visto Karou tinha *mesmo* neutralizado a capacidade deles de se surpreenderem. Decidiu que o melhor seria irem até o rio para que os dois pudessem tomar banho e cuidar de suas necessidades com alguma privacidade. "Privacidade" entre muitas aspas, na verdade. Thiago os encontrou quando estavam saindo e, com seu jeito forçado e antiquado de ser cortês e excessivamente solícito, insistira para que Ten os acompanhasse.

— Só para garantir a segurança de vocês — disse ele.

Segurança, pensou Karou. *Claro*.

— Não se preocupe — disse ela. — Não vou tentar fugir.

— É claro que não.

E ela sabia que não poderia, nem se quisesse. Não conseguiria escapar das criaturas que tinha feito. Aladas, poderosas e com sentidos apurados, eles os encontrariam em um piscar de olhos. *Que belo trabalho eu fiz*, pensou enquanto conduzia os amigos portão afora e descia até o rio, com a mulher-lobo logo atrás deles. Com o calor do dia já dissipado, a água fria não era muito convidativa — sem mencionar que a presença de Ten, encurvada em uma pedra ali perto, não os incentivava a tirar a roupa —, então eles não tomaram banho propriamente, só jogaram um pouco de água no corpo, esfregaram o rosto e o pescoço e se deitaram em uma pedra para secar.

— Banho de estrelas — disse Karou.

— Sério — disse Zuzana, estendendo a mão para o alto como se pudesse tocar as estrelas com as pontas dos dedos. — Sempre achei que fotos de céus assim ou não eram reais, ou tinham sido manipuladas.

— Como aquelas que mostram uma lua gigante — acrescentou Mik.

Karou se virou para os dois.

— Já contei a vocês que existem duas luas em Eretz? E uma delas é bem grande assim mesmo.

— Duas luas?

— Sim. Os quimeras... *nós* as adoramos.

Ela não, na verdade; não mais. Houvera uma época em que ela acreditara na existência de uma força em ação no universo, mas, se de fato existia, essa força a abandonara no templo de Ellai.

— Nitid é a lua grande. Ela é a deusa de praticamente tudo.

— E a outra?

— Ellai — respondeu Karou, pensando no templo, no *shh-shh* das evangelinas, no sussurro da fonte sagrada a correr. No sangue. — É a deusa dos assassinos e dos amantes secretos.

— Legal — disse Zuzana. — Eu escolheria essa para adorar.

— Aham, sei. E o que você é, assassina ou amante secreta?

— Bem — disse Zuzana, com uma voz melosa —, *meu amor não é segredo*. — E girou para beijar Mik. — Acho que isso faz de mim uma assassina. E você? — perguntou, virando-se de volta para a amiga.

Karou sentiu um aperto na garganta.

— Assassina eu não sou.

Imediatamente se arrependeu de ter dito isso. O silêncio que se seguiu estava tão cheio de Akiva que ela quase podia sentir o cheiro dele. *Idiota*, pensou, repreendendo-se por tocar no assunto; era como se ela *quisesse* falar sobre ele. O silêncio

se estendeu, e por um instante ela achou que Zuzana fosse deixar aquela passar; já estava até aliviada. Não queria falar de Akiva. Não queria pensar nele. Deus do céu, queria nunca tê-lo conhecido, queria poder voltar no tempo até aquele dia em Bullfinch e seguir para outro lado no campo de batalha enquanto ele se esvaía em sangue na areia até morrer.

— Queria que você me contasse o que aconteceu — disse Zuzana.

— Não quero falar sobre isso.

— Karou, você está *tão* infeliz. De que adianta ter amigos se eles não puderem ajudá-la?

— Nesse assunto não há nada que você possa fazer para me ajudar, acredite.

— Vamos, me dê uma chance.

O corpo todo de Karou se retesou.

— Ah, é? Está bem — disse ela, olhando para as estrelas. — Vamos ver. Sabe o fim de *Romeu e Julieta*, quando ela acorda na cripta e Romeu já está morto? Ele achou que ela estivesse morta e por isso se matou bem ao lado dela.

— Lembro. É incrível. — Houve uma pausa, seguida de um "ai!", que sugeria que Mik tinha lhe dado um cutucão.

Karou ignorou a amiga.

— Bem, imagine que ela acordou e ele ainda estava vivo, mas... — Engoliu em seco, esperando passar o tremor na voz. — Mas tinha matado toda a família dela. E incendiado sua cidade. E matado e escravizado seu povo.

Depois de um longo silêncio, Zuzana falou, em um fiapo de voz:

— Ah.

— Pois é — disse Karou, e as estrelas sumiram quando ela fechou os olhos.

* * *

O alerta da sentinela soou quando eles estavam subindo de volta a encosta, um troar profundo que Karou reconheceu como sendo de Amzallag, e ela levantou voo na mesma hora, estreitando os olhos na direção do portal. A princípio, não viu nada. Seriam mais humanos? Não. Amzallag apontava para o céu.

E então as estrelas cintilaram. Uma figura veio cortando a noite, no começo visível apenas por cobrir as estrelas. Uma figura, sozinha — *uma*, somente uma? —, e... batia as asas com dificuldade e um ritmo irregular. Lançava-se para a frente, caía, parava, avançava mais um pouco, a dor evidente em cada movimento. Soldados ergueram-se no ar, indo ajudá-lo — foi aí que Karou viu que era *ele*. Era Ziri. Vivo. Ela queria ir até lá também, mas seus amigos estavam ali embaixo, e de qualquer forma ela não imaginava que Ziri fosse querer vê-la, não depois do que ela lhe dissera da última vez. Então ela voltou a pousar e disse:

— Vamos. Depressa.

Ten quis saber o que Karou tinha visto, então ela lhe contou, e a mulher-lobo saiu trotando à frente enquanto Karou segurava os cotovelos de Zuzana e Mik e os fazia subir correndo a encosta, praticamente levantando-os do chão de tanta pressa.

— O que houve? — perguntou Zuzana. — Karou, o que foi?

— Só venham.

Quando chegaram perto, Nisk e Emylion estavam pousando com Ziri, diante de Thiago. Suas asas pendiam frouxas, e o Lobo se ajoelhou para apoiá-lo. Karou sentia os ouvidos zunirem enquanto procurava de onde vinha o sangue, o sangue que cobria o corpo inteiro de Ziri. De onde vinha? Ele estava curvado, a cabeça baixa, os braços retesados contra o corpo, e... havia algo de errado com suas mãos. Estavam escuras de sangue, rígidas e recurvadas, como garras — ah, céus, o que tinha acontecido com as mãos dele? —, e então ele levantou a cabeça, e seu rosto...

Karou ficou sem ar.

Às suas costas, ouviu Zuzana dar um grito.

Ziri estava mais branco que neve, e isso foi o que Karou conseguiu ver, mas o restante estava... confuso. Ele estava pálido e coberto de cinzas — seu queixo, sua boca... os lábios estavam pretos, cobertos de coágulos e crostas, mas nem era isso o pior. Os olhos de Karou se desviaram, perderam o foco, e ela os forçou de volta.

O que tinham feito com ele?

Mas é claro. Claro que tinham feito aquilo. Tinham cortado Ziri como eles cortaram seus inimigos, mas ele ainda estava vivo, exibindo aquele sorriso terrível. Ele tinha sido... *entalhado*. E sangrava, pálido devido ao choque e à perda de sangue. Seus olhos procuraram por ela e a acharam e se focaram em um estalo — um estalo repentino quando seus olhos se encontraram —, e os dela se arregalaram quando viu que ele lhe dizia coisas com aquele olhar, mas ela não conseguia entender. Faltavam as palavras, só havia a urgência.

Então ele pendeu para a frente e Thiago o pegou, mas não antes que um de seus longos chifres batesse no chão, a ponta se quebrando com um barulho que pareceu um tiro. Ten aproximou-se às pressas e pegou o outro braço de Ziri, e, pendurado entre os dois, desmaiado, ele foi erguido e levado embora. Karou pegou o pedaço de chifre — por que fez isso, não sabia — e os seguiu a passos curtos e apressados, fazendo um gesto para que Zuzana e Mik fossem também.

— Esperem — disse ela quando Thiago e Ten chegaram à porta do alojamento onde os soldados dormiam. — Levem-no para o meu quarto. Acho que... Acho que talvez eu possa curá-lo.

Thiago assentiu e mudou de direção. Ten o acompanhou, e Karou, atrás deles, sentiu um formigamento na nuca e se virou. Observou atentamente o caminho atrás de si. O chão estava cheito de detritos; o muro atrás era alto e as estrelas brilhavam, mas não havia nada além disso.

Então se virou de novo e se apressou para alcançá-los.

* * *

Akiva caiu de joelhos. Não tinha respirado desde que a vira. Arfava agora, e seu encanto falhou, e, se Karou não tivesse ido embora, teria visto a forma dele recortada no ar, suas asas delineadas em brasas e centelhas. A uns cinco metros dela.

De *Karou.*

Ela estava viva.

Em breve todo o resto faria sentido. Em breve Akiva perceberia o significado de tudo aquilo — o lugar, os quimeras, o que ela dissera; uma coisa levaria à outra e o destruiria — em um estalo repentino e doloroso. Mas durante aqueles instantes, antes de respirar, o mundo pareceu silencioso e tão radiante, e Akiva só conseguia pensar em uma coisa, e a ela se agarrou, querendo viver para sempre naquele momento.

Karou estava viva.

Era uma vez uma garota que vivia em um castelo de areia,

onde fazia monstros e os enviava por uma fenda no céu.

48

Convidado fascinante

— Capitão, encontramos... algo. Senhor.

Jael encarou o batedor com o olhar maligno que seus soldados conheciam bem. O capitão do Domínio não era temperamental como o irmão. Sua raiva era fria, premeditada, mas igualmente cruel — talvez até mais, uma vez que ele a mantinha sob total controle enquanto cometia seus piores atos, conseguindo, assim, saborear melhor o momento.

— Devo entender que por "algo" você não está se referindo ao rebelde? — perguntou ele tranquilamente.

— Não, senhor, não é ele.

O batedor olhava para além da cabeça de Jael, encarando a parede de seda da barraca. Era noite, e soprava uma brisa. As abas da barraca esvoaçavam suavemente, e o brilho dos lampiões tingia as ondulações do movimento em carmesim e rubro, um quadro hipnotizante em constante tremeluzir. Jael sabia; ele mesmo estava com o olhar perdido ali antes de seu intendente ter deixado o batedor entrar, mas não achava que o sujeito estivesse hipnotizado, e sim que não queria olhar para o rosto de seu capitão.

— Bem, então o que é? — perguntou, impaciente.

Era o rebelde que ele queria, o Kirin que, inacreditavelmente, tinha escapado por entre seus dedos. Duvidava muito de que algum outro assunto pudesse prender sua atenção naquele momento.

Mas ele estava enganado.

— Não sabemos ao certo o que é, senhor — disse o batedor.

Pelo jeito que falava, ele parecia confuso; por sua expressão, parecia enojado. Jael estava acostumado com aquele olhar; via-o com bastante frequência. Eles tentavam disfarçar, mas sempre havia algo que os denunciava: um tique, o olhar desviando-se para longe, os lábios ligeiramente contraídos. Às vezes aquilo o irritava tanto que ele lhes dava algo para ocupar a mente, fazê-los deixar de pensar na repulsa que sentiam. Sofrimento, por exemplo. Mas se Jael fosse punir todo mundo que sentisse aversão ao seu rosto, não faria mais nada na vida. Além do mais, a repulsa daquele soldado especificamente não era causada por ele. Quando percebeu isso, sua curiosidade foi despertada.

— Achamos um... uma *coisa*... escondida nas ruínas de Arcos Carnaval. A criatura tinha uma fogueira.

— A *criatura*? — instigou Jael. — Uma fera?

— Não, senhor. Não é como nenhuma fera que eu já tenha visto. Ela alega... Ela alega ser um serafim.

Jael soltou uma gargalhada.

— E você não sabe dizer se é verdade? Que tipo de idiotas me cercam que não conseguem reconhecer nossa própria espécie?

O batedor parecia extremamente desconfortável.

— Sinto muito, senhor. A princípio achei que fosse impossível, mas há algo nessa criatura. Se o que ela diz é verdade...

— Tragam-na aqui — ordenou Jael.

E assim o fizeram.

Jael ouviu a criatura antes de vê-la. Falava a língua dos serafins e gemia.

— Irmãos, primos — implorava ela —, sejam gentis com esta pobre criatura, tenham piedade!

O intendente de Jael que segurava a aba da barraca aberta foi quem o viu primeiro. Ele costumava ser imperturbável, devido aos anos de experiência naquele serviço e em tudo que o trabalho envolvia; então, vê-lo empalidecer foi algo que chamou a atenção de Jael.

Dois soldados arrastavam a criatura pelas axilas. Seu corpo era uma bola inchada, os braços finos e pegajosos, e o rosto...

Jael não empalideceu. O que nos outros causava repulsa era para ele objeto de fascínio. Ele se levantou da cadeira. Chegou mais perto e se ajoelhou em frente à criatura para observá-la melhor, e quando *aquilo* olhou para o rosto dele, *aquilo*

recuou. Era engraçado — que um monstro como aquele pudesse sentir repulsa —, mas Jael não riu.

— Por favor! — gritou a criatura. — Já fui punido o bastante. Voltei para casa afinal. A beldade azul me fez voar novamente, mas ela foi má, ah, garota falsa, ela tem gosto de contos de fadas... Mas deixe que ela fique com sua cidade de cinzas, deixe que ela sofra por seus monstros mortos, ela me enganou. O desejo *se esgotou*. Quantas vezes terei que cair? Já faz mil anos. Já sofri o bastante.

Jael entendeu que estava olhando para uma lenda.

— Decaído — disse ele, impressionado, e observou os belos olhos da criatura, afundados em seu rosto roxo e inchado.

Olhou para suas pernas, que pendiam inúteis, e para as pontas ossudas que se projetavam de suas escápulas, das quais, em um passado distante — um passado de lendas cujos livros tinham sido queimados e perdidos —, suas asas tinham sido arrancadas do corpo.

— Então você é real — disse Jael, espantado, e não pouco, em ver a criatura ainda viva depois de tudo por que já tinha passado.

— Eu me chamo Razgut, meu bom irmão, tenha piedade. O outro anjo, ele era cruel, ah, seus olhos de fogo brilhavam, mas ele estava morto, e se recusou a me ajudar.

Olhos de fogo. De repente Jael achou a tagarelice da criatura tão fascinante quanto sua história.

Com um impulso de força inesperada daqueles braços finos como junco, Razgut se libertou do soldado que o prendia e agarrou a mão de Jael.

— Você que sabe como é se sentir ferido, irmão, *você* terá piedade de mim.

Jael sorriu. Era quando Jael sorria que sentia mais vivamente o que seu rosto era: uma máscara de cicatrizes, um horror. Ele não se importava de ser um horror. Aquela que o havia cortado, bem, ela vivera o bastante para lamentar sua mira ruim, e depois para lamentar ter nascido. Jael era feio, mas, por mais que seu rosto tivesse sido ferido um dia, aquilo claramente nunca o abalara, e, quanto à pena, ele nunca fora incomodado por esse tipo de coisa. Ainda assim, deixou Razgut apertar sua mão. Dispensou a ajuda dos soldados quando tentaram arrastar a criatura de volta, e ordenou que seu intendente trouxesse comida.

— Para nosso convidado — disse ele.

Nosso fascinante convidado.

49

Um sorriso de verdade

Todo o cuidado que Karou vinha tendo em esconder seus hematomas foi por água abaixo quando arregaçou as mangas e colocou a maleta de ferramentas na mesa. Mas foi um choque pequeno, diluído por outros maiores, e Zuzana não disse nada. Karou não olhou para ela; não queria ver sua reação. Procurou se concentrar em Ziri.

Thiago e Ten o deitaram na cama — sem chance de Zuzana e Mik dormirem ali naquela noite —, e Ten foi buscar água fervida para lavar as feridas. Ziri continuava inconsciente, o que para ele era uma bênção, já que Karou não tinha nada capaz de aliviar a dor para lhe dar. Por que teria? Ela não era uma curandeira.

Mas... talvez *fosse*; afinal, ela podia fazer o que um curandeiro comum não podia — pelo menos em teoria. A mesma magia usada para conjurar um corpo podia também emendar e curar. Era possível até reparar um corpo morto e devolver-lhe a alma, embora apenas se isso fosse feito imediatamente após a morte, antes que houvesse o menor sinal de decomposição, e se os ferimentos não tivessem sido graves. Como os soldados não costumavam morrer na porta do ressurreicionista, a colheita de almas era a alternativa mais prática. Além do mais, Brimstone explicara que geralmente era mais fácil conjurar uma nova forma do que recuperar uma antiga.

Seria, segundo ele, como remendar um rasgo em uma malha de lã: o novelo de lã, antes uma fibra contínua no momento da criação original, agora estaria repleto de interrupções, cada uma delas um emaranhado de pontas soltas e costuras desfeitas. Para serem reparadas, essas interrupções exigiam uma grande habilidade, e era improvável que o remendo resultasse em um conjunto exatamente igual ao de antes.

Karou se ajoelhou para examinar os ferimentos de Ziri. Por mais terrível que parecesse o sorriso, ela tinha certeza de que conseguiria dar um jeito. Os cortes retos tinham sido feitos com firmeza, por uma lâmina bem afiada. Talvez ficassem algumas cicatrizes, mas e daí?

Thiago se inclinou por cima do ombro dela.

— Isso... são cinzas? — perguntou ele.

Karou percebeu que sim. Eram cinzas o que escurecia a boca de Ziri, inclusive por dentro.

— Parece que ele *comeu* isso — disse ela.

— Ou foi forçado a comer — replicou Thiago sombriamente.

Forçado a comer cinzas? Por *quem*? Karou pegou as mãos de Ziri e abriu-as com cuidado. Quando viu o que tinham feito com ele, deixou escapar um leve gemido de angústia. As mãos haviam sido perfuradas, como se Ziri tivesse sido crucificado. A esquerda estava completamente rasgada, do meio para fora, no tecido entre o terceiro e o quarto dedos, como se ele tivesse feito força para se soltar. Só de imaginar a dor, Karou se sentiu zonza, um ruído branco zunindo em seus ouvidos. Delicadamente, ela colocou as mãos de Ziri de volta sobre o peito.

— Então. Você pode curar as mãos dele? — perguntou Thiago.

Karou notou o tom cético em sua voz, e não o condenou por isso. Mãos eram partes muito complexas do corpo. Na escola de artes, tivera que desenhá-las e legendá-las nas aulas de anatomia: todos os vinte e nove ossos, dezessete músculos só na palma, e... mais de uma centena de ligamentos.

— Não sei — admitiu ela.

— Se não puder, é melhor que me diga logo.

Ela se sentiu gelar.

— Por quê? — perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Se Ziri não puder usar as mãos, esse corpo não tem mais utilidade para ele... nem para mim.

— Mas é o corpo original dele.

Thiago balançou a cabeça, não de todo desprovido de compaixão.

— Eu sei. E, por mais raro que isso seja, você acha que ele vai lhe agradecer por recuperá-lo se não puder mais empunhar as facas?

É só isso que importa?, perguntou-se Karou, e a triste resposta foi: *sim*.

Sentiu que o Lobo a observava, mas manteve os olhos em Ziri. Pobre Ziri, ferido de maneira tão brutal. Lindo Ziri, com pernas e braços longilíneos, o gracioso eco de um povo morto. Que corpo monstruoso Thiago pediria para substituir aquele, tão perfeito? Isso não ia acontecer. Ela não deixaria Ziri ir para o fosso. Não mesmo.

— Vou curá-lo.

— Se for mais rápido fazer um novo... — começou Thiago.

— Eu consigo — retrucou Karou acidamente, e o Lobo se recostou.

Quando ela se virou em sua direção, ele a avaliava com o olhar.

— Está bem, então. Tente. Mas antes preciso interrogá-lo.

— O quê? Acordá-lo? — Karou balançou a cabeça em negativa. — É melhor assim...

— Karou, o que você acha que aconteceu com ele? Ziri foi torturado. Preciso saber por quem, e se ele revelou alguma coisa.

— Ah.

Ela então compreendeu que era importante, e, por mais que odiasse despertar Ziri para a dor, ela o acordou, o mais delicadamente possível.

Foi terrível ver os olhos dele piscarem até se abrirem por completo, turvos de dor. Olhos que procuraram o rosto dela, depois se dirigiram para o Lobo e de volta para ela. Mais uma vez Karou viu neles a urgência que percebera quando Ziri chegara, e teve certeza de que ele queria lhe contar alguma coisa.

Thiago, com seu estilo todo próprio, ajoelhou-se ao lado de seu soldado para interrogá-lo.

— Quem fez isso? — perguntou em um tom reconfortante, mas logo ficou claro que Ziri não conseguia falar, não com os músculos das faces rompidos.

O Lobo teve, então, que pensar em perguntas que Ziri pudesse responder fazendo que sim ou que não com a cabeça, o que claramente lhe causava dor.

— Você contou alguma coisa a eles? — perguntou Thiago, entendendo apenas que "eles" eram serafins.

Ziri fez que não, de forma resoluta, sem hesitação.

— Muito bem. E... o restante da equipe?

Ziri fez que não de novo. Seus cílios se encheram de lágrimas, e Karou entendeu que estavam mortos. Ela já imaginara, mas ainda assim a notícia a atingiu como um soco. Cinco soldados, mortos. Balieros. Ixander. Lembrou-se da inesperada delicadeza da alma de Ixander, de como tinha desejado fazer algo melhor para ele do que aquele corpo monstruoso.

— Conseguiu colher as almas? — perguntou o Lobo, e Karou se inclinou para a frente, esperançosa.

Ziri hesitou. Seus olhos se focaram em Karou. Desesperados. Confusos. Não fez que sim nem que não. O que aquilo significava? Thiago perguntou de novo, mas Ziri piscou e fechou os olhos, os cílios fazendo as lágrimas rolarem por seu rosto sujo de cinzas, e ele gemeu. Estava perdido em meio à dor, e, após mais algumas tentativas, Thiago teve que desistir, agora mais tranquilo ao saber que a posição deles não fora comprometida. Ficou de pé.

— Vá em frente — disse a Karou. — E boa sorte.

Quisera ela poder dizer que não tinha a ver com sorte, mas na verdade também rezava para que funcionasse. Quase queria pedir ajuda a Nitid.

— Obrigada.

Depois que Thiago saiu, ela pegou alguns tornos em cima da mesa. Ziri fez um som confuso, e, quando Karou olhou, viu que ele balançava a cabeça, agitado. Só entendeu quando ele bateu no peito com as mãos mutiladas. Ele queria oferecer sua dor.

— Ah, não. Não. Você teria que permanecer consciente para pagar o dízimo...

Ele assentiu, bateu de novo no peito, tentou falar. Seu rosto se contorceu, fazendo o sangue voltar a brotar dos cortes.

— Pare — gritou Karou, segurando as mãos dele para impedi-lo.

Os dedos se curvaram, e ele segurou a mão dela com força apesar da imensa dor que aquilo lhe causava. Assentiu de novo.

Os olhos de Karou estavam cheios d'água.

— Está bem — disse ela, limpando as lágrimas. — Está bem.

Ten voltou com água e alguns panos, e Karou começou a limpar os ferimentos do quimera. Karou tinha um pouco de antisséptico, e, à medida que o passava nos ferimentos, sentia a dor de Ziri se amplificar no ar a sua volta, quase como correntes elétricas. Ela precisava de ajuda; era um terrível desperdício deixar aquilo tudo se dissipar enquanto limpava as feridas. Virou-se para Ten, mas só de olhar para as mãos desajeitadas e brutas da mulher-lobo, desistiu. Não podia confiar os ferimentos de Ziri a ela. Olhou por cima do ombro e viu que Zuzana e Mik continuavam ali, junto à parede, do outro lado do quarto. A garota estava pálida, observando tudo atentamente com os olhos arregalados. Sem dúvida não era aquilo que ela tinha em mente quando se dispusera a ser seu Igor, uma assistente de ressurreicionista, mas suas mãos eram pequenas e gentis, e Zuzana tinha anos de prática com trabalhos delicados.

— Zuze, acha que pode me ajudar? Não precisa, se não se sentir confortável...

— O que posso fazer? — interrompeu, indo para perto de Karou.

Ten quis se oferecer, mas Karou dispensou-a e explicou a Zuzana do que precisava. Embora tenha ficado ainda mais pálida, Zuzana pegou uma gaze limpa, a bacia d'água e o antisséptico e olhou para Ziri.

— Oi — disse ela. Depois, para Karou: — Como se diz *oi* em quimera?

Karou falou, e ela repetiu, e embora não pudesse responder, Ziri assentiu.

— Foi ele que você desenhou. O da sua tribo.

— Sim.

— Está bem. Vamos começar.

Karou assentiu para encorajá-la e observou-a por um instante para ter certeza de que Zuzana ficaria bem. Então respirou fundo, mergulhou na terrível dor de Ziri e começou a reuni-la e a utilizá-la.

* * *

Ela não sabia por quanto tempo estivera perdida dentro de si mesma, naquele estranho estado em que trabalhava a magia de Brimstone. Não era a mesma sensação meditativa, contínua e fluida, de quando conjurava um novo corpo, e sim uma tentativa insegura de remendar e reconstruir algo que um dia tinha sido completo. Muito tempo parecia ter se passado; ela estava em um curioso estado de suspensão, como se estivesse embaixo d'água e, embora precisasse subir à tona para respirar, não subia. Sair daquele estado foi como emergir de águas escuras e profundas. Ela piscou várias vezes, respirou. O sol tinha nascido; as venezianas estavam fechadas, mas a luz vazava pelas frestas, e, embora os muros da fortaleza protegessem o quarto do calor mais forte, o frescor da noite tinha acabado; e parecia que boa parte do dia já tinha se passado.

— Karou. — Era a voz de Zuzana, abafada e reverente. — Isso foi... incrível.

O quê? Karou tentou fazer os olhos ganharem foco. Estavam secos, como se ela não piscasse houvesse horas, o que talvez fosse verdade. Ela olhou em volta. Ten tinha ido embora. Zuzana ainda estava ao seu lado; e Mik a segurava do outro lado, o braço em volta de Karou. Ela percebeu, com enorme cansaço, que ele era praticamente a única força que ainda a mantinha de pé. A exaustão era uma força equivalente à gravidade, inexorável. Nunca sentira a cabeça tão pesada.

Finalmente olhou para Ziri, que também ficara consciente por horas, alimentando-a com sua dor, e viu que ele olhava para ela de volta. Sorriu. Foi um sorriso completamente esgotado, cheio de tristeza e de outras coisas que ela não conseguia entender, mas um sorriso genuíno, não uma mensagem feia cortada na pele.

Tinha conseguido.

Ela comemorou ao ver o rosto dele. Conseguira sanar os ferimentos, e quase sem deixar cicatrizes. E as mãos? Aquele seria o verdadeiro teste. Pegou suas mãos, segurou-as e as observou com atenção. A princípio prendeu o fôlego, porque as cicatrizes eram feias e nodosas, e ela achou que tinha falhado, mas então Ziri flexionou os dedos e os movimentos foram fluidos, e Karou pôde respirar novamente. Deixou escapar um sorriso e tentou se levantar, mas a vertigem a dominou.

O quarto tombou para o lado.

E por um instante não havia mais nada além disso.

50
Como Julieta

Zuzana sentou na beirada da cama. Karou dormia; a pele em torno de seus olhos azul-escura, sua respiração era regular e profunda. Ziri dormia ao lado de Karou, a respiração em sincronia com a dela. Zuzana tinha lavado o rosto da amiga com água fria, assim como as mãos e os pulsos, antes de estender os braços dela ao lado do corpo.

— Ela precisa descansar — falou para Mik. — E eu preciso comer. Duvido que você também não esteja morrendo de fome.

Em resposta, Mik abriu a mochila e tirou algo dela.

— Aqui — disse ele.

Zuzana pegou. Era — ou tinha sido — uma barra de chocolate.

— Derreteu na nossa caminhada infernal — falou ela.

— E depois *des*derreteu, tomando um formato novo e instigante.

Virando o rosto para a janela, Zuzana inspirou fundo, depois abanou o ar na direção de Mik.

— Está sentindo? É cheiro de comida. O chocolate com formato instigante pode ser a sobremesa. Podemos dividi-lo com os quimeras.

A ruga de preocupação dele apareceu.

— Você não está pensando em descer até lá sem Karou.

— Estou.

— E oferecer chocolate.

— Sim.

— Tudo bem. Quem é você e o que fez com a verdadeira Zuzana?

— Como assim? — disse ela, adotando uma inflexão de voz dura e indiferente. — Sou a humana chamada Zuzana, e não estou tentando atraí-lo lá para onde estão os monstros. Confie em mim, humano apetitoso... quer dizer, Mik.

Ele riu.

— Só não surto com isso porque você não saiu do meu lado desde que chegamos. — Ele pegou a mão dela. — Não saia de perto de mim, ouviu?

Ela o olhou com doçura.

— Nem para ir ao banheiro?

— Ah, é. Tem isso. — Eles tinham feito um pacto de nunca virarem um daqueles casais que usam o banheiro um na frente do outro. “Preciso me manter misterioso”, Mik lhe dissera solenemente, segurando a mão dela entre as suas. — Bem, então precisamos pelo menos ter uma senha para saber se o outro é um impostor. Vai que, sabe como é, um monstro rouba meu corpo nos cinco minutos que eu levar para fazer xixi.

— Você acha que eles podem roubar corpos? E o mais importante: você leva cinco minutos para fazer e ainda assim se recusou a mijar em cima de Kaz quando eu pedi?

— Vou ter que me desculpar por isso a vida inteira, não é? Mas sério agora: uma senha.

— Está bem. Que tal... *impostor*?

Mik a olhou sem acreditar.

— Nossa senha anti-impostor vai ser *impostor*?

— Bem, é fácil de lembrar.

— Mas a questão é não deixar ninguém perceber. Se eu suspeitar que você não é você, preciso descobrir isso sem que você saiba que eu sei. Como nos filmes. Vou estar de costas para você, de frente para a câmera, e vou dizer casualmente, hã, *mascate* no meio da conversa...

— *Mascate?* Essa é nossa senha?

— Isso. E você não vai demonstrar nenhuma reação, e eu vou fazer uma careta de pânico — ele mostrou como seria a careta de pânico — porque acabei de descobrir que forças hostis se apossaram do seu corpo, mas, quando eu me virar, vou estar na maior tranquilidade do mundo. Fingindo que não desconfiei de nada enquanto planejo em segredo a minha fuga.

— Fuga? — perguntou ela, fazendo bico. — Quer dizer que você não vai tentar me salvar?

— Está maluca? — Ela a puxou para si. — Eu enfiaria a cabeça goela abaixo de qualquer monstro para resgatar você.

— Sei. E vamos torcer para que o monstro tenha convenientemente me engolido sem mastigar. Como nos contos de fadas.

— Claro. E eu cortaria a barriga dele e tiraria você de lá. Mas seria uma pena para o monstro não mastigar você: ia perder a chance de provar do seu delicioso sabor.

Mik mordiscou o pescoço dela, que deu um gritinho e o empurrou.

— Então vamos lá, meu corajoso vasculhador de gargantas de monstros, vamos arranjar alguma coisa para jantar. Tenho quase certeza de que não seremos *nós* o prato principal. — Ela cheirou o ar. — Afinal, já estão cozinhando. — Quando ele já ia recomeçar os protestos, ela estendeu a mão. — Do que você tem mais medo: deles ou de uma Zuze com hipoglicemia?

A boca de Mik, antes séria de preocupação, se repuxou em um sorriso.

— Não sei.

— Pegue seu violino — disse ela.

Dando de ombros, ele obedeceu. Zuzana sentiu a testa de Karou uma última vez e então eles saíram do quarto, descendo as escadas em busca de comida.

* * *

Foi um sono agitado e perigosamente profundo. Karou perdeu a noção dos dias e noites, das próprias vidas — humana e quimera —, vagou pelas lembranças como se fossem salas de um museu. Sonhou com a loja de Brimstone e sua infância lá, e com Issa, Yasri e Twiga, com ratos-escorpião e sapos alados... com Brimstone. E mesmo dormindo sentia como se tornos apertassem seu coração.

Sonhou com o campo de batalha de Bullfinch, a neblina, a primeira vez que vira Akiva, caído no chão, morrendo.

Com o templo de Ellai. Amor e prazer e *esperança*, a grandeza do sonho que a preenchera durante aquelas semanas — ela nunca fora, em nenhuma das suas duas vidas, tão feliz como naquela época — e a delicadeza do osso da sorte que ela e Akiva haviam segurado juntos, os nós dos dedos se tocando justo antes do osso se partir.

E, finalmente, Karou sonhou consigo mesma em uma cripta, acordando como um espectro — ou como Julieta — em uma mesa de pedra. Ao seu redor, corpos irreconhecíveis de tão queimados, e no meio deles estava Akiva, as mãos em chamas e tendo abismos insondáveis no lugar dos olhos. Ele a olhava por sobre os mortos e pedia que o ajudasse.

Ela acordou de um pulo, e o dia novamente tinha se transformado em noite, e havia o calor de uma presença ao seu lado.

— Akiva — soltou ela, arfando.

O nome escapara do sonho, aquele nome que abria um buraco em seu peito só de lhe *surgir* à mente. Quando dito em voz alta era dilacerante e cruel, como uma estaca, um *tapa* — e não apenas para ela, mas também para Ziri, se ouvisse. Porque não era Akiva ao seu lado, claro que não. E o que a percorreu naquele instante foi amargura, uma pontada dupla: uma quando ela pensou que fosse ele.

E outra quando percebeu que não era.

* * *

Akiva se assustou ao ouvir seu nome, ao ouvir a voz de Karou, e ao vê-la sentada, acordada, tão perto. Não conseguiu deter a onda de calor que o percorreu em resposta ao grito dela, uma chama que devia ter saído de suas asas e a alcançado do outro lado do quarto. E não só a ela como também a... àquele deitado ao seu lado, que não se moveu nem abriu os olhos nem mesmo quando ela gritou.

Akiva se manteve imóvel, oculto sob o encanto, mas Karou nem mesmo olhou em volta; seus olhos foram direto para o Kirin, e Akiva não conseguia imaginar o que a fizera chamar por *seu* nome, mas, o que quer que fosse, parecia já ter sido esquecido. Ela observava o quimera agora, e Akiva fechou os olhos. Procurou acalmar a respiração e lembrar a si mesmo, enquanto ia até a janela, que ela não podia ouvir as batidas de seu coração.

Ele queria ficar. Nunca mais queria tirar os olhos de Karou, mas, agora que ela havia acordado — pois ele precisava saber que ela *acordaria* —, não podia suportar ficar espionando-a daquela forma. E ele não se sentia capaz de aguentar o que talvez visse em seguida, quando o Kirin acordasse.

Não ia ficar pensando no que havia entre os dois. Não tinha esse direito.

Ela estava viva, era só o que importava.

Isso e o fato de que... era *ela* a ressurreicionista. Isso provocava nele um torpor que embotava quase todo o resto.

Quase.

Vê-la dormindo ao lado de outro homem era algo importante demais para ser embotado. Uma cena bem parecida com aquela ocorrera em Praga, quando vira o casal de amigos dela pela janela, e o ciúme absurdo que o abalara naquela ocasião, ao pensar, por um instante, que era ela lá deitada, o atacou de novo. Se tivesse um pingo de decência, desejaria que ela estivesse feliz com alguém de seu povo, porque, apesar de toda a incerteza daqueles dias, de uma coisa ele não tinha dúvida: não havia esperança de que ela ainda pudesse amá-lo.

Karou pegou a mão do Kirin, e foi mais do que Akiva podia suportar. Lançando-se janela afora, ele foi embora.

51

Para matar vocês melhor

Karou se debruçou para examinar as mãos de Ziri e ver mais de perto a recuperação que havia operado. Sentiu uma perturbação no ar atrás de si, mas, quando ia se virar, os dedos de Ziri se fecharam em volta dos seus, e portanto ela não chegou a ver as fagulhas que surgiram da janela e se espalharam pelo chão sujo, onde se consumiram até desaparecer.

— Você está acordado — disse Karou.

Será que ele tinha ouvido o nome que ela falara?

— Que bom que estamos sozinhos — disse Ziri.

Em resposta, Karou soltou a mão e se afastou. *O que ele quis dizer com isso?* Surpreso com a reação dela, Ziri só então pareceu perceber a inesperada intimidade daquela cena.

— Não, não foi... — Ele parou de falar, ficou vermelho e se sentou, afastando-se um pouco dela na cama. O rubor o fazia parecer bem jovem. Então acrescentou, apressadamente: — Falei isso porque preciso lhe contar o que aconteceu. Antes que ele volte.

Ele? *Quem*? Por um aflitivo instante o nome de Akiva lhe voltou à mente. Frustrada, ela balançou a cabeça para afastá-lo.

— Thiago?

Ziri assentiu.

— Não posso contar a ele o que realmente aconteceu, Karou. Mas preciso contar a *você*. E... preciso da sua ajuda.

Karou olhou para ele sem entender. *O que ele queria dizer com aquilo? Que tipo de ajuda?* Sentia-se lenta, ainda envolta no feitiço perturbador dos sonhos, e alguma coisa que não conseguia definir bem o que era a incomodava.

Ziri se apressou em preencher o silêncio:

— Sei que não mereço sua ajuda, considerando a forma como a tratei. — Ele engoliu em seco, olhou para as mãos, flexionou os dedos. — Não mereço *isso*. Não devia ter dado ouvidos a ele. — A vergonha pesava em seu rosto. — Queria falar com você, e era o que devia ter feito. A ordem era de que não nos falássemos, mas sempre achei isso errado.

Karou levou um tempo para compreender o que ele dizia.

— Você está dizendo... que Thiago ordenou a vocês que não falassem comigo?

Ele assentiu, tenso e infeliz.

— Que razão ele deu para isso?

— Disse que não podíamos confiar em você. Mas eu confio. Karou... — respondeu ele, relutante.

— Ele disse isso? — Karou sentiu com se tivesse levado um tapa. Como era idiota. — Ele disse para mim que vinha conversando com vocês, que com o tempo acabariam todos confiando em mim assim como ele confiava.

Ziri não falou nada, mas a mensagem era clara: Thiago vinha mentindo para ela aquele tempo todo. Não que fosse uma surpresa.

— O que mais ele disse?

Ziri parecia desamparado.

— Ele nos lembrava o tempo todo da sua... traição. — Sua voz era suave, embora a postura estivesse encurvada. — De que você vendeu nosso segredo para os serafins.

Ela arregalou os olhos.

— Vendi...? — *O quê?* Isso sim a surpreendeu, a magnitude da mentira. — Ele disse *isso*? — Ziri assentiu, e Karou ficou zonza. Thiago vinha dizendo aos quimeras que ela vendera segredos aos serafins? Não era de se estranhar que a chamassem de *traidora* quando ela passava. — Eu nunca vendi nada.

E então lhe ocorreu: ela não vendera nada, e não *contara* nada também. Passara as últimas semanas tão ocupada em chafurdar na sua vergonha que nem sequer questionara do que deveria se envergonhar. Qual fora seu crime, exatamente?

Amar o inimigo, isso era grave; libertá-lo, mais grave ainda, mas eles não *sabiam* que ela havia feito isso, e além do mais... não fora *ela* quem contara a Akiva o maior segredo dos quimeras.

Fora Thiago.

O Lobo Branco vinha lançando sobre suas costas o peso do crime que ele próprio cometera, mantendo-a isolada do restante da companhia, alimentando regularmente de mentiras os dois lados. Tudo para controlá-la, a ela e a sua magia. E vinha funcionando perfeitamente, não? Ela vinha acatando todos os seus pedidos.

Mas não faria mais isso. Seu coração batia disparado. Ela olhou para Ziri.

— Não é verdade. — Sua voz saiu como um sussurro distorcido. — Eu não contei... para o anjo. — Não era capaz de dizer seu nome de novo. — Nunca contei a ele sobre a ressurreição. Eu juro.

Se ao menos Ziri acreditasse nela, alguém saberia e acreditaria que embora ela pudesse, até certo ponto, ser uma traidora, *aquilo* não era obra sua. E então ocorreu-lhe que *Brimstone* devia ter pensado que tinha sido ela.

Uma náusea a dominou. Se ele de fato pensara isso, devia tê-la perdoado, porque lhe dera vida, segurança e até — embora ela só o tivesse percebido depois — amor. Era terrível pensar que ele talvez tivesse acreditado que ela traíra seu segredo, sua magia, sua dor. E mais: era terrível saber que nunca poderia lhe contar a verdade. Fosse lá o que Brimstone pensasse, ele morrera acreditando naquilo, e o caráter definitivo disso a fez sentir a morte dele como nada antes.

— Eu acredito em você — disse Ziri.

Isso já era alguma coisa, mas não o suficiente. Karou levou a mão ao estômago, que, apesar de vazio — ou talvez justamente por causa disso —, estava se revirando de náusea. Ziri estendeu a mão, vacilante, mas desistiu.

— Sinto muito — disse ele, angustiado.

Ela procurou se acalmar.

— Obrigada por me contar.

— E tem mais…

Mas então, assustadoramente alto, ouviram um som vindo lá de fora. Um grito, um choro. O coração de Karou bateu descompassado quando se deu conta do que a incomodava. Era a *ausência*. De Zuzana e Mik. *Onde estavam seus amigos?*

E quem tinha acabado de gritar?

* * *

No pátio, Zuzana cobriu os ouvidos e trincou os dentes.

Mik era mais diplomático. Assentiu para o quimera chamado Virko, que tinha acabado de arrancar um estridente e ensurdecedor *iiiiiiiirc* do violino.

— Isso mesmo — disse Mik. — É assim que... hã... sai o som.

Virko segurava o instrumento mais ou menos da maneira correta. Embora o violino parecesse bem menor junto a seu maxilar proeminente, suas mãos enormes conseguiam manejar bem o arco. Uma coisa que Zuzana notara é que muitos quimeras tinham mãos humanas — ou quase humanas —, ainda que o restante do corpo fosse inteiramente de fera. A julgar pela coleção de espadas, machados, adagas, arcos e outros instrumentos de matar e desmembrar que carregavam, habilidade manual devia ser imperativo para aquele pessoal.

Para matar vocês melhor, meus queridos.

No entanto, apesar de tudo aquilo — armas, garras e coisa e tal —, eles não eram tão assustadores. Quer dizer, eram criaturas absurdamente assustadoras de se olhar, mas não *agiam* de forma ameaçadora. Talvez porque Zuzana e Mik tinham cruzado primeiro com Bast, aquela que estava no chão do quarto de Karou, e ela entendera quando os dois fizeram a mímica de comer e os levara até onde os quimeras faziam as refeições, apresentando-os com palavras que Zuzana e Mik não entenderam.

— O que vocês vão querer fazer com esses humanos, bife ou ensopado? — traduzira Mik, baixinho, mas Zuzana podia ver que ele estava mais impressionado do que assustado.

Os quimeras lhes pareceram mais curiosos do que qualquer outra coisa, na verdade. Talvez um pouco desconfiados, e alguns tinham feito o sangue de Zuzana gelar pelo simples fato de não piscarem enquanto os encaravam fixamente; ela tentara

se manter afastada desses, mas no geral tinha corrido tudo bem. O jantar estava insosso, mas não chegava a ser pior do que a comida do péssimo restaurante para turistas de Marrakech em que haviam parado a caminho dali; e eles aprenderam algumas palavras em quimera: *jantar, delicioso, pequena* (essa última — e *apenas* essa, esperava Zuzana — em referência a ela). Zuzana despertara grande fascínio nos quimeras, e se submetera a tapinhas na cabeça com uma boa vontade que não lhe era nada usual.

Naquele momento, no pátio, era o violino de Mik o que os fascinava. Virko tirou do instrumento mais alguns guinchos estridentes e um som engasgado, até que outro quimera o empurrou e rosnou alguma coisa que devia significar *Devolva isso*, porque Virko então devolveu o violino a Mik e fez um gesto pedindo que ele tocasse. Mik atendeu prontamente. Zuzana, que agora já reconhecia algumas das músicas preferidas do namorado, identificou aquela como uma composição de Mendelssohn que sempre arrepiava os pelos de sua nuca e a fazia se sentir feliz e triste ao mesmo tempo, com um gosto agridoce na boca. Era grande e intrincada, meio... *fofa* em algumas partes e épica em outras, e perturbadora. Zuzana, parada atrás, viu a mudança que se operou nas criaturas ao seu redor.

Primeiro: o choque, a surpresa em ver que o mesmo instrumento que tinha produzido aqueles guinchos horríveis nas mãos de Virko pudesse fazer *aquilo*. Houve algumas trocas de olhares, alguns murmúrios, mas tudo isso passou rapidamente e só ficou o encantamento e o silêncio, a música e as estrelas. Alguns soldados se agacharam ou se empoleiraram nos muros, mas a maioria ficou de pé. Outros começaram a espiar de portas e janelas e a sair lentamente para o pátio, inclusive as figuras recurvadas das duas cozinheiras, que nada tinham de soldados.

Até o Duas Vezes Mais Branco parecia transfigurado, completamente imóvel em toda a sua beleza estranha e repulsiva, um olhar de terrível e profunda melancolia no rosto. Zuzana se perguntou se o tinha julgado mal, mas logo descartou a ideia.

Aquela história de só usar branco não era coisa de gente normal. Quando ela olhava para Thiago, só conseguia pensar em ter uma arma de paintball à mão, mas, droga, não dava para prever *todas* as possíveis eventualidades na hora de fazer a mala.

⋆ ⋆ ⋆

Karou balançou a cabeça, admirada. Zuzana se balançava levemente no pátio enquanto Mik tocava violino para uma audiência e tanto. Quando morava em Praga, Karou nunca teria imaginado aquela cena.

— Como eles vieram parar aqui? — perguntou Ziri.

Ele também tinha se levantado e estava de pé atrás dela, olhando por sobre seu ombro.

— Eles me encontraram.

A simplicidade daquilo a aqueceu por dentro. Eles tinham procurado por ela e a encontrado; ela não estava sozinha, afinal. E a música... A melodia se erguia e ondulava no ar, preenchendo o mundo inteiro. Ela não ouvia música fazia semanas, e era como se uma parte ofegante sua tragasse avidamente aqueles sons e voltasse à vida. Karou subiu no peitoril da janela, pronta para saltar lá de cima e se unir aos amigos no pátio, mas Ziri a deteve.

— Espere, por favor.

Ela olhou para trás.

— Não sei quando terei outra oportunidade de falar com você. Karou, eu... Eu não sei o que fazer.

— O que quer dizer?

— As almas. — Ele estava agitado. Virou-se de costas e afastou-se, depois curvou-se para pegar alguma coisa e voltou com um turíbulo nas mãos. — Minha equipe.

— Você os salvou? — Ela desceu do peitoril, voltando para o quarto. — Ah, Ziri. Isso é maravilhoso. Eu achei...

— Vou ter que relatar o que houve a Thiago, mas não sei se devo.

Ele sentiu o peso do receptáculo na palma das mãos.

Karou estava confusa.

— Não sabe se deve contar a ele que salvou sua equipe? E por que não contaria?

— Porque nós desobedecemos as ordens dele.

Karou não sabia o que dizer. Desobedeceram o Lobo? Isso simplesmente não acontecia. Depois de uma pausa, ela perguntou:

— Por quê?

Ziri estava sério, e falou com muito cuidado:

— Você sabe quais eram as ordens?

— As... As Terras Distantes. Defendê-las contra os soldados do Domínio — respondeu ela, apesar de não acreditar nisso.

Ele balançou a cabeça.

— Era um contra-ataque. Aos serafins civis.

Karou levou a mão à boca.

— O quê?

Sua voz saiu frágil como porcelana. Ziri continuou:

— É uma campanha de terror, Karou. — Ele parecia estar se sentindo mal. — É só o que podemos tentar fazer, diz ele, já que somos tão poucos.

Terror, pensou Karou. *Sangue. Sangue.* Quantos tinham morrido em Eretz, dos dois lados, nos últimos dias?

— Mas nós o desobedecemos. Fomos às Terras Distantes. Foi... — Ele tinha o olhar perdido, assombrado pelas lembranças. — Talvez Thiago tivesse razão. Não havia nada que pudéssemos fazer. Eles eram muitos. Eu fiquei para trás, em segurança, e vi minha equipe ser morta.

— Mas você conseguiu recuperar as almas deles. Você colheu...

— Era uma armadilha. E eu caí direitinho.

— Mas... você escapou. — Ela tentava entender. — E voltou.

— Sim. É isso que eu não entendo. — Antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer, Ziri respirou fundo e enfiou a mão por dentro de sua túnica, toda suja de sangue e cinzas, e pegou algo de um bolso interno. Karou viu de relance um tom forte de verde, mas só isso. O que quer que fosse, era pequeno e cabia perfeitamente na mão dele. — Eles me pegaram, Karou. *Jael* me pegou. Ele ia me obrigar a contar. — Seus olhos, grandes e castanhos, marcados pela exaustão, se arregalaram com uma estranha intensidade. — Sobre *você*. E... eu ia acabar contando. Eu queria pensar que conseguiria resistir, mas não: eu teria contado. — Suas palavras saíam engasgadas. — Mais cedo ou mais tarde.

— Qualquer um contaria. — Karou manteve a voz sob controle, mas o pânico tomava conta dela. — Ziri, o que aconteceu?

52
Evocando pássaros

— Akiva. — Era a voz de Liraz, pungente. Ela apontava para baixo, ao longe, na descida da encosta onde as rochas estriadas encontravam o verde, em direção a uma pequena clareira enevoada pela fumaça dos corpos queimados. Havia um borrão de cinzas no meio. E anjos. — Jael — sussurrou, e olhou para os irmãos, com uma expressão amarga; deixou que o restante eles mesmos vissem.

Os soldados de Jael tinham cercado um quimera.

Daquela distância, Akiva só conseguia distinguir que era um Kirin, o primeiro que via desde que Madrigal morrera, mas assim que o Kirin se moveu — cortando e matando, como em uma dança —, ele soube que não era um escravo liberto em fuga: era um soldado.

Jael encontrara um rebelde. Toda a compaixão inesgotável e o propósito frustrado de Akiva chegavam a um momento crucial. E, quando os soldados do Domínio finalmente derrubaram o Kirin no chão e Jael parou junto a ele, arregaçando as mangas, Akiva percebeu que toda a sua esperança dependia daquele momento. Um ressurreicionista. O turíbulo. Karou. Quem chegaria aos rebeldes, Jael ou ele?

Como Hazael tinha dito mesmo? “Você acha que vamos encontrar muitos pássaros por aí hoje?”

E, por um acaso, havia pássaros ali. Do alto da encosta, Akiva vasculhou o céu ao longe: aves carniceiras e squalls em grande número, voando em círculo, desapontados com o fogo que lhes privava da carne. É claro que Hazael não se referira a pássaros de verdade.

Mas nem Hazael sabia do que Akiva era capaz.

* * *

Começou com um som, Ziri contou a Karou. Um murmúrio trêmulo a se avolumar e a crescer, circundando-os e transformando-se em um forte zunido. A princípio ele achou que fosse coisa dos anjos, mas também eles se distraíram com o barulho. Seus captores olharam em volta, alarmados. Dois de cada lado mantinham Ziri subjugado, deitado de costas nas cinzas, os braços sendo puxados com força, as mãos... presas. Jael o pregara ao chão cravando em cada mão uma espada de um soldado morto por ele.

A cada chute que lhe davam, as lâminas vibravam, e a dor só começava nas mãos, não parava ali. Chegava até sua cabeça; dominava-o. A dor era tudo, e, nos pequenos intervalos entre os chutes, quando ele podia ficar imóvel e deixá-la abrandar, o medo voltava — o medo do que ele diria e faria para que aquilo parasse.

Ziri ainda não contara nada, mas os anjos estavam apenas começando. Jael se ajoelhou diante dele com um capacete cheio de cinzas.

— Isso era um amigo seu há apenas algumas horas. Abra bem a boca.

— Não!

Abriram sua boca à força. Ziri sentiu o aço quente do capacete nos lábios, sentiu o gosto das cinzas começando a cair. Fez força, debateu-se, mas o fluxo era incessante, enchendo-lhe a garganta, e ele sufocava em sua própria gente, afogando-se na morte. Arfando e lutando, acabou inspirando as cinzas e se viu queimando por dentro, só cinzas e nenhum ar, e o tempo se estendia eternamente. Pequenos pontos de luz e os serafins em visões borradas: seus rostos cruéis, o buraco de sucção que era a boca de Jael, salpicado de saliva devido ao esforço que fazia. A dor se tornava cada vez mais insuportável, a ardência, a falta de ar, a terrível aproximação da *morte* por asfixia...

Morte.

E então água.

Que também o sufocou, mas limpou as cinzas e o fez tossir e colocar tudo para fora, e respirar água e cinzas mas também

ar, e ele já não estava mais morrendo.

— Conseguiu refrescar a memória? — perguntou Jael. — Posso fazer isso o dia todo.

A dor física era devastadora. Ziri viu como a agonia podia assumir o controle, como podia se tornar o titereiro e obrigá-lo a fazer coisas. Dizer coisas.

Não.

Mais uma vez o capacete. Ele se retesou, lutou. Trincou os dentes, e não conseguiram abrir sua boca.

Foi quando entalharam o sorriso em seu rosto.

Novamente o capacete aproximou-se de seus lábios, até que... o som. Os anjos pararam, e o capacete caiu de lado quando eles se viraram, confusos. Sacaram suas armas, e o ruído aumentou, transformando-se em um zumbido avassalador que dominava tudo e não parava de crescer. Acabou se tornando mais do que um som. Virou uma *sombra*.

O céu adquiriu vida própria. Caótico e multicor. Em movimento incessante. *Barulhento*. Fechando-se sobre eles.

Era um fenômeno.

Era... uma distração.

— Pássaros — contou Ziri a Karou, balançando a cabeça em assombro. — Primeiro aves carniceiras, depois outros também. De todos os tipos. Milhares deles, nem sei quantos. O céu se encheu de pássaros, Karou, *se encheu de pássaros,* e foram todos para cima de nós.

— Eles atacaram?

Karou se inclinou para frente, os olhos arregalados. Ziri fez que não.

— Só desceram. E nos cercaram. Estavam por toda parte. Fizeram os anjos recuarem.

Karou inclinou a cabeça daquele seu jeito tão dela, e Ziri teve vontade de estender a mão — sua mão recém-curada — e tocar seu pescoço pálido, ou, pensou, corando ao se lembrar do calor do corpo dela contra o seu quando estavam deitados lado a lado, apenas trazê-la para junto de si e abraçá-la. Desviou o olhar de novo e ficou encarando fixamente a parede, sem nem piscar.

Sua mão pulsava como se a pequena coisa que trazia ali ainda estivesse viva; não estava. Era seu próprio sangue pulsando nas veias... porque *ele* estava vivo. Ziri não entendia, e não sabia mais o que dizer, então estendeu a mão e abriu-a.

Karou viu o pequenino corpo emplumado. Apenas olhou, sem entender, sem fazer a ligação, e Ziri duvidou pela centésima vez de que aquela garota humana de cabelo azul fosse realmente Madrigal. Ela não se esqueceria *daquilo*.

E então ela arregalou os olhos, levantou a cabeça e o fitou, espantada.

Era uma mariposa-beija-flor. Suas asas macias, de um tom suave de cinza, estavam esmagadas; seu corpo era de um vívido verde-azulado, com uma faixa escarlate no pescoço. Quando os pássaros desceram — pássaros de todos os tipos, pássaros diurnos e noturnos, cotovias-das-sombras, evangelinas, corvos-morcego e aves carniceiras, aves canoras, aves de rapina, até mesmo caça-tempestades, com suas asas ainda cobertas de neve —, Ziri aproveitara a oportunidade para escapar. Para isso tivera que rasgar uma das mãos, para se soltar. As espadas que o prendiam estavam cravadas bem fundo na terra e não se moviam, então ele trincou os dentes e... puxou. Felizmente, a lâmina era bem afiada. Ele soltou a mão com um grito de agonia, uma luz vermelha pulsante preenchendo toda a sua visão, o caos e a adrenalina abafando um pouco a dor, talvez, e, sem saber como, ele conseguiu usar a mão mutilada para soltar a outra.

Os serafins tentaram pegá-lo. Ele não podia nem segurar as facas, então abaixou a cabeça e usou os chifres. Atingiu um soldado na lateral do corpo, mas conseguiu apenas derrubá-lo, já que seus chifres não eram afiados o bastante para perfurar a cota de malha. Então teve que acertá-lo com o joelho, esmagando o pescoço. Outro serafim foi derrubado com uma rasteira, e Ziri olhou em volta à procura de Jael, decidido a fazer o que prometera e matar o capitão do Domínio, mas não conseguiu encontrá-lo. O cajado do turíbulo ainda estava cravado na terra; ele pegou-o com as mãos destroçadas. Naquele momento a nuvem de pássaros formou uma espécie de redemoinho, de forma que ele mal podia ver seus inimigos através da fúria de penas. Nem ser visto.

Em meio àquela agitação de asas, ele decidiu voar.

Na hora ele não parou para pensar em como ou por que aquilo tinha acontecido, muito menos em *quem* o havia provocado — só lhe ocorreu que *devia* haver um responsável quando já estava bem longe dali, livre e sem ninguém em seu

encalço, longe, bem longe. Pousou em uma árvore para recuperar o fôlego. A mariposa-beija-flor estava morta quando ele a descobriu, presa em sua cota de malha: uma pequena vítima do caos, e — foi o que lhe pareceu — um sinal.

Hesitante, ele contou a Karou:

— Não posso dizer com certeza que foi... *ele*... quem fez isso...

— *Ele?* — Ela ficou na defensiva. — Não sei do que você está falando.

Ziri olhou para ela por muito tempo, procurando algum sinal. Ela não lembrava Madrigal em absolutamente nada. O formato do rosto era diferente; os olhos eram pretos, não castanhos. A boca era mais estreita, o cabelo era azul, ela não tinha chifres, era humana. Com a lembrança de Madrigal vívida em sua mente — e da noite do aniversário do Comandante, o começo do fim —, não conseguia ver uma ligação entre Karou e tudo aquilo, e quase conseguiu acreditar na negativa dela. Então se perguntou se ela precisava mesmo saber. Não que ele *quisesse* falar sobre o anjo. O amante. Talvez fosse suficiente ter lhe mostrado o pássaro. Podia deixar que ela pensasse o que quisesse. Como ele já dissera, não tinha certeza.

Mas... ele acreditava que só havia uma explicação possível para estar vivo, e não podia guardar para si.

— Eu não o vi — insistiu Ziri. Karou não perguntou de quem ele estava falando. Mantinha-se em silêncio, prudente, cautelosa. — Posso estar enganado, mas não consigo pensar em nenhuma outra explicação. Nunca ouvi falar de mais ninguém evocando pássaros a não ser naquela noite, no baile do Comandante. O... xale.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

— Como sabe disso?

Ziri sentiu o rosto arder. Então abaixou a cabeça e admitiu:

— Eu estava observando você escondido.

Dezoito anos antes, no baile do Comandante, Ziri, apenas mais um garoto na multidão, vira Madrigal dançar com um estranho e desejara que fosse ele, desejara já ser crescido, desejara, desejara, desejara, tudo inutilmente. É claro que não imaginara que o estranho fosse um serafim, mas viu algo que ninguém mais notou: que ele era o mesmo homem usando diferentes máscaras, e que ela dançou com ele muitas vezes seguidas. Algo de doce e suave nos movimentos dela sugeria um misterioso envolvimento de adultos — diferente da insegurança que dominava o comportamento de Karou quando estava perto de Thiago. Ziri viu também quando as mariposas-beija-flor desceram da constelação de lanternas para pousar nos ombros nus dela, e percebeu que aquilo era magia, e que fora obra do estranho. O homem levantou Madrigal, abrigada em seu xale vivo, e a colocou de volta no chão, e até mesmo um menino podia ver que havia magia entre eles, e mais do que magia.

Ziri tinha sido um garoto observador, e vira muitas coisas que era novo demais para entender. Obrigado a assistir à morte de Madrigal, não entendera o fervor — o êxtase — da multidão. Não entendera por que o único que panteara sua perda tinha sido o inimigo, de joelhos, coberto de sangue pela tortura que sofrera. Ziri jamais esqueceria os gritos de Akiva, de desespero absoluto, ódio, impotência. Até hoje era a pior coisa que já ouvira.

Ele também viu Thiago naquele dia, sua presença branca gélida no balcão do palácio, imóvel e inabalável.

Naquele dia, Ziri começara a odiar alguém, e não era Akiva.

— Não sei por quê, Karou — disse ele —, mas acho que o anjo salvou minha vida.

53
Heróis

— Devíamos tê-lo matado quando tivemos a oportunidade — sussurrou Liraz, caminhando ao lado de Hazael pelo acampamento do Domínio.

— Nós *não tivemos* a oportunidade — lembrou Hazael à irmã. — Não com todos aqueles malditos pássaros no caminho.

— Se ao menos ele tivesse sufocado ali no meio ou sido bicado até a morte, qualquer coisa — replicou ela.

Estava falando de Jael, a quem os dois estavam indo ver agora. Por razões ainda misteriosas, seu adorável tio mandara chamá-los.

— Será que Akiva não podia ter *feito* os pássaros o matarem?

Hazael deu de ombros.

— Quem sabe o que nosso irmão pode fazer? Acho que nem ele mesmo sabe. E acho que ele nunca nem tinha tentado algo tão grande assim antes. Isso lhe custou muito.

De fato. O esforço de evocar os pássaros deixara Akiva trêmulo e ofegante; ele mantivera os olhos fechados com tanta força que só depois de tudo acabado é que Hazael e Liraz viram que os vasos sanguíneos tinham se rompido, deixando seus globos oculares vermelhos.

— Pela vida de um quimera — disse Liraz.

— Pela vida de um, sim, e a esperança de muitos mais — disse Hazael.

— A esperança de que *ela* volte — disse Liraz, não sem amargura.

Como ela podia não odiar o fantasma daquela garota que não estava nem viva nem morta, não era humana nem quimera — mas o que diabos ela *era*, afinal? Aquilo era tão diferente de tudo, tão profundamente anormal, e... Liraz sabia que no fundo sentia ciúme, e odiava isso. Akiva era dela.

Quer dizer, não desse jeito. Ele era seu irmão. Hazael e Akiva eram sua família, sua única família. Eles tinham centenas de outros irmãos e irmãs, mas a ligação entre os três era diferente. Sempre estiveram juntos, e, embora Liraz quase os tivesse perdido em batalhas mais de uma vez, até pouco antes nunca precisara se preocupar em perdê-los *dessa* forma. Ilegítimos não amavam e se casavam. Era proibido. E... seria ainda pior, pensou ela, porque seria por escolha deles. Não por terem morrido ou sido tirados dela. Iriam, por livre e espontânea vontade, construir suas vidas com outra pessoa, deixando-a para trás.

Ela dissera que não sentia medo, mas era mentira. Seu medo era ser deixada sozinha. Porque de uma coisa tinha certeza: nunca amaria ninguém, não daquele jeito. Confiar seu corpo a um estranho? A proximidade, o silêncio. Não conseguia nem imaginar. Respirar o hálito de outra pessoa enquanto ele respirava o seu, tocar alguém, abrir-se para ele? Só de pensar em tal vulnerabilidade ela corava. Significaria submissão, baixar a guarda, e ela nunca faria isso. Nunca. Só de pensar já se sentia pequena e fraca como uma criança — e Liraz não gostava de se sentir pequena e fraca. Não tinha boas lembranças da infância.

Só com a ajuda de Hazael e Akiva ela conseguira passar por aquilo. Liraz se julgava capaz de fazer qualquer coisa por eles, mas nunca lhe ocorrera que "qualquer coisa" podia incluir deixá-los partir.

— Será que ele os encontrou? — indagou ela, referindo-se aos rebeldes. Falava baixo; estavam quase chegando à barraca de Jael. — Devíamos ter ido com ele.

— Temos um papel a cumprir aqui.

Liraz apenas assentiu. Ela relutara em deixar Akiva ir embora sozinho de novo, mas como poderia impedi-lo? Acabaria fazendo com que ele a odiasse, e isso era impensável. Então esperaram que ele realizasse, com muito esforço, o encanto para ficar invisível — pois estava esgotado depois da evocação — e fosse atrás do Kirin, atravessando o céu tomado pelos pássaros. E os dois então voltaram ao acampamento. Para cumprir seu papel, assim como no passado, e acobertá-lo.

Mas nunca tinham sido chamados diante do capitão do Domínio para contar suas mentiras e meias verdades.

— Pronta? — perguntou Hazael.

Liraz assentiu e entrou primeiro na barraca. A mesma entrada por onde Loriel tinha passado... quando? No dia anterior? Liraz sentiu o breve toque dos dedos do irmão em suas costas e concentrou-se nesse contato para conseguir enfrentar Jael.

Loriel disse que estava bem. Que não tinha sido nada — que era só um homem, e homens a gente lava.

Ela era mais velha do que a maioria das soldadas, mais experiente. Tinha se oferecido voluntariamente — para poupar alguma virgem de ser atirada a Jael, dissera ela —, e, embora Liraz não corresse perigo, por ser da família, achou que era um ato de coragem como nenhum outro que já testemunhara. Mais corajoso do que seguir na linha de frente em uma batalha ou voltar para buscar companheiros feridos. Mais corajoso do que enfrentar um bando de espectros. Liraz já fizera essas coisas, mas sabia que nunca seria capaz de entrar na barraca dele e sair de lá depois, não com aquele propósito.

— Meu senhor — disse ela, com a reverência apropriada.

Hazael parou ao seu lado e fez o mesmo.

— Sobrinha, sobrinho — falou Jael, de modo arrastado.

Estava sendo debochado, mas Liraz gostou de vê-lo ressaltar o fato. *E não se esqueça disso*, pensou. Então ergueu o olhar para ele.

E não gostou nem um pouco do que viu em seu rosto. O olhar de Jael estava direcionado a ela, ignorando Hazael, e parecia... interessado. Inequívoca e perturbadoramente interessado.

— Qual é o seu nome? — perguntou Jael, dirigindo-se a ela.

Hazael foi quem respondeu:

— Minha irmã se chama Liraz. E meu nome é Hazael.

Mas Jael repetiu apenas o nome dela:

— Liraz — disse com um som úmido, seguido por um pesado suspiro. — Ilegítima. Que pena. Você é mais fresca do que outras frutas que apareceram no meu caminho. Mas meu irmão tem essa mania de... se meter.

Hazael riu.

— Entendi — disse ele, e dessa vez conseguiu fazer Jael tirar os olhos dela. — Mania de se meter. Essa foi engraçada.

Pare, suplicou Liraz mentalmente, mas Jael não ligou, apenas sorriu. O riso de Hazael soava verdadeiro. Ele tinha o dom de saber rir.

Agora que Jael se dera ao trabalho de olhar para Hazael, viu o que todos viam quando os dois estavam lado a lado, e ficou olhando de um para o outro.

— Gêmeos? — perguntou ele. — Não? Mesma mãe, pelo menos.

Mas Hazael balançou a cabeça em negativa.

— Não, senhor, é somente a força do sangue de nosso pai.

Liraz ficou tão surpresa que teve que se virar e olhar para ele. Chamar Joram de “pai” em uma conversa com Jael? Ela sabia o que ele estava fazendo, tentando manter o foco em si mesmo. *Pare com isso*, pensou de novo, mas Jael não encarou aquilo como ofensa. Talvez pelo jeito tolo e bem-humorado de Hazael, e talvez porque seus pensamentos estavam em outro lugar.

— Posso ver — disse o capitão. — Mas esse não é o caso do Príncipe dos Bastardos, é? Eu diria que a mancha Stelian é o que predomina.

Mancha? Era verdade que Akiva não se parecia em nada com Joram; mais do que isso, Liraz não sabia dizer. Ela não se lembrava da própria mãe, que dirá da de Akiva. *O que Jael queria?*

— Disseram-me que Akiva não está no acampamento. É verdade?

— Sim, senhor — responderam eles em uníssono.

— E disseram-me também que, se alguém sabe onde ele está, são vocês dois.

— Ele ainda está caçando, senhor — disse Hazael. — Rebeldes.

Nem é mentira, pensou Liraz.

— Admirável. O valente Ruína das Feras nunca descansa. Mas vocês voltaram sem ele?

— Eu estava com fome, senhor — disse Hazael, contrito.

— Bem, suponho que nem todos possam ser heróis.

Seu desdém irritou Liraz.

— E o senhor, capturou algum rebelde? — perguntou ela, sem a contrição cômica de Hazael.

Os olhos de Jael correram de volta para ela. Um segundo depois, ele respondeu com firmeza:

— Não.

Mentiroso, pensou Liraz, lembrando-se de Jael torturando o Kirin. Ele tinha se divertido. Tinha obrigado o quimera a engolir as cinzas de seus companheiros. Isso a fizera passar mal. Engraçado como era fácil torcer pelo inimigo quando este enfrentava Jael. Bem, com certeza a forma e a natureza do inimigo tinham ajudado. Se ele fosse um Heth ou um Akko ou algum espectro feroz a rosnar sem parar, teria sido mais difícil ficar do seu lado, fosse ou não Jael o oponente. Mas tinha sido emocionante ver o Kirin lutar — Liraz chegara mesmo a pensar que ele conseguiria escapar. Ele era tão rápido. Ela não via um Kirin desde que se tornara uma soldada; tinha esquecido como eles eram. Então, quando Akiva lhes contara, baixinho e em uma voz estrangulada, que Madrigal era uma Kirin também, o restante da repulsa de Liraz se esvaneceu.

Apesar das características ferais do rebelde, havia nele uma graça elegante e esguia que não era animalesca. Nem um pouco. Ela não queria que ele morresse.

Não podia dizer o mesmo de Jael. Nenhuma elegância, nenhuma graça. Ela teria ficado feliz em vê-lo sufocar com as cinzas. Quão gravemente Jael tinha ferido o soldado?, perguntou-se. E quantos outros tinha torturado com aquele mesmo prazer?

— Não? — ela se ouviu dizendo, provocativa. — Talvez sejam mesmo fantasmas.

Ah, sua idiota. O indolente olhar de interesse de Jael se reavivou.

— Eles são animais — replicou ele, de um jeito despreocupado, como se não pudesse se importar menos. E deu mais um passo na direção dela. — Sabe, você me lembra alguém — disse, observando-lhe o rosto e o corpo. — Não nos detalhes. Ela era morena, não clara como você, mas as duas têm o mesmo... fogo.

Tinha. Liraz se forçou a olhar para o chão. *Não o pressione, não o provoque, ele é* Jael. *Você acha mesmo que o fato de ter sangue bastardo vai detê-lo se irritá-lo?*

— Deseja enviar um recado para Akiva por nosso intermédio? — ofereceu Hazael, tentando novamente desviar a atenção do tio. — Ele deve estar de volta em um ou dois dias.

— Não. — Jael deu um passo para trás. — Nenhum recado. Estou voltando para Astrae. Mas nos encontraremos de novo, não tenho dúvida.

* * *

— Não acredito que vocês desceram sem mim — disse Karou, exasperada.

— O quê? — Zuzana não parecia nem um pouco arrependida. — Eu estava morrendo de fome, e nossa anfitriã estava desmaiada na cama com um monstro gatão.

Monstro gatão?

— Meu Deus. Falando desse jeito parece até...

Karou ergueu as mãos e balançou a cabeça. Era besteira ficar retroativamente nervosa por algo que não tinha acontecido, mas pensar no que aqueles dois haviam feito deixava Karou gelada. Quando finalmente descera até o pátio, encontrara Zuzana sentada justamente entre — de todos os quimeras possíveis — Tangris e Bashees, apontando e adivinhando coisas, ou seja, tendo o mesmo tipo de "conversa" que se tem em qualquer lugar em que as pessoas não falam sua língua. Só que... aquelas ali não eram "pessoas".

— Você não entende. — Karou não quisera apavorar seus amigos antes, mas eles obviamente estavam tranquilos *demais*. — Você sabe como elas são chamadas? São as Sombras Vivas, Zuze. São assassinas.

— Como eu — disse Zuzana alegremente.

Karou só faltava segurar a própria cabeça para impedi-la de explodir.

— Não, *não* como você. Não assassinas de brincadeira. Assassinas de *verdade*. Elas cortaram as gargantas dos anjos enquanto eles estavam dormindo.

— Ui. — Zuzana fez uma careta e levou a mão ao pescoço. — Mas os anjos são os vilões, não são?

Karou realmente não sabia como responder a essa pergunta. Nada daquilo era real para Zuzana.

— Elas são bem assustadoras, entendeu? — Essa descrição parecia boba até para ela própria. Karou hesitou. Como podia ter certeza de qualquer coisa agora que sabia do teatro de mentiras em que vivia? — Não são, não?

Zuzana deu de ombros.

— Sei lá. Elas são legais.

Legais. As Sombras Vivas eram *legais*.

— E suponho que Thiago também seja um doce.

— Eca — disse Zuzana com um calafrio. — *Não*. Não tem nada de doce nele. Só se for um doce estragado.

Bem, pelo menos nesse assunto elas concordavam.

— Você devia dormir um pouco — disse Karou.

Mik já estava deitado na cama, quase adormecido, e a energia de Zuzana finalmente parecia estar se esgotando.

— Eu sei. — Ela bocejou. — Já vou. E você?

— Eu já dormi.

Com Ziri. Que estranho. E agora eles dois eram aliados que compartilhavam um segredo. Thiago nem suspeitava. No quarto, eles ouviram o Lobo se aproximando e tiveram tempo de fingir que dormiam antes que ele entrasse — de uma forma menos íntima do que antes, com Karou na cadeira ao lado da cama. Já tinham decidido que Ziri *iria* contar ao general sobre as almas colhidas e que Karou daria um jeito de fazer as ressurreições em particular, para que pudesse passar a Balieros e aos outros, quando acordassem, a história que tinha inventado com Ziri. Se tudo corresse bem, Thiago nunca precisaria saber que eles haviam desobedecido a suas ordens. Só não sabia ainda o que fazer com a alma extra que Ziri a alertara que talvez estivesse no turíbulo: o garoto Dashnag que tinha lutado e morrido com eles. *Estase*, pensou.

É claro, isso era apenas o começo do problema. A questão maior era: e *agora*? O que fazer? Aquela campanha de terror... Karou acreditara — até onde tinha conseguido deixar um pouco de lado a própria infelicidade para pensar a respeito — que o objetivo da rebelião era a proteção dos quimeras. Mas Thiago não estava protegendo ninguém. Talvez fosse verdade que, considerando os poucos soldados que tinha, não podia fazer muito mais do que isso, o que aliás ele diria ser culpa dela, mas... ele desistira de todo o resto?

— Duvido que você tenha descansado o bastante — disse Zuzana. — Pode dormir aqui também. Eu chego um pouco para o lado.

Karou fez que não.

— Fique à vontade. Eu não ia conseguir dormir mesmo. — Havia muita coisa girando em sua cabeça. O que fazer? *O que fazer?* — Acho que vou dar uma volta enquanto ainda está fresco. De manhã tenho que voltar ao trabalho. — O rosto de Zuzana se iluminou, e Karou disse: — Sim, Igor. Pode me ajudar. E obrigada pelo que fez. Você foi incrível.

— *Eu? Você* foi incrível. Meu Deus, Karou. Você é minha heroína.

— Ah, é? Bem, e você é a minha, então estamos quites.

Mik, que, ao contrário do que parecia, ainda não tinha dormido, interrompeu:

— Eu também quero ser o herói de alguém.

— Ah, você é — disse Zuzana, atirando-se em cima dele e lhe dando um beijo. — Meu herói de contos de fadas! Um desafio já foi, agora só faltam dois.

Karou não sabia que conversa era aquela, mas se afastou enquanto Zuzana continuava a plantar beijos confortadores e barulhentos por todo o rosto do namorado.

54
Identificação

Karou imaginou que Ten estaria esperando do lado de fora para impor sua companhia aonde ela fosse, mas a mulher-lobo devia ter pensado que ela passaria a noite com os amigos, pois não estava em lugar algum à vista.

Empolgada com a liberdade inesperada, Karou saiu de fininho pelo portão dos fundos da casbá e seguiu pelas estreitas vielas da aldeia destruída em volta, ouvindo os ratos fugindo apressados à medida que passava. Precisou flutuar várias vezes para passar por sobre obstáculos e paredes desmoronadas, mas teve o cuidado de se manter abaixo dos telhados e fora do campo de visão da torre de sentinela. Não ia colocar a perder aquele raro momento de solidão.

Uma ou duas vezes teve a sensação de estar sendo seguida, mas, ao olhar para trás, não viu ninguém se esgueirando de maneira lupina nas sombras. O que viu, de relance, foi alguma coisa branca, e por um instante temeu que fosse o próprio Thiago, mas era apenas uma roupa, estendida no telhado para secar. Respirou aliviada. O Lobo Branco era a última pessoa que ela queria ver naquele momento.

Bem, talvez não exatamente a última. Essa posição ficava reservada a Akiva, mas esse risco ela não corria. Akiva estava bem longe dali, aparentemente nas Terras Distantes, e que diabos estaria tramando? Será que tinha mesmo salvado Ziri? As evidências disso não eram muito sólidas.

Uma mariposa-beija-flor morta.

Remotas lembranças ressurgiram: a sensação do xale vivo com que Akiva a presenteara na noite do baile do Comandante, o agitar das asas macias e suaves, e então as cócegas quando as aves começaram a lamber o açúcar que lhe cobria o colo, o pescoço e os ombros. Tantos anos depois e ela ainda sentia vergonha pelo açúcar — pois aquilo tinha sido feito para Thiago, e ela deixara que a polvilhassem, sem saber ao certo se estava pronta para se render a ele, para deixar que ele... a provasse. Estremeceu só de imaginar aquelas presas tocando sua pele.

Em vez dele, quem a provara foram as mariposas, e mais tarde... um anjo.

Como a vida era estranha e cruel. Se algo tivesse sussurrado em seu ouvido naquela manhã longínqua que, ao anoitecer, ela estaria nos braços do inimigo — e *por sua própria vontade* —, ela teria rido. Mas na hora em que acontecera, parecera-lhe tão natural e certo quanto os passos de uma dança familiar.

Então ela se perguntou: e se Akiva nunca tivesse ido a Loramendi, com aquelas suas palavras belas e surpreendentes — *o amor é um elemento* —, seu toque macio e sua doce magia, com seu calor, seu humor e seus olhos de fogo? E se ela nunca tivesse conhecido outro pretendente que não o Lobo?

Teria sido tão complacente a ponto de se deixar ser tomada, provada e reclamada por ele? Ela queria acreditar que teria acordado de sua insensatez mesmo se Akiva não tivesse aparecido, mas sua vergonha não diminuía. Talvez ela tivesse sentido nojo do toque de Thiago e percebido tudo, mas... sabia que o mais provável era que se tivesse deixado levar pela maré até ser tarde demais.

Bem, pelo menos seu povo ainda estaria vivo. O que era sua felicidade se comparada a isso?

Chegando ao rio, instalou-se no ponto da margem em que uma grande pedra lhe permitia ficar sentada sem que a vissem da casbá. Tirou os sapatos, colocou os pés nas pedras frias e molhadas e ficou vendo o reflexo das estrelas se transformar em longas linhas oscilantes na superfície em movimento da água. A extensão daquele céu cheio de pontos cintilantes a fazia se sentir muito pequena — minúscula, insignificante —, e ela percebeu que saboreava aquela sensação como uma forma de aliviar um pouco a pressão de ter que *fazer alguma coisa*.

Afinal, o que eu posso fazer?

Sério: o quê? Os quimeras eram leais a Thiago, e ele nunca cederia.

O que Brimstone faria?, perguntava-se ela.

A saudade que a invadiu naquele momento foi tamanha que chegou a quase se transformar em esperança — aquela falsa e

doída esperança de que a morte dele não fosse verdade. Permitiu-se imaginar, apenas por um instante: *Se Brimstone estivesse aqui, o que seria diferente?*

Uma coisa, pelo menos. *Eu seria amada.*

— Karou.

Foi apenas um sussurro, mas ela deu um pulo ao ouvir seu nome. *Quem…?* Não viu ninguém, não ouvira ninguém se aproximar. Apenas...

Uma rajada de calor.

Uma chuva de faíscas.

Ah, meu Deus. Não.

E então, como que se desfazendo de um véu, o encanto se desfez e ele apareceu diante dela.

Akiva.

Uma luz a percorreu, seguida pela escuridão — queimando-a por dentro, gelando-a, brilho e sombras, gelo e fogo, sangue e estrelas, um alvoroço, um rugido, preenchendo-a. Choque e incredulidade. E rancor.

E raiva.

Ela se pôs de pé. Seus punhos se cerraram, fechados com tanta força que mais pareciam pedras, seu corpo inteiro tenso de ódio ao ver o anjo, cada tendão estendido ao máximo e tão tensa que ela sentia o sangue nas têmporas, pulsando, e a fúria nos pulsos, vibrando, e nas mãos fechadas: a *ebulição*. Seus hamsás queimavam. E então ela abriu e ergueu as mãos, e Akiva não tentou se defender.

Quando a magia das marcas o atingiu, ele abaixou a cabeça e aguentou.

A magia fluía de Karou, e Akiva tremia sob o ataque, mas não se mexeu — nem se afastou, nem avançou —, e Karou sabia que podia matá-lo. Ela não desejava ter feito isso? Pois ali estava ele para lhe dar outra chance. Por que mais ele estaria ali, por que outro motivo? E o que mais ela podia fazer a não ser matá-lo? Não *havia* nada mais, não depois do que ele fizera... depois do que ele fizera... depois do que ele fizera... mas... como ela podia matar *Akiva*?

Como podia não matar?

Já não bastava o que ele tinha feito, ainda precisava aparecer para forçá-la a fazer outra escolha impossível? Por que ele estava ali?

Akiva caiu de joelhos, e o ar entre eles ondulou, movido pela potente magia de Karou e pelas lembranças. No dia de sua morte, ela vira exatamente a mesma cena, *aquilo*: Akiva de joelhos, enfraquecido pela mesma magia, só que pelas mãos dos soldados de Thiago, e lutando para manter a cabeça erguida e olhar para ela — *exatamente como agora*, com horror e desespero e *amor* —, e o desejo dela era então, mais do que qualquer outra coisa, poder ir até ele e abraçá-lo, sussurrar em seu ouvido que o amava e que o salvaria, mas não podia, em nenhum dos casos, embora o que a impedisse naquela vez não fossem algemas ou o machado do carrasco, mas o fato de ele ser o inimigo. Ele tinha provado isso de uma forma que superava todo o horror que ela poderia sequer imaginar, qualquer traição com que poderia vir a sonhar, e nunca poderia ser perdoado, nunca.

Mas... então... ela abaixou as mãos.

Por quê? Não foi um gesto consciente. Seus hamsás ardiam em contato com as coxas, e sua respiração era entrecortada e desesperada. Karou não conseguia se obrigar a levantar as mãos de novo. Akiva tremia, em agonia, e ali estavam eles mais uma vez no olho de um furacão de extremo sofrimento — o *mundo* dos dois era um furacão de sofrimento, e eles estavam presos no meio, na enganosa quietude que um dia lhes permitira esquecer que tudo a sua volta era um redemoinho doloroso de ódio que mais cedo ou mais tarde os atingiria. Eles tinham sido tolos por pensar que poderiam manter seu pequeno esconderijo em segurança e que não seriam pegos naquele furacão como todas as outras criaturas vivas em Eretz.

Mas tinham aprendido, não tinham?

O ofegar de Karou estava quase virando soluços, e suas pernas tremiam. Ela também queria cair de joelhos, mas não podia. Seria o mesmo que lhe estender a mão. Então permaneceu de pé, junto dele. Sentia as palmas das mãos ainda quentes por causa da magia, mas não voltou a erguê-las.

— Achei que você tivesse morrido. — A voz dele saiu embargada. — E... eu quis... morrer também.

— E por que não morreu?

O rosto de Karou estava quente e molhado, e ela sentiu vergonha de suas lágrimas e vergonha por, depois de tudo, ainda não conseguir matá-lo. O que havia de errado com ela, que mesmo assim não conseguia vingar seu povo?

Akiva apoiou as mãos no chão e fez força para se levantar. Parecia esgotado e prestes a vomitar; estava pálido e trêmulo, o vermelho tingindo o branco de seus olhos, como tantos anos antes.

— Teria sido fácil demais — respondeu ele. — Eu não mereço a paz.

— E eu também não? Não mereço finalmente me ver livre de você?

A princípio ele não disse nada, deixando as palavras de Karou ecoarem no silêncio. Eram tão duras — com uma pontada de escárnio para disfarçar a angústia; ela odiou o som da própria voz. Quando ele respondeu, sua angústia era evidente:

— Merece, sim. Não vim aqui para atormentá-la...

— Então *por que* veio? — gritou ela.

Mesmo antes de Akiva se levantar, Karou já sentia como se estivesse lutando contra alguma coisa, mas, quando ele ficou de pé, incerto, e ela teve que se afastar e erguer a cabeça para conseguir olhar para o seu rosto, entendeu o que era. Ele: a largura e o contorno do peito dele, a linha bem definida do bico de viúva em seu cabelo, pelo qual ela passara os dedos tantas vezes, e os olhos dele, mais do que tudo os olhos... os olhos. Confrontada com sua presença, sua proximidade, Karou entendeu que vinha lutando contra a familiaridade — uma familiaridade tão profunda que era quase identificação.

Aquele era Akiva, e a identificação estivera lá mesmo quando ele ainda era um estranho, naquele dia em Bullfinch, quando pusera os olhos nele pela primeira vez. Por isso é que ela fizera aquele gesto tão surpreendente e salvara a vida do inimigo. A identificação estivera lá na dança em Loramendi, mesmo apesar da máscara que ele usava, e novamente no beco em Marrakech, quando ele voltara a ser, para todos os efeitos, um estranho.

Mas não.

Akiva nunca fora um estranho, e esse era o problema. Uma espécie de chamado ecoava entre eles, mesmo agora, e do vazio do coração de Karou, onde deveria haver apenas inimizade e amargura, veio um lento apelo de... saudade. Mas logo foi sufocada pela raiva. *Coração vil!* Melhor seria arrancá-lo fora.

Como ela ainda podia não odiá-lo?

* * *

E quando seus olhos se encontraram, foi isso que Akiva viu: não a saudade, mas um brilho repentino e violento de ódio. Não percebeu que aquele ódio era voltado para ela mesma, e sentiu-se em desalento. Desviou o olhar subitamente, só então dando-se conta — *tolo* — de que ainda nutria esperanças. De quê? Não de que Karou fosse ficar feliz em vê-lo — não era tão tolo assim —, mas de que talvez ele pudesse ter um rápido vislumbre, um sinal, de que restara nela algo além do ódio.

Mas essa esperança se desfez, deixando-o vazio, e quando ele recuperou a voz e conseguiu responder, também *soou* vazio. Ferido e seco.

— Vim descobrir quem era o novo ressurreicionista. Não sabia que era... você.

— Surpreso?

O ódio na voz dela era tão forte quanto em seu olhar, mas como condená-la por isso?

Surpreso?

— Sim — respondeu ele, embora essa não fosse a melhor palavra para descrever o que sentia. Estava destruído. — Pode-se dizer que sim.

Ela inclinou a cabeça daquele seu jeito, como um pássaro, fazendo doer o coração de Akiva. Ela viu, e entendeu.

— Você está se perguntando por que eu nunca lhe contei.

Ele fez que não, tentando negar, mas estava claro. Ela nunca lhe contara. No bosque de réquiem, naquele mês que fora o único período de verdadeira alegria da vida de Akiva, e todas as vezes em que falaram sobre paz e esperança, mesmo com todo o amor e as descobertas e os planos, tão grandiosos, a ponto de terem idealizado uma *nova forma de viver* — em nenhum momento Madrigal falara sobre ressurreição. Tinha sido o Lobo Branco quem revelara o grande segredo dos quimeras, gabando-se e tripudiando dele entre uma chicotada e outra na prisão de Loramendi.

Akiva nunca escondera nada dela. Queria, na época, que ela o conhecesse, verdadeiramente, por inteiro, desde a terrível

contagem que seus dedos marcados exibiam até a tristeza de suas primeiras lembranças; queria que ela o amasse pelo que ele era, e por todos aqueles anos acreditara nesse amor. Mas o que pensar do fato de ela ter escondido um segredo tão grande? Era capaz até de ela um dia ter terminado seu trabalho de ressurreição e ido direto para seus braços, mas nunca mencionara uma palavra sequer a respeito.

— Vou lhe dizer por quê. — As palavras de Karou eram precisas, como uma faca penetrando por entre as costelas dele. — Nunca confiei em você.

Ele assentiu; não conseguia olhar para ela. O vazio então se encheu de náusea, tão intensa quanto se a sua volta houvesse mil espectros com os hamsás apontados para ele.

— Então você vai me matar? — perguntou ela. — Foi para isso que veio, não foi? Para matar outro ressurreicionista?

Akiva levantou a cabeça de repente.

— O quê? Não, Karou. *Não*. Nunca. — Como ela podia sequer perguntar isso? — Sei que você não tem motivo nenhum para acreditar em mim, mas meus dias de matar quimeras são passado agora.

— Você já me disse isso antes.

— Era verdade na época — disse ele. — E é verdade agora.

De fato, depois de Bullfinch ele *havia* parado de matar quimeras.

E após a morte dela, recomeçara.

Ele involuntariamente virou as mãos, tentando esconder as evidências marcadas a tinta. Queria explicar que só fizera tudo aquilo porque estava arrasado, destruído após vê-la morrer, mas não havia como dizer isso sem parecer que estava tentando se eximir da culpa. Não havia como falar sobre o que havia feito, como alegar atenuantes, como pedir alívio da pena. A cada vez que pensava em seus atos, Akiva se via forçado a enfrentar a terrível magnitude de sua culpa, e não havia o que dizer. Confissão e pedidos de desculpas seriam mais do que inadequados: seriam uma afronta; era impossível explicar. Mas ele precisava dizer alguma coisa.

Eu perdi minha alma.

— Eu perdi nosso sonho. A vingança tomou conta de todo o resto. Mal me lembro daquelas semanas e meses depois... — *Depois de ver você morrer, e de parte de mim morrer também.* — Não tem explicação para o que eu fiz, que dirá uma forma de reparar meus erros. Eu traria todos de volta se pudesse. Morreria uma vez para cada quimera morto. Faria qualquer coisa. E *vou* fazer toda e qualquer coisa, e eu sei... sei que nunca vai ser o bastante...

— Não, não vai. Jamais, porque eles *se foram*...

— Eu sei. Não estou buscando perdão. Mas ainda há vidas a serem salvas, e escolhas a serem feitas. Karou, os quimeras continuarão ou não a existir no futuro, dependendo do que nós façamos agora.

— Nós? — Karou parecia incrédula. — Que *nós*?

— *Eu* — ele se apressou em esclarecer. Akiva sabia que nenhum "nós" jamais voltaria a se referir a eles dois. — E nas fileiras dos serafins talvez haja outros que também estejam cansados, que queiram a vida e não a morte.

— Eles *têm* vida. Ao contrário do meu povo.

Akiva falara com as últimas palavras de Brimstone em mente: "É a vida a única capaz de crescer e preencher mundos." Mas é claro que Karou não sabia disso. Ele queria lhe contar o que Brimstone dissera. Imaginava que ela fosse querer saber, mas, vindo dele, não pareceria uma provocação?

— Não é uma vida digna de ser vivida — retrucou Akiva. — Ou que valha a pena deixarmos para nossas crianças.

— *Crianças* — ecoou Karou, tão fria... e tão linda. Era mais forte que Akiva: ficou olhando para ela, olhando e olhando, e lhe doía olhar, por saber que nunca mais iria tocá-la ou ver seu sorriso. — Quando os dois lados começam a massacrar crianças, acho que se pode dizer que a vida *perdeu* esse jogo.

O que ela queria dizer com aquilo? Ela notou sua confusão.

— Ah, você ainda não sabe? — Um sorriso amargo. — Vai descobrir.

Ele teve um estalo. Thiago.

— O que ele fez?

— Nada que *você* não tenha feito.

— Eu nunca matei nenhuma criança.

— Você matou *milhares* de crianças, Ruína das Feras — sussurrou ela acidamente.

Ele se encolheu ao ser chamado assim por ela, mas não tinha como discutir.

Akiva não o fizera com as próprias espadas, mas abrira o caminho para os assassinos. Vira coisas que nunca poderia apagar da memória. As imagens eclodiram em sua mente como gritos: lembranças e flashes intermitentes, feios, feios, imperdoáveis. Fechou os olhos. Era isso que ele era para ela: um assassino de crianças, um monstro. Karou estava trabalhando lado a lado com o Lobo Branco, e *Akiva* é que era o monstro. Como o mundo acabara assim tão invertido?

Se Thiago não tivesse descoberto sobre eles e aparecido no bosque de réquiem naquela noite, o que eles poderiam ter feito?

Talvez nada. Talvez tivessem morrido de algum outro jeito sem conseguir fazer nada.

Não importava. O sonho tinha sido puro. Mesmo em seu desespero, Akiva sabia disso, *sentia*, mas sabia também que Karou nunca conseguiria imaginar isso. Ele deu um passo para trás, aventurou-se a olhar para ela de novo. Karou abraçava o próprio corpo, seu rosto a própria imagem da desolação. Estava dilacerada, como ele estivera tantos anos antes. E... fora *ele* quem a deixara assim.

— Vou embora — disse ele. — Não vim para lhe fazer sofrer, e por favor, acredite, não vim para matar. Vim porque... pensei que você tivesse morrido, Karou. Pensei...

Akiva levou a mão ao turíbulo. O que aquilo significaria para ela?, perguntou-se ele, sobre aquele receptáculo e a mensagem: *Karou*. Se não era sua alma, de quem era? Quando o encontrara, logo deduzira que o nome era um rótulo, mas agora ele tinha certeza de que era uma mensagem.

— Encontrei isso nas cavernas dos Kirin — disse o anjo, estendendo a mão. — Deve ter sido deixado lá para que você o encontrasse. — Karou pareceu surpresa ao ver um turíbulo nas mãos dele. Ele o manteve estendido, mas ela hesitou: não queria nem mesmo se aproximar. — Foi por isso que eu quis morrer — explicou, e virou o pequeno pedaço de papel para que ela pudesse ler. — Porque achei que fosse *você*.

⋆ ⋆ ⋆

Ela pegou o receptáculo bruscamente da mão dele e ficou olhando para o papel. Sem respirar.

Karou.

Quantas vezes, em Praga, ela recebera bilhetes exatamente como aquele? Na época, sempre vinham um pouco amassados e furados pelas garras de Kishmish, mas o papel era o mesmo, e a letra... Ela a reconheceria em qualquer lugar.

Era a caligrafia de Brimstone.

Ficou olhando fixamente para o papel até que uma rajada de faíscas a despertou do choque: Akiva tinha ido embora. Não precisou nem olhar em volta para saber. Sentiu sua ausência, como sempre sentira — como um frio que se apressava em preencher o vazio deixado por ele. Seu coração martelava. Ela levou o turíbulo ao peito e imaginou poder sentir a alma ali dentro vibrando junto com as batidas de seu coração. Era puro palpite; apenas pelo receptáculo de prata não dava para ter nenhuma pista do que — de *quem* — estava dentro. Mas *só podia* ser…

Tinha que ser.

Suas mãos tremiam. Bastava abrir o turíbulo. Uma impressão da alma fluiria lá de dentro e ela saberia na hora.

Posicionou a mão. Hesitou. E se não fosse ele?

Seus pensamentos estavam confusos; iam e vinham, mas um deles voltava sem parar a sua mente. *Akiva lhe trouxera o turíbulo*. Thiago — seu aliado — mentira para mantê-la isolada e sozinha. Akiva — seu inimigo — lhe trouxera o turíbulo que podia... que podia... que podia conter... *Brimstone*.

Será?

Com um girar do pulso, ela abriu o receptáculo. Meio segundo. A alma se mostrou.

E ela soube.

55

As proezas do imperador

Um pé descalço, muito arqueado. Um tornozelo esguio enfeitado com correntes douradas.

Nevo não tinha a intenção de ver aquilo, mas a música das tornozeleiras chamou sua atenção no instante em que a garota atravessou a porta. Um rápido vislumbre da figura secreta antes que ele pudesse abaixar a cabeça às pressas e cravar os olhos no chão.

A concubina da noite, deixando o harém para ser escoltada pela passarela até o refúgio sagrado do imperador. Como era costume, estava coberta por um véu e por uma túnica com capuz que escondia até suas asas. Não fosse pelo pé visto de relance, mal se veria que era uma pessoa. Era o máximo que Nevo já tinha visto das concubinas de Joram, e foi pego de surpresa pelo efeito que isso provocou nele.

Na mesma hora quis ajudá-la.

Ajudá-la a quê? Escapar? Que piada. Era seu dever garantir que ela não tentasse fugir. Nevo fazia parte da escolta dos Espadas de Prata, que se preparava para levá-la até o outro lado da passarela. Eram seis ao todo, praticamente um cortejo. Chegava ao nível do ridículo: seis guardas para acompanhar uma garota por uma passarela.

Uma *garota*. Não seria uma mulher? Nevo não saberia dizer por que tinha achado isso — dificilmente seria por causa do pé —, mas a imaginava jovem. De repente, ela hesitou.

Quando ouviu o barulho das portas do harém se fechando ruidosamente atrás de si, a garota empacou.

Nevo sentiu que corria nela uma intensa energia por baixo de todo aquele tecido diáfano. Viu seu véu tremular com a respiração acelerada, assim como a túnica — por arrepios, e não de frio: de pavor. Sem dúvida era a primeira vez que fazia aquela caminhada.

Perceber isso o deixou tocado.

Trabalhando várias vezes por semana no chamado cortejo, Nevo aprendera que se podia inferir muito pela maneira como uma mulher se comportava, mesmo estando tão coberta. Passos lentos e firmes, ou passos agitados, curtos e rápidos; cabeça erguida, ou virando para um lado e para o outro, tentando espiar pela pequena rede do véu o mundo fora de sua prisão. Ele já vira — ou acreditara ter visto — cansaço e resignação, orgulho, depressão, mas nunca uma garota paralisada assim. Ficou tenso, achando que ela sairia correndo.

A passarela era um estreito caminho de vidro erguendo-se bem acima da cidade, de forma que às vezes as mulheres decidiam se jogar dali para não chegarem até o outro lado. Com as asas presas sob as túnicas, cair significava morrer — ou tentar morrer. Um guarda saltava atrás dela. Se a pegasse, ela era punida; se não, o punido era ele.

Não era algo inédito, mas desde que ele começara ali, nunca havia acontecido. Nevo tinha apenas vinte anos; fazia apenas dois que carregava a espada de prata, e tinha sido promovido à guarda pessoal do imperador havia apenas dois meses. Não sabia o que fazer numa situação como aquela.

Nenhum dos outros guardas se mexeu nem falou nada. Esperaram, e portanto ele fez o mesmo, inexplicavelmente nervoso. Quando a garota enfim pôs-se em movimento, trêmula e muito lentamente, Nevo entendeu uma coisa. Ele antes achava aquele cortejo de seis guardas uma ostentação ridícula; caso alguém deixasse de notar as proezas do imperador, ou de contar quantas mulheres e bastardos ele tinha, ali seguiam seis guardas, cada um com cerca de dois metros e meio de altura em extravagantes elmos emplumados, para atraírem toda a atenção para o espetáculo.

Mas talvez fosse mais do que isso. Naquele instante, se Nevo fosse o único a escoltar aquela garota, não tinha certeza de que faria seu serviço. Por maior que fosse sua lealdade ao imperador, havia impulsos mais fortes, como a necessidade de proteger os indefesos.

Mas que idiota, Nevo, repreendeu a si mesmo. Dizia-se que os magos de Joram podiam ler pensamentos; ele esperava que não fosse verdade, porque, em questão de segundos, permitira que algumas visões ridículas lhe passassem pela cabeça — cenas

em que ele salvava a garota e a levava para um lugar seguro. Ah, pelos deuses da luz... Havia até uma casa com um telhado de meia-água na cena, um quintal atrás e um céu imenso sem nenhum pináculo até onde a vista alcançava, nenhuma Torre da Conquista, nada de Astrae, nada de império. Apenas um lugar pequeno e seguro, e ele como herói de uma anônima e desconhecida jovem.

Tudo por causa do vislumbre de um pé?

Patético. Talvez seus colegas de alojamento tivessem razão em dizer que ele precisava de alguns "cuidados" na casa de lazer dos soldados. Iria até lá, decidiu ele enquanto marchava, as solas de suas botas percorrendo muito lentamente a passarela de vidro. A escolta estava dividida em duas tríades, com a garota no meio. Nevo ia logo atrás dela, ajustando o passo a seu caminhar delicado. Ela parecia tão pequena... Mas se bem que todas pareciam, quando cercadas pelos gigantes da guarda. Ele ouvia a respiração dela, irregular — um arfar alto, beirando a histeria — e sentir as ondas de calor que emanavam de suas asas cobertas.

O perfume era tão delicado que podia até ser seu cheiro natural.

De que cor seria seu cabelo? E seus olhos?

Pare com isso. Você nunca vai saber.

Era um percurso curto pela passarela de vidro, Astrae se descortinando lá embaixo até o outro extremo da ponte. A garota foi entregue, um intendente a recebeu no Portão Alef, ela entrou e desapareceu lá dentro sem nem olhar para trás.

Por mais absurdo que parecesse, aquilo doeu. Como se ela devesse tê-lo notado, e percebido, de algum jeito, que ele lamentava por ela?

Nevo sabia que, em seu uniforme da Guarda Imperial, era tão anônimo para a garota quanto ela deveria ter sido para ele, e esse pensamento o deixou inquieto e irritado. Ele se perdera para um uniforme — aquele uniforme prateado reluzente com plumagem bufante e mangas longas demais, que atrapalhariam caso ele precisasse sacar a espada. Coisa que, aliás, nunca acontecia, a não ser na arena de treinamento, e mesmo nesses casos parecia mais uma aula de dança do que uma luta. Os Espadas de Prata não eram o que ele imaginara ao ser selecionado das fileiras do exército. Embora tivesse orgulho em ser excepcionalmente hábil com a espada, fora na verdade escolhido por sua altura, não pela habilidade. O recrutador nem o vira lutar. Estava interessado apenas em sua aparência, e o resultado disso era que Nevo, mesmo em sua roupa vistosa, era indistinguível de qualquer outro Espada de Prata em Astrae. Talvez sua mãe o identificasse, mas aquela concubina apavorada nunca o reconheceria se o visse de novo, fossem duas ou duzentas vezes.

E por que ele deveria se importar com isso?

Ele não se importava.

O Portão Alef se fechou. O perfume da concubina, suave demais, se desfez no ar. A garota tinha ido cumprir sua obrigação, e Nevo cumpriria a dele e pararia de pensar nela.

Quis o destino que seu posto de trabalho fosse ali no Portão Alef. Com outro de sua tríade, ele deixou a guarda e ambos assumiram seus lugares. O restante do cortejo foi cada um para seu respectivo posto, a maioria nas profundezas da grande torre de vidro, mais além do que Nevo jamais penetrara ali. Tinham-lhe descrito os aposentos particulares do imperador como uma espécie de castelo dentro do castelo, no centro da Torre da Conquista. O Portão Alef era a primeira entrada; passando por ele, corredores labirínticos se ramificavam, de forma que não havia um caminho direto para os sucessivos portões — Beit, Gimel, Dalet e assim por diante, seguindo o alfabeto. Nevo só tinha chegado ao Beit. Os outros guardas diziam que, a partir desse, achar o caminho lá dentro era um teste de memória. O lugar era todo de vidro fosco, um mar de vidro grosso, forte e com um brilho em tom de mel. Durante os treinamentos, eles eram incentivados a testar o vidro com suas espadas, e, mesmo forte como era, Nevo não conseguira quebrar as paredes nem com chutes, nem com o punho da espada. Os corredores seguiam sinuosos, voltas e mais voltas daquele vidro inquebrável, e eram repletos de portas falsas e becos sem saída, tudo para confundir ou capturar invasores e assassinos.

Boa sorte para eles, pensou Nevo. Dez portões fortemente vigiados interpunham-se entre ele e o imperador; ninguém passaria por ali. Naquela noite, ele estava feliz por ficar o mais longe possível do centro do labirinto. Os guardas do Portão Samekh às vezes ouviam... choro.

Choro.

As mulheres da casa de lazer podiam não chorar, mas Nevo sabia que não iria para lá. Durante aquela longa e tediosa noite, parado ali em seu posto, ele sentiu que o verdadeiro trabalho e desafio — além de ficar de pé por longos períodos de tempo — eram não pensar no que estava acontecendo lá dentro. Era ridículo como aquela fração de segundo em que ele avistara o pé da garota a tornara real, ao contrário de todas as outras que passaram por ele nos últimos dois meses. Bem, elas *eram* reais, claro, mas ele tinha conseguido ignorar isso. Mas será que conseguiria daquela vez?

Então entregou-se a outra tolice para se distrair. Era igualmente fútil, mas a probabilidade de enlouquecê-lo era menor: desejava nunca ter sido tirado do exército para se juntar aos Espadas de Prata.

Não era um desejo racional. O soldo dos guardas, que ia para sua família, era melhor, e as chances de sobrevivência, *bem* maiores do que no exército, mas, ao contrário de muitos Espadas de Prata, Nevo tinha sido um soldado primeiro, portanto sabia a diferença entre as duas funções. E a diferença era gritante.

Para além de Astrae, muito, muito distante dali, os soldados tinham mantido as feras afastadas por séculos, lutando, morrendo e por fim vencendo. Havia honra na luta, e até glória, e Nevo abriria mão da glória simplesmente pela honra — de se sentir bem durante seus dias e noites, de *fazer* alguma coisa...

É claro, agora era mais complicado. A Guerra Quimérica tinha acabado e uma nova se iniciava, mas era difícil sentir a pura retidão que havia em se lutar contra as feras.

Os Stelian eram serafins. Fora isso, Nevo não sabia praticamente nada a respeito deles; ninguém sabia. As Ilhas Longínquas ficavam, sem exagero, do outro lado do mundo. Quando era sol no império, nas Ilhas havia lua, e vice-versa, de forma que nunca compartilhavam dias, noites, nada. Se eles haviam ofendido o império de alguma forma, o povo do império não se sentia afetado por isso, pois não tinha nenhuma animosidade com relação a seus misteriosos e distantes primos. O termômetro de Nevo era sua própria família. Ele bem podia imaginar a conversa que teriam quando a declaração de guerra de Joram se tornasse pública.

— Contra *quem*? — perguntaria seu pai, chocado. — Contra um povo cujo rei ele não sabe nem como se chama?

— Se é que *existe* um rei — diria sua mãe. — Ouvi dizer que eles têm uma *rainha*.

— Ah, e o que mais você ouviu? Que os elementais do ar agem como espiões dela?

— Isso mesmo. E que ela pode matar só com o olhar, e que prepara tempestades em uma grande panela para lançar por sobre os mares.

Sua mãe estaria sorrindo. Tinha um sorriso brincalhão e um humor anárquico, e seu pai tinha uma risada estrondosa, mas também uma ruga de preocupação.

— Que briga mais inútil, essa que ele foi arranjar. — Nevo o imaginava falando, irritado. — É como atirar pedras em uma caverna e esperar para ver o que vai sair lá de dentro.

E Nevo de fato *estava* esperando para ver. Fazia duas semanas que os mensageiros com a declaração de guerra de Joram haviam sido enviados e nada de voltarem, nem de darem notícias. O que pensar? Talvez tivessem se perdido à procura das Ilhas Longínquas e nunca entregado a mensagem. Seria o império salvo da guerra por falta de direções?

Quem dera.

Ele conteve um bocejo. Finalmente estava amanhecendo, ou quase. Logo seria rendido no serviço...

O Portão Alef se abriu de repente.

Nevo levantou voo de um salto. Instaurou-se o caos. Barulho e asas e centelhas e corre-corre e gritaria e... qual era o protocolo? Ele protegia o portão do que viesse de *fora*. O que deveria fazer quando o caos vinha de *dentro*? Ninguém nunca lhe dissera, e quem eram aqueles ali na confusão? Intendentes e criados, e alguns Espadas de Prata também.

— O que houve? — gritou, mas ninguém o ouviu, com todo aquele barulho.

Os berros, a fúria.

Joram.

A garota, pensou Nevo. E enquanto intendentes e criados se acotovelavam na tentativa de escapar da ira do imperador, ele forçou sua entrada. Nenhum guarda no Portão Beit; onde estava Resheph? Será que estava entre aquele grupo que tinha debandado? *Debandado?* Inacreditável.

Nevo passou correndo pela porta, pisando pela primeira vez a parte mais interna do refúgio sagrado. Não conhecia o

caminho, mas a fúria de Joram era como um rio, e ele navegava contra a corrente. Quando fazia uma curva errada, voltava e procurava o caminho certo. Perdeu minutos naquele labirinto de vidro. A voz do imperador agora sumia e voltava. Os urros deram lugar a palavras, embora Nevo não conseguisse entendê-las.

Portões Gimel, Dalat, Hei e Vav: não havia guarda em nenhum. Os Espadas de Prata ou tinham entrado, ou tinham saído correndo, deixando seus postos. A primeira reação de Nevo foi ficar horrorizado com aquela falta de disciplina, mas então se deu conta de que ele próprio também tinha deixado seu posto, e começou a ficar com medo. Foi o único momento em que hesitou; ainda podia voltar — talvez, em meio à loucura, sua transgressão passasse despercebida.

Mais tarde, seria um consolo saber que não teria feito a menor diferença. Naquele instante, nada do que ele dissesse ou fizesse importaria. Tudo já estava feito e decidido bem antes de ele irromper em uma corrida desesperada no quarto do imperador.

Fontes murmurantes, orquídeas, os chilreios e grasnidos de aves engaioladas. O teto parecia ficar quilômetros acima — todo feito de um vidro cintilante coberto por constelações de luzes que criavam a ilusão de um céu noturno. No meio daquilo tudo ficava a cama, em uma base elevada, como um monumento à virilidade. Estava vazia.

Joram estava de pé no centro do quarto, com as mãos na cintura. Ele era vigoroso, tendo engordado com a idade mas também se fortalecido, e marcado por antigas cicatrizes de batalha. Seu maxilar estava duro, o rosto vermelho de raiva e desprezo. Ele usava um robe que mostrava um pedaço triangular do peito e aquilo de alguma forma parecia um pouco vulgar.

Havia alguns outros guardas ali, de pé, todos grandes e — pensou Nevo — parecendo idiotas. Eliav era um deles. O próprio capitão dos Espadas de Prata estava antes no Portão Samekh e devia ter sido o primeiro a chegar à cena — sem contar Namais e Misorias, é claro, os guarda-costas pessoais de Joram, que se revezavam para dormir na antecâmara. Estavam a apenas alguns passos de seu senhor, o rosto mais parecendo esculturas de madeira. Byon, o primeiro-intendente, apoiava-se pesadamente na bengala, sua paralisia muito mais evidente do que de costume.

— Não foi você que colocou isso ali? — perguntou Joram ao velho serafim.

— Não, meu amo. Eu o teria acordado na mesma hora, é claro. Algo assim...

— Uma cesta de frutas? — Joram parecia incrédulo, e então sua fúria voltou e retumbou pelo quarto como um flash de luz e calor. — *Uma cesta de frutas!*

Nevo deu um passo para trás. Procurou a garota. Não estava pensando com a menor clareza; não lhe ocorrera até aquele momento que a veria sem véu, muito menos que ela, assim como o peito de Joram, pudesse estar... exposta. Assim que a viu — pela visão periférica, um borrão de pele no outro lado da cama elevada —, percebeu que era esse o caso, e seu instinto foi o de não olhar, não se virar em direção a ela, apenas passar pela porta e sair dali.

— Então me explique como isso veio parar aqui. — A fúria de Joram se transformou em gelo. — Passando por tantas portas vigiadas até chegar ao pé da minha cama.

Foi a imobilidade da garota que fez Nevo virar a cabeça.

Ela era mesmo jovem; Nevo tinha acertado. E estava exposta. Nua. Seu rosto era arredondado como o de uma menina, mas seus seios não tinham nada de infantil. Seu cabelo era vermelho e rebelde, e os olhos, castanhos. Ela estava caída, apoiada na parede, sem nem tentar se cobrir, olhando fixamente para ele — para *ele* —, sem expressão.

Sem se mexer.

Quase no mesmo instante em que Nevo pousou os olhos nela, a garota começou a tombar lentamente para o lado. Ele viu isso acontecer, e lembrou-se do lento caminhar dela pela passarela. *Foi igual*, sua mente tentava lhe dizer, igual. Mas então: o solavanco e os braços e pernas movendo-se desajeitados quando ela caiu no chão, o retinir de suas tornozeleiras, o silêncio. O fogo de suas asas se apagando. Morrendo. Na parede que antes a sustentava, uma faixa de sangue e uma mancha vermelha no vidro.

Uma mancha deixada pela cabeça dela.

A garota havia sido atirada contra a parede.

Nevo sentiu calor, frio e um mal-estar. Pensou nas Sombras Vivas — seu instinto era culpar as feras, e ele sabia que as lendárias assassinas estavam à solta de novo, ainda vivas, sabia-se lá como —, mas elas não faziam aquele tipo de coisa. As

Sombras cortavam gargantas.

Além do mais, é claro que ele sabia quem tinha feito aquilo. Enquanto seus olhos corriam ferozmente pelo quarto luxuoso, ele começou a ouvir pedaços da conversa em meio a seu horror. Nevo sabia *quem*, mas não *por quê*.

— Todos os guardas que estavam de serviço — ouviu Joram dizer.

Eliav, aterrorizado, retrucou:

— Meu amo! *Todos*...?

— Sim, capitão. *Todos. Os. Guardas.* Você achou que poderiam continuar vivos depois de um deslize como esse?

— Meu amo, não houve deslize. Suas portas nunca foram abertas, eu juro. Foi alguma magia...

— Namais? — chamou Joram. — Misorias?

— Senhor?

— Cuidem disso antes que a cidade acorde.

— É claro — responderam os guardas.

O imperador chutou alguma coisa — uma cesta —, que emborcou, fazendo algumas esferas cor-de-rosa saírem rolando. Uma delas atingiu a base elevada da cama e explodiu com um barulho semelhante ao que o crânio da garota devia ter feito ao acertar a parede. Nevo olhou para ela de novo. Não pôde evitar. A visão dela ali, morta, quando ninguém mais parecia notar, fazia com que toda a cena parecesse uma alucinação vívida demais. Não era, é claro. Aquilo tudo estava acontecendo, e ele soube, com uma clareza que lentamente o alcançava, que seria enforcado.

Mas não soube *por quê*.

Só sabia que tinha algo a ver com uma cesta de frutas.

56
Uma surpresa

Zuzana foi acordada por alguém a sacudindo. Ergueu o corpo e se sentou na cama, desorientada. Estava escuro; o ar era pesado, e os cheiros, pungentes: terra, um forte odor animal e algo que lembrava decomposição. Então sentiu um toque delicado no ombro e ouviu a voz de Karou.

— Acorde — dizia a amiga suavemente.

Então seus músculos doloridos deram sinal de vida e ela se lembrou de tudo.

Ah, claro. O castelo de monstros.

Piscou repetidas vezes até Karou entrar em foco sob a luz bruxuleante das velas.

— Caramba, que horas são? — resmungou.

Sua boca estava tão seca que parecia que o próprio deserto tinha se enroscado e passado a noite lá dentro. Karou colocou uma garrafa de água nas mãos dela.

— Está cedo. Ainda nem amanheceu.

— Cedo idiota — gemeu Zuzana. Ao seu lado, Mik ainda dormia. Ela tomou um gole d'água e bochechou. Bem melhor. Piscou, tentando ver algo naquela luz fraca, e focou seu olhar em Karou. Ela se assustou, e a letargia desapareceu. — Você está chorando.

Os olhos de Karou estavam úmidos, brilhando quase sem piscar, e seu maxilar estava tenso. Zuzana tentou decifrar sua expressão, mas não conseguiu. Não sabia dizer se a amiga estava feliz ou triste, só que parecia *resoluta*.

— Eu estou bem — disse Karou. — Mas preciso da sua ajuda de novo.

— Ok. — Ela só esperava que aquilo não implicasse ter que limpar feridas horríveis. — Ajuda em quê?

— Uma ressurreição. Preciso terminá-la antes que Thiago ou Ten apareçam. — Karou sorriu, mas novamente foi impossível interpretar: nem feliz nem triste, mas firme. — Quero que seja uma surpresa.

57

Uma cesta de frutas

— Uma cesta de frutas — repetiu Akiva, incrédulo.

Antes de declarar guerra aos Stelian, Joram devia ter se preparado para muitas possibilidades, mas nunca passara pela cabeça do imperador, imaginava Akiva, que seu inimigo eleito pudesse... *recusar a oferta*.

Akiva estava de volta ao cabo Armasin com seu regimento. As notícias chegavam ali pelas línguas de batedores e soldados e em pequenos pergaminhos amarrados às pernas dos squalls. Eram fragmentos e sussurros, mentiras e verdades e palpites misturados com relatos oficiais tão cheios de mentiras quanto os boatos. Por isso levou alguns dias até Akiva, Hazael e Liraz terem peças suficientes para montar uma imagem discernível com aquele quebra-cabeça.

Ao que parecia, a resposta dos Stelian não chegara pelos mensageiros de Joram. Na verdade, os mensageiros nunca retornaram, e, para piorar, a comunicação com as tropas avançadas em Caliphis tinha sido cortada, e uma missão de reconhecimento também sumira do mapa. Todos os serafins enviados às Ilhas Longínquas haviam desaparecido. Essa notícia por si só já fazia Akiva gelar, e também o instigava. O que estaria acontecendo no outro lado do mundo?

E então... uma cesta de frutas.

Essa era a resposta deles. Uma resposta totalmente inofensiva. Nada de cabeças ou entranhas de mensageiros; as frutas não estavam nem envenenadas. Só frutas mesmo, de uma variedade tropical desconhecida no império. Segundo os provadores do imperador, eram "doces".

Um bilhete acompanhava a cesta. Quanto à mensagem que continha, cada um dizia uma coisa, mas Akiva acreditou na versão de um sobrinho de um intendente imperial, de que o breve texto viera escrito em serafim arcaico, com uma caligrafia feminina e um selo de cera que representava um escaravelho, e dizia o seguinte: *Agradecemos a proposta, mas somos obrigados a respeitosamente declíná-la, ocupados que estamos no momento com atividades mais agradáveis.*

O atrevimento dessa mensagem, a impressionante ousadia: era de tirar o fôlego.

— Ainda não entendo — disse Liraz, depois de passado o choque inicial. — Como isso explica os Lâminas Partidas?

"Lâminas Partidas" era como os Ilegítimos chamavam os Espadas de Prata, por causa de suas elegantes armas que não resistiriam a um só golpe em um combate de verdade — não que algum dia fossem enfrentar algum. O único fato indiscutível de todo o mistério era que, dois dias antes, Astrae tinha acordado com catorze Espadas de Prata pendurados no cadafalso do Setor Oeste.

— Bem, tem a ver com a *entrega* da tal cesta de frutas — disse Hazael. — Vejam bem, quando nosso pai acordou de manhã, a cesta estava simplesmente lá, ao pé da cama, e ninguém soube lhe dizer como tinha aparecido ali, passando por dez portões vigiados até chegar ao coração do refúgio sagrado onde ele se julgava a salvo de qualquer invasor, até mesmo das Sombras Vivas.

— Nem as Sombras Vivas poderiam ter feito isso — disse Akiva.

Ele tentava entender que tipo de magia poderia ser responsável por uma façanha como aquela. A invisibilidade por si só não ajudaria ninguém a passar por portas fechadas. Será que o emissário dos Stelian tinha atravessado paredes? Lançado encantos em um guarda após o outro? Simplesmente desejado que o presente aparecesse lá? Essas eram algumas possibilidades. Do que os Stelian eram capazes? Às vezes, quando estava imerso em si mesmo planejando alguma manipulação, Akiva imaginava fios de conexão traçando-se pelas extensas superfícies do oceano e chegando enfim às ilhas — ilhas verdes sob uma luz melíflua, o ar da manhã cintilante com a névoa, asas de pássaros iridescentes — e se perguntava: será que seu sangue fazia dele um Stelian? O sangue de Joram não tornava Akiva como ele; por que o de sua mãe o tornaria como ela?

— Catorze Lâminas Partidas pendurados no Setor Oeste. — Hazael deu um assobio. — Imaginem só, toda aquela prata brilhando sob o sol.

— E o cadafalso aguenta catorze Lâminas Partidas, com aquele tamanho todo? — perguntou Liraz.

— Tomara que venha abaixo com tanto peso. Não lamento nem um pouco — disse Akiva, referindo-se ao cadafalso, não aos guardas. Ele não gostava dos Lâminas Partidas, mas não desejava que morressem. Balançou a cabeça. — E o imperador está se sentindo mais seguro agora?

— É um idiota se estiver — disse Hazael. — A mensagem é clara: queira saborear esta cesta de frutas deliciosas enquanto pensa em todas as maneiras como poderíamos matar você enquanto dorme.

Por mais sinistro que fosse tudo aquilo — a lúgubre imagem do cadafalso arqueado pelo peso de catorze guardas —, a notícia mais perturbadora veio depois, de um Ilegítimo. De fato, apenas um Ilegítimo poderia ter observado aquilo, ou se importado.

Melliel era a meia-irmã mais velha que tinha falado em favor dos Ilegítimos no fim da guerra. Era grandalhona, cheia de cicatrizes e tatuagens nas mãos; lutava com um machado e mantinha o cabelo grisalho curto como o de um homem. Não havia nada de feminino em Melliel a não ser sua voz, que mesmo quando ela gritava cumprimentos tinha algo de musical. Algumas vezes ela cantava junto às fogueiras dos acampamentos durante os períodos de guerra, histórias cantadas que emocionavam como poucas coisas em um campo de batalha. Atuava na capital, pelo menos até o dia anterior. Agora seguia com um destacamento de Ilegítimos para oeste, em direção às névoas e aos mistérios das tropas desaparecidas. Como se o império não tivesse perdido soldados suficientes nas últimas batalhas da guerra. Todos os exércitos tinham sofrido perdas, mas nenhum mais do que os Ilegítimos.

— É claro que ele enviaria Ilegítimos — comentara Liraz com amargura, ao saber da missão. — Quem se importa se os bastardos vão voltar ou não?

Mas Melliel se dissera feliz em ir — feliz em ficar livre da teia de mentiras que era Astrae. Foi ela quem lhes contou o que mais tinha acontecido na Torre da Conquista enquanto os Lâminas Partidas balançavam no alto do cadafalso.

— Um corpo amortalhado foi... deixado... no Portão Tav naquela mesma manhã.

Tav era o último dos portões da Torre. Era a sarjeta, no subsolo, e servia somente como saída: era por onde o lixo era lançado no mar.

Akiva se preparou para a notícia.

— Quem?

Melliel trincou o maxilar.

— Não temos como saber com certeza, mas... aparentemente ninguém se lembrou de dispensar a escolta do harém. Eles esperaram por duas horas no Alef até um intendente se dar conta e liberá-los.

Akiva sentiu a notícia primeiro no estômago e depois nas mãos — uma onda de calor que o fez cerrar os punhos com tanta força que os músculos de seus braços ardiam. Liraz emitiu um som sufocado; a respiração de Hazael ficou rouca, e ele começou a caminhar para longe, deixando um rastro de fagulhas. Depois se virou e voltou. Seu rosto claro estava vermelho. Liraz tremia, os punhos tão cerrados quanto os de Akiva.

A escolta do harém era a procissão dos Espadas de Prata que levavam as concubinas até a cama do imperador e depois as acompanhavam de volta. O "cortejo", como chamavam. A mãe de Akiva fizera aquela caminhada anos antes, sabe-se lá quantas vezes — em uma dessas vezes, lá estava ele, começando a se desenvolver dentro de sua barriga. O mesmo se passara com a mãe de Liraz, e a de Hazael, e a de Melliel, e com incontáveis outras mulheres e jovens. E na manhã dos enforcamentos, ao que parecia, a concubina que deveria ter saído do Alef tinha sido despachada pelo Tav, junto com o lixo recolhido naquela noite.

"Foi terrível o que houve com ela", Akiva ouviu em sua mente a voz cruel e provocadora de seu pai na primeira vez que se dignara a falar com ele. Será que o corpo de sua mãe tinha sido despachado pelo Portão Tav também?

Uma onda de exaustão o atingiu. Como a vida podia ser tão impiedosamente ruim? A guerra tinha acabado, mas os dois lados ainda massacravam civis; o imperador matava casualmente concubinas em seu quarto e enviava seus bastardos ao desconhecido para morrer com anúncios de mais guerra. Não havia nada de bom no mundo, nada mesmo. E agora que até mesmo suas lembranças de felicidade tinham sido corrompidas, Akiva se sentia perdido.

Será que ela estava falando sério quando dissera que nunca tinha confiado nele? Seria verdade? Ele se recusava a acreditar; suas *lembranças* não lhe permitiam acreditar. As lembranças daqueles dias — daquelas noites — eram mais claras do que as de

qualquer outro momento de sua vida, as lembranças dela se enroscando nele durante o sono, de como os olhos castanhos dela se iluminavam quando acordava e o via. Até mesmo no cadafalso, e de novo em Marrakech, depois de partirem o osso, mas antes que ela entendesse...

Antes que ela soubesse o que ele tinha feito.

Talvez ele só tivesse visto o que queria ver. Mas agora, de qualquer jeito, não importava. Não havia mais luz nos olhos dela, não para ele e, o que era pior: para nada.

Pela manhã, Akiva estava no baluarte com Liraz e Hazael, e observaram quando Melliel partiu com suas tropas. Parte dele queria ir junto, mesmo com a névoa, os mistérios, as tropas desaparecidas e tudo mais. Queria ir ver as Ilhas Longínquas e talvez encontrar a pessoa que tinha escrito aquela louca mensagem para o imperador.

Mas seu lugar era ali, naquele lado do mundo. Seu desafio estava ali, assim como sua penitência, que era fazer o que dissera a Karou que faria: toda e qualquer coisa.

Mas o que era qualquer coisa? O que eram todas as coisas?

Ele sabia, mas a resposta parecia assomar diante dele tão grande e intransponível quanto as montanhas do sul.

Rebelião.

Com Madrigal, no templo, tudo lhe parecera possível. Mas seria mesmo? Será que ele encontraria algum apoio nas fileiras? Que havia uma indocilidade nos soldados, isso ele sabia, e também um desespero silencioso. Lembrou-se de Noam no aqueduto, perguntando-se, abatido, quando aquilo tudo iria acabar. Devia haver outros como ele, mas também havia aqueles que incluiriam a morte de mulheres e crianças em sua contagem e ririam enquanto a tinta secava. Seria sempre assim; sempre haveria os dois tipos de soldado. Como ele iria encontrar os bons, recrutá-los e confiar na discrição deles enquanto cuidava do lento e difícil trabalho de dar início a uma rebelião?

As tropas de Melliel agora eram apenas um tremeluzir distante no horizonte. A elevação rochosa do cabo bloqueava a visão do mar dali de onde estavam, mas a maresia estava no ar, e o céu estendia-se infinito. Por fim seus irmãos Ilegítimos desapareceram na imensidão.

— E agora? — perguntou Liraz, virando-se para Akiva.

Ele não sabia do que ela estava falando. Liraz. Ele ainda não entendia a irmã. Ela havia cooperado, mesmo que com cautela, com a evocação dos pássaros e a libertação do Kirin, mas parecia atenta e vigilante desde que ele havia voltado do acampamento rebelde. Com a notícia de que os quimeras tinham revidado o ataque a civis, ele temia que ela tentasse convencê-lo a revelar a seus superiores a localização dos inimigos.

Uma impaciência emanava dela, suas asas emitindo faíscas enquanto ela caminhava de um lado a outro, inquieta.

— Como se começa? — perguntou Liraz. Então parou, olhou-o bem dentro de seus olhos e levantou as mãos. Mãos pretas de tinta. — Você disse que basta começar. Então como fazemos isso?

Começar? *Compaixão gera compaixão*, dissera-lhe Akiva. Ele nem sabia o que dizer.

— Você está falando de...?

— Harmonia com as feras? — completou ela. — Não sei. Só sei que já estou cheia de receber ordens de homens como Jael e Joram. Sei que todas as noites uma garota tem que atravessar a passarela sabendo que ninguém vai ajudá-la. Elas são como as *nossas mães*. — Sua voz soava doída. — Eles nos dizem que somos espadas, e que espadas não têm mãe nem pai, mas eu tive uma um dia, e não me lembro nem do nome dela. Não quero mais ser assim. — E levantou mais uma vez as mãos. — Eu fiz coisas... — Sua voz falhou.

Hazael a puxou para si.

— Todos nós fizemos, Lir.

Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados e brilhantes. Mas sem lágrima, que Liraz não era disso.

— Não as coisas que eu fiz. Vocês nunca fariam isso. Vocês são bons. São melhores que eu. Estavam ajudando os quimeras, não é? Enquanto eu... enquanto eu... — Ela não terminou a frase.

Akiva pegou as mãos dela, cobrindo as marcas pretas para que ela não tivesse que vê-las. Lembrou-se do que Madrigal lhe dissera, anos antes, com a mão no coração dele e a dele no dela, e repetiu aquelas palavras à irmã:

— A guerra é tudo que nos ensinaram, Lir. Mas não precisamos mais ser assim. Ainda seremos nós, só que...

— Melhores?

Ele assentiu.

— Como? — A inquietação a dominou. Ela soltou as mãos e voltou a andar de um lado para o outro. — Preciso fazer alguma coisa. Agora.

— Começamos unindo forças, atraindo outros para a causa — disse Hazael. — É o primeiro passo. E eu sei com quem começar.

Sim, percebeu Akiva. Ele ajudaria.

— Isso demoraria muito — disse Liraz impetuosamente.

E Akiva concordou. A ideia de *passos*, de uma cuidadosa progressão de planos e recrutamento e maquinação e táticas, era lenta demais.

— Liraz tem razão. Quantos mais vão morrer enquanto trocamos segredos?

— Então o que fazer? — perguntou Hazael.

Ao longe, um bando de caça-tempestades em movimento dividia o céu. Alguma espécie de bússola interna os impelia para o centro de ventanias, inundações e tumultos e mares agitados, e granizo e naufrágios e relâmpagos; ninguém sabia por quê, mas, naquele instante, Akiva sentiu a mesma atração: de ir em direção ao centro da tempestade em formação dentro dele.

— O primeiro passo é o mesmo desde sempre — disse ele. — Só que está vindo dezoito anos depois.

Ele sabia o que fazer na época, e soube naquele momento também. Enquanto Joram permanecesse no poder, o mundo deles conheceria a guerra e apenas a guerra. Hazael e Liraz franziram o cenho, esperando. E então Akiva disse:

— Vou matar nosso pai.

58
Mel e veneno

O corpo estava estirado no chão. Era praticamente idêntico àquele pelo qual Karou estivera de luto, de forma que, quando ela saiu de seu transe e o viu ali, deu um soluço baixinho e teve que lutar contra o impulso de cair de joelhos e enterrar o rosto na curva daquele pescoço. Mas o *corpo* ainda era só isso: um *corpo*, um invólucro, sem nenhuma alma para animá-lo e abraçá-la de volta. Ela procurou se acalmar; arrancou os tornos dos braços e mãos rapidamente — rápido demais. O sol já tinha nascido, sem dúvida Ten ia aparecer farejando por ali a qualquer minuto. Não querendo perder tempo desparafusando os tornos, puxou-os de uma vez e acabou tendo a pele rasgada em um ou dois pontos.

— Ai! Pare! — gritou Zuzana, agitando as mãos. — Não quero mais ver você se machucando!

Karou a ignorou.

— Depressa. Acenda o incenso.

— Acho que tem alguém vindo — disse Mik, da porta.

Karou assentiu e falou:

— As tábuas.

Ele fechou a porta, firmando-a com pedaços de madeira. A barra não tinha sido substituída; teria feito muito barulho martelar aqueles grandes pregos de ferro de volta na parede. Em vez disso, Mik tinha dado a ideia de cavarem dois sulcos no chão de terra, nos quais ele agora encaixou as tábuas, escorando-as em ângulo com a porta, e apoiando-as na maçaneta e nas dobradiças. Karou esperava que aquilo fosse o bastante.

Ouviram então o suave som de passos e o arranhar de garras nas escadas.

O incenso estava aceso, Zuzana o entregou a ela. A mão de Karou tremia ao colocá-lo na testa do corpo. A fumaça deixou uma ondulada trilha ascendente antes de se dispersar sob o sopro de Karou. Sentiu o cheiro de enxofre, e percebeu que era daí que vinha o nome Brimstone. Como teria sido a vida dele antes de se tornar o ressurreicionista?, perguntou-se Karou. Quando ele era apenas um servo da dor para os magos?

A porta estremeceu um pouco: era Ten tentando abri-la e encontrando uma resistência inesperada. Após um instante de silencioso espanto, ouviram o som surdo de uma batida na madeira.

— Karou?

Ela levantou os olhos, alarmada. Não era Ten, mas Thiago. *Droga.*

— Sim?

— Vim ver se você precisa de alguma coisa. O que está bloqueando a porta?

O que será, não é mesmo?, pensou Karou, que nunca tivera a oportunidade de perguntar a ele sobre a barra da porta. Ele achara que havia dado um jeito na irritante necessidade que Karou tinha de manter sua privacidade? Bem, há várias maneiras de se esfolar um gato. Ou um lobo. Ela respondeu apenas:

— Só um segundo.

Mais uma pausa, Karou mexendo meio atrapalhada no turíbulo — e se encolheu toda quando a corrente chacoalhou, pois teve medo de que ele percebesse o que ela estava fazendo —, até que ouviu mais uma batida na porta.

— Karou?

— Só um *minutinhoooo*! — cantarolou ela, usando a voz para encobrir o som que fez ao abrir o turíbulo.

Ela se ajoelhou ao lado do corpo. Observou, esperou.

A alma efundiu do receptáculo, sua presença a inundando. Eram vaga-lumes em um jardim. Eram olhos brilhando nas sombras. Um movimento rápido e uma bifurcação, mel e veneno, pupilas verticais e a pele lisa e quente.

Era Issa.

Karou ouvia as batidas do próprio coração, uma, duas, três; pulsações distintas e quase dolorosas. Quatro, cinco, e a

mulher-serpente abriu os novos olhos e piscou.

Então Karou conteve um soluço; o tempo parecia ter parado, o soluço se expandindo dentro dela. Thiago bateu à porta com mais força.

— Abra — ordenou ele, sua voz em um simulacro de calma incapaz de esconder sua raiva crescente. Karou não respondeu. Olhava bem nos olhos de Issa.

Pelo que ela havia passado? Como tinha morrido? O que ela sabe? O que vai dizer?

O corpo novo, até então inerte, começou lentamente a ganhar vida. A sutil contração dos músculos, um crispar de dedos, a batida de um coração. O primeiro inspirar, e o peito de Issa subiu. Seus lábios se abriram, e, ao exalar o ar pela primeira vez — a primeiríssima vez —, soltaram junto a palavra *Docinho*.

Karou finalmente deixou escapar o soluço, e seu rosto encontrou o lugar que queria junto ao pescoço de Issa, onde a pele humana dava lugar ao capelo de cobra — a estranha mistura de quente e frio que Karou conhecia desde criança, quando Issa a carregava nos quadris e a embalava para dormir, brincava com ela e a ensinava a falar e a cantar, e a amava e era como uma meia mãe para ela. Yasri tinha sido a outra metade; as duas quimeras a haviam criado. Twiga nunca assumira um papel definido, e Brimstone...

Brimstone. Karou sabia que era ela desde o instante, lá no rio, em que tocara sua alma. O mais estranho conflito de emoções a invadira então: euforia e frustração, amor e decepção, alegria e alucinado desespero. Nenhum dos lados pesou mais do que o outro. Mesmo naquele instante as emoções eram uma balança equilibrada. Issa não era Brimstone, mas... Issa era *Issa*, e Karou a abraçou e a sentiu levantar os braços — trêmulos, inseguros e novos —, envolvendo-a também.

— Você me encontrou — sussurrou Issa.

E Karou, que vivia naquele estranho equilíbrio entre alegria e tristeza, sentiu aquelas palavras pesarem, deixando-a um pouco atordoada. Porque não tinha sido ela.

E sim Akiva.

Mas não havia tempo para pensar nisso. Karou a soltou, e, ao afastar-se, deu à mulher-serpente uma clara visão do que as cercava. Quando ela viu Mik e Zuzana, arregalou os olhos. E sorriu, e, ah, seu rosto era tão adorável — não o rosto que Karou conhecera e amara, mas um bem parecido, com a mesma beleza serena de madona, a pele perfeita e a doçura —, e sua alegria era tão pura e espontânea... Ela conhecia Zuzana da mesma forma que Zuzana a conhecia: dos cadernos de desenho de Karou; Mik ainda não havia entrado em cena quando os portais foram queimados. Zuze abriu um sorriso bobo e acenou, e Issa deu uma risadinha enferrujada.

Então, suavemente, Karou disse:

— Issa, tenho muito para lhe contar, assim como espero que você tenha também, mas é Thiago quem está aí... — Apontou para a porta bem na hora em que um chute fez a madeira vibrar.

Os olhos de Issa se enevoaram ao ouvir falar do Lobo.

— Ele está vivo — disse ela.

— Sim. E vai ficar muito surpreso em ver você.

Surpreso é pouco. Thiago não podia de forma alguma descobrir como Issa tinha ido parar ali; Karou disse isso a ela e a ajudou a erguer-se um pouco, colocando-a em uma posição recostada. Então fez sinal para que Mik pegasse uma das tábuas, enquanto ela pegava a outra.

— *Karou* — chamou Thiago. Sua falsa calma tinha evaporado por completo. — Abra a porta. Por favor.

A um sinal de Karou, Mik e ela, sem dizer nada, tiraram as tábuas e se afastaram. O chute seguinte de Thiago escancarou a porta, o estrondo surpreendendo a ele — e também a Ten, às suas costas.

— Bom dia? — disse Karou, em tom de indagação, olhando com inocência perplexa para a porta aberta à força. — Eu estava terminando uma ressurreição, me desculpem. Não queria ser interrompida no meio. — E, olhando para Ten, continuou: — Você sabe como eu sou com essas coisas.

Thiago franziu o cenho.

— Uma ressurreição? Quem?

Ele olhou em volta, mas só viu Zuzana e Mik. A porta aberta escondia Issa. Quando Karou a fechou, Thiago viu quem

era, e arregalou os olhos para depois estreitá-los. Ten fez o mesmo, e em seguida lançou a Karou um olhar de grande desconfiança.

Antes que qualquer um dos dois pudesse se manifestar, Karou respondeu, em um tom de leve repreensão:

— Você nunca me falou que a alma de Issa estava aqui. — E indicou a pilha de turíbulos. — Tem ideia de como as ressurreições teriam sido mais rápidas se fosse ela me ajudando em vez de Ten?

Para sua grande satisfação, o Lobo Branco ficou sem palavras. Ele abriu a boca, mas nada saiu.

— Não é... — disse ele finalmente. — Não pode ser.

— É, sim — retrucou Karou. — Como você pode ver.

Não havia como a alma de Issa ter estado naquele amontoado de turíbulos, os dois sabiam disso. Aqueles eram todos soldados que haviam servido sob o comando de Thiago e morrido na batalha do cabo Armasin; Issa nunca estaria nem nunca poderia ter sido encontrada entre eles. E no entanto ali estava ela. Karou viu a expressão de Thiago mudar de espanto para confusão e depois frustração: estava tentando pensar em alguma explicação possível para aquilo.

Ele acabou optando pela incredulidade.

— De quem é realmente esta alma, e por que você desperdiçou recursos em um corpo como este?

Foi Issa mesma quem respondeu:

— Em um corpo como este? — Ela olhava para si mesma. — Desde quando um Naja é um desperdício de recursos?

Era uma pergunta justa; Issa não era uma guerreira, mas vários de seu povo, como Nisk e Lisseth, eram.

A resposta de Thiago foi direta:

— Desde que passamos a ter a necessidade premente de *voar*. Os Naja não têm asas.

— E onde estão as *suas* asas? — devolveu Issa. Depois se virou para olhar Ten de cima a baixo. — E as suas?

Perguntas também justas. Thiago não respondeu.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Eu lhe garanto, Thiago, que sou quem Karou diz.

Ainda sem firmeza, ela tomou posse de seu corpo, erguendo-se lentamente em seus anéis de serpente, que formavam um feixe de músculos tão largo quanto os quadris de uma mulher. A ponta de sua cauda já se agitava da maneira como Karou se lembrava. A maravilha da criação a fulminou como não acontecia fazia várias semanas; andava tão exausta que tinha perdido o poder de se encantar — com a ressurreição, com a magia, *consigo mesma*. Ela refizera Issa. Sim, havia feito aquilo.

Issa disse então a Thiago:

— Eu sou Issa, dos Naja, e por oitenta e quatro anos servi ao lado de Brimstone. Naquela época, quantos corpos ele fez para você? O destemido Lobo. Pelo menos quinze, com certeza. E você não lhe agradeceu nem uma única vez.

O lindo sorriso dela fez com que aquilo soasse não como uma repreensão, mas quase como uma terna lembrança.

— Agradecer? Pelo quê? Brimstone fez o trabalho dele, e eu fiz o meu.

— De fato, e você nunca pediu nenhum agradecimento também. Ou adulação.

Não havia sarcasmo na voz dela. Seu tom era tão doce quanto seu sorriso, mas qualquer um que conhecesse Thiago minimamente saberia que ela estava debochando dele. Adulação era vinho para o Lobo Branco; mais ainda: era água e ar. Sempre que voltava a Loramendi de uma campanha bem-sucedida — na mesma hora, no mesmo *momento* —, estendia-se seu estandarte na fachada do palácio. Trombetas soavam, e ele era aclamado em sua travessia pela cidade. Mensageiros eram enviados antes dele para avisar às pessoas que se preparassem. Elas não se ofendiam com isso; apesar de a aclamação ser combinada, era sincera, e Thiago se deleitava com isso.

Uma nota de tensão se insinuou ao redor de sua boca, e ele retrucou:

— Está bem , Issa dos Naja, pois então me conte. Como sua alma veio parar aqui?

Issa não hesitou nem lançou olhares furtivos a Karou. Respondeu com a mais absoluta honestidade:

— Meu caro general, eu não sei. Não sei nem onde "aqui" fica.

Só então ela se virou para Karou, as sobrancelhas erguidas em uma expressão interrogativa.

— Estamos no mundo humano — explicou Karou, o que fez as sobrancelhas de Issa se erguerem ainda mais.

— Ora, que estranho. Pelo visto você tem muito a me contar.

E você a mim, pensou Karou. *Espero*. Agora mesmo, se ao menos ela pudesse se livrar do Lobo. *E* de sua espiã.

— De onde ela veio? — disse Thiago, em um tom de quem não estava com paciência para mentiras. — De onde ela veio *de verdade*?

Ele olhava incisivamente para Karou, mas ela nem vacilou.

— Já falei. — E apontou para a montanha de turíbulos.

— Isso é impossível.

— E, ainda assim, aqui está ela.

Ele apenas a encarou, como se pudesse arrancar a verdade dela com os olhos. Karou o encarou de volta sem medo. *Você conta as suas mentiras*, pensou ela. *E eu, as minhas*.

— E a melhor parte é que não vou mais precisar da ajuda de Ten — continuou ela. — Agora tenho Issa. E meus amigos. E fez um gesto indicando Zuzana e Mik, que testemunhavam tudo da janela.

— Bem, que dia feliz, então — replicou Thiago, em um tom que transmitia tudo menos felicidade.

Karou já havia imaginado, é claro, que ele ficaria muito aborrecido — por ela ter bloqueado a porta, por ressuscitar alguém por conta própria, por ter misteriosamente trazido Issa de volta e por estar descaradamente mentindo para ele —, mas ainda assim o terrível olhar que ele lhe dirigiu a surpreendeu por sua intensidade fora de medida.

Terrível. Uma perversidade venenosa e clara.

Ok, *nessa hora* Karou se encolheu. Não via aquilo nos olhos dele desde... desde que ela era Madrigal. E lembrava muito bem no que aquilo tinha dado.

— E é *mesmo*, muito feliz — disse ela, sentindo-se recuar. Não que tivesse se esquecido daquele olhar, mas, ao vê-lo de novo, Karou se lembrou do calor da rocha negra sob seu rosto, do ar se rompendo ao cair da lâmina. Issa pegou sua mão, e Karou apertou a dela com força, feliz por tê-la ao seu lado. — Vou trabalhar bem mais rápido agora. Não é isso que importa?

Isso e o fato de que foi Akiva quem trouxe o turíbulo, e de que ele esteve bem aqui, *debaixo do seu nariz*.

— Claro — disse Thiago.

Ele então varreu o quarto com o olhar. Karou sabia que não estava imaginando coisas quando o viu erguer a cabeça do mesmo jeito que tinha feito ao sentir o cheiro dela do outro lado do pátio. Ele abriu a narinas de maneira sutil mas inequívoca e estreitou os olhos com desconfiança.

Ele só sentiria o cheiro do incenso ali, disse Karou a si mesma. Somente o odor pungente de enxofre.

Pelo menos era o que esperava, com todas as forças.

— Tenho certeza de que não preciso lembrar a você o que está em jogo — disse Thiago.

Karou fez que não, mas, quando ele se virou para sair, ela se perguntou a que ele se referia. Ao destino das pessoas? Ao sucesso da rebelião? Ela o desafiara, e não podia deixar de pensar que ele falava de algo mais pessoal do que isso.

O que estava em jogo? Sentia-se à beira de um precipício e fustigada por vendavais. O que *não estava* em jogo?

E então, à sua porta, o Lobo trocou um olhar com Ten, tão carregado de intriga — de planos frustrados — que Karou de repente compreendeu algo. Sentiu um calafrio, e sua mente repensou os últimos dias e semanas.

A vigilância constante, as perguntas, todas as pistas e presságios.

"Você poderia ser Kirin de novo", dissera-lhe Ten. "Eu a ressuscitaria. Você só precisaria me mostrar como."

A proposta tinha sido assustadora: colocar sua alma nas mãos de Ten? Mesmo que o fosso não fizesse parte do plano — e fazia —, aquilo lhe parecera muito errado. E agora Karou entendia por quê.

Ten deveria substituí-la. A ideia de Thiago, ao impor-lhe uma assistente, não era *ajudar* Karou. Era *deixar de precisar dela*.

Ela sentiu como se estivesse abrindo os olhos e vendo o Lobo Branco claramente pela primeira vez desde que ele a encontrara vagando pelas ruínas de Loramendi.

Ele ainda quer me matar.

Um calor crescia em seu peito, irradiava até seus membros e subia pelo pescoço, deixando sua pele vermelha. Ela queria gritar. Queria gritar na cara dele o mais alto que pudesse, e até mais do que isso, queria *dar uma gargalhada*. Ele achava mesmo que Ten poderia fazer aquele trabalho? Ela levara anos para aprendê-lo com Brimstone, e mesmo com a orientação dele era preciso ter o dom, não só a prática. Ela nunca se esqueceria do orgulho que sentira na primeira vez que merecera um "Muito

bom", ou da surpresa e do respeito na voz de Brimstone quando vira, contra todas as expectativas dele, que ela tinha jeito para magia.

Ten poderia conjurar um corpo tanto quanto Virko poderia dar um concerto com o violino de Mik.

Karou entendia o jogo de Thiago agora; mas seus planos não tinham dado certo, e ele ainda precisava dela. Então ele teria que mudar o jogo.

Como?

59
Docinho

— Pare de olhar para os peitos dela.

— O quê? — Mik se virou para Zuzana, suas bochechas pálidas ganhando um pontilhado cor-de-rosa. — Não estou olhando!

— Pois *eu* estou — retrucou Zuzana, olhando para Issa. — Não tem como não olhar. São *perfeitos*. Belo trabalho, Karou. Mas será que ela não podia usar uma camiseta?

— Sério? Quantos modelos nus você já desenhou?

— Nenhum — respondeu Mik por ela.

— Está certo. Talvez *você* não tenha desenhado, mas tenho certeza de que já viu uma boa quantidade de peitos.

— Na verdade, não. — Seus olhos correram de novo para Issa. — E, sabe, nunca vi os de uma deusa serpente.

— Ela não é uma deusa — disse Karou de modo carinhoso, embora Issa realmente *parecesse* uma deusa. Ela ainda estava maravilhada: *Issa está viva. Está aqui*. — Ela é uma Naja, e os Naja não usam roupas.

— Certo — disse Zuzana. — Só *cobras*.

— Isso aí.

A primeira coisa que Issa fizera, depois de cumprimentar o grupo de quimeras — o que tomara boa parte da manhã —, tinha sido sair pela casbá e evocar cobras. Karou a acompanhara, um pouco perturbada ao perceber que as serpentes tinham estado ali o tempo todo, inclusive uma naja egípcia extremamente venenosa. Agora, de volta ao seu quarto, as cobras tinham se enroscado na cintura e no pescoço da Naja, inclusive no seu cabelo. Enquanto Karou observava, o rabo de uma das cobras deslizou pela testa de Issa, indo descansar na ponte de seu nariz. Issa riu e colocou-a delicadamente de volta no lugar.

— Elas lhe contaram alguma coisa interessante? — perguntou Karou, deixando o tcheco para falar em quimera.

Estava se lembrando de Avigeth, a cobra-coral que contara a Issa que o caçador Bain escondia seus desejos na barba. Se não fosse por isso, Karou talvez nunca tivesse chegado a Eretz.

A gargalhada de Issa se evaporou. Seu rosto ficou sério.

— Sim — respondeu ela. — Estão dizendo que este lugar fede a morte desde que você chegou aqui.

Karou se sentiu repreendida, como se as cobras a tivessem entregado.

— Bem, é verdade — disse ela. — Nós fizemos o que era preciso.

Na mesma hora aquele “nós” lhe soou sujo, ao se lembrar de Thiago lhe falando: “Estamos nisso juntos.”

O que não era verdade. Estava claro agora que os dois seguiam caminhos muito, mas muito distintos.

Deve ter soado na defensiva, pois Issa olhou para ela com um ar curioso.

— Não tenho a menor dúvida disso, docinho.

Mas então pareceu repensar. Até mesmo as cobras pararam o que faziam, no meio do ato de se enroscar. Karou sabia que elas estavam em sintonia com a mente e as emoções de Issa, que sua imobilidade ecoava a dela, ou seja, que havia chegado a hora de conversarem. Muita coisa havia acontecido mais cedo, muitos quimeras em volta. Alguma coisa no mistério da aparição de Issa — ela era a única sobrevivente de Loramendi — os deixara animados.

A animação também contagiara a Zuzana e Mik. No café da manhã, Karou ficara impressionada ao ver a amiga, que nem falava a língua dos quimeras, fazer uma debochada imitação da performance de Virko ao violino, com direito até ao estridente *iiiiirc* que resultara da tentativa e à reação dela, bem ao estilo do quadro *O grito*. Com isso Zuzana arrancou gargalhadas estrondosas dos sisudos espectros, incluindo do próprio Virko. Em apenas uma refeição ela conseguiu se enturmar mais com aqueles soldados do que Karou conseguira em semanas.

Sua vergonha a impedira de tentar, ela via isso agora. Acreditara-se merecedora daquele desprezo. Mas será que ainda pensava assim? Não aquele desprezo todo, pelo menos — não a parte que resultava das mentiras de Thiago.

Ela vira Ziri no salão durante o café da manhã. Embora não tivessem se falado, sentira uma forte conexão no olhar que trocaram. Um segredo... e algo mais? Karou tanto havia desejado que Ziri fosse um amigo, e agora parecia que de fato ele era, e ela percebia que tinha que agradecer a Akiva por isso também. O anjo salvara a vida dele e lhe trouxera a alma de Issa.

Por quê?

Issa estava diante dela agora, as cobras imóveis a não ser pelo agitar das línguas. Seu rosto de madona estava sereno, mas atento. Esperando. Esperando pela pergunta de Karou?

A manhã inteira ela resistira à vontade de perguntar, com medo da resposta. Mas agora precisava saber. Respirou fundo.

— Ele se foi mesmo?

Os lábios de Issa tremeram, e ela entendeu. Sentiu os olhos arderem.

— Ele ainda estava vivo quando nos mandou embora — disse Issa. — Mas não tinha esperanças de permanecer assim por muito mais tempo.

— Mandou vocês embora? — É claro, Akiva encontrara o turíbulo nas cavernas dos Kirin. *Por que ele fora até lá?* Lar de sua primeira infância, aquele era também o lugar onde eles tinham planejado se encontrar, muito tempo antes. Onde tinham planejado dar início a uma rebelião. Então de repente o "nos" a fulminou. — Yasri e Twiga também?

— Brimstone permitiu que Twiga ficasse com ele, mas era preciso que Yasri e eu sobrevivêssemos. *Por você*, quando voltasse. Ele sabia que você voltaria.

— Ele sabia? — perguntou Karou, hesitante. Respirou fundo várias vezes, contendo as lágrimas com dificuldade. — Ele acreditava em mim?

Bem que ela dissera a Brimstone que não era uma borboleta que se enxotava pela janela.

— É claro. Ele a conhecia bem, criança. — Um esboço de sorriso, amargo e doce ao mesmo tempo. — Melhor do que você mesma.

Karou soltou uma pequena risada. Um breve soluço escapou junto.

— Ah, isso com certeza — disse ela.

Os olhos de Issa brilhavam, úmidos, mas ela conseguiu segurar as lágrimas. Karou pegou as mãos dela e apertou-as com força, e as duas ficaram assim enquanto contavam suas histórias.

Zuzana e Mik tinham voltado a dormir, embalados pelo calor da tarde, e os sons da casbá chegavam até elas através das venezianas fechadas: lutas no pátio, o retinir de lâminas. Vozes.

— Depois que os portais foram queimados, sabíamos que não demoraria muito — contava Issa. — Joram atacou com uma violência jamais vista. Nossos exércitos encolhiam a cada dia, e mais e mais quimeras chegavam aos portões, indo para Loramendi em busca de... segurança. — Issa engoliu em seco. Sua voz não passava de um sussurro. — A cidade estava tão cheia. — Ela olhou para suas mãos e as de Karou, ainda juntas. — Os serafins também sofreram grandes perdas. Joram os enviou para a morte, tantos, tantos... Ele sabia que ficaríamos sem soldados primeiro, e foi o que aconteceu. Um cálculo tão simples, no final das contas. Loramendi foi cercada. Foi então que Brimstone...

O tremor tomou conta de sua voz, e Issa puxou uma das mãos para levar à boca. Karou ainda segurava sua outra mão, e gostaria de poder fazer mais. Nada faz alguém se sentir tão inútil quanto a dor de outra pessoa.

Issa tentava dominar as emoções. Quando levantou os olhos de novo, parecia arrasada. Era um olhar tão aterrorizado pelas lembranças que Karou sentiu uma pontada de medo.

— Issa...

Mas ela a interrompeu.

— Queríamos ficar com ele até o fim. — Ela apertou as mãos de Karou. — É claro que eu queria ver você de novo, e ajudá-la, mas deixá-lo ali, depois de... — Issa não conseguiu terminar a frase. Apertou os lábios até ficarem brancos. Seu rosto inteiro estava tenso pelo esforço que fazia para não chorar. Ela respirou fundo. Mais uma vez. — Mas ele ainda precisava de nós. Então Yasri e eu... morremos também.

Também?

O que ela estava deixando de contar? Karou foi tomada pelo pavor. O que tinha acontecido em Loramendi? Imagens rodopiavam em sua mente. Ela balançou a cabeça. Viu Issa e Yasri sangrando serenamente de feridas indolores até seus cílios

tremularem e seus olhos se fecharem. Ou será que elas tinham tomado chá de réquiem e adormecido, para não mais acordarem? E, no fim de tudo isso, imaginou Brimstone e Twiga curvados, estoicos e em silêncio, colhendo as almas das duas mulheres que tinham sido suas companheiras por décadas.

— Ele não poderia ter tirado vocês de lá vivas? — perguntou Karou, em um lamento.

Issa olhou para ela, e Karou soube que dissera a coisa errada. Até parece que aquela decisão tinha sido tomada levianamente!

— Não, criança. — Ela estava tão triste. — Mesmo que conseguíssemos sair, o que faríamos, esperando escondidas, aflitas e preocupadas? Passaríamos fome e sede, seríamos descobertas, mortas? A estase é boa; não precisamos nem ser corajosas. Éramos mensagens em garrafas. — Ela sorriu. — *Mensageiras* em garrafas.

E qual era a mensagem? Quando Brimstone vira que enfrentaria a morte, após uma vida que começara com escravidão, vivida com muita dor e sacrifício, prolongada pela guerra e que logo terminaria brutalmente, o que ele pensara em lhe dizer? Sentindo-se como se estivesse sendo reprovada em um teste, Karou não conseguiu perguntar. Pelo menos não ainda.

Issa lhe contou que foram pássaros mensageiros quem levou os turíbulos contendo as almas delas para longe: corvos-morcego, ou squalls, como Kishmish. Esconderam-nos em lugares em que Karou poderia vir a encontrá-los. A alma de Yasri, descobriu, estava nas ruínas do templo de Ellai.

— Ele achava que eu iria até lá? Que aquele lugar ainda teria algum significado para mim?

Issa ficou surpresa.

— Sim, criança. Quando você partiu o osso da sorte e lembrou...

— Quando eu lembrei que condenei o meu povo?

— Docinho, o que está dizendo? Não foi *você* que nos condenou. Foram milhares de anos de ódio.

— Milhares de anos de ódio nos condenaram à guerra, talvez. Não à aniquilação.

— O fim estava próximo de qualquer forma. Talvez viesse em um ano ou em cem, mas estava próximo. Quanto tempo uma guerra pode durar?

— Isso é uma charada? *Quanto tempo uma guerra pode durar?*

— Não, Karou. A charada é: como uma guerra pode *terminar*? Aniquilação é uma forma. Foi a escolhida por Joram. *Ele* fez isso, não você. Você sonhou com uma forma diferente. Akiva também. Vocês dois tiveram a capacidade de não odiar. A ousadia de amar. Você entende que presente incrível isso é?

— Um presente? — Karou sentiu-se sufocar. — Uma facada nas costas, isso sim! — Zuzana se mexeu na cama, e Karou abaixou a voz. — Foi uma ilusão. Uma loucura. Aquilo não era amor. Era estupidez...

— Foi corajoso — rebateu Issa. — Foi raro. *Era* amor, e foi lindo.

— *Lindo*. Estamos falando da mesma história? Eu morri, e ele traiu tudo com que tínhamos sonhado.

— Ele estava destruído, Karou. O que acha que *você* teria feito?

Karou olhava fixamente para Issa. Ela estava defendendo Akiva?

— O que você teria feito se tivesse sido você a ser levada pelos serafins, depois torturada e obrigada a assistir à decapitação *dele*? E pense: o que vocês poderiam ter feito, juntos, se Thiago não os tivesse detido? Como poderia ser o mundo agora?

— Eu... não sei. Talvez Thiago estivesse morto, e Brimstone, vivo.

Por um instante — ainda que apenas por um instante — parecia que a culpa era toda de Thiago, e não dela. Ela acreditara, na época, que eles tinham o Destino ao seu lado, mas o Lobo intimidara o destino, dobrara-o a sua submissão, e aquele era o resultado.

A mulher-serpente perguntou baixinho, suavemente:

— Vamos, me diga: o que é que você anda fazendo, criança?

Karou não podia responder. *Matando anjos. Matando crianças.* Apertou os lábios. *Vingando sua morte*, pensou em seguida, e a hipocrisia disso a abalou profundamente. Se era isso o que ela estava fazendo, como podia ser melhor do que *ele*?

Não. Não era a mesma coisa. Ela soltou o ar, aflita, e as palavras saíram junto:

— Lutando pela sobrevivência das raças quimeras.

Será *mesmo*? A rebelião estava nas mãos de Thiago, não nas dela, e com todo o sigilo que ele mantinha, como ela poderia saber *pelo que* estavam lutando?

O que Akiva lhe dissera no rio? Que poderia ou não haver quimeras no futuro, dependendo do que eles fizessem agora. Quer dizer, ele dissera várias coisas. Karou ficara tão abalada com a presença dele, com a própria fúria — com a saudade que sentia dele —, que não tinha pensado direito nisso na hora. Ele estava falando de vida, de escolhas. E do futuro, como se pudesse haver um.

E o que ela dissera? A primeira coisa capaz de magoá-lo que lhe ocorrera na hora.

Karou sabia que precisava contar tudo a Issa, principalmente como o turíbulo tinha chegado às mãos dela, mas como era difícil falar o nome de Akiva e ao mesmo tempo olhar nos olhos dela. Então contou do retorno de Ziri até a aparição de Akiva no rio, antes de falar sobre o que acontecera em Marrakech e até em Praga. É claro que Issa não sabia de nada disso, e Karou sentiu muita vergonha em admitir que tinha... se apaixonado por ele de novo. Omitiu a parte do beijo. Issa não fez nenhum julgamento, falando apenas quando queria incentivá-la a continuar, mas Karou sentia como se estivesse sendo avaliada. Tentou manter a voz tranquila, o rosto sereno, para provar que Akiva não era mais nada além de um serafim inimigo. Quanto terminou, Issa ficou em silêncio por um instante, pensativa.

— O que foi? — perguntou Karou, na defensiva.

— Então... — disse Issa, escolhendo as palavras com precisão, como se colocasse cartas em uma mesa. — Akiva seguiu Ziri até aqui. — Uma pausa. — Você tem medo de que ele possa revelar nossa localização para os serafins?

A pergunta lançou sobre ela uma rajada dormente de choque. *Ah*, pensou ela. *Isso*.

Ela vinha se preocupando em não deixar os quimeras descobrirem sobre a visita de Akiva, não em evitar que Akiva descobrisse mais sobre os rebeldes quimeras. O que isso significava? Ela lhe dissera que nunca confiara nele, e ele acreditara facilmente nessa mentira. Como ela podia continuar confiando nele?

Se não confiasse, não teria corrido para a casbá para convencer Thiago a cuidar logo dos preparativos para saírem dali? Mas não; isso nem lhe ocorrera.

Porque não era Akiva que ela temia.

— Aconteça o que acontecer — dissera-lhe ele em Marrakech, pouco antes de partirem o osso da sorte —, preciso que você se lembre de que eu a amo.

Ela prometera — ofegante, incapaz no momento de imaginar uma realidade em que desejaria não se lembrar disso. E mantivera a promessa, contra sua vontade: pois *queria* esquecer. Mas a certeza veio rápido: Akiva a amava. Não a magoaria. Ela sabia disso.

Com um fiapo de voz, e relutante em admitir — parecia que era *ela* que o estava defendendo agora —, Karou disse:

— Ele não vai fazer isso.

Issa assentiu, séria e triste, olhando para Karou. Ela a conhecia tão bem que Karou se sentia como um livro aberto, todos os seus segredos e fraquezas lá expostos e seu coração de traidora pulsando na página.

— Está bem, então — disse Issa, confiando na confiança de Karou, e pronto.

Issa então se virou em direção à mesa e às bandejas de dentes e, com forçada leveza, disse:

— Agora talvez seja melhor começarmos a trabalhar, para o Lobo não pensar que não valemos o aborrecimento causado por nossas bocas insolentes.

Havia mais a ser dito, e Karou sabia. Havia uma mensagem; havia a lacuna no relato de Issa, uma omissão que, fosse o que fosse, a assombrava. Karou nunca vira Issa abatida daquele jeito. *Ela vai me contar quando estiver pronta*, pensou, tentando acreditar que fora pensando no bem de Issa que não perguntara logo, mas no fundo sabendo muito bem que o que a impedira tinha sido apenas seu próprio medo.

60
O novo jogo

Uma coisa era verdade: o trabalho realmente andava muito mais rápido com a ajuda de Issa e de Zuzana. Com dois pares de mãos hábeis a seu dispor, ela podia delegar toda tarefa que não fosse a conjuração em si. Agora então, com Ziri pagando o dízimo — ele se oferecera de maneira insistente, chegando até a implorar, como forma de recompensá-la por sua magia —, Karou sentia como se não estivesse fazendo praticamente nada. Seu quarto ficava cheio demais. Era sufocante, as asas de Ziri tomavam muito espaço, e a cauda de Issa parecia tomar o chão inteiro, mas Karou se sentia... feliz. Feliz *de verdade*, não feliz como em *O cálice sagrado*. E adivinhem qual era a tarefa que ela ficava mais feliz em delegar, mais até do que o dízimo? A matemática.

— Eu sou bom em matemática — ofereceu-se Mik, ao ouvir por acaso suas reclamações a respeito dos cálculos da proporção asa-peso. — Posso ajudar?

Quando viu que ele podia *mesmo* ajudar, Karou ajoelhou-se no chão.

— Deuses da matemática e da física — entoou —, aceito sua dádiva na forma deste garoto inteligente de cabelo claro.

— Este *homem* — corrigiu Mik, ofendido. — Veja: costeletas. Pelo no peito. Um pouco, pelo menos.

— Este homem — retificou Karou, levantando-se e se curvando de novo em uma falsa prece. — Obrigada, deuses, por este homem... — Ela parou o que dizia para perguntar a Zuzana, com sua voz normal: — Espere aí. Isso faz de você uma *mulher*?

Karou só queria dizer que era estranho pensar em Zuzana — e nela mesma também — não mais como uma *garota*, e sim como uma *mulher*. O termo soava estranhamente velho. Mas a resposta de Zuzana (usando todo o poder de suas sobrancelhas a serviço da lascívia) foi:

— Bem, sim, já que você perguntou. Este homem fez de mim uma mulher. Dói pra caramba no início, mas depois melhora. — Então sorriu como um personagem de animê. — Muito. Melhora muito.

O pobre Mik ficou vermelho como um tomate, e Karou cobriu os ouvidos com as mãos.

— Lá, lá, lá!

Quando Ziri lhe perguntou do que estavam falando, ela também ficou vermelha e não explicou, o que só fez com que *ele* também corasse, imaginando qual devia ser o assunto.

Ao fim daquele primeiro dia, tinham feito cinco novos soldados para a rebelião, o dobro da média de Karou quando trabalhava com Ten, mesmo tendo começado tarde, pois ela precisara explicar os conceitos básicos a Zuzana e Mik. Seguiram a ordem de nomes e as especificações de Thiago, para aplacá-lo, mesmo quando viram que o turíbulo que Zuzana pegara ao acaso — aquele com que vinha perturbando Karou desde o dia em que chegara — continha Haxaya. A soldada raposa fora amiga de Madrigal no passado, e sua alma a fazia lembrar-se do pôr do sol e de risadas, ferinas como seus dentes; Haxaya era agradável de se ter ao lado... o que fez Karou começar a pensar em lados.

Em quem ela podia confiar? Os soldados do exército quimérico eram e sempre tinham sido extremamente leais ao general. Mas Karou tinha Issa, é claro, e Ziri, que se arriscava quando ia ao quarto dela para pagar o dízimo. Talvez o restante da patrulha de Balieros. Eles continuavam em estase, então não dava para ter certeza. Talvez Amzallag estivesse insatisfeito com as táticas de Thiago, assim como Bast, provavelmente. E ela gostava de Virko. Gostava de sua natureza jovial e cooperativa, e, a julgar por aquele dia em que ele vomitara, não era muito fã daquelas missões de terror, mas ela não conseguia imaginá-lo desafiando o Lobo.

Mas que ideias eram aquelas? Karou não conseguia nem *se* imaginar desafiando o Lobo, que dirá cogitar pedir isso aos outros. Contara a Ziri sobre suas desconfianças, contara que o Lobo queria matá-la, e, para seu total desconforto, ele não demonstrara nenhuma surpresa.

— Ele quer estar no controle de tudo — respondera Ziri. — E você provou há muito tempo que não está sob o encanto

dele.

Ah sim, ela havia provado isso mesmo. A pergunta que ecoava em sua mente agora era: *O que eu posso fazer?*

Não podia continuar cooperando com ele. O caminho que ele seguia era bárbaro, o que já era bem ruim, mas também significava a ruína. O que ele havia causado ao povo do sul, por exemplo. Ela às vezes pensava que, se os soldados entendessem os efeitos daquela estratégia — se conseguisse fazer com que eles *enxergassem* —, então deixariam de apoiar Thiago. Mas, é claro, eles entendiam. Essa era a pior parte. E tinham seguido suas ordens mesmo assim, exceto uma única equipe.

E tampouco ela podia enfrentá-lo. Thiago era como um deus para eles; e ela? O que era ela? Uma amante de anjo em pele de humana? E mesmo que alguém lhe desse ouvidos, ela não tinha jeito nenhum para líder. Fazia muito tempo desde que sequer lutara em uma batalha, e estava com medo. Da responsabilidade, do império, das poucas chances que tinham de sobreviver e, acima de tudo, do próprio Thiago. Naquele exato instante, tinha medo de ver aquela crueldade nos olhos dele de novo.

— Talvez outro dia — dissera ela a Zuzana, fechando o turíbulo de Haxaya e colocando-o de lado. — No momento vamos tentar deixar o Lobo feliz.

E Thiago *estava* feliz com o trabalho deles. Quando lhe apresentaram os cinco novos soldados, ele disse:

— Muito bem.

Sua máscara estava de volta. Ele era todo gentilezas durante o jantar, chegando até a servir-lhes vinho — vinho? Aquilo era mercadoria rara, e não fora Karou quem conseguira —, para um brinde aos cinco novos espectros.

— À sobrevivência — disse ele, e Karou se perguntou: *De quem?*

Ao entregar aqueles novos soldados a Thiago — aquelas *armas* —, ela não esqueceu, nem por um segundo, para que eles seriam usados. Era repugnante, mas desafiá-lo não ajudaria em nada. Ela via a maneira como os outros o olhavam: com um inflamado misto de respeito e temor, desejosos de sua atenção e radiantes quando a recebiam. E via como Thiago lidava com eles, persuadindo e conquistando seus soldados, fazendo com que se sentissem especiais, escolhidos, sua última força.

Ela observou enquanto Thiago servia o vinho, mas, quando viu o formato esférico da garrafa, perdeu o interesse pela bebida. Não era um vinho quimera, de cor verde-clara, e sim um vinho serafim, tinto. Um dos soldados devia ter trazido a bebida de alguma cidade saqueada.

Ela se recostou na cadeira, brincando com o cuscuz no prato.

— Não vai beber? — perguntou Thiago, sentando-se ao seu lado.

— Não, obrigada.

— Há quem acredite que dá azar recusar um brinde — disse ele. — Que assim a bênção do brinde não alcança a pessoa.

O quê, do brinde dele à sobrevivência?

— Então quer dizer que se eu não beber do seu vinho, não vou sobreviver?

Ele deu de ombros.

— Não sou supersticioso. Mas é um bom vinho. — Ele bebeu. — Temos tão poucos prazeres ultimamente, e concordamos hoje mais cedo que este é um bom dia. Cinco soldados se unindo à luta, Issa de volta... sabe-se lá como. — Os dois olharam para Issa, sentada mais adiante na mesa com Nisk e Lisseth, ambos Naja também (ou ao menos a reinterpretação que Karou fizera dos Naja). — E, é claro, você tem seus amigos. — Ele apontou com a cabeça em direção a Zuzana e Mik.

Os dois estavam sentados de pernas cruzadas no chão, em um círculo de soldados, apontando para algumas coisas e aprendendo mais palavras em quimera: *sal, rato, comer*, a combinação infeliz das três palavras fazendo Zuzana rejeitar a carne em seu prato.

— Parece frango — disse Mik, dando uma mordida.

— Só estou dizendo que havia muito mais ratos aqui hoje cedo.

— Provas circunstanciais. — Mik deu mais uma mordida e disse, em um quimera razoável e arrancando gargalhadas dos outros: — Delicioso rato salgado.

— É *frango* — insistiu uma das Sombras Vivas.

Karou não sabia ao certo qual das duas era, mas ela agitava os braços como se fossem asas e até ergueu alguns ossos de

galinha, tirados só Deus sabia de onde, para provar. *Agora eu já vi de tudo. As Sombras Vivas, imitando galinhas.*

A presença de seus amigos tinha mudado muito o clima na casbá, e para melhor. Ela estava adorando poder contar com a ajuda deles, assim como adorava ter a companhia deles. Mas, observando os dois ali de onde estava, ao lado de Thiago, e sabendo o que agora sabia, começou a ter um mau pressentimento.

— Pois é — disse ela, tentando um tom de voz ameno e casual. — Tenho meus amigos. Mas eles estão só de visita. Logo devem ir embora.

— Ah, que pena. Eles têm ajudado tanto. Aposto que você consegue convencê-los a ficar.

— Duvido muito. Eles têm seus compromissos.

— Mas o que poderia ser mais importante do que ajudar você? — Karou sentiu seu campo de visão se estreitar, como uma lente focando em seus amigos. Então era esse o novo jogo dele. A voz de Thiago era macia como veludo. — Eu detestaria que você os perdesse.

Perdê-los? Karou sentiu o sangue pulsando nos ouvidos. As ameaças de Thiago eram tão claras quanto a pele dele, mas ela não tinha dúvida de que o que havia por trás daquilo era sangue. Seus amigos eram uma vulnerabilidade. Ela se preocupava com eles. Thiago não estava interessado nos dedos habilidosos de Zuzana ou nos cálculos rápidos de Mik. Só havia uma razão para ele querer mantê-los ali: para usá-los como um meio de controlá-la. Ela deixou o fingimento de lado.

— Eu fico com Ten no lugar deles — disse suavemente. — Mas deixe os dois irem embora.

— Ah, acho que não. Ten possui muitas qualidades, mas acho que podemos concordar que servem mais para *compelir* a ressurreicionista do que para tornar-se uma.

— Não preciso ser compelida. Fiz tudo o que você pediu.

— De onde Issa veio?

A pergunta a pegou de surpresa. Sua hesitação foi mínima, mas estava lá, e provocou um sorriso cansado nele.

— Eu já disse.

— De verdade.

Karou sentiu seu corpo gelar. Ficou ali sentada vendo Zuzana fazer uma marionete barulhenta com os ossos de galinha. O boneco tinha juntas de corda e uma tigela lascada no lugar da cabeça, mas de alguma forma ela conseguira fazer aquela coisa parecer *viva*, se aproximando dos soldados e implorando por restos de comida. Os soldados aplaudiam e tocavam os tambores que Karou levara. Zuzana fez a marionete dançar até cair a cabeça, e então começaram a pedir que Mik tocasse o violino.

— Experimente o vinho — disse Thiago, levantando-se para sair. — É excelente. Sabe o que dizem sobre o vinho dos anjos? Quanto mais sangrento, melhor.

Ela não bebeu. Depois, no pátio com Issa, Karou ficou observando Thiago, mas ele apenas se sentou recostado na parede, sozinho, a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, ouvindo a música.

Mas havia outros olhos abertos. Em meio às sombras, na galeria, Ten andava de um lado para o outro. Estava de olho em Karou, e nem tentava disfarçar. Não desviava o olhar nem quando girava para mudar de direção. De um lado para o outro, de um lado para o outro, incansavelmente. Era como se o próprio ódio do Lobo tivesse tomado corpo na forma dela — um corpo animal, com instinto de predador e dentes afiados, ávido pela ordem de matar que não tivera o prazer de receber.

Karou ficou toda arrepiada. Observou os soldados ali reunidos, todos arrebatados pela música de Mik. Alguns estavam de olhos fechados; outros, abertos. E ela nem sabia direito o que estava procurando.

— Não acho que ajudei você ao ressuscitá-la — disse gentilmente a Issa. O que ela lhe dissera antes mesmo, que a estase era tranquila? — Você estava mais segura no turíbulo.

A resposta de Issa foi igualmente gentil:

— Minha segurança não é importante.

— O quê? Para mim, é.

— *Você* é importante, Karou. E a mensagem é importante.

A mensagem. Karou ficou muda. Parecia haver uma lacuna pairando entre as duas — um silêncio mais profundo que a música, esperando que ela o preenchesse com uma pergunta. O que Brimstone queria que ela soubesse? Estava na hora de perguntar. Ela nunca mais ouviria a voz dele, mas pelo menos tinha suas palavras, sua mensagem.

— É uma mensagem boa ou ruim? — perguntou a Issa.

A pergunta errada, ela sabia. Mas não pôde evitar.

— Um pouco dos dois, docinho — respondeu Issa. — Como todas as coisas.

61
UM MONTE DE AKIVAS MORTOS

— Como os Stelian entraram no refúgio sagrado? — refletia Hazael. — Se Akiva pudesse descobrir *isso*...

Liraz cortou-o logo:

— Mesmo que ele pudesse, nós não somos assassinos.

— Não por falta de tentativa.

Após o episódio da cesta de frutas, a informação que chegara até eles fora a de que Joram se fechara na Torre da Conquista, e que tinha até mesmo suspendido suas audiências com os cidadãos. Não havia forma de se aproximar dele. Pelo menos ainda não haviam pensado em *nenhuma*.

— Você me entendeu. Não somos de entrar furtivamente nos lugares e não somos as Sombras Vivas. Nosso pai verá nosso rosto antes de morrer.

— Eu sei. Você prefere que suas vítimas saibam quem as matou — recitou Hazael, como quem já tivesse ouvido aquilo uma centena de vezes.

— Principalmente desta vez — disse Akiva. — E é preciso que haja testemunhas.

Os dois olharam para ele, surpresos. Akiva vinha fazendo o *kata*, procurando alcançar o *sirithar*. Tentava encontrar um lugar calmo onde pudesse pensar em uma solução, mas não tinha conseguido nenhuma das duas: nem calma, nem solução.

— As pessoas têm que saber que fomos nós — disse ele, embainhando as espadas. — Ou então vão culpar os Stelian ou as Sombras Vivas, e Japheth não terá escolha a não ser assumir as guerras do pai.

Japheth era o príncipe herdeiro. Isso porque o irmão mais velho tinha sido assassinado pelo irmão do meio, que depois também fora assassinado no templo, naquela mesma noite, enquanto rezava para que os deuses da luz perdoassem seu pecado. Era lembrado como o Imperdoado; o irmão que ele assassinara era o Vingado, e Japheth era apenas Japheth. Ele não era nenhum modelo de conduta; era um frouxo, que não gostava de sair da Torre da Conquista nem mesmo com escolta completa. Um covarde, mas o tipo certo de covarde: o que fugiria da guerra mesmo que ele próprio não precisasse lutar. Pelo menos era o que Akiva esperava.

— E assim os Ilegítimos se tornarão o inimigo — disse Hazael, melancolicamente.

— O povo já nos despreza mesmo — disse Liraz. — Vão ficar felizes por ser nossa culpa.

— Vão mesmo — disse Akiva. — Vão dizer que Joram deveria ter imaginado que isso aconteceria, que a culpa foi dele mesmo, por colocar tantos bastardos no mundo. Ficarão chocados, e será o nosso fim.

— E quando você diz *nosso*, está falando...

— De todos nós. — Eram palavras pesadas. — Isso vai custar a vida de todos nós.

— Então nós três decidiremos o destino de trezentos? — perguntou Hazael.

— Isso mesmo — disse Akiva.

Ele olhou para o mar. Trezentos. *Só trezentos*. Tantos já perdidos. Akiva decidira o destino *deles*, não? Tinha dado início àquilo tudo. A guerra vinha acontecendo fazia anos, mas, com os portais queimados, terminara de vez em questão de meses. Com Brimstone paralisado, sem ter como recuperar seu suprimento, Joram avançara sobre os quimeras com todo e qualquer possível soldado sob seu comando, e eles sofreram inúmeras perdas em todas as frentes: o Domínio, a Segunda Legião, até mesmo os batedores e a marinha do império, mas os Ilegítimos foram os mais duramente atingidos, por serem dispensáveis, infinitamente renováveis. Sendo seu número já pequeno para começar, o índice de baixas entre eles foi espantoso: apenas um em quatro conseguiu sobreviver.

— Vamos avisar os outros — disse Akiva. — Eles vão deixar seus regimentos e se juntar a nós. Vocês conseguem pensar em alguém que tenha menos a perder?

— Escravos — respondeu Hazael.

— Nós *somos* escravos — disse Akiva. — Mas não por muito mais tempo.

Ao longo dos dias que se seguiram, eles começaram a lançar cautelosos alertas a seus irmãos bastardos; apenas de boca em boca, à medida que as tropas passavam pelo cabo Armasin. Alguns voos noturnos foram necessários, ocultos por encanto, para alcançar destacamentos distantes. Os Ilegítimos estavam espalhados pelos quatro cantos do império, uns aqui, outros ali. Akiva pensou em Melliel e seu regimento, mas não tinha como alcançá-los. O que será que tinham encontrado além do horizonte? Será que estavam vivos, que alguma das tropas que eles tinham ido encontrar estava viva, que haviam conseguido voltar? Ninguém tinha retornado ainda, nenhum dos mensageiros, batedores ou tropas avançadas de Joram. *Ninguém* que voara em direção às Ilhas Longínquas retornara.

Seria de se pensar que isso esfriaria o ardor do imperador com relação à conquista, mas os boatos que vinham da capital sugeriam justamente o contrário. Hazael arrancava toda a informação possível dos passantes — e havia cada vez mais viajantes naqueles dias, pois nobres com uma pesada escolta cruzavam as águas para inspecionar suas novas propriedades —, e os fragmentos de notícias formavam um estranho mosaico.

— Ele está planejando uma invasão? — indagou Akiva. — Não faz o menor sentido.

— Mil túnicas completamente brancas — relatara Hazael. Eram boatos como este que eles ouviam dos senhores e seus criados. — Ele mandou fazer mil túnicas completamente brancas, com estandartes igualmente brancos. — Hazael fez uma pausa. — Para os soldados do Domínio.

— Do Domínio?

Fazia cada vez menos sentido. Em primeiro lugar, a cor do Domínio era vermelha. Branco significava rendição, e Joram não se rendia. Mas a cor era um mero detalhe comparado à questão mais importante: aquelas coisas estavam sendo preparadas *para quê*? Estandartes e túnicas novos... para impressionar o inimigo? Que tipo de impressão o branco causava? E o que poderia estar encorajando Joram a enviar mais tropas para aquele lugar ermo, e justo as tropas do Domínio? Ele nunca arriscaria perder seu exército de elite nas misteriosas brumas daquele lugar. Os Ilegítimos talvez, mas o Domínio?

— E isso por pressão do próprio Jael — continuou Hazael. — Estão dizendo por aí que a ideia é dele.

Jael? O capitão do Domínio podia ter vários defeitos monstruosos, mas não era burro. Sem contar a questão dos harpistas. Joram ordenara que os harpistas do monastério de Brightseeming interrompessem sua devoção aos deuses da luz e fossem para Astrae, onde se vestiriam de branco, como os soldados do Domínio.

— Tem alguma coisa acontecendo — disse Akiva. — Alguma coisa que ainda não se transformou em boato. Mas *o quê?*

— Acho que vocês vão descobrir agora.

Era Liraz, entrando no alojamento com um pergaminho na mão. Estendeu-o para Akiva: o pergaminho exibia o selo imperial. Ele congelou, sabendo o que poderia ser, e olhou para os irmãos.

— Rápido — apressou Hazael, tenso.

Então Akiva quebrou o selo, desenrolou o pergaminho e leu a convocação em voz alta:

— Vossa Eminência Joram, o Invencível, Primeiro Cidadão do Império dos Serafins, Protetor de Eretz, Pai de Legiões, Príncipe da Luz e Flagelo da Escuridão, Escolhido dos Deuses da Luz, Senhor das Cinzas, Senhor dos Queimados, Senhor de uma Terra de Fantasmas...

Hazael pegou o pergaminho para ver se os últimos três títulos estavam mesmo escritos e viu que não, então decidiu ele mesmo continuar a leitura.

— ... em reconhecimento aos serviços heroicos prestados ao reino, convoca a se apresentar em sua presença o soldado Akiva, da tropa dos Ilegítimos, sétimo de seu nome... — Hazael parou de ler e olhou para Akiva. — Você é o *sétimo*? Nossa, é um monte de Akivas mortos, meu irmão. Sabe o que isso significa? — Ele estava muito sério.

— Não. O que significa?

Akiva se preparou para ouvir um mau presságio inventado como zombaria. Seis bastardos tinham recebido aquele nome antes dele? Sim, era *muita* coisa. Alguns deviam ter morrido na infância, ou no campo de treinamento. Hazael provavelmente lhe diria que o nome era amaldiçoado.

Mas não. Em vez disso, seu irmão falou:

— Significa que a urna de cremação está cheia, não há espaço para as suas cinzas. Você não tem escolha. — Então abriu

seu largo e infeliz sorriso. — Não pode morrer.

62
Corrente

Serviços heroicos prestados ao reino.

Akiva estava sendo convocado a se apresentar em Astrae pelos "serviços heroicos prestados ao reino". Se isso tivesse acontecido meses antes, logo após a destruição de Loramendi, talvez fizesse algum sentido. Mas já fazia tempo que as medalhas tinham sido distribuídas, e os despojos, divididos. Akiva tinha sido esquecido, como todos os outros Ilegítimos, então por que aquela convocação?

Liraz estava apreensiva.

— E se Joram souber de alguma coisa?

Estavam voando, e tudo o que se via era o mar da Serenidade, em todas as direções. Ela gostava de sobrevoar o mar: a imensidão, o ar limpo e sem cinzas, o silêncio. Mas não gostava de para onde estava indo.

— O que ele poderia saber? — retrucou Akiva. — E, mesmo que saiba, talvez nunca mais tenhamos outra chance como esta.

Talvez nunca mais tivessem outra chance de ficarem cara a cara com o pai e de dar um fim à brutal vida que ele levava. Liraz nunca nem tinha visto Joram de perto. Mas o dia havia chegado, e seu sangue seria derramado.

— Eu sei — disse ela, e não insistiu mais na ideia. Qualquer protesto que fizesse poderia parecer medo. Medo de Joram. Do fracasso.

Liraz *estava* com medo. Era um medo pungente, como voar para dentro de uma tempestade de areia; isso a envergonhava, e ela nunca o admitiria. A destemida Liraz. Ah, se eles soubessem... Ela queria dizer*: É perigoso demais*. Queria convencer os irmãos de que em Astrae — na não menos sagrada Torre da Conquista — haveria muitos fatores além do controle deles. *Melhor sumirmos agora*, pensou ela, *e derrubarmos Joram de fora do império do que voarmos em direção à armadilha. À* teia *dele.*

Embora ela não externasse seus medos e, claro, não demonstrasse o que sentia, Hazael se aproximou dela e disse:

— Joram provavelmente só quer usar nosso ilustre irmão para atingir seus objetivos. Combater os rebeldes? Quem melhor que o Ruína das Feras? Ainda mais quando todo o foco está nessa guerra louca contra os Stelian.

— Ou talvez tenha a ver com essa guerra louca contra os Stelian. Bem ou mal, Akiva é o único elo entre Joram e as Ilhas Longínquas.

Akiva voava um pouco afastado, perdido em pensamentos, mas mesmo assim ouviu o que diziam.

— Não sou elo nenhum. Sei tanto sobre os Stelian como qualquer outro.

— Mas você tem os olhos deles — disse ela. — Isso pode ajudar você a conseguir pelo menos abrir o diálogo.

Akiva parecia enojado.

— Será que ele acha que eu bancaria o emissário? Ele acredita mesmo que sou um seguidor dele?

— Vamos torcer para que sim — disse Liraz, com voz firme. — Porque, se não for isso, então é porque ele desconfia de você.

Akiva ficou em silêncio por um bom tempo, até finalmente dizer:

— Vocês não precisam tomar parte nisso...

— Mas que droga, Akiva — disparou ela. — Eu *faço* parte disso.

— Eu também.

— Não quero colocá-los em perigo — continuou Akiva. — Posso matá-lo sozinho. Mesmo que ele suspeite de alguma coisa, não deve ter ideia do que sou capaz. Se eu conseguir chegar até ele, posso matá-lo.

— Você pode até matá-lo. Mas talvez não consiga sair — concluiu Liraz por ele, e o silêncio de Akiva confirmou o que ele pensava. — Então você morre, e pronto? Isso seria muito fácil para você, não é?

Liraz manifestava a maioria de suas emoções fortes na forma de raiva, mas naquele caso a emoção era raiva mesmo. Com aquilo que eles tinham começado, ela não teria nem mesmo um regimento para o qual voltar e a ilusão de uma vida. Seria uma proscrita, traidora do império, e sabia que não tinha como liderar um movimento. Akiva podia fazer isso; ele era o Ruína das Feras. E Hazael. Todo mundo gostava de Hazael. Mas quem era ela? Ninguém nem gostava dela a não ser aqueles dois, e às vezes ela pensava que era só por hábito.

— Eu não quero morrer, Lir — disse Akiva, com suavidade.

Ela não soube dizer se ele falava sério.

— Que bom — disse ela. — Porque você não vai morrer. Nós vamos com você. Qualquer morte que aconteça será na outra ponta de nossas espadas.

Hazael a apoiou, e, no rosto de Akiva, a gratidão rivalizava com o vazio que Liraz acreditava ser o olhar de quem busca a morte. Ela se lembrava de uma época em que Akiva gargalhava e sorria, quando, apesar da violência de suas vidas, ele era uma pessoa completa, com uma gama completa de emoções. Ele nunca tivera o comportamento esfuziante de Hazael — mas quem tinha? —, mas parecia *vivo*. Isso agora era passado.

A fúria fervia dentro de Liraz contra a garota que fizera isso com seu lindo e imponente irmão. Quantas vezes ele tinha saído para encontrar aquela... criatura... e voltado destruído? Muitas e muitas vezes. *Criatura*. Era feio chamá-la assim, mas Liraz não sabia como pensar nela: Madrigal, Karou, quimera, humana e, agora, ressurreicionista. O que ela era? Não era repulsa o que sentia por Karou, não mais; era indignação. Incredulidade. Um homem como Akiva atravessa mundos para encontrá-la, infiltra-se na capital inimiga só para dançar com ela, move céus e terras para vingar sua morte, salva seus companheiros e irmãos da morte e da tortura, para ela mandá-lo embora arrasado, humilhado, vazio por dentro?

Ela não sabia exatamente o que a garota dissera a Akiva da última vez, mas tinha certeza de que não havia sido nada muito agradável. Enquanto os três voavam em silêncio, Liraz se pegou pensando no que *ela* diria a Karou no improvável caso de um dia se virem cara a cara de novo. Era um passatempo surpreendentemente gratificante.

— Lá.

Akiva viu primeiro, e apontou. A Espada.

Em sua era de ouro, Astrae fora conhecida como a Cidade das Cem Torres. As torres, uma para cada um dos deuses da luz, eram finas e incrivelmente altas, como caules de flores crescendo em direção aos céus. Eram de cristal, às vezes refletindo as nuvens de chuva da costa esmeralda, outras irradiando prismas de luzes dançantes nos telhados abaixo.

A cidade fora destruída no levante do Comandante, fazia mil anos. Aquela era a nova Astrae, construída por Joram sobre as ruínas da antiga, mas, embora ele tivesse tentado restaurar a cidade morta de seus ancestrais, a anterior fora erguida pelas artes perdidas dos magos, e esta, por escravos. As torres não tinham nem a metade da altura de suas predecessoras, e, em vez de pináculos fluidos de cristal, eram feitas de vidro, coladas e pregadas, unidas por ferro e aço. De todas elas, a Torre da Conquista era a mais alta. Tinha a forma de uma espada — *a* Espada —, um símbolo perfeito para o império, ainda mais ao pôr do sol, quando sua ponta refletia o fogo do céu. Como acontecia agora.

Sangue e finitude, pensou Liraz ao ver aquela imensa lâmina erguendo-se rubra nos penhascos distantes. Impossível um símbolo mais perfeito.

Ela não gostava de Astrae; nunca tinha gostado. Havia uma atmosfera de tensão e medo difusos, uma cultura de sussurros e espiões. Como Melliel tinha razão em chamar a cidade de "teia de mentiras" — inclusive em face dos mortos pendurados à vista de quem quer que chegasse ali.

O cadafalso do Setor Oeste foi a primeira coisa que eles viram quando alcançaram a cidade. Além dos catorze guardas, havia outro corpo lá, mais antigo, que ela calculou que fosse a desafortunada sentinela de Thisalene, e ainda dois outros que tinham sido pendurados pelos tornozelos, as asas abertas pegando cada brisa que passava e fazendo-os girar em círculos como bonecos quebrados. Liraz não podia nem imaginar qual teria sido o crime — ou azar — deles. Teve o impulso de deixar uma marca negra na madeira do suporte para fazer o cadafalso queimar até o fim. A noite caía; o fogo azul lamberia o céu escuro, cheio de sonhos e visões. *Ainda não*, disse a si mesma.

Em breve.

Os três desceram ao Setor Oeste e se apresentaram para obter permissão de entrada da cidade. Liraz se pegou trincando

os dentes, já esperando a recepção que os Espadas de Prata reservavam aos Ilegítimos: era, na melhor das hipóteses, ver quanto tempo conseguiam fazê-los esperar, e, na pior, provocá-los abertamente. Na opinião dos Lâminas Partidas, os soldados não tinham nenhuma serventia: enclausurados como ficavam na calma perfumada da cidade, só sabiam se perguntar por que os outros tinham demorado tanto para vencer a guerra. Quanto aos bastardos, especificamente, eram inferiores e não mereciam nenhuma atenção.

No caso de Liraz, *literalmente* inferior. Ela batia na altura da armadura peitoral deles, e os guardas se divertiam em fingir que não a viam. Como todos os Lâminas Partidas, aqueles dois tinham mais de dois metros de altura, sem contar seus elmos emplumados. Talvez alguns centímetros se devessem ao salto das botas, mas mesmo descalços seriam gigantes. Gigantes que, Liraz sabia, ela era capaz de derrubar com um só golpe, o que tornava ainda mais enlouquecedor ter que aturar aquele desrespeito.

— Escravos entram pelo Setor Leste — disse o da esquerda, entediado, sem nem olhar para eles.

Escravos.

A armadura deles deixava claro que eram Ilegítimos. Usavam um colete de cota de malha cinza-escuro sobre uma túnica preta grossa com protetores de ombro e calça de couro preto reforçada com placas de metal. O couro estava gasto; a cota de malha, sem brilho; e havia mossas e remendos nas placas. Em razão da audiência com o imperador, eles usavam também capas curtas, em melhor estado que o restante do uniforme por raramente serem usadas. Capas eram uma péssima ideia — serviam apenas para o inimigo ter por onde agarrá-los.

Bem, para isso e para exibir o emblema dos Ilegítimos: um brasão oval contendo elos de uma corrente. *Corrente*. Supostamente significava força pela solidariedade, mas todo mundo sabia que na verdade representava escravidão. Ao pensar nos rebeldes quimeras que fizeram os traficantes de escravos comerem suas correntes, Liraz entendeu o impulso. Ela podia se imaginar rasgando a própria capa e enfiando-a na garganta daquele Lâmina Partida ali, mas foi só uma fantasia. Não fez nada, não disse nada.

Hazael, no entanto, riu. Ele era a única pessoa que Liraz conhecia cuja risada falsa parecia real — e irresistível. O Lâmina Partida olhou para ele, franzindo a testa. Bruto e idiota, não sabia dizer se estavam debochando dele. *Melhor sempre acreditar que sim*, ela quis aconselhar. Hazael a cutucou com o cotovelo.

— Ele estava falando do emblema — disse, como se ela não tivesse entendido a piada.

Liraz não riu; não conseguia nem se imaginar capaz de rir como seu irmão — o som que rolava fácil, a naturalidade dos músculos soltos. Quando ela ria, o som era cáustico e áspero até para os próprios ouvidos, uma risada dura e rígida se comparada ao calor e à entrega de Hazael. *Se eu fosse um pão,* pensou ela, *seria um daqueles amanhecidos, uma ração de soldado já meio estragada, que só serve quando é preciso sobreviver a qualquer custo.*

Akiva também não riu. Desprovido de antagonismo ou mesmo qualquer reação, enfiou a convocação imperial na cara do Lâmina e esperou que ele lesse. Contrariado, o sujeito lhes deu passagem.

Meus irmãos, pensou Liraz, adentrando Astrae entre os dois. Como eram diferentes um do outro: Hazael com seu cabelo claro e sua risada, e Akiva, melancólico e calado. Sol e sombra. *E o que eu sou?* Ela não sabia. Pedra? Aço? Mãos negras e músculos tensos demais para rir?

Eu sou um elo em uma corrente, pensou ela. O emblema deles estava certo — não com relação à escravidão, mas à força. Ela caminhava entre os irmãos, os três lado a lado seguindo pelo meio da ampla avenida da cidade. *Esta é minha corrente*. A armadura deles não brilhava à luz da lua, à luz dos lampiões, à luz do fogo de suas asas, e o povo recuava quando eles passavam, com olhares de cautela. *Ah, Astrae,* pensou ela, *nós a mantivemos segura demais se é a* nós *que você teme.* Eles não eram nem amados, nem respeitados pelas pessoas, Liraz sabia, e em breve seriam execrados e proscritos, mas ela não ligava. Desde que tivesse seus irmãos.

63
Fricção de sorte

— Eles não existem, não é mesmo?

Ziri corou. Não tinha ouvido Karou chegar ao seu lado, e ela o pegara vendo seus amigos se beijarem. Será que ele os estava encarando com fascínio demais? O que ela vira em seu rosto? Ele tentou disfarçar o interesse.

— Acho que metade do ar que eles respiram vem da boca um do outro — continuou ela.

Parecia mesmo, mas Ziri não queria deixar transparecer que havia notado isso. Ele nunca conhecera ninguém que agia como Zuzana e Mik. O casal estava no galinheiro agora; difícil imaginar lugar menos propício ao romance, mas eles não pareciam se importar. Dava para ver os dois pela porta aberta, banhados de branco pela luz do sol. Zuzana se equilibrava no cercado dos animais, mais alta que Mik e inclinada na direção dele. As mãos abertas envolviam a cabeça dele, os dedos enroscados em seu cabelo. Já as mãos *dele*... As mãos dele envolviam a curva das pernas claras dela, correndo suavemente por trás dos joelhos, subindo pelas coxas e descendo de novo. Tinha sido isso, mais do que o beijo em si, o que fizera Ziri se distrair e ficar olhando os dois. A impressionante intimidade do toque.

Ele já vira gestos de afeição entre quimeras, e também paixão, mas os primeiros em geral se reservavam a mães e filhos, e a outra, a encontros em cantos escuros durante a folia ébria dos bailes do Comandante. Tinha vivido a vida inteira em uma cidade em guerra, passado a maior parte do tempo com soldados, e não conhecera seus pais; nunca vira afeição e paixão tão harmoniosamente unidas, e... *doía*, por algum motivo. Ali, ao observá-los, sentia uma dor oprimindo seu peito. Mal podia imaginar ter alguém que fosse *dele*, para tocá-la assim.

— Deve ter algo a ver com os humanos — disse ele, tentando soar indiferente.

— Não. — A voz de Karou soou melancólica. — Tem mais a ver com *sorte*. — Ele pensou ter visto um vislumbre de dor no rosto dela também, mas Karou sorriu, e, fosse o que fosse, desapareceu. — É engraçado pensar que há apenas alguns meses ela tinha medo até de *falar* com ele.

— *Neek-neek*, com medo? Não acredito.

A ferocidade da pequena Zuzana fizera Virko começar a chamá-la de *neek-neek*, uma espécie agressiva de escorpião-musaranho conhecido por enfrentar predadores dez vezes maiores que ele.

— Eu sei — disse Karou. — Ela não é exatamente tímida.

Estavam no salão de refeições; o café da manhã já tinha terminado. Ziri havia acabado de deixar o posto de sentinela e agora pegava sobras do café para ele: ovos frios, cuscuz frio, damascos. Será que Karou já tinha comido? Ela envolveu a cintura com os braços.

— Foi a única vez que a vi daquele jeito — continuou Karou, sorrindo com aquela suavidade típica das boas lembranças. Ela estava muito mais feliz desde que os amigos haviam chegado. — Zuzana passou um tempão sem nem saber o nome dele. Chamávamos o coitado de "garoto do violino". Ela morria de nervosismo cada vez que achava que iria vê-lo.

Ziri tentou, sem sucesso — e não pela primeira vez —, imaginar a vida humana de Karou, mas não tinha como: nunca tinha visto nada do mundo humano além da casbá, do deserto e das montanhas que a circundavam.

— E o que aconteceu? — perguntou ele, colocando o prato na mesa.

O salão estava vazio; Thiago convocara uma reunião no pátio, portanto Ziri tinha pretendido comer rápido e ir logo para lá. Mas acabou ficando mais tempo quando se viu sozinho com Karou. Primeiro, porque não queria engolir correndo a comida na frente dela, e segundo, porque queria continuar ali, aproveitando sua companhia.

— E como eles... finalmente?

Ziri queria dizer "se apaixonaram", mas ficava muito constrangido em falar de amor, ainda mais agora que ela sabia o que sentira por ela quando era garoto. Devia ter visto isso em seu rosto, no seu rubor, quando ele lhe contara que a tinha espiado no baile do Comandante, anos antes. Ziri se arrependia de lhe ter confessado aquilo. Não queria que ela o visse como o

garoto que a seguia para todos os lados. Queria que o visse como ele era agora: um homem.

Mas Karou entendeu o que Ziri queria dizer, mesmo ele não tendo dito com todas as palavras.

— Bem, como Zuzana tinha muito medo de falar com ele, desenhou um mapa do tesouro. E o escondeu no estojo do violino dele quando Mik estava tocando. Eles trabalhavam no mesmo teatro, mas nunca tinham se falado. E ela foi embora mais cedo naquela noite para não ver quando ele encontrasse o mapa. Vai que ele ficava todo aflito ou coisa assim, sabe? Ela não iria aguentar. Zuzana já havia decidido que, se ele não seguisse o mapa do tesouro, ela nunca mais iria ao trabalho e aquilo seria o fim de tudo.

— E qual era o tesouro?

— Era *ela*. — Karou riu. — Essa é a Zuze tímida. Ela não queria falar com ele, mas sabia se fazer o objeto de uma caça ao tesouro. Bem no meio do mapa havia um desenho do rosto dela.

Ziri também riu.

— Obviamente ele decidiu ir atrás dela. Seguiu o mapa.

— Aham. Ele foi até o lugar e não a encontrou lá, mas havia outro mapa, que levava até outro, e finalmente até ela. E eles se apaixonaram e estão assim desde então.

Quando disse "assim", ela apontou para a porta aberta, por onde dava para ver Zuzana agora cuidadosamente caminhando ao longo da cerca, segurando a mão de Mik.

Ziri nunca tinha ouvido falar de nada parecido com aquela história da trilha de mapas do tesouro. Exceto talvez pela história do anjo que entrara disfarçado na cidade do inimigo para dançar com sua amada.

Gostava mais da história de Zuzana.

— Tem a ver com sorte — repetiu ele.

— É. — Karou olhou para ele, depois desviou o olhar de novo. — Acho que os dois precisam ter sorte. É como uma fricção de sorte. Um é a rocha, e o outro, o aço, fazendo atrito juntos para criar fogo. — Ela apertou ainda mais os braços em volta do corpo. — A história é melhor quando eles mesmos contam. Não sou tão engraçada quanto esses dois.

— Vou pedir que eles me contem, então — disse Ziri. Ele sabia que a reunião convocada por Thiago devia estar começando, que precisava ir. — Do jeito como estão aprendendo a falar quimera, não vai demorar para que eles consigam.

Ela não disse nada. A ternura das boas lembranças se fora. Ela olhou furtivamente por sobre o ombro, depois para ele, um olhar incisivo.

— Ziri — disse baixinho —, preciso tirá-los daqui.

— O quê? Por quê?

— Thiago ameaçou os dois. Enquanto eles estiverem aqui, preciso fazer exatamente o que ele quiser. E quero muito parar de fazer justamente isso: o que ele quer.

Ela disse a última parte de maneira intensa, e Ziri teve a impressão de que alguma coisa mudava dentro dela, como se estivesse se preparando para alguma coisa, respirando fundo e reunindo forças.

— Zuzana e Mik sabem disso?

— Não, e eles não vão querer ir embora. Gostam daqui. Gostam de fazer parte de algo mágico.

Ziri também gostava. Adorava aquelas horas passadas no quarto de Karou com ela, Issa, Mik e Zuzana, mesmo que pagando o dízimo. Eram momentos cheios de vida, calor e risadas, dedicados a ressurreições em vez de mortes.

— Vou ajudar você. Vamos levá-los a um lugar seguro.

— Obrigada. — Karou tocou a mão dele e disse mais uma vez: — Obrigada.

Então Zuzana gritou alguma coisa para ela na língua humana que eles falavam e surgiu depressa à porta.

— Você vem? — perguntou Ziri a Karou. — A reunião já deve ter começado.

— Não fui convidada — disse ela. — Não é para eu me preocupar com essas questões. Você vai me contar depois? Vai me falar o que ele está planejando?

— Vou — prometeu Ziri.

— Eu também tenho uma coisa para lhe contar.

De novo aquela sensação de que ela estava se preparando e reunindo forças, com uma intensa determinação. A garota

trêmula que Thiago encontrara nas ruínas já não existia mais.

— O que é? — perguntou Ziri, mas o pequeno furacão humano tinha chegado até eles.

— Mais tarde — disse Karou quando Zuzana a pegou pela mão e a arrastou para longe, cumprimentando Ziri com um distraído *olá* por cima do ombro.

Ele deixou o café da manhã intocado e saiu. O que será que ela queria lhe contar? Ainda podia sentir o toque dela em sua mão.

Uma vez, quando ele era garoto, e ela, Madrigal, ela o beijara. Pegara o rosto dele com as mãos e dera um beijo de leve em sua testa, e era ridículo quantas vezes ele pensara nisso desde então. Mas seus momentos de felicidade infelizmente eram poucos, e o beijo não tivera muitos concorrentes a melhores momentos, portanto ganhara fácil a competição. Agora tinha.

Agora ele tinha a lembrança da calidez do ombro de Karou junto ao seu quando dormiram lado a lado, e a lembrança de acordar ao lado dela. Como seria acordar ao lado dela todas as manhãs? Deitar-se com ela todas as noites? E... preencher com ela as horas entre esses dois momentos. Todas as horas da noite.

— Tem a ver com sorte — dissera ela.

Diziam que ele tinha sorte. Ziri Sortudo. Por ainda ter seu corpo original? Era algo que nenhum dos outros tinha, então ele não argumentava se queriam chamá-lo de sortudo, mas nunca se sentira um cara de sorte, crescendo sem seu povo, sem vida senão a guerra, e sentia-se até menos sortudo agora que a guerra tinha acabado — o que quer que isso significasse, uma vez que a matança continuava.

Então ele pensou nos gritos daqueles à beira da morte, na fumaça dos corpos, e ficou envergonhado por questionar a própria sorte. Ele estava vivo; não podia achar que aquilo não era nada, e ele não ficaria vivo para sempre.

Todos já estavam no pátio quando ele chegou lá — exceto Ten, que entrou às escondidas um instante depois de Ziri e aproximou-se em silêncio do Lobo para sussurrar algo em seu ouvido. Thiago parou para ouvi-la, e então seus olhos buscaram tranquilamente os de Ziri, que sentiu um arrepio.

— Como todos sabem, perdemos uma equipe em nossos ataques há pouco tempo. Foram nossas primeiras baixas, mas o responsável por colher as almas do grupo fez seu trabalho e voltou com todas elas. Ziri.

Thiago assentiu para ele ao terminar de falar. Os soldados reunidos comemoraram e deram gritos de alegria, e alguém deu um empurrão de brincadeira no ombro de Ziri. Mas Ziri em nenhum momento acreditou que aquele discurso levaria a qualquer coisa boa. Ele se preparou para as más notícias, então não se surpreendeu com o que veio a seguir.

— Mas você precisa de uma nova equipe agora. Será que Razor poderia aceitá-lo em seu grupo?

Thiago se virou para Razor. *Não*, pensou Ziri, trincando o maxilar. *Todos menos ele*.

— Como quiser, meu general — sibilou Razor. — Mas não posso prometer que ele vai brincar de "esconde-esconde" na minha equipe, ou conservar essa pelezinha bonita que tem.

"Esconde-esconde" era uma forma de difamar os soldados que ficavam em segurança para colher as almas, usada em bravatas estúpidas por quem não conseguia enxergar o valor de se preservar aquelas vidas. Ziri ficou tenso com a insinuação de que ele alguma vez escolheria se esconder, mas então pensou no que estariam fazendo de qualquer maneira, e perdeu a convicção na indignação que sentia. Ele realmente ia preferir se esconder. Melhor ainda, preferiria evitar que o massacre acontecesse.

Mas é claro que essa não seria uma opção. Ziri já tinha muitos anos como soldado. Nunca gostara muito daquela vida, mas era bom, e nunca, pelo menos não enquanto o Comandante era vivo, a abominara. No entanto, esse era o caso agora.

— Há uma série de cidades às margens do rio Tane, a leste de Balezir — prosseguiu Thiago. Ele sorriu com a exaltação doentia que Ziri sabia ser o prenúncio de *estragos terríveis*, e completou: — Quero que os anjos acordem em Balezir amanhã se perguntando por que o Tane está correndo vermelho.

64
Um número bem melhor

Karou estava debruçada sobre um colar quando Ten parou à porta do quarto, mas na verdade seus pensamentos estavam longe dali, em Loramendi. Ela mal assimilara ainda o que Issa havia lhe contado. A mensagem era boa e ruim, realmente. Mas *boa* e *ruim* eram palavras para uma cartilha infantil, não chegavam nem perto de representar a magnitude da tragédia que aquilo significava, por um lado, e, por outro... a esperança.

Esperança capaz de clarear a mente, erguer a cabeça e mudar tudo. Ou pelo menos *poderia* mudar tudo.

Ou Thiago poderia esmagá-la e seguir com sua campanha de terror até não haver mais esperança para os quimeras. Cabia a Karou persuadi-los. *Tranquilo*, pensou ela, olhando para os dentes que segurava na mão e contendo uma gargalhada. *Todos me amam por aqui. Acho que vou convocar uma reunião.*

À porta, Ten limpou a garganta.

Karou olhou meio de lado para ela, com ar de enfado.

— O que você quer?

— Quanta hostilidade — disse Ten, entrando sem ser convidada. — Só vim trazer uma mensagem. — Ela falou de forma tão casual que Karou achou que fosse uma mensagem de Thiago. Mas devia ter imaginado que havia algo de errado, pelo tom de diversão na voz de Ten. — Ficou chateado por não poder vir se despedir de você pessoalmente.

— Se despedir? — Essa era boa. — Aonde ele está indo?

Thiago já não liderava missões havia muito tempo. Ele quase fazia parte da decoração da casbá, assim como Karou. Mais, até, porque teoricamente ela podia sair voando quando quisesse.

— Para o Tane — respondeu a mulher-lobo.

O Tane era um rio a leste de Azenov, a área que constituía o coração do império. Karou ergueu os olhos de repente, mas foi Issa quem perguntou, com um desprezo evidente.

— E de quem é essa mensagem, mulher-lobo?

— É do seu *amigo* — disse Ten, como se fosse uma palavra proibida, um comportamento indecente que só podia ser mencionado às escondidas. — Por quê? De quem você achou que eu estava falando?

Karou foi até a janela: lá estava ele no pátio com sua nova equipe. Com Razor. Eles levantaram voo diante dos seus olhos, bem naquele momento. Dessa vez, Ziri *olhou* para sua janela, e à distância Karou viu que o rosto dele estava tenso de raiva, e os olhos, enquanto erguia a mão em despedida, cheios de tristeza.

Seu coração batia acelerado. Aquilo estava acontecendo porque ele lhe ajudara no dia anterior, ou talvez em razão do ocorrido daquela manhã. Qualquer que fosse o motivo, ela não tinha tomado os cuidados devidos.

— Aonde Ziri está indo? — perguntou Zuzana, inclinando-se ao lado dela para ver a equipe partir.

— Em uma missão — Karou se ouviu dizer.

— Com *Razor*? — Zuzana deixou escapar um som abafado de repulsa, que, por ser cômico, era totalmente inadequado. Ela não fazia ideia. — O que tem naquele saco horrível dele, afinal?

Acho que Ziri vai descobrir, pensou Karou, o que a deixou enjoada. Ela era a culpada por Razor. Fora ela quem colocara aquela alma ardilosa, que tinha lhe passado uma sensação tão ruim, em um corpo forte e poderoso, e depois o acordara. E agora Ziri estava à mercê dele — isso sem falar dos serafins que tinham morrido e dos que ainda morreriam pelas mãos dele.

Ela ouvira falar... que ele os *comia*.

Não queria acreditar nisso, mas bastava ficar perto dele, na direção que o vento soprava, para sentir o odor de matadouro que vinha de sua boca — fiapos de carne podre entre seus dentes de navalha. E quanto ao saco coberto de manchas, ela não queria saber. *Nunca*. Só queria que aquilo terminasse, mas lá ia ele, instaurar o caos no Tane.

— Sete é demais para uma equipe, não é? — observou Ten. — Seis é um número bem melhor.

Um número bem melhor? Karou entendeu e se virou de frente para ela na mesma hora.

— O quê? Diga o que você está pensando. Apenas seis vão voltar?

— Tudo pode acontecer — replicou Ten, dando de ombros. — Sabemos disso quando entramos em uma batalha.

O peito de Karou subia e descia com sua respiração acelerada.

— Você sabe mesmo? — devolveu ela. — Quando foi a última vez que participou de uma batalha? Você ou seu senhor?

Karou estendeu a mão de repente e pegou uma faca da mesa. Era a pequena, pouco maior do que uma lixa de unha; ela a usava para centenas de coisas, como cortar incenso e soltar dentes de maxilares, ou furar as pontas dos dedos para provocar pequenas dores das quais às vezes precisava para terminar uma conjuração.

— Venha, Ten — disse ela, segurando firme a faca. — Que tal uma ressurreiçãozinha? Você não vai nem precisar caminhar até o fosso. Eu jogo seu corpo pela janela mesmo.

Ten riu. Da faca pequena, e dela. Parecia um latido.

— Sério, Karou? Então é assim que você quer brincar? — Estendeu uma das mãos em direção a Zuzana e Mik. — E qual deles morre primeiro? O Lobo provavelmente vai deixar você escolher.

— Bem, você já vai estar morta, então acho que vai perder.

Issa agarrou a mão de Karou e pegou a faca.

— Docinho, pare com isso!

Então Karou, tremendo de raiva, rosnou:

— Saia!

Ainda rindo, Ten foi embora.

Karou se virou para Mik e Zuzana, que estavam colados à parede, de mãos dadas, com expressões idênticas de *O que houve?* no rosto. Ela passou por eles, voltou à janela e olhou para o imenso céu vazio. Ziri já havia desaparecido, e, lá embaixo no pátio, facilmente identificável em meio aos soldados do pequeno mas sempre crescente exército, estava Thiago. Olhando para ela.

Karou fechou as venezianas com força.

— O que houve? — perguntou Zuzana, começando a dar pulinhos, agitada. — O *quê* o quê o quê?

Karou soltou o ar trêmula e demoradamente. Ziri não só era um soldado como era um Kirin, pensava para tentar se confortar. Ele sabia cuidar de si mesmo. Pelo menos era nisso que ela queria acreditar. Em seu íntimo, nas profundezas terríveis e assustadoras da impotência, ela sabia... sabia que provavelmente nunca o veria de novo.

— Vou tirar vocês daqui — disse Karou. — Esta noite.

Zuzana tentou argumentar.

Karou a interrompeu:

— Este não é um bom lugar para vocês — disse ela, em um sussurro áspero, da maneira mais enfática que pôde. — Vocês nunca se perguntaram como eu morri?

— Como você...? Hã, acho que em uma batalha?

— Errou. Eu me apaixonei por Akiva, e Thiago mandou me decapitar. — Simples e brutal. Zuzana perdeu o fôlego. — Então, agora que vocês sabem, vão me deixar tirá-los daqui?

— Mas e quanto a você?

— Eu preciso cuidar disso. Tem que ser eu. Zuze, por favor.

Com a voz mais fraca que Karou já a ouvira usar, Zuzana respondeu:

— Está bem.

— Hã... mas como? — perguntou Mik.

Essa era uma boa pergunta. Karou estava sendo vigiada, isso dava para perceber, e não apenas por Ten. Não podia mais contar com Ziri, e não podia se arriscar a ressuscitar a patrulha de Balieros — seria óbvio demais. Não sabia ao certo com quem mais poderia contar, mas tinha uma ideia que não envolvia nenhum outro quimera.

Ainda abalada, ela respirou fundo de novo e olhou para Zuzana e Mik, avaliando os dois. Eles não tinham o menor jeito de soldados, e não só por serem humanos, mas também por serem muito... Primeiro Mundo, desacostumados com qualquer

tipo de adversidade. A caminhada até ali quase os matara, e Zuzana não estava exatamente brincando quando falava que perder o bolo no parque de diversões tinha sido o pior dia de sua vida. Será que aguentariam pagar o dízimo? Bom, teriam que aguentar.

— Vocês conseguiriam ir embora daqui a pé, se fosse necessário? À noite, quando não está tão quente?

Eles assentiram, os olhos arregalados.

Karou mordeu o lábio, preocupada.

— Vocês acham... — perguntou, hesitante, torcendo para que não fosse a pior ideia que já tivera na vida — que gostariam de aprender a... hã, ficar invisível?

Ela daria tudo naquele instante para ter uma câmera e poder guardar para sempre a expressão no rosto da melhor amiga.

A resposta, é óbvio, foi *sim*.

⋆ ⋆ ⋆

Passaram o dia todo concentrados nisso.

— É um pouco menos incrível do que poderia ser — foi o mais perto que Zuzana chegou de reclamar do dízimo, mas sua alegria, quando voltou a ficar visível depois de conseguir realizar o encanto pela primeira vez, era linda e radiante, e ela estava linda e radiante.

Karou não conseguiu evitar: agarrou-a em um abraço extremamente longo e muito apertado que só podia querer dizer: *Amei conhecer você*. Quando ela por fim se afastou, Zuzana estava com os olhos úmidos, a boca em uma careta irritada para evitar as lágrimas, e não disse uma palavra.

Karou ainda tinha que concluir algumas ressurreições para poder apresentar os soldados a Thiago, a fim de que ele pensasse que sua atenção estivera em outro lugar naquele dia. Conseguiu isso com a ajuda de Issa — três novos soldados — e sobreviveu ao jantar também, comendo mecanicamente. Agora, mais do que nunca, observava o grupo e pensava: quais deles teriam coragem de enfrentar o Lobo?

Deveria haver alguns dispostos a isso, disse a si mesma, considerando o motivo que agora estava pronta para explicar.

Zuzana e Mik não deixaram transparecer nada. Sentaram-se no chão com os soldados, como de costume, aprendendo palavras de uma língua mística que nunca mais teriam a oportunidade de falar. *Amigo, voar, eu amo você*. Virko achou essas últimas hilárias, mas Karou ficou emocionada. Mik tocou Mozart aquela noite, e Karou viu Bast se derramar em lágrimas. Bem mais tarde, em seu quarto, entregou tornos a seus amigos, prendeu um em si mesma e conduziu-os, invisíveis, pela noite do deserto. Só levaram o que cabia em seus bolsos — dinheiro, os telefones que não funcionavam, passaportes, a bússola — e cantis pendurados nos ombros. Todo o resto deixaram para trás.

Karou caminhou um pouco com eles, depois voou de volta para a casbá para vigiar e garantir que ninguém notasse a ausência dos dois.

E ninguém notou.

Em sua bandeja de dentes, ela encontrou um papel dobrado: um desenho de Zuzana e Mik, e escritas foneticamente as palavras quimeras para “eu amo você”. Karou então desabou, e Issa a abraçou, e ela abraçou Issa, e as duas choraram, mas, quando o sol nasceu e a casbá retornou à vida, já tinham se acalmado. Pálidas e vencidas. Prontas.

A hora tinha chegado.

Era uma vez milhares de quimeras que desceram até uma catedral subterrânea.

E jamais saíram de lá.

65

O RÉQUIEM DAS FERAS

Era uma escolha. Que, quando o fim chegou, se impôs a todo quimera em Loramendi. Bem, não aos soldados. Eles morreriam defendendo a cidade. E não às crianças. Os pais escolheram por elas, e os invasores serafins se lembrariam mais tarde de ver pouquíssimas crianças na cidade, quando o cerco finalmente invadiu as barras de ferro da Gaiola. Talvez nenhuma, na verdade. Tanta coisa já havia sido queimada e destruída; era difícil fazer um levantamento em meio a todos aqueles escombros.

De forma que os anjos nunca imaginaram o que havia enterrado sob seus pés.

Sigam para a catedral sob a cidade. Carreguem seus bebês e levem as crianças pela mão. Desçam até a escuridão abafada e nunca mais saiam de lá.

Ou fiquem na superfície e enfrentem os anjos.

Era uma escolha entre tipos diferentes de morte, e foi uma escolha fácil. A morte subterrânea seria mais suave. E talvez... quem sabe... menos permanente.

Brimstone não prometeu. Como poderia? Era apenas um sonho.

— De nós dois, você sempre foi o sonhador — disse-lhe o Comandante quando Brimstone propôs a ideia.

Eles eram dois velhos — “monstros velhos”, como o inimigo teria dito — que tinham se erguido da mais abjeta escravidão e destruído seus senhores, conseguindo, com muita luta, mil anos de liberdade para seu povo. Mil anos e nada mais. Estava tudo acabado, e os dois, muito cansados.

— Já tive sonhos melhores — disse Brimstone. — Que a catedral seria para bênçãos e casamentos, em vez de ressurreições. Nunca sonhei que seria uma tumba.

A catedral era a imensa caverna natural que ficava embaixo da cidade. Além dos espectros que acordavam em suas grandes mesas de pedra, poucos tinham visto as estalactites entalhadas em suas superfíciers internas. Por mais que tivesse sonhado com bênçãos e casamentos quando a encontrara e erguera acima uma cidade, a catedral só vira fumaça de espectro e hamsás, nada mais.

E agora isto.

— Tumba, não — disse o Comandante, tocando o ombro encurvado do amigo. — Não é justamente esta a questão? Não é uma tumba; é um turíbulo.

Os turíbulos, conquanto propriamente fechados, podiam preservar almas indefinidamente. E se a catedral em si fosse cerrada, os tubos de ventilação, fechados, e sua longa escada em espiral, destruída, Brimstone supunha que poderia servir como um gigantesco receptáculo para a preservação de milhares de almas.

— Talvez nunca passe de uma mera tumba — alertou ele.

— Mas de quem foi a ideia? — perguntou o Comandante. — *Eu* devo convencer *você*, que foi quem me sugeriu isso? Você poderia olhar pela janela hoje, ver chover fogo do céu e dizer que foi tudo em vão, tudo que já fizemos, porque perdemos. Mas vários foram os que nasceram e viveram e conheceram a amizade e a música nesta cidade, por mais feia que seja, e por toda esta terra pela qual batalhamos. Alguns envelheceram, outros tiveram menos sorte. Muitos tiveram filhos e os criaram, e tiveram o prazer de fazê-los, e proporcionamos isso a eles por todo o tempo que foi possível. Quem algum dia já fez mais do que isso, meu amigo?

— E agora é o fim do nosso tempo.

O Comandante abriu um sorriso pesaroso.

— Sim.

A tumba — o receptáculo — não seria o descanso deles, porque os anjos não deixariam pedra sobre pedra até encontrar o Comandante e o ressurreicionista. O imperador precisava de seu grande desfecho. Aquele podia ser o sonho de Brimstone,

mas sua concretização dependeria de outra pessoa.

— Você acha que ela virá? — perguntou o Comandante.

Brimstone sentia o coração pesado. Não sabia se Karou algum dia encontraria o caminho de volta a Eretz; não a havia preparado para algo assim. Ele lhe dera uma vida humana e tentara acreditar que ela poderia escapar do destino de seu povo, da guerra sem fim, do mundo partido. E agora ia jogar tudo em cima dela? Pesadas, muito pesadas eram as chaves para um mundo destruído. O peso de todas aquelas almas seria como algemas para ela, mas Brimstone sabia que Karou não se esquivaria.

— Ela virá — disse ele. — Sei que virá.

— Bem, então vamos em frente. Você escolheu o nome apropriado para ela, seu velho tolo. Esperança, de fato.

Então eles deixaram que o povo escolhesse, e a escolha foi fácil. Todos sabiam o que estava por vir; suas vidas tinham se resumido a aglomeração e fome — e fogo, sempre fogo — enquanto esperavam pelo fim. Agora o fim estava próximo, e então... como um sonho, a esperança surgia: insinuando-se aos sussurros até suas casas escuras, suas ruínas e refúgios. Eles conheciam, todos eles, a desolação de acordar de sonhos cheios de esperança em meio à escuridão e ao cheiro fétido do cerco. A esperança era uma miragem; não era fácil confiar nela. Mas aquilo era real. Não era uma promessa, apenas uma esperança: de que eles poderiam viver novamente, de que suas almas e as almas de seus filhos poderiam esperar em paz, em estase, até o dia...

E essa era a outra esperança, mais pesada ainda, que Brimstone depositava nos ombros de Karou, e de longe a tarefa mais difícil: de que esse dia fosse chegar, com um mundo para o qual pudessem despertar. Brimstone e o Comandante nunca conseguiram alcançar isso com seus exércitos, mas Madrigal e o anjo que ela amara tiveram juntos um sonho lindo, e, embora esse sonho tivesse morrido no cadafalso, Brimstone sabia melhor do que ninguém que a morte nem sempre é o fim que parece ser.

Aos milhares, quimeras de todas as tribos desceram em fila pela longa escada em espiral, que seria destruída logo depois; não haveria como escapar dali. Contemplaram a glória da catedral. Agruparam-se, bem juntos, e cantaram um hino. Era possível que a catedral nunca passasse de uma tumba para todos ali, mas ainda assim aquela era a opção mais fácil.

A escolha mais difícil, o verdadeiro heroísmo, foi daqueles que decidiram ficar lá em cima, porque afinal nem todos podiam ir. Se todos os quimeras desaparecessem de Loramendi, os serafins imaginariam que tinham se escondido e começariam a procurar. Então alguns cidadãos — *muitos* — tiveram que ficar na superfície para dar essa alegria aos anjos. Tiveram que *ser* a alegria dos anjos, vencidos com dificuldade para alimentar as fogueiras com seus corpos. Os mais velhos ficaram, assim como a maioria dos que tinham perdido seus filhos, e muitos refugiados devastados, que já haviam suportado tanta coisa que não tinham mais nada a perder.

Eles se sacrificaram para que outros pudessem voltar a viver em tempos melhores.

Foi com esse conhecimento que Karou se armou naquela manhã, e com suas armas de verdade: saiu com as lâminas de lua crescente presas à cintura e a pequena faca enfiada na lateral da bota. Com Issa ao lado, seguiu para o pátio, onde o Lobo e seus soldados já estavam acordados e reunidos no ar puro e fresco da manhã, várias equipes armadas e prontas para voar. Uma delas era a de Amzallag; Karou sentiu seu coração apertar em solidariedade a ele. Gostaria de poder lhe contar as novidades em particular, e para alguns dos outros também, os que seriam mais fortemente afetados.

Amzallag tinha filhos. Ou melhor, tivera, antes da queda de Loramendi.

— Atacaremos ao norte da capital — dizia Thiago. — As cidades não são muito bem protegidas e estão mal vigiadas. Os anjos não enfrentam uma batalha ali há centenas de anos. Meu pai já não os atacava com a força necessária. Ele assumiu uma postura defensiva. Agora não temos mais nada a defender.

Era uma declaração ousada, e foi recebida com desconforto por alguns soldados. Quase como se ele acusasse o Comandante pela queda de seu povo.

— Temos, sim — interrompeu Karou, saindo de sob o mesmo arco debaixo do qual se escondera para ver Ziri e Ixander lutarem. Thiago virou para ela sua máscara benevolente: como estava frágil e pouco convincente. — Temos algo a defender, sim.

— Karou — disse ele.

O Lobo virou-se, à procura de Ten, a babá de traidora. Pela visão periférica, Karou viu a mulher-lobo se aproximar.

— Ainda há vidas a serem salvas — prosseguiu ela —, escolhas a serem feitas.

Eram palavras de Akiva, percebeu ela assim que as pronunciou. Ficou vermelha, mesmo que ninguém pudesse saber que ela estava citando o Ruína das Feras. Bem, ele tinha razão. Mais do que imaginava.

— Escolhas?

O olhar de Thiago era frio, indiferente. A mão de Ten se fechou em torno do braço de Karou.

— Lembre-se da escolha de que falamos ontem — disse a mulher-lobo, em um rosnado baixo.

— Que escolha, Ten? — perguntou Karou, bem alto. — Entre Zuzana e Mik? Qual dos dois você ia matar primeiro? Pois eu não escolho nenhum dos dois, e eles estão fora do seu alcance. Tire a mão de mim. — Ela puxou o braço e se virou para o grupo. Viu alguma confusão, olhares correndo dela para Thiago. — A escolha de que estou falando é proteger nossos inocentes dos serafins, em vez de massacrar os deles.

— Não existem serafins inocentes — disse o Lobo.

— É o que eles dizem quanto matam nossas crianças. — Não pôde evitar olhar na direção de Amzallag. — E há até quem acredite nisso. Mas nós sabemos que todas as crianças são inocentes. Todas as crianças são sagradas.

— Não as deles — insistiu Thiago, um rosnado baixo ameaçando se manifestar.

— E quanto a todo o povo dos dois lados que só está tentando viver? — Karou deu um passo na direção dele. E outro. Não sentia seus pés; talvez não estivesse nem andando, e sim flutuando. Em seu estado de ansiedade e coragem exageradas, Karou ouvia as batidas do coração reverberarem em seus ouvidos. Sua coragem era só aparente. Ela se perguntava se era sempre assim, ou se havia aqueles que realmente não sentiam medo. — Thiago, eu tenho tentado entender uma coisa, mas tinha medo de perguntar. — Então examinou o grupo com atenção. Todos aqueles rostos, aqueles olhos que ela mesma criara, todas aquelas almas que tocara, algumas bonitas, outras não. — Será que todo mundo aqui entende menos eu, ou será que algum de vocês perde o sono pensando nisso também? — Virou-se novamente para Thiago. — Qual é o seu objetivo?

— Meu objetivo? Karou, não é necessário que você entenda de estratégia.

Ela podia ver que ele ainda estava tentando entender que audácia a levara a questioná-lo, e como ele poderia reafirmar seu controle sem ameaçá-la abertamente.

— Não perguntei qual é a sua estratégia, só o seu objetivo. É uma pergunta simples. A resposta deveria ser simples. Pelo que estamos lutando? Pelo que estamos matando? O que você vê quando olha para o futuro?

Quanta severidade nos olhos frios dele, quanta imobilidade em seu rosto imóvel. Uma fúria gelada. Ele não tinha uma resposta. Não uma boa resposta, ao menos. *Estamos lutando para matar*, poderia ter dito. *Estamos matando por vingança. Não há futuro*. Karou sentiu a espera coletiva dos quimeras e se perguntou quantos deles estariam felizes com aquilo. Quantos tinham perdido a capacidade de esperar por mais, e quantos poderiam encontrar um pouco de esperança quando soubessem o que Brimstone fizera.

— O futuro — disse Thiago, após uma pausa longa demais. — Uma vez eu ouvi você planejando o futuro. Nos braços do seu amante anjo. Vocês falavam em *me* matar.

Ah, claro, pensou Karou. Foi uma evasiva esperta da parte dele. Para os soldados, aquela imagem — uma quimera enroscada em um serafim — era suficiente para eclipsar sua pergunta.

— Eu nunca concordei com isso — disse Karou, o que era verdade, mas ela sentia que a curiosidade que tinha acendido se esvanecia; iria perder o pequeno terreno que tinha conquistado. — Responda a minha pergunta. Aonde você está nos levando? O que vê no futuro? Nós vamos viver? Teremos terras? Teremos *paz*?

— Terras? Paz? Você deveria perguntar isso ao imperador serafim, Karou, não a mim.

— Qual, aquele que diz que *as feras devem morrer*? Sempre soubemos qual é o objetivo dele, mas o Comandante nunca o imitou como você está fazendo. Esses assassinatos terroristas só fazem despertar mais fúria contra o povo que vocês abandonaram. — Virou-se para os soldados. — Vocês estão ao menos tentando salvar os quimeras, ou agora se trata apenas de vingança? Matar o maior número possível de anjos antes de morrer? É tão simples assim?

Ela queria poder lhes contar o que a patrulha de Balieros fizera, o que aqueles poucos soldados haviam testemunhado nas Terras Distantes, mas não podia revelar esse segredo. O que Thiago faria se soubesse?

— Você acha que há outra maneira, Karou? — Ele balançou a cabeça. — O tratamento gentil deles levou você a acreditar que são amigáveis? Só há um jeito de salvar os quimeras, e é matando os anjos.

— Matando todos eles? — indagou ela.

— Sim, Karou, matando todos eles — respondeu Thiago, de forma mordaz. — Imagino que deve ser difícil para você ouvir isso, já que seu amante é um deles.

Ele voltaria a esse mesmo ponto toda hora, e era curioso: quanto mais vezes ele o mencionava, menos vergonha Karou sentia. O que ela fizera, na verdade, além de se apaixonar e sonhar com a paz? Brimstone já a perdoara. Até mais do que isso; acreditara no sonho dela. E agora... confiara a ela — não a Thiago, a ela — a missão de encontrar um caminho para que seu povo pudesse viver novamente.

E ela achara que a pilha de turíbulos que lhe esperava em seu quarto era um fardo? Ah, o que um pouco de perspectiva não era capaz de fazer. Mas a sensação que a preenchera ao saber sobre a catedral não foi a de estar presa, como sempre acontecia enquanto cumpria as ordens de Thiago. Não. Foi como se ela estivesse de joelhos e Brimstone pegasse sua mão e a ajudasse a ficar de pé. Foi redenção.

Ela olhou para Issa, que assentiu brevemente. Respirou fundo. Então disse aos rebeldes:

— A maioria de vocês ou talvez até todos vocês comemoraram minha execução. Talvez me culpem por tudo isso. Não espero que queiram me ouvir, mas espero que ouçam Brimstone.

Isso provocou uma agitação.

— Brimstone? — disseram alguns, céticos.

Então olharam para Issa, como era de se esperar.

Thiago também olhou para ela.

— O que é isso? — perguntou ele. — O fantasma de Brimstone fala através de você, Naja?

— Se preferir assim, *Lobo* — rebateu Issa. Então se dirigiu aos soldados: — Vocês todos me conhecem. Durante anos fui companheira de Brimstone, e agora sou sua mensageira. Ele me enviou de Loramendi em um turíbulo para servir a esse propósito. Isso significava que eu não poderia morrer ao seu lado, como eu gostaria. Então, ouçam bem, para fazer valer o sacrifício dele e o meu. É grotesco imaginar que mortes, mutilações e terror poderão nos levar a uma vida digna de ser vivida. Tudo isso só trará o que sempre trouxe: mais mortes, mais mutilações, mais terror. Se vocês acreditam que vingança é tudo que lhes resta, ouçam-me.

Como ela estava linda, erguida bem alto nos anéis de sua cauda de serpente, e poderosa, com seu capelo de cobra bem aberto, as escamas brilhando como um verniz à luz da aurora. Estava exultante, beatífica e radiante de emoção.

Ela continuou:

— Vocês têm mais motivos para viver do que imaginam.

66

MATE O MONSTRO.
MUDE O MUNDO.

— O imperador vai recebê-los agora.

Akiva olhava por sobre a passarela para o vidro cinzento das cúpulas do harém onde havia nascido. Era demasiado fechado e silencioso, muito misterioso por fora, mas ele tinha vagas lembranças de barulhos e raios oblíquos de luz, crianças e bebês, brincadeiras e cantorias. Quando ouviu a voz, se virou. Era o primeiro-intendente, Byon, apoiado em sua bengala, minúsculo sob o grande e pesado arco do Portão Alef e entre os dois Espadas de Prata que flanqueavam a entrada. Com seu cabelo branco, quando olhado de relance ele parecia um vovô, mas só de relance. Era Byon quem atualizava a lista dos bastardos do imperador, riscando os mortos para que seus nomes pudessem ser dados aos recém-nascidos. Ao vê-lo, Akiva não pôde deixar de se perguntar se viveria mais do que o velho serafim ou se aquela mão enrugada ainda riscaria seu nome. Byon já riscara seis Akivas; o que seria mais um?

Por um instante ele sentiu como se não passasse de um mero receptáculo de nome — um em uma sucessão de receptáculos de carne e osso, pertencente, como todos os restantes e tudo o mais, ao imperador. Dispensável. Infinitamente renovável. Mas então se concentrou no que tinha ido fazer ali, e encontrou os olhos escuros de rato de Byon com a impassibilidade treinada que vinha sendo sua expressão-padrão fazia anos.

Ele não era nenhum receptáculo. Não haveria um oitavo Ilegítimo com seu nome; e gerar bastardos era apenas uma das muitas coisas que Joram não mais faria depois daquela noite. Além de começar guerras. Além de respirar.

— Deixem as armas — instruiu Byon.

Isso já era esperado. Nenhuma arma além das dos próprios guardas era permitida na presença do imperador. Akiva nem trouxera seu usual par de espadas cruzado nas costas — a capa, parte de seu uniforme formal, atrapalhava. Tinha prendido uma pequena espada à cintura só para poder fazer uma pequena encenação ao colocá-la no chão quando lhe fosse pedido.

Hazael e Liraz também se despojaram de suas armas, colocando-as no chão.

As que estavam visíveis, pelo menos.

Akiva trazia sua lâmina, oculta por encanto, presa ao outro lado do quadril. Mesmo invisível, porém, qualquer um que o observasse com atenção notaria algo de estranho na sombra daquela perna específica, e, é claro, qualquer um que chegasse muito perto ou pensasse em revistá-lo ou abraçá-lo sentiria o objeto: o aço frio. Mas era um risco pequeno — o abraço, ao menos; quanto à revista, seria o primeiro teste para se medir a desconfiança do imperador.

Ele tinha chamado o Príncipe dos Bastardos ali para *usá-lo* ou para *desmascará-lo*? Akiva acompanhou o olhar examinador do intendente. Nenhuma revista. Byon assentiu levemente e se virou, desaparecendo no interior da Torre da Conquista. Akiva o seguiu, com Hazael e Liraz atrás dele.

O refúgio sagrado do imperador. Hazael tinha investigado, portanto eles sabiam em linhas gerais o que esperar: corredores interligados feitos de vidro espesso em tom de mel, um portão vigiado após outro. Akiva decorou cada curva; aquele devia ser o único caminho para sair dali. Eles usariam o encanto para ficarem invisíveis; esse era o plano. Em meio ao tumulto que se seguiria ao assassinato, em meio à agitação e aos passos pesados dos guardas, eles sumiriam da vista de todos e fugiriam. E escapariam dali.

Assim Akiva esperava.

Mais um corredor, mais uma curva, mais um portão, mais um corredor. Penetrando mais e mais no refúgio sagrado do imperador. A expectativa deixava Akiva cada vez mais tenso.

Que exaustivo ter sempre a mesma resposta brutal para todos os problemas: matar o inimigo. *Matar, matar.* Mas naquele momento a resposta brutal era a única possível. Pelo bem de Eretz, pelo fim da guerra.

Joram tinha que morrer.

Akiva tentou alcançar o *sirithar* — o estado de calma em que os deuses da luz atuam através dos guerreiros —, mas não chegou nem perto. Conseguiu estabilizar as batidas do coração, mas sua mente estava em disparada — correndo por cenários, manipulações mágicas, até mesmo *palavras*. O que ele *diria* quando encarasse o pai e desembainhasse a espada? Não sabia. Talvez não dissesse nada. Não importava. Era a ação que contava, não as palavras.

Faça o que tem que ser feito. Mate o monstro. Mude o mundo.

67

A ÚNICA ESPERANÇA É A ESPERANÇA

Amzallag avançou em disparada e caiu de joelhos diante de Issa.

— Quem? — perguntou ele, quase em um sussurro. — Quem foi para a catedral?

Alguns outros soldados esticaram o corpo na direção deles, contendo a intensa dúvida.

— Milhares — respondeu Issa, afetuosamente. — Não havia tempo para se fazer um registro. Sinto muito.

Karou deu um passo à frente.

— Todas as crianças foram — disse ela, olhando para Issa em busca de confirmação. — E as mães. São grandes as chances de as suas famílias estarem lá.

Amzallag parecia atordoado. E, com suas feições de tigre, o "atordoado" se manifestava apenas nos olhos arregalados, como uma ligeira variação de sua constante ferocidade — ferocidade que era mais obra de Karou do que dele mesmo. Sua alma era pura como campos arados e tranquila como um cavalo de fazenda, mas, com aquele corpo novo, era quase impossível não parecer feroz. Sua mandíbula estava aberta, exibindo as presas afiadas como facas, e os olhos alaranjados nem piscavam. Mesmo de joelhos — as pernas dianteiras de veado estavam dobradas à frente do corpo, e as ancas de tigre, curvadas — ele ainda era mais alto do que Issa. Amzallag estendeu os braços cinzentos e imensos e pegou as mãos da Naja. *Posso dar a ele uma forma mais gentil antes que ele reencontre a família*, pensou Karou.

Mas era cedo para pensar nisso. Cedo demais.

Enquanto Amzallag segurava em suas enormes mãos as de Issa, Karou observava Thiago. Quando Amzallag agradeceu, em uma voz que parecia a nota mais triste de um violino, o Lobo arreganhou os dentes em um rosnado rápido.

— Sou só uma mensageira — disse Issa.

Foi então que os olhos de Thiago correram dela para Karou.

— Conte-nos de novo — disse ele — como examente isso aconteceu.

— Como o que aconteceu? — perguntou Issa.

Amzallag soltou as mãos dela e se levantou, virando-se com um movimento suave de tigre para se colocar ao lado de Issa — e de Karou —, oposto ao Lobo. O movimento foi deliberado, e passou uma mensagem clara de aliança. Mas a sensação de triunfo de Karou foi comprometida pelo inquérito que sentiu que viria.

— Como você chegou entre nós — continuou Thiago. — Um dia, de repente, aqui estava você. É muito estranho.

— Pode ser estranho, mas não tenho como esclarecer sua dúvida. A última coisa de que me lembro antes de acordar é, obviamente, de morrer.

— E para onde Brimstone planejava enviar sua alma nas garras do squall? Você deve saber isso, pelo menos.

Karou interrompeu:

— Isso é tudo o que você tem a dizer? Acabamos de contar que milhares de quimeras ainda podem ser salvos, e você fica falando sobre squalls? Thiago, nossas crianças podem viver novamente. Essa é uma notícia incrível. Você não está feliz?

— Minha felicidade, minha cara, é moderada pelo realismo, como a sua deveria ser. Viver onde? Como? Isso não muda nada.

— Isso muda tudo! — gritou ela. — Tudo o que você vem fazendo não traz nenhuma esperança. Será que não você vê? Nada disso traz nenhum futuro. Essa brutalidade, os ataques a civis? Seu pai não ficaria nada feliz com isso. Tudo o que você fizer aos serafins, Joram vai revidar cem vezes, mil vezes pior. — Então se dirigiu ao grupo: — Thisalene lhes deu alguma satisfação? *Os anjos devem morrer?*

Ela localizou Tangris e Bashees, e lutou contra o medo que não deixaria sua voz sair da garganta. Apelar para as Sombras Vivas? Estava ficando maluca? *Lembre-se da imitação de galinha*, disse a si mesma, tomada por uma súbita histeria.

— Em Thisalene, vocês mataram uma centena de anjos — disse Karou. As esfinges encontraram o olhar dela com seu ar

inescrutável. — E centenas de quimeras morreram por isso. — Uma das esfinges piscou. Karou continuou, focalizando sua atenção na reação dos outros, o coração batendo furiosamente: — E vocês. Vocês os deixaram morrer. Vocês lhes deram esperança... Os sorrisos do Comandante, as mensagens. *Nós renascemos?* E então? Todos aqueles quimeras do sul, eles não acreditavam que vocês começariam essa luta, atrairiam os inimigos para cima deles em quantidades absurdas e depois os abandonariam. Vocês sabiam... — Karou engoliu em seco. Sua crueldade, ao falar as coisas daquela maneira, lhe parecia fria e pungente. — Sabiam que eles morreram olhando para o céu, à espera de vocês?

Ela viu Bast dar um passo cambaleante para trás. Alguns outros respiravam como se sentissem um bolo na garganta. Virko olhava para o chão.

— Não deem ouvidos a ela — rosnou Ten. — Ela não tem como saber o que aconteceu lá.

— Eu sei muito bem o que aconteceu lá. — Ela hesitou. Seria traição contar sobre a desobediência de Balieros? *Ele* lhes contaria, se estivesse ali; Karou tinha certeza. O futuro da rebelião estava em jogo, e ela podia usar aquela cartada para virar o jogo a seu favor. Como não usá-la? — Porque uma equipe tomou uma decisão diferente. Vocês acreditam mesmo que Balieros, Ixander, Viya, Azay e Minas sucumbiram à guarda de uma cidade qualquer? Eles morreram combatendo os soldados do Domínio no sul. Morreram defendendo os quimeras. Enquanto isso, vocês faziam o quê?

O sol se erguia no céu, o calor aumentava. O pátio estava claro e silencioso. Thiago respondeu:

— Fazíamos o que os anjos estavam fazendo, e ainda assim você *nos* critica, e não aos serafins. Quer que fiquemos deitados, com o pescoço exposto, à espera deles?

— Não.

Karou engoliu em seco de novo. Estava entrando em um terreno difícil: como argumentar para que tomassem um rumo diferente sem se passar por uma pacifista sonhadora? Ingênua, na melhor das hipóteses, ou simpatizante do inimigo, na pior, como eles já achavam. Tudo se resumia a isto: ela não podia lhes oferecer uma alternativa real de luta. Quando sonhara junto com Akiva com um mundo refeito, acreditara que ele traria seu povo e que ela, de alguma forma, traria o dela. Como se o futuro fosse um ponto no meio do caminho, uma terra com regras diferentes, onde o passado pudesse ser superado — ou esquecido? —, como se as tatuagens dos dedos dos serafim pudessem ser apagadas.

Agora, fora da bolha daquele amor tolo, Karou via como o sonho dos dois teria se tornado amargo se houvessem tido a chance de tentar concretizá-lo; teria se manchado, sujado. Aquelas marcas nunca se apagariam. Teriam existido para sempre — entre ela e Akiva, quimeras e serafins —, assim como os hamsás. Eles não podiam nem se tocar direito. Pensar que haviam acreditado ser possível unir dois pares de mãos assim fazia o sonho parecer mais louco do que nunca. E no entanto... *a única esperança é a esperança*. As palavras de Brimstone, na época e agora de volta, relembradas por Issa.

“Filha do meu coração”, dizia a mensagem que Brimstone deixara a Karou. Teve vontade de chorar de novo, bem ali no pátio, ao se lembrar dela. “Duas vezes minha filha, minha alegria. Seu sonho é o meu sonho, e seu nome é verdadeiro. Você é toda a nossa esperança.”

Seu sonho. Um sonho sujo e manchado é melhor que nenhum. Mas Karou tinha Akiva na época, tinha a esperança de que ele pudesse trazer os serafins para aquela nova maneira de viver. E o que tinha agora? Nada para prometer, nenhum plano. Nada além de seu nome.

— Não — disse ela de novo. — Não quero que fiquemos com o pescoço exposto, à espera deles. Nem deixaria você atirar nosso povo aos pés deles, em sua pressa para massacrá-los. Tampouco permitiria que você enterrasse nosso futuro sob cinzas, somente para poder fazer o mesmo com eles.

Thiago estreitou os olhos enquanto tentava sem sucesso encontrar rapidamente palavras para responder.

Karou prosseguiu:

— Brimstone me disse uma vez que permanecer leal diante do mal é um feito de força. Se deixarmos que eles nos transformem em monstros...

Ela olhou para Amzallag, para o tom cinzento de sua pele; para Nisk e Lisseth, que estavam logo atrás de Thiago, ambas ainda visivelmente Naja, mas sem um pingo da graça e da beleza de Issa; para todos os outros, grandes demais, com presas compridas demais, alados e com garras, tão pouco naturais. Ela fizera aquilo, o trabalho literal de transformar aqueles quimeras nos monstros que os anjos acreditavam serem.

— Alguém tem que parar com as mortes — implorou ela a Thiago. — Alguém tem que parar *primeiro*.

— Que sejam eles, então — replicou Thiago, tão frio, os lábios tremendo com o esforço de não soltar um rosnado. Sua fúria era palpável.

— Só podemos decidir por nós mesmos. Pelo menos poderíamos cessar os ataques por tempo suficiente para pensar em outra forma de agir, em vez de tornar tudo muito pior, sempre pior.

— Estamos destruídos, Karou. Não tem como ficar pior.

— Tem, sim. *Já ficou*. As Terras Distantes? O Tane? O que Razor está fazendo agora, e como os serafins vão responder? Pode ficar cada vez pior, até não restar mais ninguém. Ou talvez... talvez possa ficar melhor. — De novo as palavras de Akiva lhe vieram à mente, e de novo Karou as repetiu, dessa vez sem corar: — Os quimeras continuarão ou não a existir no futuro, dependendo do que nós façamos agora.

E foi então que as Sombras Vivas abriram suas silenciosas asas, levantaram voo com a graça dos sonhos e pesadelos, avançaram acima das cabeças de seus companheiros e aterrissaram suavemente ao lado de Karou. Não falaram nada; era raro falarem. A postura delas estava clara: a elegante cabeça erguida, os olhos desafiadores. Karou ficou sem ar, invadida por uma súbita onda de emoção. De poder. Amzallag, Tangris, Bashees, Issa. Quem mais? Olhou para os outros. A maioria parecia atordoada. Mas em vários olhares Karou viu uma crueldade equiparável à do Lobo, e soube que o ódio de alguns entre eles nunca mais seria tocado pela esperança. Em outros, ela viu medo.

Em muitos outros. Mas Bast viria para o seu lado; Karou esperou que ela desse um passo à frente. Estava quase. Emylion? Hvitha? Virko?

E Thiago? Ele olhava fixamente para Karou, e ela se lembrou dele a encarando no bosque de réquiem, em outra vida. Viu aquela crueldade de novo, as narinas abertas, o olhar selvagem, mas então... viu-o recuar. Percebeu o momento em que ele dominou sua fúria, e, de forma perspicaz e calculada, e com grande *esforço*, vestiu novamente sua máscara. Aquela moderação fingida era pior do que ódio ou medo. Aquela grande, imensa mentira.

— Minha senhora Karou — disse ele. — Seu argumento é poderoso.

Espere, pensou Karou. *Não*.

— Vou levá-lo em consideração — continuou ele. — É claro. Vamos pensar em todas as possibilidades. Vamos pensar inclusive em como, agora, com nossos corações felizes, vamos colher as almas da catedral.

A onda de poder que Karou sentira se desfez por completo. Ao lhe dar aquela pequena vitória, o Lobo lhe tirara a chance de uma ainda maior. Agora nenhum dos outros soldados precisava reunir coragem para se unir a ela, e dava para notar o profundo alívio que sentiam. Dava para ver isso na postura, no rosto deles. Não queriam escolher. Não queriam escolher *Karou*. Como era mais fácil se deixar guiar pelo general... Bast nem olhou para ela. *Covardes*, pensou, começando a tremer quando toda a sua coragem inflamada foi se transformando em frustração. Será que acreditavam mesmo que o Lobo Branco pensaria em encerrar — ou mesmo temporariamente suspender — sua cruzada? *Vitória e vingança*. Ele teria que destruir seu estandarte, fazer outro. Karou se lembrou com saudade do símbolo do Comandante: folhas brotando de chifres. Nascimento e crescimento. Tão perfeito e tão distante.

E de repente o restante dos soldados também estava distante. Thiago estava acostumado a exercer o poder, bem ao contrário dela. Sem dificuldade alguma, ele tomou de volta o pouco que ela havia ganhado e direcionou as energias do exército para seus planos.

Seus planos para a colheita das almas enterradas na catedral.

O próprio Amzallag foi o primeiro a se voluntariar. Deu um ávido passo à frente, e outros o seguiram. Karou ficou plantada no lugar, quase esquecida. Issa apertou sua mão, para mostrar que compartilhava de seu desânimo. Já as Sombras Vivas desapareceram antes mesmo que ela pudesse lhes agradecer, e logo o calor do sol fez com que a maioria deixasse o pátio.

O dia passou em meio a essa atmosfera de energia renovada. Karou e Issa observavam e ouviam, e Thiago parecia mesmo estar fazendo o que dissera: considerando todas as possibilidades, inclusive pensando como conduziriam uma escavação em território patrulhado pelo inimigo e até o que fariam no sul para ajudar mais quimeras a alcançar as Terras Distantes. Era exatamente o que Karou queria, e ela mal conseguia respirar, pois sabia que era apenas mais um lance no jogo do Lobo. Uma

finta. Mas o que isso escondia? Qual seria seu verdadeiro jogo?

Quando a noite caiu, ela descobriu.

68

Sirithar

Akiva seguiu Byon pela última porta. Perfume e umidade o receberam; uma onda de vapor obscureceu sua visão no instante em que ele cruzou o umbral da porta, e ele ouviu a voz do pai antes de vê-lo.

— Ah, Lorde Bastardo. Como você nos honra com sua presença.

Era uma voz poderosa, fortalecida por tantos clamores pela morte das feras em batalhas passadas. Fosse o que fosse agora, Joram já fora um guerreiro um dia.

E era o que ele parecia. Akiva se curvou; começava a se erguer quando o vapor se dissipou, e ele viu que se encontravam em uma sala de banho, e que Joram estava nu. O imperador ficou de pé nos ladrilhos embaçados pelo vapor, forte e vigoroso, a pele avermelhada pelo calor, cercado pelo pequeno exército de criados aparentemente necessários para purificar sua pessoa real. Uma garota derramou um jarro d'água sobre a cabeça dele, que fechou os olhos. Outra, de joelhos, lavava-o com uma espuma grossa como chantilly.

Akiva tinha imaginado aquele encontro de muitas maneiras diferentes, mas em nenhuma delas seu pai estava nu. *Ele não suspeita de nada*, pensou. *De outro modo, me receberia vestido e armado.*

— Senhor imperador — disse —, a honra é toda minha.

— *Nossa* honra, *sua* honra — disse Joram, com a voz arrastada. — O que devemos fazer com tanta honra?

— Sempre podemos enforcá-la no Setor Oeste — disse outra voz, e Akiva nem precisou ver o rosto cortado ao meio para saber de quem era. Afundado em um banco de banho, em uma pose de informalidade a que somente ele se atreveria na presença do imperador, estava Jael. Bem, isso era conveniente, uma vez que, é claro, Jael, assim como Joram, não poderia continuar vivo. Para alívio de Akiva, o capitão estava inteiramente vestido. — Se ao menos houvesse espaço no cadafalso... — disse ele, como um lamento, arrancando risadas dos outros ali reunidos.

Akiva observou rapidamente o rosto deles. Embora não tão relaxados quanto Jael, todos pareciam tão à vontade que faziam entender que aquelas reuniões durante o banho deviam ser comuns.

O rosto cruel de Joram se abriu em um sorriso.

— Sempre se pode abrir espaço no cadafalso — disse ele.

Aquilo era uma ameaça? Akiva achou que não. Joram não estava nem olhando para ele; o imperador fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, para que a criada a molhasse novamente. Depois, sacudiu a cabeça com força, espirrando água para todo o lado. Namais e Misorias, de pé bem perto dele, piscaram quando foram atingidos pelos pingos d'água, mas fora isso não moveram um músculo. Dizia-se que os guardas pessoais de Joram — irmãos — eram guerreiros letais. Eram a primeira preocupação de Akiva. Havia também Espadas de Prata presentes ali, dois ao longo de cada parede: oito Lâminas Partidas com as armaduras de prata enevoadas pelo vapor condensado, as plumas caídas em razão da umidade. Akiva não estava preocupado com eles.

Na verdade, quando seu pai saiu da poça rasa de espuma, afastando-se das garotas de branco e indo em direção a um criado que estendia um robe, Akiva sentiu sua preocupação esmorecer. Ele podia não ter previsto uma sala de banho, mas, em todos os aspectos, aquele era o melhor cenário: poucos guardas em um ambiente reservado, um número limitado de testemunhas cujas palavras seriam levadas em conta e, o mais importante: a ausência de suspeita.

Nada no olhar daqueles serafins indicava cautela.

O príncipe herdeiro, Japheth, também estava ali, os olhos opacos de tédio. Era um serafim razoavelmente atraente. Devia ter mais ou menos a mesma idade de Akiva, suas feições permeadas por uma flacidez indefinível que passava uma imagem de fraqueza. Akiva sabia que Japheth não era nenhum modelo de conduta, mas seria melhor que seu pai — era isso o que importava. Ao lado dele estava Ur-Magus Hellas, com seu cabelo branco, chefe do círculo dos magos inúteis do imperador. Diziam que Joram o ouvia. Bastou ver seu olhar semicerrado de condescendência para Akiva saber que sua própria magia

permanecia em segredo. Alguns outros rostos, igualmente arrogantes, não lhe eram familiares.

— Deixe-me ver você — ordenou Joram.

— Meu senhor — replicou Akiva, e ficou onde estava enquanto seu pai se colocava diante dele e o examinava, estreitando os olhos.

O imperador vestira o robe, mas não o fechara; Akiva torcia para que ele fizesse logo isso. Que intimidade estranha seria matar um homem nu. Joram estava tão perto que Akiva podia estender a mão e bater em seu peito. Ou perfurar seu coração. Teve a desagradável sensação que o peito de seu pai, rosado pelo vapor, cederia como manteiga mole. Estava consciente da tensão em sua mão ecoando as batidas de seu coração. A mão, o braço, o corpo inteiro queriam sacar a espada e acabar com tudo ali, mas sua mente fervilhava de perguntas.

O que ele quer comigo?

E não só isso. *Foi terrível o que houve com ela.* Se Akiva não descobrisse agora, jamais saberia.

Ele sustentava o olhar fixo do pai. Ou talvez o pai sustentasse o dele. Como os olhos de Joram eram parecidos com os de Liraz e Hazael: azuis, mais estreitos nos cantos externos e com fartos cílios dourados. Ao contrário dos olhos dos irmãos, no entanto, os de seu pai eram desprovidos de calor. Seu olhar era infame; um olhar em que se podia ver a própria morte, dizia-se, ou pelo menos a total insignificância da própria vida, um olhar que fazia os serafins se ajoelharem; e, dizia-se também, que fazia os indignos cortarem as próprias gargantas de tanta vergonha e pavor.

E Akiva viu mesmo a morte nos olhos do imperador, mas não a sua própria.

Ele sentiu algo preso na garganta. Sabia o que era: emoção, mas... por quê? Não por Joram, não era remorso pelo que estava prestes a fazer. Seria pela mulher sem rosto e quase esquecida que lhe dera seus olhos de tigre e se mantivera fora do caminho quando os guardas o levaram? Ou... pelo rosto que ele tinha visto espelhado em prata naquele dia, pequeno e assustado e refletido vezes sem conta nas placas metálicas das canelas dos Espadas de Prata. Por ele mesmo. Por tudo o que tinha perdido e por tudo que nunca tivera e nunca teria.

— Sim, você vai servir — disse Joram por fim. — Que sorte, afinal, eu ter deixado você viver. Se tivesse mandado matá-lo, quem eu mandaria até eles?

Mandar até eles.

— Mas *eles* podem decidir matar você. Afinal, o que sei eu a respeito dos Stelian? Faça suas despedidas, por via das dúvidas.

Do outro lado do quarto, Jael falou:

— Dá azar um soldado se despedir, irmão. Esqueceu? Despedidas provocam o destino.

Joram revirou os olhos, dando as costas a Akiva.

— Então não se despeça de ninguém. Que me importa? — Ele agora saíra de seu alcance imediato; e Namais e Misorias estavam bem ali. Akiva deixara passar uma oportunidade. Mas haveria outra. Ele criaria outra. — Esteja pronto para partir pela manhã. — Joram olhou para trás, em direção a Hazael e Liraz; se notou a semelhança dos dois com a própria fisionomia, não deixou transparecer. — *Sozinho*.

— Partir para onde, meu senhor? — perguntou Akiva.

Ele já tinha feito seus planos para a manhã seguinte, é claro — desaparecer sem deixar rastros —, mas a linha solta de um mistério estava esperando para ser puxada. Sua mãe.

— Para as Ilhas Longínquas, naturalmente. Os Stelian acreditam que tenho em minha posse algo que é deles. E a querem de volta. Jael, você se lembra? Nunca perdi meu tempo decorando o nome delas. Como ela se chamava?

— Lembro, sim — disse Jael. — Chamava-se Festival.

Festival.

— Festival. Com um nome desses, era de se esperar que ela fosse *divertida*. — Joram balançou a cabeça, como se lamentasse. — Será possível que eles acreditem que eu a mantive aqui esse tempo todo?

Festival.

O nome foi como uma faísca. Imagens. Perfume. Toque. O rosto dela. Por um instante Akiva se lembrou do rosto da mãe. Da voz dela. Fazia muito tempo — décadas — e eram apenas fragmentos, mas o efeito foi imediato: foco e clareza,

como luz concentrada em um feixe.

O efeito foi o *sirithar*.

Akiva achava que conhecia o *sirithar*. Era parte de seu treinamento; ele passara anos fazendo *katas* ao amanhecer, buscando a serenidade dentro de si mesmo; era elusivo, mas ele acreditara saber o que era. Mas aquilo era diferente. Era verdadeiro e instantâneo e indelével. Não era de se admirar que ele não tivesse entendido; sem dúvida alguma que tampouco seus instrutores o tinham alcançado.

Era mágico.

Não o tipo de magia que ele descobrira sozinho, alcançada a partir de conjecturas e dor. Era como se ele tivesse passado a vida inteira cavando e arranhando a terra para só agora levantar a cabeça e ver o céu e seus infinitos horizontes, sua extensão insondável. Qualquer que fosse a fonte do poder ou o dízimo, não era dor. Na verdade, a dor em seu ombro tinha sumido. *O que era aquilo?* Luz e disposição e uma sensação de leveza, uma calma profunda que fazia o mundo ao seu redor parecer desacelerar e congelar para que ele visse tudo: o maxilar de Japheth se retesando para conter um bocejo, um olhar de relance trocado entre Hellas e Jael, a pulsação mínima da jugular de Joram. O calor e o agitar das asas e o respirar de todos ali, cada movimento pincelando o ar. Ele soube que a criada agachada iria se levantar antes que fizesse isso: a luz se moveu antes, e a garota pareceu segui-la. Joram ia levantar as mãos; Akiva o previu, e foi o que aconteceu. O imperador por fim fechou o robe, amarrando a faixa da cintura. Ele ainda estava falando, cada palavra real e límpida como seixos em um rio. Akiva compreendeu que o que ouvisse naquele estado ficaria gravado perfeitamente em sua memória.

Que nunca se esqueceria das últimas palavras de seu pai.

E que sabia quais seriam essas últimas palavras.

— Você vai até lá então — dizia Joram, com a certeza do poder pleno e absoluto. Foi quando Akiva percebeu que nunca precisava ter se preocupado com as suspeitas do pai. Tão inflado estava Joram com a lenda que se tornara que não lhe ocorria a possibilidade de ser desobedecido. — Mostre a eles quem você é. Se o ouvirem, dê-lhes minha promessa. Se eles se renderem agora e entregarem seus magos, não farei com eles o que fiz com as feras. Os Stelian têm se saído bem capturando mensageiros no ar, mas o que farão contra cinco mil soldados do Domínio? Será que sequer têm exército? Acham que conseguem se livrar tão facilmente de *mim*?

Você não faz ideia de como eles estão fora do seu alcance. Uma parte de Akiva queria girar e se maravilhar com os rios de luz nadando pelas muitas camadas de vidro da magnífica construção, levantar as mãos e contemplá-las como se tivessem sido refeitas, como se ele mesmo fosse uma criatura inteiramente nova, composta por aqueles raios de luz.

Luz velando fogo.

Uma voz, vinda do passado distante. "Você não pertence a ele." Era a voz dela, um vibrato ressonante, modulado e cheio de poder. Tinha sido naquele dia. "Você não pertence a mim. Você pertence a *si mesmo*." Ela não havia chorado. *Festival*. Não tentara segurá-lo ou lutar com os guardas, não dissera adeus. Despedidas provocam o destino, como Jael dissera.

Será que ela pensara que o veria de novo?

— Você a matou?

Ele se ouviu fazendo a pergunta e percebeu várias coisas ao mesmo tempo: o silêncio repentino do conselho; Namais e Misorias segurando os punhos de suas espadas; um lampejo de interesse por parte de Japheth, que perdera o anseio por bocejar. Não precisava nem ver Hazael e Liraz atrás de si para saber que os músculos deles relaxaram, de prontidão; sabia que Liraz já estava abrindo seu enervante sorriso de batalha.

— Você matou minha mãe?

E viu os olhos do pai, sem nenhuma surpresa, cheios de desprezo.

— Você não tem mãe. Assim como não tem pai. Você é um elo de uma corrente. Você é uma simples mão feita para brandir uma espada. Uma carcaça para vestir uma armadura. Esqueceu todo o seu treinamento, soldado? Você é uma arma. É uma *coisa*.

Eram essas as palavras. Akiva as ouvira pelo brilho do *sirithar* em um eco reverso. Já sabia que seriam as últimas de Joram.

Então retirou o encanto da espada e a desembainhou. Ele se movia na maré do tempo; tudo acabaria antes mesmo que as testemunhas pudessem levar um susto. Namais e Misorias puseram-se em movimento, mas estavam em outro plano de

existência. Akiva era fogo velado em luz. Detê-lo era uma esperança vã. Akiva cruzou o espaço que o separava do imperador no tempo que levou para os frios olhos de Joram piscarem, surpresos.

Como ele pôde não ver como eu mudei?, perguntou-se Akiva, e fez a lâmina penetrar pela seda do robe do pai, deslizando até o coração.

69
Arranhar

Era Bast arranhando a janela de Karou. As venezianas estavam fechadas pelos compridos trincos de bronze e, do outro lado do quarto, as tábuas de Mik estavam enfiadas nos sulcos do chão, pressionando a maçaneta e as dobradiças. A porta e a janela estavam bem fechadas; Issa e Karou, dentro do quarto, inquietas. Karou andava de um lado para o outro. Issa agitava a cauda. Esperavam alguma coisa acontecer.

E aconteceu.

O arranhar nas venezianas. Um sussurro rouco.

— Karou. Karou, abra a janela.

Karou recuou, assustada.

— Quem está aí?

— Sou eu, Bast. Estou de sentinela, não devia ter vindo aqui.

— E por que veio? — retrucou Karou com raiva.

Se Bast tivesse atravessado o pátio de manhã para se colocar ao lado dela, outros poderiam ter feito isso também. E se eles tivessem lhe dado apoio? Karou nem sabia o que teria feito. Aquilo tudo parecia tão fora de sua zona de conforto que ela só queria se encolher em um canto e chorar. *Ah, Brimstone, você achou mesmo que eu conseguiria fazer isso?* Bem, ele não poderia saber que o Lobo sobreviveria à guerra, pronto para frustrar cada passo seu.

— É... É o Lobo — disse Bast em resposta, e Karou sentiu como se todo o ar tivesse sido sugado do quarto. Ali estava o que faltava. O que Thiago tinha feito? — Ele levou Amzallag e as esfinges. Eu os vi lá da torre.

Levou? Karou e Issa trocaram um olhar alarmado. Karou escancarou a janela. Bast se apoiou no peitoril estreito, batendo suavemente as asas semiabertas para se manter equilibrada.

— Levou para onde? — perguntou Karou.

Bast parecia abalada.

— Para o fosso — sussurrou ela.

Mais tarde Karou se perguntaria se Bast tinha sido cúmplice ou apenas um peão de Thiago, mas naquele momento não suspeitou. Seu horror parecia real, e talvez até fosse. Talvez estivesse pensando que poderia ser ela a próxima a fazer aquela caminhada, por ter chegado tão perto de apoiar Karou. E talvez — provavelmente — estivesse pensando que nunca mais pensaria em cometer esse erro.

Não se fica contra o Lobo.

Com mãos trêmulas, Karou prendeu de novo o cinto com suas facas. Sentiu-se melhor com o peso das lâminas em lua crescente na cintura. A janela aberta estava a sua frente. Issa, ao seu lado, não podia sair por ali. Karou olhou para ela.

— Vou atrás de você, docinho. — Issa seguiu para a porta, as escamas ondulando. — Vá. Estarei logo atrás de você.

Karou saiu para a noite lá fora. Já estava sobre o baluarte quando Issa tirou as tábuas, colocou-as de lado e abriu a porta.

E deu de cara com Ten.

70

VIDA LONGA AO IMPERADOR

O imperador caiu de joelhos. Seus olhos foram ficando sem vida, o ódio se apagando das órbitas à medida que a vida se esvaía no vermelho que tingia o seu peito. Ninguém o segurou; ele tombou na cuba de banho rasa, espirrando água. O líquido e a espuma ficaram rosados.

Uma criada gritou.

Namais e Misorias partiram para a ação. Akiva bloqueou seus golpes; nada nunca fora tão fácil.

Ele percebeu que os guardas junto às paredes se aproximavam, o choque embotando o ar. Pelo menos um se atrapalhou com a própria manga ao tentar alcançar o punho da espada, e xingou. Hazael e Liraz desembainharam as armas a um só tempo.

Os Espadas de Prata talvez acreditassem na suficiência da vantagem numérica — oito contra dois —, mas após os primeiros entrechoques das lâminas a confiança deles se evaporou. Aquilo não era nenhum exercício de ataque e defesa a que estavam acostumados, nenhum elegante retinir de prata. Hazael e Liraz seguravam suas longas espadas com as duas mãos, e seus golpes eram tão poderosos quanto os que já haviam rasgado a armadura e a pele de inúmeros espectros. Décadas de batalha, as mãos negras com sua terrível contagem, e a violência de seu ataque atingiu os guardas como uma força da natureza.

Não eram dois lutando contra oito. Eram dois massacrando oito. Liraz, esguia como era, conseguiu deslocar o ombro do guarda que bloqueou seu primeiro golpe. O gemido de dor dele foi seguido por um ruído alto da espada saindo voando de sua mão; ela não acabou com o guarda enquanto ele cambaleava para trás, mas girou em direção ao próximo com um chute baixo e veloz que o acertou no joelho. Ele também urrou de dor e caiu.

O primeiro golpe de Hazael cortou a lâmina de seu oponente, deixando o guarda com uma linda espada de prata partida na mão.

Tudo isso aconteceu em poucos instantes — os Ilegítimos ensinando aos arrogantes Espadas de Prata a vital diferença entre um *guarda* e um *soldado* —, e os olhos dos guardas se arregalaram ao perceber em que situação se encontravam. A postura dos cinco que sobraram mudou de uma segurança ameaçadora para um defensivo curvar-se. Eles seguraram firme suas espadas e formaram um círculo em torno dos Ilegítimos, trocando rápidos e desesperados olhares de fácil interpretação:

Vá em frente, ataque.

Ataque você.

Nem precisavam ter se preocupado. Liraz e Hazael não esperaram. Esperar dava ao inimigo tempo para pensar. E eles não precisavam pensar. Atacaram. Estavam em *nithilam*. O retinir era ensurdecedor, e o apelido "Lâminas Partidas" provou-se justificado, já que as armas frágeis e chamativas se quebravam sob o impacto do aço. Do outro lado do cômodo, um dos conselheiros que não lhes eram familiares abaixou-se bem a tempo de evitar ser atingido por um pedaço de prata, que passou voando e se cravou na parede bem onde sua cabeça estivera segundos antes.

Os Lâminas Partidas estavam todos desarmados e levemente feridos. Quando um deles fez uma tímida menção de pegar uma espada, bastou um sorriso e um balançar de cabeça de Liraz e ele parou na mesma hora, como uma criança travessa.

— Fiquem parados — disse ela. — Só queremos ver uma demonstração da grande habilidade que vocês têm de *ficar parados*.

Os outros também obedeceram e ficaram parados, tomando espaço — muito espaço: corpos tão grandes para um treinamento tão fraco. Suas vidas nunca tinham estado em perigo antes, e, se Liraz e Hazael quisessem matá-los, seria lamentavelmente fácil. Mas não era o que queriam. Mal haviam derramado sangue. Um dos alvos era Joram, que agora jazia morto, sem ninguém para acudi-lo, na água rasa, que agora tinha passado de cor-de-rosa para vermelha. Jael era o outro.

Mas ele tinha desaparecido.

— Akiva — disse Liraz. — Jael.

Akiva já sabia. Os três Ilegítimos estavam no centro da sala de banhos. O silêncio reinava. Deviam ter se passado apenas dois minutos desde que a lâmina de Akiva perfurara o coração de seu pai. Ele havia desarmado Namais e Misorias — os dois tinham oferecido maior resistência, mas ainda assim não fora o suficiente — e os fizera desmaiar com um golpe do punho da espada, para evitar qualquer tentativa de heroísmo que pudesse forçá-lo a matá-los. Um deles tinha caído com o rosto para baixo, e, no segundo que Akiva perdera para virá-lo com o pé para que não se afogasse na água vermelha, Jael havia desaparecido.

Para onde ele fora? Se tivesse escapado por alguma porta secreta, não conseguira levar seu sobrinho junto. Akiva olhou calma e demoradamente para o príncipe herdeiro. Japheth puxara uma das criadas, colocando-a na frente de si como um escudo vivo. Ela estava paralisada, esmagada contra o peito dele, sua longa trança presa na mão do príncipe — fosse ele um homem melhor, estaria segurando uma espada.

Eis o novo imperador, pensou Akiva.

Aonde quer que Jael tivesse ido, estaria agora lançando o alerta aos quatro ventos. Akiva se preparou para o que aconteceria a partir dali. Estava supreso por ainda não terem feito nada; imaginara que os guardas do Portão Samekh entrariam correndo ao ouvir o retinir das lâminas. Seria nesse instante que ele, Hazael e Liraz fariam o encanto para ficar invisíveis e tentariam achar a saída, aproveitando-se do caos.

Mas não havia nenhum caos.

Talvez, pensou ele, todas aquelas paredes de vidro interligadas não deixassem passar o som. Em meio àquela estranha quietude, Akiva foi abandonado por seu recém-descoberto estado de *sirithar*, que ia e vinha por vontade própria, e seus sentidos voltaram ao normal. Frustrado por aquela diminuição de poder, ele examinou o recinto. A galeria de bajuladores estava plantada no mesmo lugar, todos horrorizados; de boca aberta como peixes, engoliam o ar úmido com desespero. Akiva passou os olhos por eles. Hellas tinha perdido sua presunção.

E lá estava Japheth, ainda agarrado à criada. Aquilo não deveria ser surpresa alguma, mas ouvir falar da covardia de alguém é uma coisa, ver isso assim tão claramente era outra. O que fazer? O objetivo deles ali tinha que ficar claro: era o assassinato do fomentador da guerra, não uma rebelião contra todo o império; não uma tentativa de tomar o poder.

Então, olhando nos olhos do príncipe herdeiro, Akiva disse as palavras que proclamavam sua ascensão:

— O imperador está morto. Longa vida ao imperador.

Naquela atmosfera de vapor e medo, sua voz soou grave e solene. Ele levou a mão ao peito, batendo o cabo da espada na altura do coração, e deu um pequeno aceno de cabeça para Japheth. Atrás dele, Hazael e Liraz fizeram o mesmo.

O pavor de Japheth deu lugar a confusão. Ele olhou de soslaio para o conselho em busca de uma explicação, como se aquela possibilidade nunca lhe tivesse ocorrido. A jovem criada aproveitou para se soltar, correndo porta afora como uma criatura que escapou de uma armadilha. Akiva a deixou ir. Ela abriu a porta com um gesto violento e saiu em disparada. Agora com certeza os guardas viriam depressa.

Mas não. Nada aconteceu.

Sem seu escudo humano, Japheth deixou-se cair de joelhos e, trêmulo, começou a recuar lentamente. Akiva deu-lhe as costas, enojado.

— Já acabamos por aqui — disse aos irmãos.

O que quer que estivesse acontecedo fora daquela sala de banho, não fazia sentido esperar mais. Teria sido mais fácil utilizar-se do caos como cobertura para fugir — os guardas correndo para ver o que acontecia e nisso deixando os dez portões abertos —, mas eles dariam um jeito. Lutariam, se fosse preciso. Akiva estava pronto para sair, para deixar Astrae e a traição que cometera para trás.

Mas só chegou até a porta.

Não foram os Espadas de Prata, com sua pomposa incompetência e suas belas mas inúteis espadas, que o detiveram. Foi o Domínio. Não guardas: soldados. Alertas e tranquilos e *muitos*. Vinte, mais até. *Quarenta*, preenchendo toda a sala, mas sem trazer nenhum caos, nenhuma agitação para facilitar a fuga. Apenas rostos severos e espadas já pegajosas de sangue.

Sangue de quem?

E... traziam algo mais, algo completamente inesperado. Logo que sentiu aquela debilitante e tão familiar onda de náusea, Akiva entendeu. Os soldados começaram a fechar um cerco em volta dele e de seus irmãos, dos envergonhados Lâminas Partidas e do corpo do imperador, carregando troféus... medonhos troféus. Akiva percebeu que tudo aquilo tinha sido orquestrado. Ele tinha feito sua parte em uma trama escrita por Jael, e o fizera com perfeição.

Os soldados do Domínio seguravam *mãos*. Mãos secas e cortadas, marcadas com os olhos do demônio. Mãos de espectros, tão poderosas quanto costumavam ser quando erguidas por seus verdadeiros donos: os rebeldes quimeras que eles tinham matado e queimado nas Terras Distantes.

Akiva sentiu a magia atingi-lo como se penetrasse em sua corrente sanguínea, talhando-o por dentro. Tentou resistir, mas de nada adiantou. Começou a tremer e não conseguia parar.

— Graças aos deuses da luz — ouviu os conselheiros murmurarem. — Estamos salvos.

Mas que imbecis. Será que ainda não tinham se perguntado o que os soldados do Domínio faziam dentro da Torre da Conquista?

Seu capitão estava com eles.

— Meu sobrinho. — Por um instante Akiva pensou que Jael se dirigia a ele, mas não: estava olhando para Japheth. — Permita-me ser o primeiro a oferecer minhas felicitações. — Jael estava corado; pelo calor, por medo? Sua cicatriz era uma grande fenda branca. Ele aproximou-se de Japheth, que continuava de joelhos, e lhe disse: — Esta não é postura para o soberano do Império dos Serafins. Levante-se.

E estendeu a mão.

Akiva entendeu o que ia acontecer, mas a náusea pulsante dos hamsás se combinara ao embotamento que se abatera sobre ele após o *sirithar*, e não conseguiu fazer nada para impedir.

Japheth levantou a mão para Jael; ele a pegou, mas não ajudou o sobrinho a se levantar. Girou o braço de Japheth, colocando-se atrás dele. Japheth arfou de dor enquanto Jael esmagava a delicada mão do príncipe com sua força de espadachim, impedindo-o de se levantar. Um brilho de metal, um movimento brusco do braço e tudo acabou em uma questão de segundos: com sua adaga, Jael cortou a garganta do sobrinho, abrindo uma fina linha vermelha no pescoço dele.

Japheth arregalou e revirou os olhos. Sua boca se abriu, mas não emitiu nenhum som a não ser um leve gorgolejar. A linha vermelha foi se tornando mais espessa e borrada. Gotas se transformaram em um filete. E o filete, em um jorro.

— O imperador está morto — disse Jael, antes mesmo que fosse realmente verdade. Sorrindo, ele limpou a lâmina na manga de Japheth e depois o empurrou, atirando seu corpo junto ao de Joram na água vermelha. — Vida longa ao imperador.

Akiva se sentia tão atordoado e boquiaberto quanto os conselheiros.

Quanto a Jael, não poderia parecer mais satisfeito. Virou-se para Akiva e fez uma reverência debochada.

— Obrigado — continuou ele. — Eu estava torcendo tanto para que você fizesse isso.

A partir dali, o que Akiva acreditara ser um bom cenário se transformou na pior situação possível.

71
O fosso

Quando Karou chegou ao fosso, já era tarde demais.

Amzallag, Tangris, Bashees. Todos mortos sob as estrelas, e Thiago de pé ao lado dos corpos, tranquilo e resplandecente em todo o seu brancor, esperando. Esperando por *ela*. Havia outros ali por perto em um semicírculo; Karou devia ter dado uma olhada na cena, dado meia-volta ali mesmo no ar e voado de volta para a questionável segurança de seu quarto. Mas não podia, não com aqueles corpos estendidos ali, Amzallag e as esfinges, o sangue ainda pulsando de suas gargantas cortadas e escorrendo para o rochedo, suas almas fragilmente presas aos corpos. Por terem ficado do lado dela.

Seria esse o preço? Ela nunca mais teria outro aliado. Recuar naquele momento seria o mesmo que abandonar a causa quimera ali mesmo, naquele exato momento.

Karou estava entorpecida pela repulsa e a fúria quando desceu, aterrissando com força diante do Lobo. A mancha de sangue no peito e na manga da túnica dele parecia preta na escuridão da noite. Atrás dele havia montes de terra que sobraram da escavação do fosso; uma fileira de pás erguidas como estacas de uma cerca; Karou ouvia um zumbido baixo, como o de um motor distante, mas percebeu que eram moscas. Ao longe, no escuro. Examinou a terrível cena por um instante até finalmente encontrar a voz. Engasgada, disse:

— Eis aqui o grande herói dos quimeras, assassino de seus próprios soldados.

— Não creio que fossem soldados meus — replicou Thiago. — Azar o deles.

Então ele se virou de frente para o corpo de Amzallag, que estava bem na beirada do fosso. Preparou-se e, com o pé, as garras de lobo ajudando a conseguir um apoio, chutou com força o corpo, que saiu rolando. Devia pesar uns duzentos e cinquenta quilos, mas, quando os ombros passaram da beirada, seu peso arrastou sozinho o resto. Foi uma queda lenta, bem lenta no começo... e então repentina. O corpo de Amzallag caiu no fosso e desapareceu naquela escuridão fétida.

Lisseth fez o mesmo com os corpos das esfinges, que, bem mais leves, quase não fizeram barulho, como se a queda tivesse sido suave — Karou sabia, mas não queria imaginar o que as amortecera —, mas o mau cheiro subiu até eles, assim como moscas, centenas de moscas, uma nuvem escura a zunir, e era como se carregassem consigo a putrescência. Karou se afastou, lutando contra a ânsia de vômito. Quase podia sentir o ar dentro da boca, denso e sufocante, vapor e líquido. Cambaleou para trás, olhando horrorizada para Thiago.

— Eles não são todos monstros como você — disse ela. — Como alguns de vocês.

E olhou para os capitães ali reunidos em torno dos dois: Nisk, Lisseth, Virko, Rark, Sarsagon. Eles sustentaram seu olhar, indiferentes e sem o menor pudor — com exceção de Virko, que baixou o rosto.

— Monstros, sim, somos monstros — disse Thiago. — Vou dar aos anjos suas “feras”. Vou dar a eles pesadelos que irão assombrar seus sonhos até bem depois da minha morte.

— Então é isso? É esse o seu objetivo, deixar um legado de pesadelos para quando morrer? E por que não? Por que não resumir tudo a *você*? O grande Lobo Branco, assassino de anjos, redentor de ninguém.

— Redentor. — Ele riu. — É isso que você quer ser? Que meta ambiciosa para uma traidora.

— Nunca fui uma traidora. Se alguém é traidor aqui, é você. E toda aquela história hoje sobre a escavação da catedral? Foi tudo mentira?

— Karou, o que você acha? O que faríamos com aqueles milhares de almas? Nossa ressurreicionista mal consegue criar um exército.

Quanto desprezo na voz dele. Karou respondeu na mesma moeda:

— Bem, eu não vou mais criar seu exército, então vou precisar de algo para me manter ocupada.

Estava praticamente cuspindo agora; sua mente zunia de raiva. Ela ia colher a alma de Amzallag, e das esfinges também. Amzallag não tinha sentido a esperança de reencontrar sua família para morrer logo depois.

— Ah, não vai mais? — Thiago sorriu. *Assassino, torturador, selvagem*. Ele estava à vontade com aquela situação. — Acha mesmo que pode vencer este jogo? — Ele balançou a cabeça. — Karou, Karou. Ah, seu nome me diverte. Aquele idiota do Brimstone. Ele lhe deu o nome de *esperança* por você ter se deitado com um anjo? Devia tê-la chamado de *luxúria*. Ou *vagabunda*.

A palavra não doeu. Nada que Thiago dissesse poderia feri-la. Ao olhar para ele agora, Karou mal entendia como havia se deixado levar por tanto tempo, cumprindo suas ordens, criando monstros para seu legado de pesadelos. Ela pensou em Akiva, na noite em que ele fora ao encontro dela no rio, na dor e vergonha esmagadoras que vira no rosto dele, e amor, ainda amor — tristeza e amor e *esperança* —, e lembrou-se da noite do baile do Comandante, e em como Akiva sempre fora sua certeza enquanto Thiago era tudo de errado, o calor em oposição à frieza gélida do Lobo, a segurança protegendo-a da ameaça do monstro.

Ela olhou bem fundo nos olhos de Thiago e disse em voz baixa, friamente:

— Isso ainda acaba com você, não é? Eu ter escolhido Akiva em vez de você? Quer saber de uma coisa? — *O amor é um elemento*. — Você *nunca* foi uma opção.

Ela viu um espasmo de fúria desfazer na mesma hora a expressão fria e contida de Thiago. Aquele lindo receptáculo que Brimstone criara escondia algo sombrio e mortal por dentro.

— Deixem-nos a sós — ordenou ele por entre os dentes trincados.

Os outros já estavam batendo as asas em obediência antes mesmo que Karou tivesse a chance de se arrepender de suas palavras. Com o barulho das asas e o movimento intenso a levantar poeira, o bafo de podridão que se agitou no ar e a areia batendo em seus braços descobertos e seu rosto, ela teve a breve impressão de sentir as asas que tivera um dia, tão forte era seu impulso de fugir. Como na noite do baile do Comandante, ao dançar com Thiago, quando a cada segundo suas asas ansiavam por levá-la para longe dele.

Para longe. *Vá para longe dele*. Ela se preparou para saltar, mas antes que deixasse o chão, Thiago avançou. Depressa. Um brevíssimo movimento e ele agarrou seu braço — os hematomas gritaram de dor. Com força.

— *Sim*, acaba comigo, Karou. É isso o que você quer ouvir? Que você me *humilhou*? Eu a puni por isso, mas a punição foi... insatisfatória. Foi impessoal. Seu protetor Brimstone cuidou para que eu nunca ficasse sozinho com você. Sabia disso? Mas ele não está aqui agora, está?

Presa, Karou olhou para os soldados que partiam. Apenas Virko olhou para trás, mas não parou. De repente a escuridão o envolveu e ele desapareceu junto com os outros, o som das asas diminuindo, a poeira se assentando, e Karou ficou sozinha com Thiago.

A mão dele apertava seu braço como um torno; Karou sabia como Brimstone fizera os corpos do Lobo. Sabia a força que ele tinha, portanto não tinha esperanças de conseguir escapar.

— Me solta.

— Eu não fui amável? Não fui gentil? Pensei que fosse isso que você queria. Achei que seria a melhor maneira de lidar com você. Gentileza e agrados. Mas vejo que me enganei. E quer saber? Fico feliz. Existem outros meios de persuasão.

De repente sua mão livre estava na cintura dela, entrando por baixo da blusa para tocar sua pele. A mão livre de Karou voou para a lâmina de lua crescente presa à cintura, mas Thiago afastou-lhe a mão, agarrou a arma e atirou-a no fosso; segundos depos fez o mesmo com a outra. Karou empurrou inutilmente o peito dele, tentando se soltar.

Aconteceu tudo muito rápido; seus pés desprenderam-se do chão e seu corpo caiu com tanta força que sua visão escureceu e ela perdeu o ar. Karou arfava, com Thiago em cima dela, pesado e muito, muito forte, e o inútil pensamento que não lhe saía da cabeça era: *Ele não pode fazer isso, não pode me machucar, ele precisa de mim*. E o tempo todo ele ria.

Ria. Seu hálito no rosto dela. Karou tentou se afastar, lutou, todos os músculos se retesando para lutar contra ele, o pulmão se enchendo daquele ar fétido do fosso toda vez que engolia avidamente o ar.

Ela também era forte. Seu corpo era obra de Brimstone tanto quanto o dele, e tampouco era uma força vazia — ela treinara a vida inteira. Conseguiu soltar um braço e girou, colocando o ombro como um obstáculo entre eles, levantou um joelho e se soltou dele, rolando para longe enquanto ele se lançava de volta para cima dela, e levantou voo, subindo, tentando escapar, mas foi quando ele a pegou por trás e a derrubou com força de novo. Bateu com o rosto no chão dessa vez, a dor a

inundando, e ficou presa de novo, sentindo o peso dele nos ombros de uma forma que não lhe dava chance de se soltar, e então ouviu a voz dele em seu ouvido:

— *Vagabunda* — sussurrou Thiago, e seu hálito era quente, seus lábios tocavam o lóbulo da orelha dela, e depois as pontas afiadas de suas presas.

Ele a mordeu. *Rasgou* sua pele.

Karou gritou, mas Thiago bateu a cabeça dela no rochedo outra vez, e a dor sufocou o grito.

Ela não conseguia vê-lo. Ele a prendia, mantendo seu rosto na areia e nas pedras, quando ela sentiu garras segurarem em sua calça jeans e puxarem. Por um segundo sua mente ficou vazia.

Não.

Não.

O grito não era sua voz. Era sua mente, repetindo os mesmos pensamentos tolos e horrorizados de antes: *Ele não pode, não pode.*

Mas ele *podia*. E *estava fazendo.*

Só que o jeans não saiu do lugar, mesmo quando ele puxou com tanta força que a arrastou meio metro pelo chão, sua face sentindo cada pedra, e então ele a virou para abrir o botão. Agora estava em cima dela, sorrindo, e Karou viu seu sangue nos lábios dele, nas presas dele. O sangue pingou em sua boca e ela sentiu o gosto. Olhou para as estrelas no céu além dele e, quando Thiago soltou seu braço para agarrar os dois lados da calça e tentar arrancá-la, ela agarrou uma pedra e esmagou o sorriso em seu rosto.

Ele grunhiu de dor, mas não saiu do lugar. O sangue de Thiago se juntou ao dela em suas presas, e seu sorriso voltou. A gargalhada também. Era obscena. Sua boca era uma careta vermelha, mas ele continuava em cima dela.

— *Não!* — gritou ela, e a palavra parecia saída de sua alma.

— Não banque a pura, Karou — disse ele. — Afinal, todos nós somos apenas receptáculos.

E, quando ele puxou dessa vez, a calça desceu e ficou presa nas botas dela, embolando na altura de suas panturrilhas. Ela sentiu as pedras machucando sua pele nua. Os gritos em sua cabeça eram ensurdecedores e pareciam inúteis quando ele conseguiu colocar o joelho entre os dela, separando-os. Ele rosnou de maneira animal, e Karou continuou lutando. Lutando. Não parava um segundo. Todos os seus músculos estavam em movimento, se movendo para impedi-lo. As garras das mãos de Thiago laceraram seus braços, prendendo-a, e as pedras cortavam suas costas e pernas, mas a dor parecia distante. Ela sabia que não podia ficar parada, não podia parar nunca. Ele então segurou os dois pulsos dela com uma das mãos — para ficar com a outra livre, para ficar com a outra livre —, mas Karou conseguiu livrar-se e tentou alcançar os olhos dele. Ele se afastou bem na hora, então ela só conseguiu arranhar seu rosto.

Ele deu-lhe um tapa com as costas da mão.

Karou piscava, as estrelas nadavam no céu. Ela balançava a cabeça para clarear a visão quando se lembrou da faca.

Na bota.

Como a bota parecia infinitamente longe das suas mãos. Ele segurava os pulsos dela com tanta força que Karou mal sentia os dedos. Quando se levantou um pouco para tentar tirar a própria roupa — *não estava mais* tão branca, ela se pegou pensando, muito distante dali —, teve que soltar uma das mãos dela. Karou deixou o braço cair para o lado dessa vez, sem se mover. Fechou os olhos. Sem contar com a respiração irregular deles, o silêncio do deserto era como um vácuo, que tragava o som e o engolia. Ela se perguntou: se gritasse, será que a ouviriam lá na casbá? E se ouvissem, será que alguém viria em seu socorro?

Issa. Issa já devia estar ali àquela altura.

O que tinham feito com Issa?

Karou não gritou.

Thiago esqueceu a mão livre dela ao se deitar novamente em cima de Karou, e ela virou a cabeça de lado e fechou os olhos com força. Ele parecia um lobo ofegante. Karou moveu os quadris e girou, se contorceu para evitá-lo, e não abriu os olhos enquanto tateava por baixo da calça jeans embolada, em busca da bota. Da faca. Sentiu o frio do cabo curto em sua mão quente. Em meio à dor e à falta de ar, à escuridão dos olhos cerrados, ao ar abafado e pútrido e ao zumbido das moscas,

às pedras que arranhavam seu corpo e à pressão e força do corpo em cima dela, aquele cabo era tudo.

Ela puxou a faca com facilidade. Thiago tentava empurrar seus quadris para baixo.

— Vamos, meu amor — ronronou ele. — Quero entrar em você.

Nada nunca fora mais perverso do que aquela voz suave, e Karou sabia que, se olhasse para o rosto dele, veria um sorriso. Então não olhou.

Cravou a faca na base da garganta dele. Era uma faca pequena, mas foi o bastante.

Ao sentir o calor se derramar sobre si, ela soube que era sangue. As mãos de Thiago esqueceram os quadris dela. E, quando Karou abriu os olhos, ele não estava mais sorrindo.

72

UM LAMENTÁVEL DESPERDÍCIO DE DOR

— Matem todos — ordenou Jael a seus soldados, com um mórbido bom humor.

Akiva continuava de pé no meio da sala de banho, junto com seus irmãos. Os três ainda seguravam suas espadas, mesmo sabendo que, com o mal-estar causado pelas marcas do demônio, não tinham como se defender de tantos soldados.

— Não *todos* — corrigiu Ur-Magus Hellas, que tinha se colocado ao lado de Jael e que, ao contrário dos demais membros do conselho, não parecia chocado com tudo o que acontecera. Um cúmplice.

— Mas é claro — concordou Jael, com uma polidez afetada. — Erro meu. — Então se virou para os guardas: — Matem todos, menos os Ilegítimos.

O olhar de presunçosa complacência de Hellas desapareceu.

— O quê?

— Certamente. Traidores merecem uma execução pública, não é mesmo? — indagou Jael, deliberadamente deturpando o significado das palavras de Hellas. Então se virou para os bastardos, ainda com aquela alegria repulsiva. — Como meu irmão disse mais cedo, sempre se pode abrir espaço no cadafalso.

— Meu senhor — insistiu Hellas, ofendido e só então começando a ficar com medo —, estou falando de *mim*.

— Ah, pois é. Sinto muito, velho amigo, mas você tramou a morte do meu irmão. Como posso confiar que não vai trair também a *mim*?

— *Eu?* — Hellas ficou vermelho. — *Eu* tramei? Tramei com *o senhor*...

Jael estalou a língua.

— Viu? Já está inventando histórias a meu respeito. Todo mundo sabe que foi o Ruína das Feras quem matou Joram e o pobre Japheth, sangue de seu sangue. Como posso deixar que você saia desta sala e vá espalhar mentiras a meu respeito?

O rosto vermelho do mago empalideceu.

— Eu não faria isso. Sou leal. O senhor vai precisar de uma testemunha. O senhor disse...

— A criada vai servir como testemunha. Será até *melhor*, porque vai *acreditar* no que diz. Ela viu o bastardo matar o imperador. Quanto ao restante, estará confusa. Vai acreditar que viu tudo.

— Meu senhor. O senhor... precisa de um mago...

— Como se você fosse capaz de realizar alguma *magia* — zombou Jael. — Não preciso de impostores ou envenenadores. Veneno é para covardes. Os inimigos devem *sangrar*. Anime-se, meu amigo. Você morrerá em nobre companhia.

E, a um gesto sutil de Jael — pouco mais que um espasmo da mão —, os soldados se adiantaram.

Hellas procurou desesperadamente um protetor.

— Socorro! — gritou, embora certamente tivesse feito sua parte para que nenhum socorro aparecesse.

Os outros membros do conselho também gritaram. Akiva sentiu mais pena deles, embora sua infelicidade crescente não deixasse muito espaço para desperdiçar pena com aquele grupo de tolos cruéis escolhidos a dedo.

Foi um banho de sangue. Os Espadas de Prata, brutamontes inúteis e já desarmados, agonizaram e morreram. Um dos soldados do Domínio despachou Namais e Misorias — ainda inconscientes — com suaves golpes na garganta dos dois. Parecia estar ceifando ervas daninhas, tão impassíveis foram os gestos. Os olhos dos guarda-costas se abriram, e os dois se debateram um pouco antes de morrer, então escorregaram na mistura de água de banho e sangue. Nem as criadas foram poupadas; Akiva percebeu o que ia acontecer e tentou proteger a que estava mais perto, mas havia muitos soldados do Domínio, e muitos hamsás virados em sua direção. Os soldados o empurraram de volta para onde estavam Hazael e Liraz antes de silenciar os gritos da garota sem nenhum sinal de remorso.

Eram perfeitos soldados de seu líder, pensou Akiva enquanto a cena se desenrolava diante de seus olhos. Ele já testemunhara muitas carnificinas, já tomara parte de muitas também, mas aquele massacre o chocou pela frieza. E astúcia.

Assistir àquilo tudo, sabendo que seria acusado por aqueles crimes — que a desonra seria *dele* enquanto Jael assumia o manto do imperador —, o fazia arder e suar frio, sentindo-se ao mesmo tempo furioso e impotente.

Ele procurou alucinadamente algum traço da clareza e do poder que o haviam inundado antes, mas não sentia nada além do desespero crescente. Olhou para seus irmãos, que estavam com as costas coladas um no outro. Era visível a tensão dos dois.

Os quatro conselheiros que ali estavam além de Hellas morreram mais ou menos como tinham visto seus imperadores morrerem: chocados, afrontados e indefesos. Hellas gritou. Tentou levantar voo, como se houvesse como escapar pelo teto abobadado de vidro, e nisso a espada do soldado acertou sua barriga em vez do coração. Os gritos do mago ficaram mais agudos, e ele agarrou a lâmina cravada em seu corpo; caiu olhando para o aço, sem conseguir acreditar, e quando o soldado puxou a espada, dedos voaram. Hellas ergueu as mãos mutiladas na frente do rosto — sangue, muito sangue jorrava dos cotos dos dedos —, e foi isso que viu, com horror abjeto e ainda aos berros, quando o soldado corrigiu a mira e acertou em cheio seu coração.

Ele parou de gritar.

— Duvido que ele tenha sequer *tentado* fazer alguma magia — observou Jael. — E toda aquela dor para pagar o dízimo... Que desperdício. Um lamentável desperdício de dor.

Então lançou um olhar penetrante para Akiva e apontou para *ele*. Akiva se preparou para se defender — ou tentar. Mal conseguia segurar a espada, e a fraqueza só aumentava com a sensação nauseante que o dominava de todos os lados. Mas os soldados entendiam bem os gestos do capitão; não atacaram.

— Agora, aqui sim temos um mago — disse Jael.

Akiva *ainda* estava de pé, embora achasse que não fosse aguentar por muito tempo. A sensação de ter tantos hamsás voltados para ele o levava de volta ao passado, ao cadafalso na ágora de Loramendi: lembrou-se de Madrigal, de como ela olhara para ele, do momento em que tinha colocado a cabeça na rocha, de como a cabeça dela caíra e quicara, e de como ele tinha gritado, sem poder fazer nada. Onde estivera aquele verdadeiro estado de *sirithar* então? Ele balançou a cabeça. Não era nenhum mago; um mago poderia tê-la salvado. Um mago poderia se salvar agora, e a seus irmãos, daqueles soldados com seus troféus nodosos e afiados, de sua força roubada.

Jael confundiu sua reação com modéstia.

— Ah, vamos lá — disse ele. — Você acha que eu não sei, mas está enganado. Ah, essa demonstração de encanto, as espadas invisíveis? Isso foi muito bom, mas *os pássaros*? *Aquilo sim* foi incrível.

Ele assobiou com um som úmido e balançou a cabeça: um elogio sincero.

Akiva tomou cuidado para não entregar nada. Jael podia suspeitar, mas não tinha como *saber* que os pássaros tinham sido obra sua.

— E tudo isso para salvar um quimera. Tenho que admitir que me confundiu. O Ruína das Feras salvando uma fera?

Jael olhava para ele, prolongando uma pausa. Akiva não gostou do olhar, nem da pausa. Seus encontros sempre pareceram jogos altamente arriscados: cortesia exagerada encobrindo uma desconfiança mútua e um ódio profundo. Daquela vez não havia mais por que manter a polidez, mas o capitão prosseguiu com a farsa, e havia um traço de *alegria* naquilo. Um sorriso brincava em seu rosto.

O que ele sabe?, perguntou-se Akiva, agora certo de que havia alguma coisa. Daria tudo naquele momento para colocar um fim à alegria de Jael.

— "Ela tem gosto de contos de fadas" — disse Jael. As palavras, familiares, fizeram Akiva sentir uma pontada de medo, mas ele não conseguia lembrar onde tinha ouvido aquilo. Não até Jael acrescentar, quase cantando: — Ela tem gosto de *esperança*. Ah, como será esse gosto? Pólen e estrelas, disse o Decaído. Ele falou tanto sobre isso, aquela coisa hedionda. Quase senti pena da garota por ter sentido o toque de uma língua como aquela.

Akiva ficou atordoado. *Razgut*. De algum jeito, Jael encontrara Razgut. O que a criatura lhe contara?

— Fico pensando se você chegou a encontrá-la — disse Jael.

— Não sei de quem você está falando — replicou Akiva.

Jael abriu um largo sorriso agora, sórdido, malicioso e excitado.

— Não? — indagou. — Fico feliz em saber disso, já que não havia nenhuma menção a qualquer garota em seu relatório. — Isso era verdade. Akiva não dissera nada sobre Karou, nem sobre o corcunda Izîl, que preferira se atirar de uma torre a contar o que sabia sobre Karou, nem sobre Razgut, que, na época, Akiva acreditava ter morrido junto com o corcunda. — Uma garota que trabalhava para Brimstone — continuou Jael. — Que foi *criada* por Brimstone. Uma história muito interessante. Mas bastante improvável. Que interesse Brimstone teria em uma garota humana? Aliás, que interesse *você* teria em uma garota humana? O de sempre?

Akiva não disse nada. Jael estava tão feliz; era óbvio que Razgut lhe contara tudo. A pergunta, então, era: o que Razgut *sabia*? Será que sabia onde Karou estava agora? Que tinha assumido o trabalho de Brimstone?

O que Jael *queria*?

E o capitão — não, Akiva lembrou a si mesmo, Jael era o imperador agora — falou, dando de ombros:

— É claro que o Decaído também disse que a garota tinha cabelo *azul*, o que me leva a questionar sua credibilidade, então pensei: como posso confiar em todas as outras coisas que ele me disse sobre o mundo humano? Todas as outras coisas fascinantes que você não mencionou em seu relatório? Tive que ser criativo. Por fim, acreditei que ele estava falando a verdade, por mais estranho que tudo aquilo parecesse. Mas o que não consigo entender é por que vocês três não falaram sobre os *avanços* deles. Seus *dispositivos*, sobrinho. Como deixaram de mencionar as incríveis e fantásticas armas que os humanos têm?

O mal-estar de Akiva se agravou, e não só por causa dos hamsás. Tudo começava a se encaixar agora. Razgut e as armas. Túnicas completamente brancas. Harpas. Esplendor. *Para impressionar o inimigo,* pensara ele ao ouvir os boatos, mas não fazia o menor sentido. Ninguém imaginaria que os Stelian se impressionariam com túnicas e harpas.

Já os humanos, por outro lado...

— Você não está preparando uma invasão aos Stelian — disse Akiva. — Vão invadir o mundo humano.

73
O grito

Thiago parecia não entender bem por que de repente não conseguia respirar, ou o que aquela fisgada que sentia na garganta tinha a ver com isso. Levou a mão à lâmina, arrancou-a e, quando seu sangue começou a jorrar mais rápido — caindo sobre Karou, todo sobre Karou —, olhou para a faca com... *condescendência*. Karou teve a impressão de que seu último pensamento foi: *Esta faca é pequena demais para me matar.*

Mas não era.

Seus olhos perderam o foco. O pescoço perdeu força. A cabeça tombou com violência no rosto dela; por um instante ele se debateu, depois sofreu um espasmo, e então parou. Era um peso morto. Estava *morto*. Thiago. Morto e pesado. O sangue continuava a escorrer. Karou estava presa embaixo do corpo dele, os joelhos ainda abertos, a calça jeans embolada na altura dos tornozelos, sua respiração arfante e em pânico ressoando tanto que talvez até as estrelas pudessem ouvir.

Ela o empurrou para o lado — parte do corpo dele, pelo menos — e arrastou-se de sob o Lobo, chutando-lhe as pernas para conseguir se libertar. Então se levantou, vacilante, e tentou erguer a calça. Caiu e se levantou de novo. Seus braços tremiam tanto que só depois de várias tentativas é que ela conseguiu finalmente vestir de novo a calça, mas depois teve dificuldade para fechar o botão. Não parava de tremer, mas não podia deixar de fechar a calça, era impensável, e foi isso o que provocou as lágrimas: a frustração por seus dedos serem incapazes de executar aquela simples ação, e ela *tinha* que conseguir, não podia simplesmente ficar daquele jeito. Estava aos soluços quando por fim encerrou aquele martírio.

E então olhou para Thiago.

Os olhos e a boca dele estavam abertos. As presas vermelhas, tingidas pelo sangue dela, e ela tingida de vermelho pelo sangue dele. A túnica dela, antes cinza, estava agora ensopada e negra sob a luz das estrelas, e o Lobo Branco, ele estava... despido, era obsceno, sua intenção exposta e tão morta quanto o restante dele.

Ela havia matado o Lobo Branco.

Ele tinha tentado...

Quem se importaria?

Ele era o Lobo Branco, herói das raças quimeras, arquiteto de vitórias impossíveis, a força de seu povo. Ela era a amante de anjo, a traidora. A vagabunda. Aqueles que ficariam ao seu lado já não estavam mais lá — tinham sido assassinados ali mesmo ou enviados para morrer. Ziri não voltaria. E Issa, o que tinham feito com ela?

Estou sozinha de novo?

Ela não poderia suportar ficar sozinha de novo.

Ainda não havia parado de tremer. Era convulsivo. Tinha dificuldade de respirar. Sentia-se zonza. *Respire*, disse a si mesma. *Pense.*

Mas os pensamentos não vinham, nem o ar.

Quais eram suas opções? Fugir ou ficar. Ir embora, deixá-los morrer — *todos eles*, todos os quimeras de Eretz, e deixar as almas enterradas como estavam —; ou ficar e... o quê? Ser forçada a ressuscitar Thiago?

Só de pensar nisso — sentir a alma dele, ver a vida retornar àqueles olhos pálidos, a força àquelas mãos ferozes — a fez cair de joelhos e vomitar. As duas opções eram intoleráveis. Ela não podia abandonar seu povo — Brimstone suportara aquele fardo por mil anos, para ela desistir em questão de *meses*? "Seu sonho é o meu sonho, e seu nome é verdadeiro. Você é toda a nossa esperança."

Mas também não podia encarar o Lobo de novo, e, se continuasse na casbá, seria obrigada trazer Thiago de volta.

Ou seria morta.

Ah, meu Deus, meu Deus.

Vomitou outra vez. Ela se sacudia, espasmo após espamo, até ser apenas uma casca, tão dolorida por dentro quanto por

fora — *um receptáculo*, ouviu a voz dele, *todos nós somos apenas receptáculos*, e vomitou de novo, dessa vez apenas bile. Sua garganta ardia. Quando finalmente deixou de ouvir o próprio engasgar rouco, notou um som. E estava próximo.

E eram asas.

Entrou em pânico.

Eles estavam voltando.

⋆ ⋆ ⋆

— Invadir o mundo humano? — Jael fez uma expressão ultrajada. — Mas que calúnia, sobrinho. Como pode chamar de invasão se somos bem-vindos?

— *Bem-vindos?*

— Sim. Razgut me garantiu que eles vão nos venerar como deuses. Que *já* nos veneram. Não é maravilhoso? Sempre quis ser um deus.

— Você não é nenhum deus — disse Akiva por entre os dentes trincados.

Ele pensou nas cidades humanas que tinha visto, imagens de terras em paz; como lhe pareceram diferentes daquilo a que estava acostumado quando chegou lá. Praga, com sua linda ponte, as pessoas se encontrando, passeando, trocando beijos no rosto. Marrakech, com sua praça agitada cheia de dançarinas e encantadores de serpentes, as fervilhantes vielas por onde ele tinha andado ao lado de Karou antes de... antes de partirem o osso da sorte. Depois disso, a frágil felicidade que ele conhecera tinha se tornado impossível de perdurar.

— Assim que olharem para o seu rosto vão chamá-lo de monstro.

Jael passou um dedo pela cicatriz.

— Por causa disto? — Ele deu de ombros, despreocupado. — É para isso que servem as máscaras. Acha mesmo que eles vão se importar se seu deus usar uma máscara? Vão me dar o que quero de bom grado. Não tenho dúvida.

E o que ele queria? Akiva não sabia muito a respeito das batalhas humanas, mas tinha alguma noção. Lembrava-se do estranho café de Praga aonde Karou o levara, decorado com máscaras de gás de uma guerra havia muito encerrada. Ele sabia que os humanos podiam envenenar o ar e fazer todas as criaturas morrerem sufocadas, que podiam encher uns aos outros de metal no segundo que levaria para um arqueiro puxar a corda do arco, e que Razgut não mentira para Jael. Os humanos veneravam *mesmo* os anjos. Não todos, mas muitos tinham sim essa devoção, o que podia ser tão letal quanto suas armas. Se juntassem as duas coisas — se levassem as duas coisas para Eretz —, a guerra dos últimos mil anos passaria a parecer uma briguinha de crianças.

— Você não sabe o que está fazendo — disse ele. — Será o fim de Eretz.

— O fim dos Stelian — corrigiu-o Jael. — Para o império, será um novo começo.

— Então isso *tem* a ver com os Stelian? *Por quê?* — Akiva não conseguia entender o que alimentava aquele ódio pelos Stelian. — Me mande até eles, como Joram queria. Serei seu enviado, seu espião. Levarei sua mensagem até eles, mas deixe as armas humanas no mundo deles.

Akiva detestava se humilhar daquele jeito para Jael, e recebeu apenas escárnio como resposta.

— Minha mensagem? Que mensagem eu poderia ter para aqueles selvagens de olhos de fogo? *Estou indo aí matar vocês?* Querido sobrinho, essa missão era idiotice, e Joram era o idiota. Você acreditou naquela história toda de servir como enviado? Eu só queria que ele o trouxesse até aqui. Por razões que acredito já ter deixado bem claras.

E, com um gesto, indicou a sala de banho manchada de sangue e cheia de corpos espalhados pelo chão.

Sim, as razões dele estavam bem claras, claras demais agora. Durante todo o tempo em que Akiva planejara livrar Eretz de Joram, Jael estava aguardando o momento certo de dar o bote. E não só aguardando. Orquestrando. Manobrando seu bode expiatório bastardo para que fizesse exatamente o que ele queria.

— E se eu não o tivesse matado? — perguntou Akiva, revoltado por não ter percebido em nenhum momento as cordas de marionete que o controlavam.

— Isso nunca foi um problema. — Akiva então entendeu que mesmo que não tivesse matado Joram, mesmo que, por acaso, tivesse ido até ali como um soldado leal para receber a gratidão do imperador e suas ordens, teria levado a culpa do

mesmo jeito. — No momento em que você entrou por aquela porta, já era um assassino e traidor do reino. É claro que o fato de você *realmente* ser um traidor ajuda. É bom ter uma testemunha verdadeira. A criada deve sua vida a você. Hellas, infelizmente, lhe deve sua morte. Mas não se sinta mal. Ele era uma víbora.

Jael chamando alguém de víbora. Até ele próprio viu a hipocrisia disso, e deu uma gargalhada. Akiva achava que nunca tinha visto alguém se divertir tanto.

Hazael foi o primeiro a sucumbir ao mal-estar causado pelos olhos do demônio. Caiu de joelhos e vomitou no ladrilho coberto de sangue. Liraz se aproximou dele, prestes a fazer o mesmo.

— Você acha que não temos outros aliados? — disse Akiva. — Que ninguém mais vai se levantar contra você?

— Se *você* não conseguiu, sobrinho, quem conseguiria?

Era uma pergunta razoável. Devastadora. Estava tudo acabado, então? Ele tinha fracassado em tentar salvar seu mundo — e em sua promessa a Karou — de forma tão retumbante?

— Até lamento não poder tê-lo a meu serviço — disse Jael. — Um mago seria de grande valia, mas é que seria bem difícil confiar em você. Tenho a sensação de que você não gosta muito de mim...

Ele deu de ombros com pesar. E então seu olhar correu de Akiva para... Liraz.

Em meio à fraqueza e à náusea, Akiva sentiu uma explosão de fúria e pavor e impotência, mas havia também algo mais, algo pungente e radiante que ele esperava com todo o ardor que fosse o retorno do *sirithar.*

— Já *você*... — disse Jael a Liraz. — Tão linda. Parece que vou precisar de novas criadas para cuidar do meu banho quando eu me instalar aqui.

Ele olhou para uma das garotas mortas e abriu aquele seu sorriso chanfrado que repuxava e embranquecia a cicatriz, enrugando o que restava de seu nariz e sua boca.

Liraz deu uma gargalhada fria; Akiva sentiu a fraqueza de sua irmã naquela risada, seu esforço para se manter firme.

— Você não pode confiar nele, mas acha que pode confiar em mim?

— É claro que não. Mas nunca confiei nas mulheres. Uma lição que aprendi da maneira mais difícil.

Ele levou a mão à cicatriz, e, ao fazer isso, seus olhos correram brevemente para Akiva. Um olhar fugaz, mas foi o bastante.

Akiva descobriu quem cortara Jael.

Hazael, que estava de joelhos, se levantou. O movimento deve ter lhe exigido um esforço extraordinário, mas ainda assim ele conseguiu, de alguma forma, abrir seu sorriso indolente.

— Sabe, eu sempre quis ser um criado de banho. Você devia ficar comigo, isso sim. Sou mais legal que a minha irmã.

Jael devolveu o sorriso indolente.

— Você não faz o meu tipo.

— Pois você não faz o tipo de *ninguém* — retrucou Hazael. — Pensando bem, retiro o que eu disse. Minha *espada* disse que gostaria de conhecê-lo melhor.

— Infelizmente terei que lhe negar esse prazer. Já fui beijado por espadas antes, sabe.

— Reparei.

— Festival — disse Akiva abruptamente, e todos os olhares se voltaram para ele. Mas Akiva sustentou apenas o de Jael. — Foi minha mãe quem acertou você.

Ele não queria falar sobre sua mãe com Jael; não queria abrir a porta para as lembranças do tio — o que havia do outro lado só podia ser horrível —, mas precisava ganhar tempo. E... talvez o nome dela pudesse ser a chave para o *sirithar.* Não foi.

— Finalmente — disse Jael. — Sabe, acho que essa foi a melhor parte do dia... quando você achou que foi Joram quem a matou. Bem, foi como se tivesse matado mesmo. Afinal, ele a deu para mim.

Deu...? Akiva não conseguia nem pensar nisso.

— Não é possível que seja por causa dela que você odeia os Stelian. Uma única mulher?

— Ah, mas não uma mulher qualquer. Há mulheres em toda parte, mulheres bonitas em *quase* toda parte, mas Festival... ela era indomável como uma tempestade. E tempestades são perigosas. — Ele olhou para Liraz de novo. — Excitantes. Os caça-tempestades sabem bem disso. Não há nada no mundo como uma tempestade em fúria. — Fez um sinal para um dos

soldados. — Leve-a.

Akiva se atirou na frente do soldado; sentia-se lento, moroso. Hazael também se adiantou. Liraz conseguiu brandir sua espada, mas o som da lâmina ao querenar sobre a do soldado do Domínio foi fraco, e a arma acabou escapando de sua mão, e caiu, com um som abafado, na pilha de corpos formada por Joram, Japheth, Namais e Misorias. Desarmada ou não, no entanto, ela não se amedrontou.

— Mate-me com meus irmãos, ou vai desejar ter feito isso — disparou ela.

— Agora me sinto insultado — disse Jael. — Você prefere *morrer* com eles a esfregar minhas costas?

— Mil vezes.

— Minha querida. — Ele levou a mão ao coração. — Será que não vê? Saber disso é o que torna tudo ainda mais delicioso.

Os soldados se aproximaram.

Quarenta homens do Domínio com as mãos dos espectros mortos erguidas em direção aos três, e Hazael ainda conseguiu matar um deles antes que sua própria morte chegasse.

Ele atingiu o rosto de um soldado. A lâmina se alojou no osso, e, quando o soldado caiu, o peso de seu corpo puxou Hazael para a frente, fazendo a espada que vinha em sua direção penetrar bem fundo sob o braço erguido, onde não havia nenhuma proteção de cota de malha, placa de metal ou mesmo couro. A lâmina atravessou seu corpo e saiu do outro lado, entre as asas. Ele vacilou, olhou para Akiva, depois para baixo, para a espada. Largou a arma, desistindo de tentar tirá-la do crânio em que estava presa, e, assim como Hellas, tentou levar as mãos à lâmina que o trespassava. Mas suas mãos não lhe obedeciam. Ele bateu no punho; então se curvou, e Akiva viu isso tudo através da claridade refulgente pela qual ansiara tão desesperadamente.

Sirithar; tarde demais. Como uma ave carniceira, chegando só depois da morte.

Hazael caiu. Liraz se atirou de joelhos para ampará-lo.

Foi através de uma luz intensa que Akiva viu o grito se formar na boca da irmã. Ouviu e *viu* o gemido demoníaco que ela emitiu. Era som e forma, o pesar era luz, tudo era luz, e tudo era pesar, e Liraz tentava segurar a cabeça de Hazael enquanto os olhos dele se vidraram, mas dois soldados do Domínio a agarraram e a arrastaram dali, e a cabeça de Hazael tombou. Akiva soube que o irmão estava morto mesmo antes de ver sua cabeça atingir o ladrilho. A vibração que sentiu no crânio foi como milhares de asas se agitando nos céus das Terras Distantes.

Mas não havia pássaros dessa vez. Ou, se havia, tinham sido trazidos pelo próprio céu, o próprio céu, que, naquele momento... se moveu. Lá fora, sobre a cidade e o mar, como se um punho gigante o pegasse com violência e o puxasse, o céu se moveu. Deslizou. Recolheu-se, contraindo-se e dragando tudo para seu centro: a Torre da Conquista. O céu era um novelo contínuo, fazendo sentir a perturbação por todo o globo de Eretz.

Fogueiras muito distantes no continente meridional se inflamaram com as repentinas correntes de vento. Nos afiados palácios de gelo empertigados nos topos das montanhas das Terras Distantes, caça-tempestades se agitaram e levantaram suas grandes cabeças. Do outro lado das montanhas, Sveva, Sarazal e os Caprina emergiram da longa travessia pelos túneis e estranharam quando viram um céu noturno que parecia se mover. E, do outro lado do mundo — de dia, pois era noite no império —, uma mulher de pé junto à balaustrada de uma sacada, olhando para um mar de águas verde-claras, sentiu o vento no cabelo e olhou para cima.

Ela era jovem e forte. Usava um diadema no cabelo preto, com um escaravelho de pedra em ouro polido; suas asas eram de fogo, assim como seus olhos, que se estreitaram quando, no alto, as nuvens viraram um borrão, de súbito levadas para longe. E o fenômeno prosseguia: as nuvens pareciam riscos no céus, pássaros e sombras rodopiando, levados por um vento inexorável. Os olhos dela faiscaram quando, por toda a sua cidade, sua ilha — *suas ilhas* —, seu povo parou o que fazia para observar o céu.

E quando tudo acabou, dando lugar a uma profunda quietude, ela soube o que iria acontecer. Segurou a balaustrada.

O repuxar dos céus fora como a inspiração que precede o grito, e então ele veio...

O grito.

Silencioso, expulsivo. As nuvens voltaram na mesma velocidade, correndo por sobre o mar de águas verde-claras.

E, do outro lado do mundo, de volta à fonte daquele grito violento e não natural, o inquebrável vidro da Torre da Conquista... se estilhaçou. A Espada, símbolo do Império dos Serafins, explodiu com uma força avassaladora.

As luas estavam vendo. Seu brilho foi refletido pelo ar em um milhão de cacos; poderia-se dizer, então, que os estilhaços — e, portanto, também Nitid e Ellai — se cravaram por toda parte. Quando o sol nasceu, havia fragmentos pontiagudos de vidro incrustados em árvores a muitos quilômetros de distância, assim como em corpos — estes, no entanto, em menor quantidade do que se aquilo tudo tivesse acontecido durante o dia. Havia anjos e pássaros caídos nos telhados, e um Espada de Prata destruíra a cúpula do harém, abrindo um buraco pelo qual dezenas de concubinas escaparam em meio à confusão, muitas carregando bebês de Joram na barriga ou aninhados nos braços.

A Espada era um esqueleto de aço quando viu surgir a aurora: todas as camadas de vidro destruídas, todos os labirínticos corredores arruinados. As gaiolas de pássaros, os biombos pintados e a cama elevada desapareceram como se nunca tivessem existido.

O dia — ofuscante e sem nuvens — se transformou, aos poucos, em uma colcha de retalhos de silêncio e horror, de correria e rumores e corpos indo dar em praias distantes como Thisalene.

O que havia acontecido?

Dizia-se que o imperador tinha morrido pelas mãos do Ruína das Feras, assim como o príncipe herdeiro. Não foi surpresa nenhuma quando se soube que o Ruína das Feras e seus cúmplices bastardos tinham desaparecido, e que os esfarrapados Espadas de Prata que sobreviveram àquela noite tinham encontrado, ao irromperem pelo acampamento dos Ilegítimos, o lugar vazio: nem um só fio de cabelo de um soldado bastardo restava em parte alguma de Astrae.

Por todo o império isso se provaria verdade. Os Ilegítimos tinham sumido junto com as nuvens, dizia-se.

Mas não. As nuvens haviam corrido para o outro lado do mundo, onde a jovem rainha dos Stelian tinha tirado seu diadema de escaravelho, prendido o cabelo escuro e agora, junto com seus magos, tentava localizar a fonte daquela extraordinária perturbação.

Quanto aos Ilegítimos, tinham ido se reunir nas cavernas dos Kirin, onde esperariam por seu irmão Akiva, sétimo do seu nome, para entregarem suas vidas e espadas à causa.

74

Cura para o tédio

— Eu me sinto que nem uma mosca prestes a morrer tentando sair pela janela — disse Zuzana, sua voz soando tão sem vida quanto seu cabelo.

— Exatamente — concordou Mik. — Abane mais rápido.

Era a vez de Zuzana abanar o leque, feito a partir de frágeis folhas de palmeira que haviam encontrado no telhado do hotel. Mik, só de bermuda, estava reclinado na cadeira com os pés apoiados na cama e a cabeça para trás, deixando o pescoço exposto à brisa.

— Você é uma deusa da circulação de ar — disse ele.

— E *você* é um espécime de brilhante virilidade.

A risada de Mik saiu enfraquecida pelo calor excessivo.

— Passei uma semana cercado por soldados de torsos monstruosos. Estou mais para um espécime de brilhante magricelice.

— Você não é magricela.

O leque subia e descia enquanto Zuzana formulava um elogio. Era verdade que ficar cercada por peitorais duros como bronze e bíceps maiores que sua cabeça tinha lançado uma nova luz sobre o físico de Mik, mas, na verdade, quem precisava de bíceps maiores que a sua cabeça? Quer dizer, a não ser que o trabalho dos donos dos bíceps fosse *matar anjos*: nesse caso, seriam bem úteis.

— Você tem músculos perfeitos de violinista.

— E você, braços poderosos de titereira. Nós dois colocamos os quimeras no chinelo.

Ela parou de abanar e caiu para trás na cama. Era uma cama ruim, de um hotel barato, que fez seu corpo doer com o impacto.

— Ai — disse, sem muita convicção.

— Ei, o seu tempo de abanar não chegou nem na metade ainda.

— Eu sei. Mas o tédio me venceu.

— Bem agora?

— Neste segundo. Você viu o momento exato.

Mik deixou a cadeira cair para a frente e usou o impulso para se lançar na cama ao lado dela.

— Ai — repetiu Zuzana.

— Eu conheço uma boa cura para o tédio — disse ele, e chegou a começar a girar o corpo para ela, mas desistiu e se deixou cair de costas. — Mas está tão quente...

— Quente *demais* — concordou Zuzana, que não tinha dúvidas quanto ao tipo de cura a que ele se referia. — Como é que existem *pessoas* neste país? Quem consegue fazer bebês com um calor como esse?

— Então vamos embora — disse ele. — Para a costa. Para casa. A Austrália. Sei lá. Por que ainda estamos aqui, Zuze?

"Aqui" era Ouarzazate, a maior cidade do sul do Marrocos. Parecia o set do filme *A múmia* ou alguma coisa assim, e talvez até fosse mesmo, sendo uma cidade à beira do deserto do Saara que contava com um importante estúdio de cinema. Era um lugar muito quente, mas um tanto insosso, e embora o hotel tivesse ar-condicionado, o aparelho deixara de funcionar em algum momento da noite, o que eles não notaram porque as noites até que eram razoavelmente frescas — o bastante para curar o tédio e permitir que o país fosse povoado.

Por que eles *ainda* estavam ali um dia inteiro após escaparem invisíveis do castelo de monstros, os pés cheios de bolhas por causa da longa caminhada e o corpo cheio de hematomas do dízimo no auge de sua roxidão?

— Eu não quero ir embora — admitiu Zuzana, baixinho. — Voltar para os turistas e os cultos de anjos e as marionetes e

a vida real? — Ela estava choramingando, e sabia disso. — Quero fazer monstros e magia e ajudar Karou.

— Isso também é a vida real. Mais precisamente, a morte real. É perigoso demais.

— Eu sei. — E sabia mesmo, mas parecia muito errado deixar Karou lá. Se Thiago a matara uma vez, por que não mataria de novo? — Que saco, por que ela não tem um maldito *telefone*? — resmungou.

Karou era rica, será que não podia esbanjar um pouco em um telefone via satélite ou algo do tipo? Enfim. Se ao menos Zuzana soubesse que sua amiga estava bem, ela também ficaria bem.

O que não significava que pararia de choramingar.

Ela havia concordado em sair da casbá, e ali estava. Bem, não dissera nada a respeito de sair do país. Tinha a inevitável sensação de que, se eles se afastassem ainda mais, todo o encanto da última semana evaporaria e a deixaria sem nada além de uma história maluca para contar aos netos sobre como, por uma semana, em um gigantesco castelo de areia às margens do Saara, tinha sido a aprendiz de uma ressurreicionista e feito enormes soldados alados para uma guerra de outro mundo.

E eles a chamariam de caduca pelas costas porque, convenhamos, parecia mesmo a maior maluquice.

E então o que ela faria? Não teria escolha a não ser ficar invisível — porque *ah, meu Deus, agora ela sabia fazer isso* —, dar tapas nos traseiros dos pestinhas e vê-los sair correndo aos berros de sua cozinha de velhinha viciada em sopa de repolho.

— Vou ser a avó mais assustadora do mundo — resmungou ela, aborrecida e meio que feliz com a ideia.

— Hein?

— Nada.

Ela se virou de bruços, enterrou o rosto no travesseiro e deu um grito. Sentindo na boca o gosto de travesseiro mofado de hotel, quis na mesma hora lavar a língua com bastante água. É claro que a fronha foi lavada depois do último hóspede, disse a si mesma. *Claro*. Era por isso que fedia a cabeça de estranho.

Mik estava com a mão em suas costas, traçando círculos lentos. Ela virou o rosto para ele.

— Estou desenhando no seu suor — explicou ele. — Fiz um coração.

— Um coração em suor. Que romântico.

— Ah, você quer romance? Está bem. Veja se descobre o que estou escrevendo nas suas costas.

Ela sentiu o dedo deslizando em sua pele, e falava cada letra que ele formava.

— Z-U-Z-A-N-A. Zuzana. V-O-C-E. Você. Q-U-E-R. — Fez uma pausa. — Quer. — Ficou imóvel, esperando a letra seguinte. — C. — Sua voz sumiu.

Olhou para o rosto de Mik. Ele sorria, travesso, os olhos concentrados no que estava fazendo. Uma barba rala cobria seu queixo. Um raio de sol entrou por uma ripa quebrada da veneziana e cintilou nos cílios dele, que pareciam cobertos de luz.

— A — continuou Zuzana. *Ah, meu Deus. Zuzana, você quer C-A…*

O coração dela disparou. Será que Mik conseguia sentir seu coração pelas costas? Quando eles tinham conversado sobre casamento em Praga, ela havia procurado não dar muita importância ao assunto. Bem, na verdade tinha ficado sem graça por ter sido pega pensando nisso. Ela não era assim, não era nenhuma garota boba que sonhava com vestidos de noiva. Além disso, era nova demais.

S, sentiu ela.

— S — sussurrou ela.

A mão dele parou de repente.

— Opa — disse Mik. — Era um F.

— *F*? Não é assim que se escreve... — Ela se interrompeu.

— Que se escreve o quê? — perguntou Mik, provocando. — Eu estava escrevendo: *Zuzana, você quer cafungar o meu pescoço?* Achou que fosse o quê?

Ela puxou a blusa para baixo, cobrindo as costas.

— Nada — disse ela, rolando para fora da cama.

Mik a segurou pela cintura, puxando-a de volta.

— Você não achou que...? *Ah*. Que vergonha, menina.

Zuzana ficou vermelha. Ele tinha feito aquilo de novo. Céus. Pelo visto ela era *mesmo* uma garota boba que sonhava com

vestidos de noiva.

— Ah, me solte — disse Zuzana.

Mas ele não soltou. Em vez disso, segurou-a firme.

— Não posso lhe pedir isso agora — sussurrou no ouvido dela. — Ainda tenho dois desafios a cumprir.

— Muito engraçado.

— Não estou brincando. — Sua voz soava séria, e, quando ela olhou para ele, para seu rosto doce e sincero, ele *parecia* sério. — *Você* estava?

Bem, sim, ela *estava* brincando quando falara sobre os três desafios. Claro que Zuzana não era nenhuma princesa de contos de fadas. Por outro lado, ela meio que estava se sentindo como uma, e não era a pior coisa do mundo.

— Não — respondeu ela, e parou de tentar escapar. — Eu não estava brincando, e eis o seu segundo desafio: faça o ar-condicionado voltar a funcionar e venha curar o meu tédio.

75

Estava próximo, e eram asas

Karou estava em seu quarto. Era noite. De novo. Um dia se passara desde o que acontecera no fosso. Sabe-se lá como.

A porta estava fechada, mas as tábuas de Mik haviam sumido. Tinham-nas levado embora, assim como os trincos da veneziana, ou seja, sua segurança — que, estava claro agora, nunca passara de uma ilusão.

Ela pensou no movimento rápido da Lua em volta da Terra, e no curso apressado da Terra em volta do Sol, e no brilho das estrelas em seus arcos — mas... não. Também aquilo era uma ilusão, assim como o nascer e o pôr do sol eram um truque. Era o *mundo* que se movia, não as estrelas, não o Sol. O *céu* se movia, deslizando por aquela vastidão enquanto rolava pelo espaço, girando e girando, e aquela corrida era o que a mantinha ali. Uma em bilhões.

Não importa o que aconteça comigo, disse a si mesma. *Sou uma em bilhões. Sou poeira estelar reunida transitoriamente em uma forma. Serei dispersa. A poeira estelar vai se transformar em outras coisas algum dia, e eu estarei livre. Como Brimstone está.*

Poeira estelar. Isso era ciência, ela lera e ouvira falar a respeito — toda matéria vem de explosões das estrelas —, mas soava como a versão humana para os mitos de Eretz. Um pouco menos emocionante, talvez: nenhum sol estuprador, nenhuma lua tristonha. Nenhuma lua que *apunhalava.* Essa era a história dos Kirin: o sol tinha tentado possuir Ellai à força, e ela o esfaqueara, como Karou fizera com Thiago. Nitid chorara, e suas lágrimas se transformaram nos quimeras. Filhos do pesar.

Será que *Ellai* chorou?, perguntou-se Karou. Será que se banhou no mar, tentando voltar a se sentir limpa? Isso podia fazer parte da história: suas lágrimas deram aos mares o sal, e tudo no mundo nasceu de violência, traição e tristeza.

Karou se banhara no rio. Suas lágrimas não chegariam ao mar: regariam tamareiras em algum oásis, onde se tornariam frutos e seriam comidas, e talvez fossem choradas de novo através de outros olhos.

Não é assim que funciona.

Sim, é sim. Nada nunca se perde. Nem mesmo lágrimas.

E quanto à esperança*?*

Tinha se limpado o máximo que conseguira sem água quente e sabão. Submergira na água corrente até seus braços e pernas ficarem dormentes, até livrar sua pele arranhada e machucada de todo o sangue — o seu e... o que não era seu. A maior parte nem era seu.

Também não era só de Thiago.

Ela ouviu um som. Estava próximo, e eram asas.

Tentou afastar da mente aquela lembrança como se fosse um rosto em que pudesse bater.

Pense em outra coisa.

A dor que sentia. Isso serviria. Mas que dor? Eram tantas. Sem contar que, especialista em dores que se tornara, não conseguia mais deixar que se fundissem em uma coisa só. Cada arranhão, cada contusão tinha sua própria existência, como estrelas em uma constelação. Uma constelação chamada... *A Vítima?*

Que parecia uma vítima, parecia. Ferida. Torturada. O lado direito de seu rosto tinha sido arrastado nas pedras. Seu lábio estava cortado; sua bochecha, roxa, arranhada e cicatrizando. Bolhas abertas em sua mão exsudavam por causa da pá. A pá. *Não pense.* O lóbulo de sua orelha. Essa era a dor em que decidira se focar; isso ela podia enfrentar. Estava rasgada e inchada, pois o Lobo a mordera; pensou em remendá-la como fizera com as mãos e o sorriso cortado de Ziri, mas dificilmente conseguiria manter o foco necessário; além do mais, não podia nem pensar em usar os tornos. Seu corpo todo era dor e pontadas e gritos.

"Você deixa lindas marcas", dissera-lhe Thiago uma vez.

Você não, pensou ela, olhando para os feios hematomas e arranhões que cobriam seus braços, os dedos abertos que mostravam o que ele lhe fizera.

Tentara fazer, lembrou a si mesma.

Será que Ellai esfaqueara o sol a tempo, perguntou-se ela, ou o sol tinha conseguido o que queria? A história não era clara quanto a isso. Decidiu acreditar que Ellai tinha evitado o pior, assim como ela. Karou segurava uma agulha curva na chama de uma vela para esterelizá-la. Um espelho de mão estava apoiado na mesa à sua frente; apontou-o na direção da orelha, evitando que refletisse seu rosto. Não queria ver o próprio rosto.

Tantos anos treinando artes marciais, pensou enquanto a agulha começava a brilhar. Era de se imaginar que a luta seria como as dos filmes: com espaço para uma coreografia elegante, chutes bem desenhados no ar e intensos olhares de fúria. *Rá*. Não houvera nenhum espaço, apenas aperto e pânico, e a força de Thiago tinha pesado muito mais do que o repertório de chutes estilosos dela.

É claro, ela o *matara*. Podia parecer a vítima, mas não era. Ela o detivera.

Se ao menos tivesse terminado ali.

Um som. Estava próximo, e eram asas.

Aquilo tudo ecoava em sua cabeça: as batidas das asas, o baque, o som surdo que a terra fazia ao ser lançada com a pá. E as moscas. Como as moscas achavam os cadáveres tão rápido?

Parecia que ainda estava lá, na beira do fosso, aquela escuridão fétida ameaçando arrastá-la para baixo. Ela enfiou a agulha no lóbulo da orelha, com força. Isso serviu para afastar a lembrança de novo, mas ela sabia que a lembrança era como as moscas — podia espantá-la, mas nada a impediria de voltar —, e aquilo *doeu*. O gemido de dor que deixou escapar, mesmo baixo, foi o suficiente para acordar Issa.

Issa. A única bênção da noite. Ela ainda tinha Issa.

— Docinho, o que está fazendo? — A mulher-serpente se desenrolou de seu lugar perto da porta e sibilou, irritada, quando viu a agulha enfiada na orelha de Karou como um anzol. — Eu faço isso.

Karou a deixou pegar a agulha. E se ela não tivesse mais Issa? Se, além de tudo, também a tivessem tirado dela?

— Eu não estava conseguindo dormir — sussurrou.

— Não? — A voz de Issa era suave, assim como suas mãos. Ela passou a agulha pela pele de Karou e puxou firme o primeiro ponto. — Ah, pobrezinha, não é para menos. Queria ter um pouco de chá dos sonhos para lhe dar.

— Ou chá de réquiem.

Então a voz de Issa *não* soou nada suave:

— Não diga uma coisa dessas! Você está viva. Desde que você esteja viva e *ele*... — Mas parou aí. *Ele quem?* O que quer que fosse dizer, ela mudou de ideia. — Desde você esteja viva, ainda há esperança. — Ela respirou fundo, firmou a mão e perguntou: — Pronta?

Só então enfiou a agulha de novo.

Karou se encolheu de dor. Esperou até a agulha atravessar a orelha.

— Sinto muito. Foi assim...? Foi assim que você e Yasri...?

— Foi — disse Issa. — Foi tranquilo, criança, não fique triste. — Issa suspirou. — Mas eu queria que ela estivesse aqui. Ela saberia o que lhe dar. Tinha vários truques para fazer Brimstone dormir.

— Nós vamos buscá-la — disse Karou, perguntando-se quando e como, e imaginando como estaria o lugar atualmente.

Thiago incendiara o templo e o bosque de réquiem. Isso tinha acontecido dezoito anos antes; será que as árvores tinham crescido de novo? O bosque era antigo. Ela se lembrava de chegar sob o luar e ver as copas das árvores e o telhado do templo brilhando através das folhas, de como seu coração disparava sabendo que Akiva a esperava lá embaixo. Akiva, esperando para buscá-la no ar. Akiva, deitando-se ao seu lado, passando os dedos por suas pálpebras, o toque dele tão suave quanto as mariposas-beija-flor, tão suave quanto as flores de réquiem caindo na escuridão.

Fechou os olhos e passou as mãos nos braços. Como estavam sensíveis seus hematomas. Thiago, seu aliado; Akiva, seu inimigo. Tudo tão distorcido. O que faz de alguém um inimigo?

Não. Ela não podia esquecer. Apertou os machucados para espantar as lembranças. Linhas de tinta tatuadas em mãos assassinas: era isso o que fazia de alguém um inimigo. Paliçadas queimadas onde antes havia cidades: isso fazia de alguém um inimigo.

Issa amarrou mais um ponto e cortou a linha. Karou lhe agradeceu e se perguntou: *E agora?*

O sol nasceria; ela não podia ficar ali em seu quarto para sempre. Teria que encarar os quimeras. Não podia esperar os hematomas sumirem. Será que eles sequer notariam? Estavam tão acostumados a vê-la com hematomas... Até que ponto sabiam sobre o que havia acontecido no fosso?

Não tudo, isso era certo, e — queridos deuses e poeira estelar — era melhor que nunca descobrissem.

Um som. Estava próximo, e eram...

— *Karou.*

Um sussurro abafado. Karou piscou, confusa.

— Quem está aí? — perguntou Issa, atenta, e Karou soube que não tinha imaginado coisas. A voz vinha da janela, e daquela vez não era Bast.

— *Por favor.*

A voz parecia desligada do corpo, as palavras se arrastavam, e era um sussurro muito baixo que não lembrava a força de sua voz, mas Karou sabia quem era. Seu corpo ficou quente e logo em seguida gelou. *Por quê? Por que ele voltaria ali?* Ela se levantou tão rápido que a cadeira bateu na parede.

Issa olhou para ela.

— Quem é, criança?

Mas Karou não teve tempo de responder. Já não havia mais trincos na veneziana. A janela se abriu. Issa se assustou, os fortes músculos de seu anel de serpente ondulando à luz das velas. A invasão — e o calor — fez Karou se encolher quando Akiva apareceu em meio ao brilho fraco do encanto que se desfazia e no mesmo instante aterrissou com força no chão.

76
PESOS MORTOS

Ele não estava sozinho. Karou sentiu outras presenças mesmo antes de os encantos se desfazerem. Os dois que encontrara na ponte Carlos. Reconheceu-os imediatamente, por mais diferentes que estivessem agora. O belo rosto da irmã dele — Liraz —, antes tão sério e ameaçador, estava transfigurado pelo sofrimento. Ela arfava, e seus olhos eram poços vermelhos de tristeza — embora nem de longe tão vermelhos quanto os de Akiva, que estavam como naquele dia tantos anos antes, o dia em que Madrigal tomara o corpo de outra pessoa para libertá-lo da prisão em Loramendi. A parte branca estava vermelha com o sangue dos vasos rompidos. O que o deixara assim? Ele estava lívido e tomado pela exaustão.

Mas nenhum dos dois estava tão desfigurado quanto o irmão. Que estava... morto.

Akiva e a irmã carregavam o corpo juntos, mesmo não parecendo aptos a fazer isso. Abaixaram o anjo até o chão, mas ele escorregou de suas mãos e caiu pesadamente. Liraz deixou escapar um gemido, caiu de joelhos e ergueu a cabeça dele com todo o carinho.

Hazael, lembrou-se Karou. *O nome dele era Hazael*. Seus olhos estavam abertos, fixos; a pele, muito pálida; o pescoço e os membros, já rígidos. Com o fogo extinto, suas asas tinham se apagado; as penas ardentes tinham sido reduzidas às raques, as barbas tendo virado cinzas e caído. Já estava morto fazia algum tempo.

O corpo de Karou continuava alternando rapidamente entre o calor e o frio. Paralisada no lugar, ela tentava entender a cena. Foi Issa quem avançou, lentamente, e se curvou sobre Hazael para tocar seu rosto. Karou só olhava, um estranho distanciamento se apoderando dela — aquela antiga irrealidade de volta, como se sua vida fosse um teatro de sombras projetado em uma parede. Achou que a impetuosa irmã de Akiva fosse ranger os dentes e empurrar Issa para longe, mas não: Liraz pegou a mão da Naja. As serpentes no cabelo de Issa e em volta de seu pescoço ficaram imóveis e retesadas, prontas para atacar se fosse preciso.

— Por favor. — A voz de Liraz saiu sufocada. Seus olhos correram de Issa para Karou, desesperados. — *Salvem meu irmão*.

Karou ouviu o que ela disse, mas, no estado de torpor em que se encontrava, teve a impressão de que as palavras pairavam no ar. Olhou para Akiva. A maneira como ele olhava para ela... era como se a estivesse tocando. Ela recuou um passo, involuntariamente. O rosto dele era uma súplica silenciosa; Akiva estava quase tão pálido quanto o irmão morto, que eles haviam deitado no espaço em que Karou conjurava os corpos. O piso da ressurreição. Todos olhavam para ela. Até mesmo Issa.

Salvá-lo?

Eles estavam lhe pedindo *ajuda*? Depois de queimarem os portais de Brimstone — *e o próprio Brimstone* —, depois de aniquilarem seu povo, tinham trazido seu irmão morto para que ela o ressuscitasse?

De que distância o traziam? Os dois tremiam, tamanho o esforço que haviam feito. Akiva desabou contra a parede, os braços soltos ao longo do corpo. Parecia mais morto do que vivo, mais morto até do que da primeira vez que o vira, sangrando no campo de batalha de Bullfinch.

— O que aconteceu com você?

Poderia ter sido *ela* lhe fazendo essa pergunta, mas não. Era Akiva, que olhava para seu rosto, seus lábios, sua orelha recém-costurada. Constrangida, ela tirou o cabelo de trás da orelha.

— Quem fez isso com você? — continuou ele. Por mais fraca que soasse, ainda assim sua voz fervia de raiva. — Foi *ele*, não foi? O Lobo?

Ele acertara em cheio. Karou só conseguiu pensar, ao ver a fúria em seu rosto, no xale vivo que ele lhe fizera uma vez, as asas macias das mariposas-beija-flor nos seus ombros; uma vez, eras antes, quando Thiago rasgara seu vestido e, sob as falsas estrelas das lanternas do festival, Akiva evocara um xale vivo para cobri-la.

Ela fizera uma escolha naquela noite, e não tinha sido a escolha errada.

Mas isso na época. Muitas coisas tinham acontecido desde então.

Coisas demais.

Ela ignorou a pergunta, odiando a evidência física da própria vulnerabilidade, desejando que seus braços estivessem cobertos e que tivesse reparado a pele. O que seria um pouco mais de dor, afinal de contas? Ela não podia demonstrar fraqueza, não agora. Deu um passo à frente, voltando sua atenção para Hazael. Akiva lhe trouxera seu irmão morto? Bem, ele também lhe trouxera Issa. E lhe devolvera Ziri, ela não podia se esquecer disso, não importava o que tivesse acontecido depois. Ajoelhou-se ao lado do corpo — lentamente; tudo doía — e se perguntou por que tinham trazido o corpo de tão longe.

Corpos são só pesos mortos — *todos nós somos apenas receptáculos* —, mas saber isso era uma coisa; deixar um corpo para trás era outra. Karou entendia isso muito bem. São os corpos que nos tornam reais. O que é uma alma sem olhos para se olhar, ou sem mãos para segurar? Ela fechou os punhos para fazê-los parar de tremer.

Encontrou o ferimento embaixo do braço esquerdo de Hazael. No coração. Devia ter sido uma morte rápida.

— Por favor — repetiu Liraz. — Salve meu irmão. Eu lhe dou qualquer coisa. Diga seu preço.

Preço? Karou lançou-lhe um olhar hostil, mas não viu nela nenhum sinal da crueldade ou severidade de que se lembrava, só angústia.

— Não tem preço nenhum — disse Karou, e olhou de relance para Akiva. *Se houvesse*, poderia ter acrescentado, *o preço já foi pago*.

— Você vai trazê-lo de volta, então? — As palavras de Liraz saíram trêmulas de esperança.

Ela ia? Karou sabia que era a única esperança deles — justo ela, a quem aqueles dois teriam matado em Praga só pelos hamsás em suas mãos. Havia uma ironia em tudo aquilo, mas que não lhe deu nenhum prazer. Ela não conseguia olhar para as mãos de Liraz — eram tão *negras* —, mas via que elas seguravam com ternura o pescoço do irmão morto, os dedos tocando suavemente o rosto dele. Karou sabia que não devia sentir pena daquela garota que ajudara a assassinar seu povo, mas sentia. Quem entre eles, afinal, tinha as mãos limpas? Não ela. *Ah, Ellai, minhas mãos nunca mais ficarão limpas*. Karou cerrou os punhos de repente, sentiu arderem as bolhas abertas pelo uso da pá. Sentia que fazer aquilo, salvar aquela vida... poderia ser um bálsamo. Não só para aqueles serafins, mas também para si mesma, depois daquele horror do fosso, da pá, do que tivera que fazer e... e da mentira que agora era obrigada a viver. Ela queria salvar o serafim. Uma marca no nó de seu dedo por uma vida salva em vez de assassinada.

— Não posso preservar este corpo — disse ela. — É tarde demais. E também não posso fazer outro corpo igual a este. — Talvez Brimstone soubesse como conjurar as asas de fogo, mas aquilo estava muito além da capacidade dela. — Ele vai deixar de ser um serafim.

— Não tem problema — disse Akiva. Ela olhou em seus olhos, seus olhos tão, tão vermelhos, e quis fazer aquilo por ele. — Desde que continue a ser ele. É só o que importa.

Sim, disse Karou a si mesma, e queria acreditar nisso com tanta firmeza quanto ele. *A alma é o que importa. A carne é um receptáculo*.

— Está bem. — Ela respirou fundo e olhou para Hazael. — Podem me dar o turíbulo.

Suas palavras foram recebidas com um silêncio que era como o de um abismo.

Um abismo.

Ah, não. Karou olhou para o rosto morto de Hazael, os olhos azuis abertos, as linhas de sorriso, e a dor que sentiu aflorar em seu peito a tomou por completo. *Não*. Ela mordeu o lábio, tentando impedir a boca de tremer. Estava controlada. Tinha que estar. Sua tristeza... se a deixasse sair, seria como o lenço de um mágico, uma tristeza amarrada a outra e outra e mais outra, sem nunca acabar. Ela não queria levantar o rosto e ver a devastação no rosto de Akiva e Liraz, seus semblantes congelados naquele terrível silêncio.

— Não tínhamos... Não tínhamos um — sussurrou Liraz. — Nós o trouxemos para *cá*. Para *você*.

Akiva, rouco, insistiu:

— Faz só um dia. Karou, por favor.

Como se fosse uma questão de persuadi-la.

Eles não entendiam. Como poderiam? Ela nunca contara a Akiva como funcionava, como a conexão com a alma ficava cada vez mais tênue após a morte, ou quão facilmente a alma poderia ficar à deriva se não fosse recolhida. Nunca lhe contara, e agora não havia nada no ar ou na aura daquele anjo morto — soldado, assassino, irmão amado —, nenhuma impressão de luz ou risada para acompanhar aqueles olhos azuis e aquelas rugas sorridentes, nenhuma vibração de nenhum tipo para tocar seus sentidos e lhe dizer quem ele era... porque ele já *não era mais*.

Ela levantou a cabeça. Então se forçou a olhar nos olhos de Akiva e de Liraz, para que vissem e entendessem sua tristeza.

E soubessem que a alma de Hazael estava perdida.

77

Não pode morrer

Foi sua tristeza que fez Akiva desabar. Bastou um olhar e ele entendeu. Hazael se fora.

— *Não!* — O grito de Liraz saiu sufocado, quase sem som, e ela avançou.

Akiva não teve forças para detê-la. Ela também não devia ter muito mais força. Mesmo depois de suportar o mal-estar causado pelos hamsás, ela carregara quase todo o peso de Hazael na longa jornada até ali — para quê?, tudo por nada —, e às vezes o peso *dele* também, puxando seu braço e gritando-lhe para que acordasse quando estava para se deixar levar pela escuridão. A escuridão, a escuridão. Mesmo naquele instante, ainda o envolvia.

O que ele fizera em Astrae?

Ele não sabia. Só se lembrava da vibração que sentira no crânio e da concentração, da pressão, da pressão, de pegar Liraz e abraçá-la, de cair sobre Hazael e abraçá-lo também, e de a explosão, quando veio — de *onde?* —, os levar embora em segurança. Para longe, muito longe, e nenhum pedaço de todo aquele vidro estilhaçado da Espada — nem um único caco — os alcançara.

Haviam levado Hazael para um campo, onde viram que ele já estava morto. Mas o que é a morte? Akiva então se lembrara de Karou. Claro. *Esperança*, dissera a si mesmo, de joelhos na grama, sentindo-se fraco, zonzo e entorpecido. *"Karou" significa esperança.*

Mas não na língua deles, não para eles.

Liraz avançou na direção de Karou. Akiva tentou alcançar a irmã, mas não foi rápido o suficiente. Ela empurrou Karou para trás. Havia uma cadeira virada no caminho. As duas caíram. Karou gritou de dor.

Liraz reencontrou o ar.

— Mentirosa! — gritou.

Gritou.

Akiva tentou chegar até elas, mas era como se ele se arrastasse com dificuldade pela escuridão. A mulher-serpente foi mais rápida — a mulher-serpente era Issa, ele a conhecia dos desenhos de Karou. Devia ser ela naquele turíbulo. *Turíbulo, turíbulo, turíbulo.* Por que ele não tinha um turíbulo à mão quando o irmão morrera? Mas talvez a explosão tivesse desligado a alma do corpo de Hazael; talvez sua alma já não estivesse mais ali quando eles o deitaram no campo, talvez nunca tivesse havido uma chance de salvá-lo. Eles nunca saberiam. Hazael se fora, era só o que importava.

E Liraz gritava.

Independentemente do que Karou houvesse decidido, não havia mais nada que ela pudesse fazer agora.

— Salve meu irmão! — gritava Liraz, um som terrível, doído, e tão alto que Akiva imaginou olhos se abrindo por toda a casbá.

Issa era forte, e Liraz estava fraca e arrasada. A mulher-serpente a afastou de Karou e jogou-a de volta em direção a Akiva. Poderia tê-la matado, as serpentes cravado as presas em sua pele, mas não. Issa a empurrou para Akiva, que a pegou. Liraz resistiu, começou a soluçar e desabou nos braços do irmão.

— Não não não — dizia. — Ele não pode morrer, não pode, não ele.

Akiva a abraçou e desabou junto com ela ao lado do corpo do irmão, aninhando-a em seus braços enquanto ela soluçava. Cada soluço era como uma tempestade fazendo ruir a rigidez dela, dominando-a, sacudindo-a. Akiva nunca sequer a vira chorar antes, e aquilo era muito mais que um simples choro. Ele a apertava, também chorando, e por sobre a cabeça dela viu Issa ajudando Karou a chegar até a cama.

Ele viu o cuidado com os movimentos, a dor no rosto dela, os *cortes* no rosto, e a tristeza nos seus olhos escuros quando ela olhou para ele, e as lágrimas silenciosas que deslizavam pelo seu rosto, mas não conseguia processar nada daquilo. A escuridão girava e se entrelaçava em volta dele, os soluços de Liraz enviando tremores direto ao seu coração, e Hazael estava

morto.

A urna de cremação está cheia, ouviu dizer a voz indolente e jovial do irmão. *Você não pode morrer.*

E realmente, mais uma vez: ele estava vivo enquanto outros morriam. Ah, maldita exaustão. Ele só queria fechar os olhos.

Foi quando ouviram uma batida na porta. Karou olhou depressa para ele.

— Karou? O que está acontecendo aí? — perguntou uma voz gutural feminina.

Quando Karou olhou de volta para ele, ainda havia tristeza nos olhos dela, mas o desalento e a aflição distorciam sua expressão. Ela limpou as lágrimas com as costas da mão e se levantou com dificuldade. Seu rosto se contorceu com a dor — o que ele tinha feito, aquele... animal? —, e ela parecia querer dizer alguma coisa, mas não havia tempo, porque a porta começou a se abrir. Liraz ergueu a cabeça, os soluços diminuindo à medida que recuperava o controle e percebia o que tinha feito.

Ela estava alerta, o rosto pálido e os olhos úmidos e vermelhos. Pegou a mão rígida de Hazael e apertou-a. O pesar deixou seu rosto, a resignação moldando suas feições em uma calma nada natural.

Akiva entendeu que ela estava pronta para morrer.

Ele sabia que não tinha direito de se horrorizar — vinha lutando com aquele sentimento fazia tanto tempo —, mas ainda assim aquilo o abalou, lançando-o em uma espiral de desamparo. Então, prestes a se entregar à escuridão, preso na fortaleza inimiga de novo, sentiu a força voltar. Não estava pronto.

Queria viver. Queria terminar o que finalmente tinha começado com tantos anos de atraso. Queria reconstruir o mundo. Com Karou... Com Karou.

Mas duvidava muito que isso fosse acontecer.

A primeira figura a surgir à porta foi a mulher-lobo, braço direito de Thiago. Furtiva e brutal, a fera se arqueou e rosnou assim que viu os anjos. Mas Akiva nem olhou para ela, porque logo atrás, parado à porta, o rosto marcado por arranhões que confirmavam suas piores suspeitas, estava o Lobo Branco.

78

O ANJO E O LOBO

— Temos visita, Karou? Não sabia que você estava dando uma festa.

Ah, aquela voz, a calma e o desdém, a nota de diversão. Karou não conseguia olhar para ele. *Vida naqueles olhos pálidos, força naquelas mãos e garras.* Era errado, tão errado. E *ela* fizera aquilo. A bile lhe subiu à garganta; ela quase caiu de joelhos e vomitou tudo de novo.

— Eu também não.

Era a única maneira, disse ela a si mesma, mas os tremores aumentavam quanto mais tentava controlá-los. Karou fixou o olhar em um ponto atrás dele, mas Lisseth e Nisk chegaram deslizando, preenchendo o corredor, e ela também não queria olhar para eles. Nunca esqueceria ou perdoaria a frieza no rosto deles quando voltara mancando do fosso, trêmula e ensopada de sangue, em choque, arrastando-se atrás de Thiago.

Quanto ao próprio Thiago...

Ele entrou no quarto. Karou podia ouvir suas garras arranhando o piso de terra, podia sentir seu cheiro de almíscar, mas ainda não conseguia fitá-lo. Ele era uma forma branca indistinta em sua visão periférica, atravessando o quarto, e colocou-se ao lado dela e encarou os anjos. Ao lado dela, como se estivessem juntos naquilo.

E... *estavam*.

Ela fizera uma escolha. Merecer a confiança que Brimstone depositara nela e o nome que lhe dera. Trabalhar pela salvação — e ressurreição — de seu povo, da forma que fosse necessária, *qualquer* forma. E Thiago era necessário. Os quimeras o seguiam. Aquela era a única maneira, mas mesmo assim não era nada mais fácil ficar ao seu lado e sentir o peso do olhar de Akiva, ou — quando olhou de volta para ele, pois tinha que olhar para algum lugar — ver o ódio e a confusão em seu rosto, a incredulidade. Como se ele não pudesse acreditar que ela suportaria estar tão próxima daquele monstro.

Eu também sou um monstro, queria dizer a ele. *Sou uma quimera, e farei o que for preciso pelo meu povo.*

Que falsa coragem. Ela vestia uma expressão desafiadora, mas não passava disso. O fogo dos olhos de Akiva sempre fora como um estopim que acendia o ar em volta deles. Agora não era diferente. Ela queimava, mas de vergonha por estar ao lado do Lobo. O anjo e o Lobo, juntos no mesmo quarto. Parecia agora que tudo a conduzira para aquele momento, que finalmente chegara: o anjo e o Lobo cara a cara. Akiva tinha os olhos vermelhos, o rosto pálido, destruído, arruinado, tomado pela tristeza, e *ela*... ela estava ao lado do Lobo, como se os dois fossem o senhor e a senhora daquela rebelião sangrenta.

Não é o que está pensando, tinha vontade de dizer a Akiva.

É pior.

Mas não disse nada. Não lhe daria nenhuma explicação, nem lhe pediria desculpas. E então se forçou a virar. Para Thiago. Não colocara os olhos nele desde que tinham voltado do fosso. Mas se obrigou a olhar para ele agora. Se não conseguisse fazer isso, quais seriam as chances de conseguir fazer tudo que estava por vir?

Ela olhou.

O Lobo era o Lobo, majestoso e impressionante, uma das melhores obras de Brimstone. Não estava em sua usual forma impecável, o que não era nenhuma surpresa levando-se em consideração o último dia e meio. As mangas de sua túnica estavam puxadas para cima, dobradas e amassadas nos braços musculosos e bronzeados, e Ten tinha negligenciado o cabelo de seu senhor, que parecia ter sido puxado para trás por mãos apressadas e preso em um nó branco. Alguns fios tinham escapado, e, quando ele os jogou para trás, fez isso com certa impaciência. Quanto ao seu belo e odiável rosto, estava coberto de arranhões produzidos pelas unhas de Karou, mas a ferida por onde a lâmina dela penetrara, na garganta dele, havia sido fechada e reparada como se nunca tivesse existido. Essa parte fora fácil, nem de longe tão complicada quanto as mãos ou o sorriso de Ziri; apenas algumas camadas de tecido para juntar ao longo de um pequeno corte. Karou não poderia tê-lo matado de forma mais limpa nem se tivesse *planejado* trazê-lo de volta à vida, e tivera dor de sobra para pagar o dízimo.

Eram os olhos dele, ah, meu Deus... Eram os olhos dele o mais difícil de se ver. *Vida naqueles olhos pálidos.*

Afinal, todos nós somos apenas receptáculos.

Ela sentiu as lágrimas arderem e abaixou a cabeça. Não sabia o que fazer. Abraçou o corpo com os braços marcados pelos hematomas e procurou desesperadamente algo para dizer. Havia anjos em seu quarto, um deles morto, outro Akiva. Era complicada sua situação.

Fazia apenas alguns segundos desde que o Lobo havia entrado. Sua imobilidade e silêncio ainda não pareciam esquisitos, mas em pouco tempo alguém estranharia.

Se Liraz não tivesse gritado, Karou os teria ajudado a sair dali. Teria acendido um incenso para encobrir o cheiro deles. Devia isso a Akiva, isso e muito mais. Nimguém precisaria saber que eles tinham estado ali. Mas era tarde demais. Agora Thiago teria que fazer alguma coisa a respeito, e — Karou vira isso em seus olhos naquele relance — estava ainda mais perdido do que ela quanto a como agir.

Sua linha de ação deveria ser bem clara; ele já tinha lidado com Akiva antes: já o havia torturado e punido, não só por ser um serafim, mas também por ter sido o escolhido de Madrigal. Qualquer um que fosse próximo a Thiago sabia que ele ansiava por terminar o que tinha começado. O Lobo Branco deveria estar rindo agora; deveria estar embriagado em seu prazer sangrento.

Mas não estava.

Porque, é claro — é claro, é *claro* —, ele não era o Lobo Branco.

79
Esgotados

— Então, isso é mesmo o que parece ser? — perguntou Thiago.

— E parece ser o quê? — indagou Akiva, odiando falar com o Lobo.

Eles não ficavam cara a cara desde o calabouço em Loramendi, e, agora que estavam, falar não era bem o que Akiva tinha em mente.

— *Parece* um anjo morto. — Indicando Hazael, Thiago se virou de Akiva para Karou e depois de volta com um sorriso insolente. — Veio fazer uma visita à nossa ressurreicionista? Sinto muito, mas não servimos à sua raça. Achei que você soubesse que estamos em guerra.

— A guerra acabou — rosnou Liraz, com uma paixão que, Akiva sabia, ela não sentia pela vitória. — *Vocês perderam*.

— Perdemos? Gosto de pensar que o resultado ainda não foi decidido.

Devagar, Akiva passou um braço em volta do ombro da irmã, para contê-la. Se ela se lançasse para cima do Lobo como tinha feito com Karou, a mulher-serpente não a empurraria de volta viva. Talvez fosse a morte o que Liraz queria (ou achasse que queria) em meio ao sofrimento, e talvez a morte fosse mesmo chegar para eles ali, naquela noite, não importava o que fizessem, mas Akiva não lhe daria mais chances do que já dera indo até ali, e aquilo tinha sido por puro desespero.

Ele olhou para Karou, tentando imaginar o que se passava em sua cabeça. Ela teria ajudado Hazael; ele tinha visto como era genuína sua tristeza. E agora? Ela iria ajudá-los? Será que *podia*? Aqueles hematomas em seus braços... Ela ainda abraçava o próprio corpo, e, embora Akiva tivesse quase certeza de que ela estava tentando esconder as marcas — por que parecia tão envergonhada? —, o resultado era o contrário: ele não conseguia deixar de olhar. Já tinha visto as marcas do dízimo nela quando fora até ali antes; a lembrança o assombrara. Mas aquelas eram diferentes.

Pois aquelas não tinham sido feitas por tornos, mas sim por *mãos*.

De repente, ele não conseguia ver mais nada além daquilo. Uma onda de fúria o dominou, e então era *ele* quem precisava ser contido. Ficou de pé e se lançou para a frente, ou caiu para a frente, e foi só devido ao insistente apelo da escuridão e à fraqueza enfurecedora que Karou — *Karou* — conseguiu se colocar entre ele e Thiago e empurrá-lo de volta. Com as sobrancelhas erguidas em irritação e os olhos com um brilho selvagem, sua expressão dizia: *Você ficou louco?*

Sim, ele estava louco. E patético. Tropeçou em Hazael ao cair para trás, e foi Liraz que o pegou daquela vez. Os dois estavam tão fracos, tão debilitados e desmoralizados que desabaram juntos no chão de terra ao lado do corpo do irmão. E os quimeras nem precisaram mostrar hamsás em sua direção. Estavam tão esgotados, tão dolorosa, óbvia e lamentavelmente esgotados.

— Acabem logo com isso — sibilou Liraz. Akiva nem conseguia se obrigar a argumentar. — Podem nos matar.

Karou olhou para os dois com aquela severidade que havia mostrado quando o empurrara — era raiva, pensou Akiva, por se ver forçada mais uma vez a decidir o destino dele. Como ela havia mudado em tão poucos meses. A dureza, o ar de tristeza. Ele se lembrou de como ela era em Praga e em Marrakech, durante o pouco tempo que passaram juntos antes de partirem o osso da sorte: a suavidade e a inconstância de suas expressões; os sorrisos tímidos e contraditórios; e o rubor que subia rapidamente por seu pescoço alvo. Até a raiva dela era antes algo vibrante, vital. Ele odiava aquela nova máscara de dureza, odiava saber que provocava isso nela. Mas, naquele momento, se lhe dessem a chance de escolher, ainda diria que preferia viver.

Foi só no instante seguinte que essa convicção foi abalada.

Karou se virou para Thiago — para *Thiago*, de todas as criaturas vivas em dois imensos mundos — e trocou com ele um olhar breve e secreto, íntimo e cheio de dor, um olhar que trazia uma dor *compartilhada*, um olhar... *terno*. Era de uma ternura tão profana, tão insuportável, que Akiva esqueceu todo o resto. Toda a pouca vitalidade que lhe restava se reuniu em uma última explosão de força e ele se lançou para cima de Thiago.

O Lobo o pegou pelo pescoço com as garras de uma das mãos. Segurava-o com o braço estendido, e até parecia fácil. Seus olhos se encontraram. Enquanto Akiva sentia seu pescoço ser comprimido pelo poderoso punho de Thiago, viu um traço daquela ternura perversa ainda no olhar do inimigo. Ao ver isso, Akiva simplesmente desistiu de lutar. Seus olhos se reviraram nas órbitas. Sua cabeça tombou.

Ele se deixou envolver pela escuridão, uma parte sua desejando nunca mais voltar.

* * *

Quando Akiva desabou, o alívio do Lobo foi tão profundo quanto sua aversão às palavras que se forçara a dizer e ao som delas saindo de sua garganta, a garganta de Thiago. Afinal, aquela voz era a de Thiago. E aquelas mãos que combinavam perfeitamente com as marcas no corpo de Karou? Também eram de Thiago.

Mas o pesadelo? Esse era todo de Ziri.

Ele queria descer o anjo devagar até o chão, mas se forçou a atirá-lo bruscamente na direção da outra serafim, uma linda moça que parecia ao mesmo tempo perdida e feroz. Ela pegou Akiva, cambaleando sob o peso morto dele — mas não, ele não estava morto. O Lobo não deixaria o Ruína das Feras morrer assim de forma tão indolor. Quanto a Ziri... ele não o deixaria morrer e ponto, se pudesse evitar.

Se.

Era injusto que o primeiro teste de sua farsa fosse decidir o destino do serafim que salvara sua vida. Ele não estava pronto para ser testado. A pele ainda não se ajustava bem, ou talvez fosse ele que não soubesse usá-la. Não era uma questão física. Como receptáculo, era um corpo forte, gracioso, com uma flexibilidade e um poder de tração que pareciam *aprimorados*, além de belo aos olhos, mas ele não conseguia vencer a repulsa que sentia. Quando tomara posse daquele corpo... ah, Nitid, encontrara ainda o gosto do sangue de Karou na boca.

Agora já tinha saído, mas a repulsa permanecia, e, o que era pior: ela sentia o mesmo. Como esperar outra coisa? Ziri vira o estado de Thiago no fosso, sabia o que ele fizera com ela — ou *tentara* fazer; esperava que tivesse apenas *tentado*, mas não chegara a perguntar. Como poderia perguntar algo assim? Ele a encontrara ensopada de sangue, tremendo violentamente como se estivessem em um lugar muito frio, e mesmo agora ela mal conseguia olhar para ele.

Quantos dias tinham se passado desde que Ziri sentira a esperança de que ela pudesse vê-lo pelo que ele era — não mais uma criança, mas um homem e... talvez criar um pouco de sorte para os dois. Um homem que pudesse amar. E agora ele era *aquilo*?

Se havia uma força maior operando no cosmos, as estrelas estariam rindo agora. Até ele se sentia à beira das gargalhadas. Seria possível que alguma esperança já tivesse sido mais aniquilada de maneira tão terrível?

Mas, se era injusto, pelo menos tinha sido uma decisão sua. Ele vira o que precisava ser feito, e fizera.

Por ela. Pelos quimeras e por Eretz, sim, mas fora nela que pensara ao passar a lâmina na própria garganta. Nem soubera a quem rezar, se para a deusa da vida ou a dos assassinos. Que presente horrível ele dera a Karou: seu sacrifício. Seu corpo para ela enterrar. A enormidade daquela farsa para levar adiante.

E... a chance de mudar o curso da rebelião e tomar posse do futuro. O que também era colossal, mas naquele momento tudo o que Ziri sentia era o peso da farsa.

O que já tinha sido feito — morrer — era a parte fácil. Agora ele precisava *ser* Thiago. Se ele e Karou queriam que aquilo funcionasse, Ziri precisava ser convincente, começando ali, agora, com aqueles serafins. E por isso é que tinha ficado tão incomensuravelmente aliviado quando Akiva perdera a consciência, pois assim pudera dar um fim rápido ao encontro, ou pelo menos adiar o inevitável até tentar pensar no que fazer.

— Leve-os para o armazém — ordenou ele a Ten, com o que esperava ser a gentileza desprezível e autoritária costumeira do Lobo.

E, depois que Ten obedeceu — Issa ajudando a garota serafim com o corpo de Akiva, e Nisk e Lisseth carregando o morto —, bateu a porta e se apoiou na madeira. Fechou bem os olhos e levou as mãos ao rosto. Mas como ele odiava aquele toque... Então abaixou as mãos. Odiava sentir as próprias mãos. As mãos *dele*? Afastou-as do corpo — do corpo *dele*? Com a tensão da tristeza que sentia, sentiu-as ficarem rígidas como em *rigor mortis*, como as mãos do anjo de cuja morte ele se forçara

a zombar.

Não havia como fugir do mal, porque o mal era *ele*.

— Eu sou Thiago — ele se ouviu dizer com uma voz baixa e sufocada pelo horror. — Eu sou o Lobo Branco.

E então, primeiro em uma de suas odiosas mãos, depois na outra, ele sentiu um toque. Abriu os olhos. Viu Karou diante de si, pálida e chorando, trêmula e machucada, os olhos escuros e o cabelo azul, linda e tão perto, e olhando para ele — *dentro* dele, para *ele* —, segurando suas mãos.

— Eu sei quem você é — disse ela, em um sussurro doce porém ardoroso. — *Eu* sei. E estou com você. Ziri, Ziri. Eu vejo você.

Ela apoiou a cabeça em seu peito e deixou que ele a envolvesse com seus braços assassinos. Ela cheirava à água do rio e tremia como uma asa de borboleta soprada pela brisa. Ziri a aninhou como se ela fosse a última esperança de seu mundo.

E talvez fosse.

80
Farsa

Um som. Estava próximo, e eram asas.

Karou tinha certeza de que eram os capatazes de Thiago voltando, mas não fugiu nem se escondeu. Congelada como uma presa, de joelhos na terra e nas pedras, no vômito, nas moscas e no horror, ela esperava ser encontrada.

E, quando viu quem era, quando ele aterrissou diante dela, os cascos de Kirin espalhando pedras, seu choque não deixava espaço para a alegria — Ziri estava vivo e *ali* —, porque o olhar arrasado dele só a abalava ainda mais. Ziri olhou para o Lobo e de volta para ela, boquiaberto; chegou a dar um passo vacilante para trás, e Karou viu como a grotesca cena devia parecer aos seus olhos. A indignidade da pose do Lobo, roupas emboladas e arrancadas aos pedaços em uma exibição inequívoca da sua vontade, a faquinha caída onde ele a tinha largado, quase como um abridor de cartas ou um brinquedo.

E ela. Trêmula. Ensanguentada. Culpada.

Karou havia matado o Lobo Branco. Se estivesse conseguindo pensar, não teria acreditado que aquilo poderia piorar.

Mas, ah, piorou sim.

Agora, em seu quarto, ela apoiou a cabeça no peito dele e sentiu as batidas do coração de Ziri contra o rosto — cada vez mais rápidas; ela sabia que era o coração de Ziri agora, não o de Thiago, e sabia também que estava acelerado por causa *dela* —, e tentou sufocar a repulsa, pelo bem dele.

Ela tivera a esperança de que sua pequena sombra Kirin pudesse se provar um aliado, mas nunca imaginara... aquilo.

Após aquele primeiro instante de espanto, ele correra para o seu lado e tinha sido tão carinhoso com ela, tão presente e bom e decidido — não tinha mais nada de tímido; era só foco e força. Segurou-a pelos ombros, com cuidado mas firmemente, e a fez olhar para ele.

— Está tudo bem — disse ele, quando teve certeza de que o sangue que cobria o seu corpo não era dela. — Karou. Olhe para mim. Está tudo bem. Ele não pode mais machucar você.

— Ele pode e vai — disse ela, beirando a histeria. — Não é possível que ele esteja morto, isso não vai durar. Vão me obrigar a trazê-lo de volta. Ele é o Lobo Branco. *O Lobo Branco.*

Era verdade, não havia o que discutir. Ziri também sabia; não precisavam fazer suposições. Foi Ziri quem viu o que era preciso fazer, e fez. Ela entendeu sua intenção quando ele pegou a lâmina de lua crescente; ficou sem ar, tentou impedi-lo. Ele disse que sentia muito.

— Mas não por mim. Quanto a isso estou tranquilo. Só sinto muito por deixá-la sozinha nesse intervalo de tempo.

Intervalo. Entre um corpo e outro.

— Não! Não! — *Não não não não não não não.* — Vamos conseguir encontrar alguma outra solução. Ziri, *você não pode fazer isso...*

Mas ele fez, com sua mão experiente, com sua lâmina afiadíssima.

Ele morreu em seus braços, os olhos redondos e castanhos e agora arregalados, mas sem nenhum medo, tão doces... e no instante seguinte os mesmos olhos ficaram vidrados, mas ainda eram tão doces e esperançosos quanto costumavam ser quando ele era um menino perseguindo-a por Loramendi. Foi em quem ela pensou enquanto o segurava morto, no menino que ele havia sido, assim como pensava agora, acolhida em seus novos braços. Pensou no garoto para que ele não se sentisse traído se sentisse sua repulsa. Era tão injusto, após a magnitude do sacrifício dele, tão cruel, mas era preciso, pois só assim ela conseguiria não se afastar dele. Afinal, embora fosse Ziri, seus braços eram os do Lobo, e seu abraço, uma sentença.

Quando ela não pôde suportar nem mais um instante, usou uma desculpa para se afastar. Levou a mão ao bolso, dando um passo para trás, e pegou o que tinha guardado ali alguns dias antes. Quase esquecera.

— Guardei isto — disse ela. — É... não sei.

Parecia uma ideia estúpida agora. Ridícula, até — o que ele faria com aquilo? Era a ponta de seu chifre que tinha se

quebrado no pátio quando ele desmaiara. Ela não sabia ao certo o que a fizera guardar aquilo, e agora, mesmo enquanto enfiava a mão no bolso, desejava nunca ter recolhido aquele fragmento. Porque, quando ele falou, pelo acanhamento em sua voz ficou claro que ele via mais naquele gesto do que de fato existia.

— Você guardou isso.

— Para você. Achei que talvez fosse querer. Foi antes de...

Antes de ela enterrar o restante de seu corpo em uma cova rasa? Sentiu de novo um aperto no estômago. Era o melhor que ela conseguira fazer, e pelo menos não era o fosso. O último corpo Kirin verdadeiro não merecia o fosso, ó Ellai, mesmo sendo somente um monte de poeira estelar reunida transitoriamente em um corpo. Como tinha sido difícil jogar a terra seca sobre seu rosto. Só ficara pensando que ainda podia mudar de ideia. Afinal, a decisão estava em suas mãos. Podia recuperar qualquer um dos dois corpos recém-mortos. Podia ter colocado a alma de Ziri de volta no lugar; o gesto de grande bravura fora dele, mas agora o resto estava em suas mãos. A alma dele estava em suas mãos.

A alma de Ziri era como o vento que atravessava o alto das montanhas Adelphas, como o bater das asas dos caça-tempestades; era como a linda, eterna e triste música das flautas de bambu que costumava preencher as cavernas das Adelphas com sons dos quais ele nunca se lembraria. Era como um *lar*.

E ela a colocara em um receptáculo como aquele. Porque, no fim das contas, ele tinha razão. Aquela era a única forma de assumir o controle do destino dos quimeras. Com aquela farsa.

Se ao menos eles conseguissem levá-la adiante.

Não seria fácil nem sob circunstâncias normais, quanto mais sendo submetidos a um teste como aquele assim tão cedo, com os dois ainda meio zonzos e sem nem terem tido tempo de conversar ou pensar em um plano. Teriam que tomar alguma providência com relação aos anjos.

Karou se virou e foi em direção a sua mesa. Endireitou a cadeira que havia derrubado quando Akiva entrara em seu quarto pela janela e se sentou. A parte de trás de suas pernas estava muito ferida de tanto ter lutado sob o peso de Thiago, e seu corpo todo parecia ter sido torcido por tornos. Mas tudo aquilo passaria em um dia ou dois; todo o restante estava ali para ficar. Os problemas, a terrível responsabilidade e a mentira, que, custasse o que custasse, não podia sair daquele quarto.

Issa e Ten retornaram, sem Nisk e Lisseth.

— Não os quero mais aqui — disse Issa, em um tom incisivo. Karou sabia que ela estava se referindo a Nisk e Lisseth, não aos anjos. — Eles são selvagens. Imagine, deixarem você lá sozinha com Thiago daquele jeito. E os outros também.

Karou estava inclinada a concordar, mas ainda assim...

— Estavam apenas seguindo ordens. — E acrescentou que já tinham cumprido ordens piores que aquela.

— Não importa — insistiu Issa. Sua revolta só aumentava pelo fato de os dois serem Naja, pois queria acreditar que seu povo agiria melhor do que aquilo. — Deviam ter alguma noção do que é certo e do que é errado, mesmo quando se trata de ordens.

— Se formos pensar assim, não vai sobrar ninguém. Quer dizer... — Ela olhou de relance para o Lobo. Para Ziri. — Bem poucos. — A equipe de Balieros seria ressuscitada em breve, junto com Amzallag e as esfinges, cujas almas ela colhera do fosso. Ela precisava de soldados confiáveis. — Mas não podemos simplesmente começar a dar sumiço em todo mundo de quem não gostamos. Seria muito suspeito. E... errado.

De fato, eles não tinham sumido com ninguém, e ela não pretendia começar agora. Razor não contava. Morrera atacando uma fortaleza serafim chamada Glyss, no rio Tane — na mesma missão em que haviam perdido Ziri, para a tristeza de todos. Ninguém nunca precisaria saber o que realmente acontecera quando Razor tentara, sem sucesso, cumprir a ordem de Thiago, ou que um dos dois *tinha* voltado, embora depois tivesse ido parar em uma cova rosa e no papel principal daquele grande estratagema.

— *Eu* cuido dos dois Naja — disse Ten, batendo os dentes de gula. — Essa minha boca de lobo tem uma fome e tanto. Vou dizer que eles me *pediram* para comê-los.

— Não seja terrível — protestou brandamente Issa.

— Não? — Ten olhou para Karou. — Mas a ideia não era essa?

Karou não pôde deixar de rir, o que fez doer seu rosto ferido. Ten não era mais Ten, tanto quanto Thiago não era mais

Thiago; ela era Haxaya, o que já facilitava bastante as coisas. Por mais que Karou odiasse a mulher-lobo, não tinha por ela o mesmo grau de aversão física que sentia por Thiago. Era bom ter o humor negro de Haxaya naquele corpo... mesmo que não desse para saber direito quando ela estava brincando ou não. Quando Karou acordara sua velha amiga no corpo de Ten — após Ten ter fatalmente subestimado Issa e os anéis em geral gentis da joia viva que era seu corpo —, fora direta: contara-lhe a terrível situação e o que ela deveria fazer, e esclareceu que, caso ela não concordasse, teria que ser devolvida imediatamente para o turíbulo.

E a resposta de Haxaya, com um sorriso que parecia ter sido feito especialmente para as mandíbulas de lobo de Ten, fora: "Eu sempre quis ser terrível."

— Será que você pode ser só um pouquinho menos terrível? — perguntou-lhe Karou agora. — Nada de comer os Naja nem nenhum outro, por mais desprezíveis que sejam. — E acrescentou: — Por favor.

— Está bem. Mas se eles *realmente* me pedirem...

— Eles não vão pedir para você comê-los, *Ten.*

— Acho que não — concordou ela, fazendo-se de decepcionada de forma bem convincente; talvez estivesse mesmo.

E ali estavam os aliados de Karou: Thiago, Ten e Issa. Os três olhavam para ela. *Ah, meu Deus*, pensou Karou, sentindo-se zonza de pânico. *E agora?*

— Os anjos — disse ela, tentando controlar sua pulsação acelerada.

— Eles podem fugir — disse Issa. — Simples. Ele já fez isso antes.

Karou assentiu. Claro, então era isso. Tirá-los dali e ver Akiva pela última vez, definitivamente. Era isso o que ela queria.

Então por que aquela dor no peito?

Nós sonhamos juntos com um mundo refeito, ficava pensando. Tinha sido o sonho mais lindo, que só podia ter acontecido como acontecera: um sonho que nasceu da misericórdia e se alimentou de amor. E ela não conseguia pensar no futuro, na paz, sem se lembrar da mão de Akiva em seu coração e da sua no dele.

— *Nós* somos o começo — dissera ela então, no templo, e tudo parecera possível com o coração dele batendo sob sua mão.

E agora o coração dele batia tão perto dali, no escuro, no armazém. Tão perto e ao mesmo tempo tão distante. Ela não conseguia pensar em nada, nenhuma sucessão de eventos improváveis, que pudesse fazê-la algum dia voltar a sentir as batidas do coração dele, ou uni-los novamente no sonho que a eles pertencia — não a ela e Ziri, nem mesmo a ela e Brimstone, mas a ela e Akiva.

Ela não conseguia pensar em nada.

81

Caminhos de acasos

Um mundo sozinho já é uma grande e estranha ebulição de desenrolares possíveis, caminhos incompreensíveis de acasos e planos traçados, mas dois? Quando dois mundos sentem o hálito um do outro através de fendas no céu, o estranho torna-se ainda mais estranho, e muitas coisas podem acontecer, compreensíveis apenas para poucos.

82

AS TRÊS MAIORES RAZÕES PARA VIVER

Zuzana e Mik estavam em Ait-Ben-Haddou quando aquilo começou. *Aquilo*. A coisa que nunca seria eclipsada, que sempre mereceria ser tratada pelo pronome indefinido *aquilo*.

Onde você estava no dia em que aquilo *começou?*

Ait-Ben-Haddou era a casbá mais famosa do Marrocos, muito maior que o castelo de areia de Karou, embora sem o atrativo dos monstros. Tinha sido restaurada com fundos da UNESCO e dinheiro da indústria do cinema — Russell Crowe tinha "digladiado" ali —, todo o lugar tendo sido limpo e preparado para receber os turistas. Lojas nas ruas, tapetes nos muros e, na entrada principal, camelos piscando e batendo seus incríveis cílios enquanto posavam para fotografias — por um preço, é claro. Tudo por um preço, e não se esqueça de pechinchar.

Mik estava pechinchando. Zuzana desenhava na sombra enquanto ele, fingindo examinar com atenção algumas chaleiras, comprava um anel de prata antigo que suspeitava não ser realmente de prata nem antigo, mas tratava-se indiscutivelmente de um anel, e isso era o que importava. *Não* um anel de noivado. Ele tinha feito o ar-condicionado voltar a funcionar, mas isso não contava como um de seus desafios, nem a... *bem*, a cura que arranjara para o tédio de Zuzana. *Aquilo* com certeza não tinha sido um desafio. Era uma das suas três maiores razões para viver — as outras duas eram tocar violino e segurar a mão de Zuzana —, e uma atividade que ele executava — *da qual participava* — com um sentimento de profunda gratidão ao universo.

Para ganhar a mão dela, porém, era preciso cumprir um desafio. Dois.

Ele sentia um curioso comprometimento com aquela história toda dos desafios. *Quem tem a chance de fazer coisas assim?* Monstros e anjos e portais e invisibilidade — mesmo que esse último fosse um pouco difícil de apreciar com todos os *uis* envolvidos. Aliás, quantas pessoas têm a chance de comprar anéis talvez antigos e talvez de prata para suas lindas namoradas em cidades de barro no norte da África, comer tâmaras secas de um saquinho de papel e ver *cílios de camelos*, meu Deus do céu, e... *ei, aonde está todo mundo indo?*

Houve uma agitação repentina, pessoas correndo pela rua estreita ao som de berros em árabe ou berbere ou em alguma língua que não era nem tcheco, nem inglês, nem alemão, nem francês. Mik assistia a tudo perplexo. Os marroquinos berravam e corriam até serem tragados pelas portas e só restarem os turistas nas ruas: turistas confusos, piscando sem parar enquanto literalmente a poeira baixava. Por trás das portas, a confusão só aumentava.

Mik guardou o anel no bolso e voltou para perto de Zuzana, que continuava sentada à sombra embora não estivesse mais desenhando. Ela olhou para ele, confusa.

— O que está acontecendo?

— Não sei.

Mik olhou em volta. Algumas famílias ainda moravam atrás daqueles muros; ele viu de relance o brilho de uma tela de TV quando uma porta se abriu e voltou a se fechar. Era um anacronismo tão grande: uma TV naquele lugar... e então... e então os gritos de tumulto deram lugar a gritos de medo. Gritos tão altos que pareciam um misto de alegria e pavor.

Mik pegou a mão de Zuzana — uma das três maiores razões para viver — e puxou-a na direção da TV para verem que diabos estava acontecendo.

83
Adeus

Quando Akiva acordou, Liraz dormia ao seu lado. Estavam no escuro, embora, lógico, a escuridão nunca fosse total onde havia serafins. O fogo de suas asas, mesmo fraco da exaustão e do sono, projetava uma discreta luminosidade que chegava ao teto alto de madeira e às paredes inclinadas de barro. Era um espaço grande, sem janelas; ele não sabia se era dia ou noite. Por quanto tempo tinha dormido?

Ele se sentia... bem, *revigorado* era uma palavra forte demais naquelas circunstâncias, pois dava a entender que ele estava cheio de vida, o que não era o caso, mas estava bem melhor. Ergueu o corpo e se sentou.

A primeira coisa que viu foi seu irmão. Hazael estava deitado do outro lado de Liraz, o corpo dela curvado na direção dele, e por um louco instante Akiva foi invadido pela esperança de que eles fossem três de novo, de que Karou tivesse ressuscitado seu irmão, e Hazael se sentaria e começaria a contar histórias ridículas sobre tudo o que tinha visto e feito enquanto era uma alma desligada do corpo. Mas aquela esperança se desfez rapidamente, como acontece com a maioria das esperanças: devorada por uma amargura ácida, fazendo Akiva se sentir um idiota. É claro que Hazael estava morto, ainda, e estaria para sempre. Começavam a aparecer moscas; eles tinham que tomar alguma providência.

Acordou Liraz. Estava na hora de prestarem suas homenagens ao irmão.

A cerimônia não foi muito usual, mas as cerimônias deles nunca eram: o funeral de um soldado, o corpo sua própria pira. As palavras oficiais eram muito impessoais, então eles procuraram dizer algo que combinasse mais com Hazael.

— Ele vivia com fome — disse Liraz — e às vezes dormia enquanto estava de sentinela. E graças ao seu sorriso conseguiu escapar de ser castigado milhares de vezes.

— Hazael conseguia fazer qualquer um falar com ele — disse Akiva. — Nenhum segredo escapava do nosso irmão.

— Menos os seus — murmurou Liraz, e a verdade daquilo doeu.

— Ele devia ter tido uma vida de verdade — disse Akiva. — Saberia preenchê-la. Experimentaria de tudo.

Ele teria se casado, pensou. Poderia ter tido filhos. Akiva quase conseguia vê-lo: o Hazael que ele poderia ter sido se o mundo fosse melhor.

— A risada mais verdadeira de todos os tempos — disse Liraz. — Ele fazia o riso parecer fácil.

E deveria ser fácil, pensou Akiva, mas não era. Eles dois, por exemplo: mãos negras e almas estilhaçadas. Ele pegou a mão da irmã, que apertou a dele com tanta força quanto apertaria o cabo de uma espada, como se sua vida dependesse disso. Doeu, mas era uma dor que ele podia suportar facilmente.

Liraz estava mudada. Camadas tinham sido desveladas — toda a severidade e dureza, que mesmo ele mal conseguira atravessar desde que eram crianças, tinham sumido. Abraçando os joelhos, com os ombros curvados e o rosto suavizado pela tristeza, ela parecia vulnerável. Jovem. Quase outra pessoa.

— Ele morreu me defendendo — disse ela. — Se eu tivesse obedecido Jael, ele ainda estaria vivo.

— Não. Ele teria sido enforcado — disse Akiva. — Você seria levada, e ele morreria infeliz por não ter conseguido salvá-la. Ele teria preferido assim.

— Mas se ele tivesse vivido um pouco mais, poderia ter escapado de lá conosco. — Ela olhava fixamente para as chamas que consumiam seu irmão, mas então desviou os olhos para Akiva. — Akiva. O que foi aquilo que você fez?

Não perguntou “E por que não fez *antes*?, mas a pergunta estava escondida ali, de todo modo.

— Não sei — disse ele, em resposta tanto à pergunta formulada quanto à não formulada, e observou o fogo da cremação que queimava com rapidez e violência, deixando apenas cinzas para uma urna que não tinham.

O que havia dentro dele capaz de fazer algo como aquilo, e por que aquilo não se manifestara antes, quando ele mais precisara — não só a tempo de salvar a vida de Hazael, mas também anos antes, para salvar Madrigal? Os anos de dedicação ao *sirithar* tinham apurado sua afinidade com a magia? Ou aquilo tinha sido despertado pela repentina onda de lembranças de

sua mãe?

— Você acha que Jael está vivo? — perguntou Liraz.

Akiva mais uma vez não soube o que responder. Não queria pensar em Jael, mas não dava muito para evitar.

— Talvez sim... — acabou dizendo. — E se estiver...

— Espero que esteja.

Ele olhou para a irmã. A dureza que a revestia ainda não tinha voltado. Ela ainda parecia jovem e vulnerável. Tinha dito aquilo sem nenhuma emoção, suavemente, e Akiva entendia. Uma parte dele queria o mesmo que ela. Jael não merecia uma morte rápida, como teria acontecido na explosão. Mas, se ele *estivesse* vivo, havia coisas a se fazer.

Ele se levantou e olhou em volta. Paredes de barro, porta de madeira, nenhum guarda apontando os hamsás para mantê-los enfraquecidos; aquele lugar escuro não poderia detê-los. Onde estava o Lobo, e por que ele permitira a seus prisioneiros descansar e recuperar as energias?

E onde estava Karou? Com Thiago? Só de pensar nisso ele sentiu uma dor como a de uma punhalada. Akiva não conseguia afastar a lembrança do olhar que os dois tinham trocado. Aquele olhar o fizera questionar tudo o que pensava saber a respeito de Karou.

— Acho que é hora de irmos.

Ele estendeu a mão para a irmã. Fosse outra época, Liraz teria revirado os olhos e se levantado sozinha. Naquele momento, porém, aceitou a ajuda. Mas quando ficou de pé, colocou-se ao lado dos restos da pira do irmão e ali ficou, olhando fixamente, sem sair do lugar.

— Sinto como se estivéssemos deixando Hazael aqui.

— Eu sei.

Ter carregado o peso dele até ali, vindos tão longe, e de repente abandoná-lo, parecia impensável. Ele olhou em volta de novo: viu um jarro.

— Água — disse Liraz. — Foi a mulher Naja quem deixou aí.

Akiva pegou o jarro, ofereceu água a Liraz e então também bebeu, avidamente. A água era doce, fresca, essencial naquele momento. Quando acabaram, ele encheu o jarro cuidadosamente com as cinzas de Hazael. Talvez fosse tolo ou mórbido guardar aquele tipo de resíduo físico, mas, por algum motivo, ajudava.

— Pronto — disse ele.

— Vamos para as cavernas? Os outros devem estar pensando que morremos na explosão.

As cavernas dos Kirin, onde, muito tempo antes, ele e Madrigal tinham combinado de se encontrar para darem início a sua revolução. Agora eram seus irmãos Ilegítimos que o esperavam lá, e, com eles, um futuro que ainda não parecia real. Seu propósito permanecia claro: terminar o que tinha começado, acabar com a matança, criar — embora não soubesse como — uma nova maneira de viver. Mas, sem Karou ao seu lado, aquele sonho parecia ter toda a magia de uma estrada de terra empoeirada levando a um horizonte vazio.

— Vamos — disse ele. — Mas antes precisamos fazer uma coisa.

Liraz exalou o ar demoradamente.

— Por favor me diga que isso não envolve dizer adeus.

Adeus. A palavra doeu. *Adeus* era a última coisa que Akiva queria dizer a Karou. Então ele se lembrou da primeira noite que passaram juntos, dos repetidos "olás" sussurrados que tinham dito um ao outro no baile do Comandante e depois, como um segredo compartilhado. Estava nos lábios dele na primeira vez que a beijara. Era o que diria a ela se pudesse. *Olá*.

— Não — disse ele a Liraz, lembrando-lhe que despedidas davam azar.

E ela respondeu friamente:

— Azar? É melhor começarmos a evitar isso, sem dúvida alguma.

* * *

Não foi "olá" nem "adeus" o que fez Akiva interromper sua fuga e voltar ao quarto escondido pelo encanto, para surpreender Karou e Issa.

O Lobo, graças aos deuses da luz, não estava lá, mas, quando Karou ficou de pé, ela lançou um olhar rápido e inseguro em direção à porta que foi como outra punhalada — um lembrete de que Thiago estava por perto e de que podia entrar ali a qualquer momento.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Karou, assustada. Seu cabelo azul-pavão caía em uma trança por cima de um dos ombros, e as marcas em seus braços estavam agora cobertas pela roupa. O inchaço em seu rosto tinha diminuído um pouco, e a raiva parecia ter sumido. Um rubor subiu pelo seu pescoço, cobrindo repentinamente sua palidez. — Vocês já deviam ter ido embora.

Já deviam ter ido. Aquilo não causou a surpresa que poderia ter provocado. A prisão deles era uma farsa. Quando Akiva colocara a mão na porta para queimá-la, ela se abriu. Não estava nem trancada. Ele deixara escapar um sorriso, espiara pela abertura e vira um pequeno pátio sujo cheio de escombros; nenhum guarda.

— Estamos indo. Mas preciso lhe dizer uma coisa. — Akiva fez uma pausa e viu Karou ficar tensa. O que ela achava que ele iria dizer? Será que estava com medo de que ele tivesse ido até ali para falar de amor? Ele balançou a cabeça, querendo assegurá-la de que aqueles dias tinham acabado, de que ela não precisava mais temer que ele lhe causasse aquele tormento. Naquela noite, ele era o portador de outro tormento. Mais uma vez lhe trazia uma escolha impossível. — Vou fechar os portais.

Fosse lá o que ela tivesse imaginado, com certeza não estava preparada para aquilo.

— *O quê?* — indagou, em um fiapo de voz.

— Sinto muito — disse ele. — Queria avisá-la para que você pudesse escolher de que lado vai ficar.

Que lado: Eretz ou o mundo humano? *De que vida você vai desistir?*

— Que lado? — Ela saiu de trás da mesa. — Você não pode fazer isso. Não este portal. Eu preciso dele. *Nós* precisamos dele. — Ela havia começado a falar com espanto, mas depois pareceu se sentir afrontada, com uma pontada de pânico.

Issa ondulou o corpo e se colocou ao lado dela.

— Já não destruiu o suficiente? Por que você...?

— Para salvar os dois mundos — respondeu Liraz — de corromperem um ao outro.

— Do que você está falando?

— Armas — explicou Akiva, sem meandros. Então fez uma pausa. Ele não conseguia pensar em uma forma de resumir tudo o que tinha acontecido na Torre da Conquista, formular uma explicação clara. — Jael. Talvez ele esteja morto, mas, se não estiver, virá até aqui atrás de armas. Com o Domínio.

O branco dos olhos de Karou apareciam em toda a volta de suas íris pretas. Ela estendeu a mão para se apoiar na mesa.

— Como ele poderia saber sobre as armas humanas? — Uma súbita fúria. — *Você* contou a ele?

Outra punhalada: como ela podia acreditar que ele ajudaria Jael a conseguir armas? Mas foi sem alegria alguma que ele lhe disse a verdade; queria poder mentir e poupá-la.

— Razgut.

Karou ficou imóvel por um instante, depois fechou os olhos. Todo o rubor que cobria seu rosto se esvaneceu, e ela deixou escapar um gemido baixo e angustiado.

— Não é culpa sua, docinho — sussurrou Issa, ao lado dela.

— É, sim — retrucou Karou, abrindo os olhos. — Muitas outras coisas não são, mas isto é.

— E minha também — disse Akiva. — Eu encontrei um portal para o império.

Os serafins não tinham mais acesso aos portais — e, por conseguinte, ao mundo humano — fazia um milênio. Akiva mudara isso. Ele havia encontrado um portal, na Ásia Central, no Uzbequistão. Razgut mostrara a Karou o outro.

— Eles podem passar por qualquer um dos dois portais. Jael planejou isso como um desfile, com tudo o que os humanos acreditam que envolva os anjos.

Karou segurava a mão de Issa, sua respiração acelerada.

— Como se as coisas já não estivessem ruins o bastante — disse ela, e deu uma gargalhada sofrida que Akiva sentiu no coração.

Ele queria abraçá-la, dizer que ficaria tudo bem, mas não podia prometer isso e, é claro, não podia tocá-la.

— Os portais precisam ser fechados — disse ele. — Se você precisar de tempo para decidir...

— Decidir o quê? Em que mundo vou ficar? — Ela o encarou. — Como você pode me pedir isso?

E Akiva soube que Karou escolheria Eretz. É claro que já sabia disso. Senão, pensou, nenhum tipo de ameaça — mesmo com mundos e vidas em jogo — poderia levá-lo a fechar os portais entre eles, mantendo-o preso para sempre em um mundo sem ela.

— Você tem uma vida aqui — disse ele. — Talvez nunca mais haja uma forma de voltar.

— Voltar?

Ela inclinou a cabeça daquele jeito, como um pássaro, tão Madrigal. Estava ferida e confusa, ali de pé diante dele, arfando e reunindo coragem como se realizasse um encanto. Com o cabelo puxado para trás, a linha do seu pescoço parecia mais firme, como a representação que um artista faria da elegância. Os ângulos de seu rosto também estavam destacados — magros demais —, rivalizando com a suavidade, e aquela mistura parecia a própria essência da beleza. Seus olhos negros, iluminados pela luz das velas, brilhavam como os de um animal, e não houve dúvidas naquele momento de que, qualquer que fosse o corpo em que estivesse, sua alma pertencia ao imenso mundo selvagem de Eretz, terrível e lindo, com tantos lugares bravios e inexplorados, lar de feras e anjos, caça-tempestades e serpentes do mar, com uma história ainda a ser contada.

Então, em um misto de sibilar e ronronar, afiada como uma lâmina recém-amolada, ela disse:

— *Eu sou uma quimera.* Minha vida é lá.

Akiva sentiu alguma coisa percorrer seu corpo, talvez várias coisas: um tremor de amor e um calafrio de medo, um ímpeto de poder e uma onda de esperança. *Esperança.* Era verdade, nada podia matar a esperança, como os grandes besouros-escudo que ficavam inertes durante anos sob as areias do deserto, esperando que alguma presa passasse por perto. Que razões ele ainda tinha para sentir esperança?

Enquanto estiver vivo, dissera ele a Liraz, sem muita convicção, *há sempre uma chance.*

Bem, ele estava vivo, e Karou também, e ficariam no mesmo mundo. Eram provavelmente as razões mais frágeis para se ter esperança — *estamos vivos e no mesmo mundo* —, mas ele se agarrou àquilo enquanto lhe contava seus planos de voar até o portal de Samarcanda e queimá-lo primeiro, para então voltar ao do Marrocos. Queria lhe perguntar aonde os rebeldes iriam agora, mas não podia. Ele não podia saber aquilo. Ainda eram inimigos, e, quando saísse dali, Karou desapareceria de sua vida de novo — se por muito tempo ou se para sempre, ele não tinha como saber.

— De quanto tempo vocês precisam? — perguntou ele, sentindo um aperto na garganta. — Para voltarem?

Mais uma vez ela olhou em direção à porta, e Akiva sentiu o calor da fúria e da inveja, sabendo que ela iria até o Lobo assim que ele saísse dali, e que os dois planejariam juntos o que fazer em seguida e que, para onde quer que os rebeldes quimeras fossem, Karou ainda estaria com Thiago, e não — nunca — com ele. Então ele perdeu o controle. Deu um passo firme em direção a ela e disse:

— Karou, como...? Depois do que ele lhe fez?

Estendeu o braço para tocá-la, mas ela se encolheu e balançou a cabeça decididamente, uma única vez.

— Não.

Ele abaixou a mão.

— Você não pode me julgar — disse ela, em um sussurro alto e violento.

Os olhos dela estavam úmidos e arregalados e desesperadamente infelizes, e ele a viu levar a mão, por um antigo instinto, ao pescoço, onde costumava usar o cordão do osso da sorte. Ela o usava na primeira noite que passaram juntos; eles o partiram quando estava prestes a amanhecer e sabiam que era hora de se separarem, e nos dias que se seguiram aquilo se tornara um ritual. Sempre antes da partida. E, ainda que o desejo tivesse mudado com o passar dos dias e das semanas e se transformado no grande sonho deles de um mundo refeito, tinha começado bem mais simples: que eles pudessem se ver novamente.

Mas Karou não encontrou nada no pescoço, portanto abaixou a mão de novo. Então encarou Akiva diretamente e falou com frieza:

— Adeus.

Parecia o arrebentar de uma última corda. *Enquanto estiver vivo*, *há sempre uma chance.* Uma chance de quê?, perguntou-se

Akiva, lançando um encanto sobre si mesmo e a irmã e então saindo para a noite. De que as coisas possam melhorar? Como tinha terminado a conversa naquele amargo campo de batalha, tantos dias antes?

Ou piorar. Era isso. *Geralmente pioram.*

84
Apocalipse

Karou sentiu a partida de Akiva como sempre sentia: com frio. O calor dele era como um presente que alguém dá para depois levar embora. Ela ficou lá, de costas para a janela, sentindo-se fria, destruída e abandonada. E *irritada*. Era uma raiva infantil: ao vê-lo, tivera vontade de socar seu peito e então desabar em cima dele e senti-lo abraçando-a.

Como se *ele* pudesse ser o porto seguro do qual ela estava sempre à procura sem nunca encontrar.

Respirou fundo. Achava que podia senti-lo se afastando, e a distância doía mais a cada bater de asas que imaginava. Inspirou várias vezes para se impedir de começar a soluçar. O braço de Issa estava em volta dela. *Seja seu próprio porto seguro*, disse a si mesma, empertigando-se. Nenhuma barra de madeira no mundo poderia protegê-la do que estava por vir, nem uma faquinha enfiada na bota — embora fosse continuar a carregá-la ali —, nem um homem, nem mesmo Akiva. Ela precisava ser a própria força, completa em si mesma.

Seja quem Brimstone acredita que você é, disse a si mesma, encorajando a força a surgir de repente de alguma profundeza desconhecida de si. *Seja quem todas aquelas almas enterradas e todos os quimeras vivos precisam que você seja.*

— Docinho, está tudo bem.

— Tudo bem?

Karou a encarou. Que parte estava bem? A ameaça de armas humanas em Eretz, ou a ameaça de serafins *ali*? Os anjos poderiam causar uma devastação imensa à sociedade humana só por existirem, que dirá solicitando armas para uma guerra além do conhecimento humano... O que ela tinha feito? Como podia ter deixado Razgut à solta em Eretz com aquela alma envenenada e o conhecimento letal que trazia consigo? Quantos mais erros desse tipo ela ainda poderia cometer, erros capazes de destruir mundos? Ela queria perguntar a Issa o que exatamente estava "bem".

— Você amar Akiva. Não tem problema — disse Issa, e Karou sentiu um choque de surpresa percorrer seu corpo.

— Eu não... — tentou protestar, envergonhada, como de costume.

— Por favor, criança, você acha que eu não a conheço? Não vou dizer que existe um futuro fácil para vocês dois, ou mesmo qualquer futuro. Só não fique se punindo por isso. Você sempre sentiu a verdade no que ele é e diz, antes e agora. Seu coração não está enganado. Seu coração é a sua força. Você não precisa se envergonhar.

Karou olhou para ela, piscando para segurar as lágrimas. As palavras de Issa — sua permissão? — doeram mais do que ajudaram. Não havia *como*... E Issa com certeza sabia. Por que a torturava falando como se houvesse? Não havia. Não havia.

Karou procurou se conter. *Seja aquele gato*, pensou, lembrando-se de um desenho em seu caderno de desenho perdido. O gato que fica fora de alcance em um muro alto, sem precisar de ninguém. Nem mesmo de Akiva.

— Não importa — disse ela. — Ele foi embora, e precisamos ir também. Precisamos preparar todo mundo.

Ela olhou em volta. Dentes, ferramentas, turíbulos: teriam que levar tudo aquilo. Quando pensou na mesa, na cama e na porta, sentiu uma onda de tristeza. Por mais rústicos que fossem, eram muito mais do que ela tivera em sua jornada com os rebeldes antes de chegarem ali. Engoliu em seco, sentindo todo o horror de ser enxotada por uma porta em direção à escuridão.

— Issa — disse Karou, começando a tremer quando o medo daquele novo desafio tomou conta dela. — Para onde vamos?

* * *

Desenrolares possíveis, caminhos incompreensíveis de acasos e planos traçados. Mais tarde, Karou se perguntaria para onde eles teriam ido, e como tudo poderia ter sido imprevisivelmente diferente.

Se o Domínio já não tivesse chegado.

* * *

O grupo quimera estava reunido no pátio e pronto para voar quando ouviram um som à distância, um som tão trivial que parecia impossível de se ouvir ali, naquela desolação silenciosa. Era uma buzina. Uma buzina incessante e insistente, e o barulho dos pneus sobre pedras, com o descuido e a velocidade da urgência. Vários soldados saíram de formação, erguendo-se no ar para ver o que estava acontecendo além do muro. Karou foi a primeira.

Ficou sem ar, e seu coração disparou. Faróis na colina. Uma van. Alguém estava com o corpo para fora da janela de passageiro, balançando os braços, os gritos abafados pela buzina.

Esse alguém era Zuzana.

A van derrapou, guinou, parou. Zuzana saiu do carro, correndo em meio à poeira levantada, e Karou soube o que ela gritava antes mesmo de conseguir entender as palavras.

E soube que a responsabilidade pelo destino dos dois mundos estava de novo em seus ombros.

— Anjos! Anjos! Anjos!

Zuzana corria desesperadamente. Karou desceu, pegando a amiga pelos braços.

— Anjos — disse Zuzana, sem ar, com os olhos arregalados e o rosto pálido. — Minha Nossa, Karou. No céu. Centenas. *Centenas*. O mundo. Tá. *Surtando*.

Mik deu a volta depressa na van e veio para o lado de Zuzana, parando de repente. Karou ouviu um barulho na colina como um deslizamento de terra e sabia que os quimeras tinham se reunido atrás deles.

E então... ela sentiu calor. Zuzana, que olhava para além dela, perdeu o fôlego.

Calor.

Karou se virou, e ali estava Akiva. Por um longo instante, ele foi tudo o que ela viu. Até mesmo o Lobo era só um borrão branco, aproximando-se dela. Akiva voltara. Seu belo rosto estava tenso, sofrido.

— Tarde demais — disse ela suavemente, sabendo que aquele mundo que a abrigara, escondera, que lhe dera a arte e amigos e uma chance de uma vida normal, nunca mais seria o mesmo, independentemente do que acontecesse em seguida.

O grupo quimera, agitado com a presença do inimigo, observava Thiago, esperando pelo sinal que não veio. Os dois serafins estavam a menos que uma envergadura de asa de distância, e sua perfeição mítica e angelical era tudo o que as "feras" não eram. Karou os viu com seus olhos humanos, aquele exército que ela criara, mais monstruoso do que a natureza os fizera, e soube o que o mundo veria neles, caso voassem para combater o Domínio: demônios, pesadelos, o mal. A visão dos serafins seria anunciada como um milagre. Mas os quimeras?

O apocalipse.

— Não. Não é tarde demais — disse Akiva. — Isto é o começo.

Ele levou a mão ao coração. Só Karou podia saber o que ele queria dizer. E, ah... ela sabia — *nós somos o começo* —, então sentiu o calor se acender em seu próprio coração, como se tivesse sido ali que ele tocara.

— Venham conosco — continuou ele. Então se virou para Thiago, parado ao lado dela. Sua voz saiu arranhada, difícil, e seus olhos ardiam como fogo. Karou sabia o quanto era difícil para Akiva se dirigir ao Lobo, mas ele conseguiu: — Podemos combatê-los juntos. Eu também tenho um exército.

Epílogo

As cavernas dos Kirin. Dois exércitos inquietos e desconfortáveis se agitam em nervosismo. Somente a grande extensão das cavernas garante a paz, mantendo-os afastados.

Os Ilegítimos alegam sentir o mal-estar causado pelos hamsás mesmo além das pedras. Os espectros, furiosos com as frias contagens marcadas em preto nos nós dos dedos dos inimigos, não desistem de colocar as mãos nas paredes que os separam. Não é um bom começo. Cada exército anseia por cortar as mãos dos soldados do outro e atirá-las no abismo gelado lá embaixo.

Akiva diz aos irmãos que a magia das marcas não passa pela pedra, mas eles não querem admitir. O tempo todo ele deseja que Hazael estivesse ali.

— A essa altura ele já teria feito todos jogarem uma partida de dados juntos — diz Akira para Liraz.

— Pelo menos a música ajuda — comenta ela.

Ela não se refere à música das cavernas. O som das flautas de bambu assombra a todos, fazendo tanto anjos quanto feras acordarem de pesadelos mais parecidos do que ambos poderiam imaginar. Os pesadelos dos Ilegítimos, de um país de fantasmas; os dos quimeras, de uma tumba cheia das almas dos seus amados. Só Karou se sente mais calma com a música do vento. É a canção de ninar da sua primeira infância, e ela foi surpreendida pelas duas noites de sono profundo e sem sonhos que passaram ali.

Mas não esta noite. É a véspera da batalha, e eles estão reunidos, várias centenas juntos, na caverna maior. O violino de Mik preenche o espaço com uma sonata de outro mundo, e estão todos em silêncio, ouvindo.

Inimigo em comum, seus comandantes lhes disseram. *Causa em comum*.

Por enquanto, pelo menos. Está implícito, ou assim se acredita, que em breve esta situação vai mudar — reverter — e que eles ficarão livres para mais uma vez perseguirem seu ódio como sempre fizeram, quimeras contra serafins, serafins contra quimeras. A esperança — a de Karou, a do Lobo, a de Akiva e até a de Liraz — é de que o ódio deles possa se transformar em algo diferente antes que esse dia chegue.

Parece um teste para o futuro em Eretz.

A cabeça de Zuzana está em um dos ombros de Karou, e Issa está do outro lado. O Lobo não está longe; Ziri ficou mais à vontade em seu novo corpo, e, deitado de costas, reclinado sobre os cotovelos, ao lado do fogo, ele parece elegante, a crueldade do antigo ocupante ausente de seu rosto a não ser quando ele se lembra de tentar colocá-la ali. Seus sorrisos não parecem mais saídos de um livro. Karou percebe que ele a olha, mas não retribui o olhar. Sua atenção é atraída para outra direção, para o outro lado da caverna, onde Akiva está sentado junto à outra fogueira com seus próprios soldados em volta.

Ele está olhando para ela.

Como sempre acontece quando estão juntos, é como se houvesse um estopim aceso queimando no ar que os separa. Nestes últimos dias, quando isso acontece, ou um ou outro desvia os olhos rapidamente, mas desta vez eles deixam o estopim queimar. Estão preenchidos pela visão um do outro. Ali, naquela caverna, aquela reunião extraordinária — aquele fervilhar de ódios em colisão, controlados temporariamente por um ódio em comum — podia ser seu sonho de tanto tempo atrás, visto através de um espelho distorcido. Não era assim que deveria ser. Eles não estão lado a lado como imaginaram um dia. Não estão exultantes e não se sentem mais como se fossem os instrumentos de uma força maior. São criaturas agarrando a vida com mãos manchadas. Há muita coisa entre os dois, todos os vivos e todos os mortos, mas por um instante tudo se desfaz e o estopim queima mais forte e com mais força, e Karou e Akiva quase sentem como se estivessem se tocando.

Amanhã eles vão dar início ao apocalipse.

Esta noite eles se permitem olhar um para o outro, apenas um pouco mais.

... continua

Agradecimentos

Ufa!

É sempre um alívio chegar a esta página, porque significa que terminei mais um livro — uma tarefa que em muitos aspectos se torna mais fácil com o passar do tempo, mas não totalmente. Cada história apresenta seu próprio desafio, e na metade do livro sempre me pego buscando conforto na máxima: "Sempre parece impossível até ser feito." Porque parece *mesmo*. (Nem sabia quem tinha dito isso até este momento, quando procurei no Google, e, agora que sei que foi Nelson Mandela, terminar um romance não parece uma proeza tão grande, afinal. Muito obrigada, Nelson Mandela.)

Rá. Mas, falando sério, é *sim* uma proeza, e devo os mais profundos agradecimentos a algumas pessoas maravilhosas:

O primeiro e mais importante vai para o meu marido, Jim Di Bartolo, não só por ser meu primeiro e mais crucial leitor, mas também por levantar minha moral, me dando apoio sempre que preciso e cuidando de tudo de que não consigo dar conta quando estou lutando para equilibrar minha vida pessoal com a de escritora. Meus livros não seriam os mesmos sem você, nem minha vida, que eu não trocaria por nenhuma outra, real ou fictícia, nem por nada. Obrigada pela felicidade!

A Clementine, de dois anos, que, toda manhã, quando eu saía para escrever, me dizia: "Mande um beijo para Karou." Olhe, amorzinho, eu terminei o presunto! Muito em breve gostaria de escrever um livro para você.

Agradeço sempre aos meus pais, por tudo que fizeram para me ajudar a ser eu. Tenho muita sorte de ter vocês.

A minha agente, Jane Putch, parceira e amiga. Eu estaria perdida sem você, de verdade. Obrigada.

Com os braços abertos o máximo possível, um imenso agradecimento às maravilhosas equipes da Little, Brown Books for Young Readers, nos Estados Unidos, e da Hodder & Stoughton, no Reino Unido, pelas incríveis experiências paralelas de publicação que tornaram isso tudo duas vezes mais divertido. Da Little, Brown, agradecimentos especiais para Alvina Ling, editora extraordinária; Lisa Moraleda, Bethany Strout; Victoria Stapleton; Melanie Chang; Andrew Smith; Megan Tingley; Stephanie O'Cain; Faye Bi; a equipe de design; e todos os outros que apertaram o cronograma de publicação de todas as formas possíveis para se ajustarem ao meu ritmo de trabalho e conseguirem lançar o livro dentro do prazo (mais ou menos). Sinto muito por qualquer estresse que eu possa ter causado. Agradeço também a Amy Habayeb e à equipe de direitos autorais — receber as edições estrangeiras pelo correio é uma das melhores partes do processo!

Da Hodder, gostaria de agradecer imensamente a Kate Howard, Eleni Lawrence e ao restante da equipe. Tudo o que vocês fazem é sensacional.

E, por fim, obrigada ao leitores de *Feita de fumaça e osso*, por todo o apoio e entusiasmo. Não há motivador maior do que a empolgação dos leitores, e este ano tem sido realmente maravilhoso. Do fundo do meu coração, espero que gostem deste aqui também.

Bjs e abs

Sobre a autora

Foto: Ali Smith

Laini Taylor mora em Portland, nos Estados Unidos, com a filha e o marido, o ilustrador Jim Di Bartolo. Finalista do National Book Award em 2009, tem outros quatro romances publicados. *Dias de sangue e estrelas* é o segundo volume da série iniciada por *Feita de fumaça e osso*.